

## Colecção *Via Spiritus* – II Série: Espiritualidade e Corte

1. José Adriano de Freitas Carvalho  
– *Poesia e Hagiografia*
2. Diogo Bernardes  
– *Várias Rimas ao Bom Jesus*  
Edição, introdução e notas de  
Maria Lucília Gonçalves Pires
3. *Pais e nobres I – Cartas de instrução para a  
educação de jovens nobres (Sécs. XVI-XVII)*  
Compilação, leitura e edição de José Adriano  
de Freitas Carvalho
- José Adriano de Freitas Carvalho  
*Pais e nobres II – A descendência portuguesa de  
um texto célebre. A Instrucción de Juan de Vega a  
seu filho Hernando de Vega (1548)*
4. D. Francisco de Portugal  
*Arte de Galanteria*  
Edição e notas de José Adriano de Freitas  
Carvalho
4. D. Francisco de Portugal  
*Divinos e Humanos*  
Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves  
Pires

### Em Preparação:

- Fr. Hernando de Talavera, O.S.H.  
*Avisación a la condesa de Benavente*
- Luís de Abreu de Melo  
*Avisos para o paço*
- D. Manuel de Portugal  
*Obras*



D. Francisco de Portugal

DIVINOS E HUMANOS VERSOS

D. Francisco  
de Portugal

DIVINOS  
E HUMANOS  
VERSOS

Centro Inter-Universitário  
de História da Espiritualidade

A série de publicações agora programada resulta da investigação desenvolvida pelo Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto (CIUHE) no âmbito dos Projectos «Espiritualidade e Corte» e «Poesia e Bíblia» que, núcleos inaugurais de uma pesquisa inovadora, originaram ainda diferentes colóquios, seminários e ensaios publicados na ou em torno da revista *Via Spiritus*.

\*\*\*\*\*

*Divinos e humanos versos* de D. Francisco de Portugal é uma obra compilada e publicada em 1652, vinte anos depois da morte do seu autor. Poeta muito apreciado no seu tempo, associa na sua poesia, como diria D. Francisco Manuel de Melo, «as gentilezas de cortesão com as considerações de devoto». A maior parte dos poemas revelam a figura do cortesão galante, combinando de forma original a herança petrarquista no tratamento dos temas do amor e da ausência com tópicos e processos estilísticos característicos da poética barroca. Os poemas de inspiração religiosa, numericamente escassos, traduzem uma atitude ascética de desgano e desprendimento das coisas terrenas, de arrependimento dos erros do passado e confiança na misericórdia divina. Versos «divinos» ou versos «humanos», em todos eles o autor revela um virtuosismo expressivo, muitas vezes complexo, e um notável domínio das técnicas poéticas consagradas na época.

E o retrato de D. Francisco de Portugal que este volume pretende fixar – perfeito cortesão, homem de letras, piedoso cristão –, é completado pela sua biografia, escrita por Luís Francisco de Vasconcelos, a quem se ficou a dever a organização do espólio poético que o seu autor não chegara a ordenar.





Colecção Via Spiritus – II Série

D. Francisco  
de Portugal

**DIVINOS  
E HUMANOS  
VERSOS**

  
INTRODUÇÃO E NOTAS DE

Maria Lucília Gonçalves Pires

Centro Inter-Universitário  
de História da Espiritualidade

**Título**

Divinos e Humanos Versos

**Autor**

D. Francisco de Portugal

**Edição**

Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade  
Faculdade de Letras da Univ. do Porto  
Via Panorâmica, s/nº  
4150-564 Porto  
ciuhe@esoterica.pt

**Ano:** 2012

**Execução gráfica**

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira  
geral@rainhoeneves.pt

**ISBN:** 978-972-99670-6-1

**Dep. legal:** 350847/12

Edição apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

*Quero deixar aqui expressa a minha profunda gratidão  
ao Professor José Adriano de Freitas Carvalho, modelo de Mestre  
e Amigo, que ao longo da preparação deste trabalho tanto  
me ajudou com o seu muito saber e a sua amizade generosa*



## INTRODUÇÃO

### 1.

Quando, em 1632, D. Francisco de Portugal morre em Lisboa, gozava há muito da fama e prestígio de poeta insigne. Mas a sua produção poética permanecia quase toda inédita, exceptuando-se apenas uma obra em prosa e verso intitulada *Tempestades y batallas de un cuidado ausente* que, segundo testemunho de João Franco Barreto, que com ele participou nas lutas de reconquista de Baía em 1624<sup>1</sup>, terá sido publicada em Madrid em 1626<sup>2</sup>, não tendo chegado até nós qualquer exemplar dessa edição. Os seus versos «corriam manuscritos», forma normal de difusão da poesia na época.

---

<sup>1</sup> João Franco Barreto, na nota biográfica sobre D. Francisco, depois de escrever que «fez muitas e boas obras em verso que sam muito estimadas», refere a participação do poeta na restauração da Baía em 1624, acrescentando: «e lá o vi muitas vezes caregado de Fachinna per as trincheiras e fortifficassoins que se ffizeram em que elle trabalhava com muito valor» (Cf. João Franco Barreto, *Biblioteca lusitana*, fotocópia do ms. Cadaval depositada na BNP, vol. 3, p. 481).

<sup>2</sup> O texto de J. Franco Barreto indica a data de 1624, o que é um lapso evidente. D. Francisco de Portugal, em carta a D. Rodrigo da Cunha datada de Madrid em 5 de Outubro de 1626, informa-o de que um amigo o fizera imprimir esta obra, publicada sem nome de autor, mas é a 16 de Janeiro seguinte que lhe envia um exemplar, certamente só então acabado de sair.



É o seu filho mais velho, D. Lucas de Portugal, que decide fazer publicar as obras do pai.

Não sabemos em que estado se encontrariam então os textos de D. Francisco, mas sabemos que o seu espólio literário não fora objecto de qualquer prévia organização por parte do seu autor. Sabemos também que a organização do volume dos *Divinos e humanos versos* esteve a cargo de Francisco Luís de Vasconcelos, autor da biografia do poeta que neste volume precede a edição dos poemas. Quem nos fornece esta informação é D. Francisco Manuel de Melo que, no seu *Hospital das Letras*, escreve acerca de D. Francisco de Portugal: «Muitos anos depois de sua morte se estamparam algumas rimas suas, com título de *Divinos e Humanos Versos*, a quem deu forma de livro e pôs os remates Francisco Luís de Vasconcelos»<sup>3</sup>. Um testemunho autorizado, tendo em conta as relações pessoais e literárias que existiam entre estes dois homens de letras. Recorde-se que F. Luís de Vasconcelos é destinatário de duas das *Cartas familiares*<sup>4</sup> de Manuel de Melo e o dedicatário da sua «Égloga rústica», integrada nas *Segundas três musas do Melodino*<sup>5</sup>.

É conhecido o cuidado posto por D. Lucas na tarefa de dar a público as obras literárias do pai, começando por procurar o parecer de pessoas dotadas de prestígio e competência para ajuizar da qualidade dos textos a publicar. Assim, antes da publicação da *Arte de galanteria*, mostra o texto a Fr. Cristóvão de Almeida, facto de que este dá testemunho no parecer que, como censor do Santo Ofício, elabora com vista à concessão da licença de impressão<sup>6</sup>. No que se refere

---

<sup>3</sup> Cf. Jean Colomès, *Le dialogue «Hospital das letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, FCG, 1970, p. 78.

<sup>4</sup> D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*, Lisboa, INCM, 1980, pp. 68 e 159.

<sup>5</sup> In *Obras métricas*, vol. II, Braga, APPACDM, 2006, pp. 532-544.

<sup>6</sup> «Este livro composto por D. Francisco de Portugal, tão conhecido neste reino pelo seu ilustre sangue como pelo seu singular juízo, havia eu visto há pouco tempo por mo haver mostrado seu filho, Dom Lucas de Portugal, que pede licença para o dar à estampa» (in *Arte de galanteria*, edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, CIUHE, 2012, p. 28).

à apreciação da obra poética, D. Lucas consulta D. Francisco Manuel de Melo<sup>7</sup>.

Este autor, na sua conhecida carta a Manuel Temudo da Fonseca, datada de 24 de Agosto de 1650, em que apresenta o esboço de uma «Biblioteca Lusitana de Autores Modernos», incluíra já, entre os poetas dignos de nota, o nome de D. Francisco de Portugal, «que juntou à discrição todas as boas partes e fez raramente caber juntas as gentilezas de cortesão com as considerações de devoto»<sup>8</sup>. Algum tempo depois, em 25 de Junho de 1651, escreve uma carta a D. Lucas de Portugal em que, correspondendo ao pedido do destinatário, lhe dá a sua opinião acerca de «estes versos do senhor D. Francisco de Portugal»<sup>9</sup>. É uma carta que revela leitura atenta, pois, para além dos compreensíveis encómios, não deixa de apontar «uns leves descuidos», inevitáveis «em todos os escritos que não gozam a última perfeição de seus autores», ressaltando no entanto que alguns desses descuidos «podem ser erros dos copiadotes e não do autor». Os «leves descuidos» a que se refere são de três tipos. Em primeiro lugar, «alguns consoantes incertos», constituídos por palavras «que na nossa língua são consoantes e na castelhana o não são», devido à diferença de pronúncia nas duas línguas; uma incorrecção que se verificaria em «todos os poetas portugueses que até agora escreveram versos castelhanos», sendo ele próprio a única excepção. «O remédio deste defeito» seria corrigir os versos em que ocorre. «Mas quem será tão atrevido que vá tirar a clava da mão de Hércules? Eu não, pelo menos». Portanto, o melhor é deixar passar, eventualmente «com algũa advertência aos leitores».

O segundo tipo de «descuidos» são «os agudos em versos heróicos», um erro que acaba por considerar despidiendo,

---

<sup>7</sup> D. Francisco Manuel de Melo foi também leitor do manuscrito da *Arte de galantería*, tendo aproveitado trechos desta obra na elaboração da sua *Visita das Fontes* (vd. *Arte de galantería*, ed. cit., p. 14).

<sup>8</sup> D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*, Lisboa, INCM, p. 414.

<sup>9</sup> *Ib.*, pp. 430-432.

pois é «cousa de que todos os poetas vulgares estão cheos», limitando-se por isso a assinalá-los – «o mais que ousei a fazer, foi anotá-los».

Finalmente, o que poderemos designar de expressões ambíguas, susceptíveis de induzirem o leitor em erro, pois «podem ter avessa interpretação e muito desviada do espírito com que foram escritas». Nestes casos, que assinalou com asteriscos, limita-se a sugerir: «o melhor modo de satisfazer por estas cousas é escusá-las, se assim parecesse».

A avaliar por esta carta, D. Francisco Manuel de Melo agiu como crítico minucioso e respeitador do texto. Mas não sabemos como terão sido utilizadas as suas sugestões.

Documento importante para conhecermos as circunstâncias de produção de muitos dos poemas de D. Francisco de Portugal, bem como da sua circulação em vida do autor, é um conjunto de 114 cartas que, entre 1616 e 1631, escreveu a D. Rodrigo da Cunha<sup>10</sup>. Estas cartas, de que existe uma cópia não autógrafa na Biblioteca da Ajuda (cota actual Ms. 51-VI-6), foram publicadas em transcrição diplomática e comentadas por Carlos Alberto Ferreira<sup>11</sup>. Trata-se de um trabalho utilíssimo, apesar de, como o próprio autor reconhece, as deficiências da cópia e a ausência de pontuação o terem levado por vezes a leituras incorrectas e, conseqüentemente, a interpretações inexactas.

Dos vários motivos de interesse que estas cartas apresentam, destacamos as abundantes informações de carácter literário. Ao destinatário, com quem mantém uma relação de respeitosa familiaridade e cuja autoridade literária reconhece, dá conta da sua produção poética, frequentemente enviando

---

<sup>10</sup> Estas missivas correspondem aos anos em que D. Rodrigo da Cunha foi bispo do Porto (até 1626) e depois arcebispo de Braga (até 1635). Nesta data foi nomeado arcebispo de Lisboa. D. Francisco, que nas suas cartas insistentemente manifesta o desejo de ver o amigo à frente da diocese lisboeta, não chegará a ver concretizada tal aspiração, pois morre em 1632.

<sup>11</sup> Carlos Alberto Ferreira, *D. Francisco de Portugal, autor da Arte de Galanteria*. Separata de *Biblos*, vol. XXII, Coimbra. 1947.

os poemas que vai compondo, outras vezes decidindo não os enviar por considerá-los ainda imperfeitos. Aponta por vezes as circunstâncias que motivaram determinados poemas, ou apreciações críticas de que foram objecto. E queixa-se repetidamente da sua condição de pai de família, e família numerosa, que não lhe deixa disponibilidade para se entregar mais assiduamente ao convívio das musas.

Mas não só a D. Rodrigo envia os seus poemas. Algumas cartas referem outras individualidades, amigos comuns, a quem eram igualmente enviados. Aliás, perpassa por estas cartas uma série de vultos literários da época com quem D. Francisco se relacionou, tanto em Portugal, como em Madrid, de onde escreve a D. Rodrigo ao longo dos anos de 1622 e 1623, e ainda entre 1626-1627. São frequentes nestas cartas referências a D. Juan de Tassis, conde de Villamediana, a Lope de Vega, Quevedo, Góngora. Quanto a poetas portugueses, ocorre insistentemente o nome de Fernão Correia de Lacerda<sup>12</sup>, de quem recebe um ou outro poema, e a quem não desculpa que tenha interrompido a elaboração de um poema longo que prometia ser obra de vulto<sup>13</sup>. Surgem também, entre outros, os nomes de António Gomes de Oliveira, autor de *Idílios marítimos*; de Miguel da Silveira, «poeta de Sorolico» [Celorico], com o seu poema épico *El Macabeo*; de Rodrigues Lobo, de cuja morte, em naufrágio no Tejo, dá conta em termos sentidos.

---

<sup>12</sup> Fernão Correia de Lacerda, que Barbosa Machado classifica de «um dos mais célebres poetas do seu tempo», deixou a sua obra totalmente inédita. Dessa obra existiriam três tomos na biblioteca de D. Rodrigo da Cunha, segundo informação daquele bibliógrafo. Uma obra que incluiria um poema heróico (*Império lusitano*), um poema lírico (*Pastor de Guadalupe*) e poemas menores como sonetos e romances. Sobre a obra lírica deste poeta, vd. Maria Ema Tarracha Ferreira, *A poesia lírica de Fernão Correia de Lacerda*. Dissertação de Mestrado, FLUL, 1987.

<sup>13</sup> Em carta de 24 de Novembro de 1622, recomenda a D. Rodrigo: «V. S. em consiência deue de escumungar Fernão Correa que sigua o seu poema que he lastima que se fique assim húa coiza tamanha» (vd. Carlos Alberto Ferreira, op. cit., p. 104).

Além da circulação dos poemas por meio de cópias manuscritas enviadas a entidades várias (cópias por vezes autógrafas, mas geralmente realizadas por outrem), estas cartas referem ainda um outro eventual meio de difusão de alguns dos seus textos – a impressão em folhas volantes vendidas na rua pelos cegos. É o que pode ter acontecido com os poemas intitulados «Los tres suspiros a Cristo en la cruz». Era esse, pelo menos, o intuito do poeta ao submetê-los à censura inquisitorial a fim de obter licença para a sua impressão<sup>14</sup>. Mas tal licença tardava (D. Francisco refere-se ao assunto em várias cartas) e não sabemos se o projecto terá sido concretizado<sup>15</sup>.

E voltamos à questão inicial: não sabemos em que estado se encontrariam os textos de D. Francisco aquando da edição das suas obras; que interferências estranhas terão sofrido; de que deficiências, de cópia e de leitura, terão sido vítimas; como terão sido tratadas pelos impressores.

## 2.

A edição de *Divinos e humanos versos*<sup>16</sup>, confiada à importante oficina Craesbeckiana e só concretizada vinte anos depois da morte do seu autor, apresenta, precedendo as composições poéticas, uma biografia do poeta, da autoria de Francisco Luís de Vasconcelos (o que nos dispensa de abordarmos aqui o percurso biográfico de D. Francisco). O volume integra ainda, no final, uma espécie de adenda: um texto intitulado *Prisões e solturas de uma alma*, seguido de mais duas cartas.

---

<sup>14</sup> «Os Sospiros mando a Inquisição donde sairão sambenitados [:] quando asim não seja vendelos ão os segos e compralos ão as beatas», escreve D. Francisco em carta datada de 25 de Janeiro de 1629 (vd. Carlos A. Ferreira, op. cit., p. 127).

<sup>15</sup> João Franco Barreto, na sua já referida *Biblioteca Lusitana*, informa que D. Francisco teria composto uns solilóquios que foram impressos com o título de *Suspiros amorosos*. Referir-se-á a estes poemas?

<sup>16</sup> *Ao Príncipe D. Theodosio Nosso Senhor. Divinos e humanos versos de Dom Francisco de Portugal (...)*, Lisboa, Officina Craesbeckiana, Anno 1652.

Parece ter havido o cuidado de apresentar, não só os poemas, mas também a figura humana e social do autor – talvez procurando avivar uma imagem que o passar dos anos poderia ter esbatido... Assim, a biografia, de óbvio intuito panegírico, traça o retrato de D. Francisco como cortesão discreto, militar corajoso, fidalgo de brio e pundonor (sofrendo as consequências das suas atitudes desassombradas...), cristão de acrisolada piedade.

Os três textos com que o livro termina são como que um complemento da obra poética. Neles o autor, recorrendo à forma epistolar e combinando prosa e poesia, refere as situações em que se encontra, expõe queixas e reflexões morais que elas lhe inspiram, retoma temas recorrentes nos *Divinos e humanos versos* ou aborda aspectos da galantaria palaciana que desenvolverá na *Arte de galantería*.

Desenha-se nestes textos a imagem do cortesão «discreto» na elegância da comunicação com os destinatários, em registos que vão do galanteio poético ao tom jocoso, passando por contida expressão de indignação perante injustiças de que se considera vítima. Mas avulta sobretudo a imagem do letrado, pois ao longo destas cartas vai semeando com prodigalidade citações de textos poéticos, numa abundância e diversidade que revelam uma memória ricamente apetrechada de referências literárias. Através destas citações, que nos ajudam a desenhar o perfil intelectual do autor, podemos deduzir o que seriam as suas leituras mais recorrentes, quais os seus inspiradores em termos formais e ideológicos, alargando e explicitando afinidades e influências que na sua obra poética se manifestam. Dominante, neste vasto elenco de autores citados, é a presença de Sá de Miranda, logo seguido de Camões, dois autores cujo prestígio e divulgação nesta época são bem conhecidos. Contudo, mais do que poetas portugueses, o que numericamente domina o panorama destes textos é a presença de citações de poetas espanhóis, desde Garci Sánchez de Badajoz e outros autores representados no *Cancionero general* de Hernández del Castillo, até poetas seus contemporâneos com os quais contactou em Madrid, como Lope de Vega, Góngora e Villa-

mediana, entre outros. E não pode deixar de notar-se o insistente recurso a versos do romanceiro, tanto dos chamados «romances velhos», com raízes nas canções de gesta medievais<sup>17</sup>, como os «romances novos», de carácter essencialmente lírico, a que poetas como Lope e Góngora deram temas novos e prestígio literário; um prestígio que levou nesta época à ilimitada proliferação do género, bem documentada nas abundantes e volumosas compilações de romances por então publicadas<sup>18</sup>.

Entre a biografia do poeta e os três textos de carácter epistolar com que se encerra o volume se situam os «divinos e humanos versos». Um título que aproveita um binómio relativamente frequente em títulos da época, mas que não dá uma imagem muito fiel do conteúdo da obra. É que os «versos divinos», ou seja, de tema religioso, são em número muito escasso: sete sonetos classificados como «sacros» (e a designação é inadequada pelo menos em relação a um deles), um romance a S. Francisco e os poemas finais «Los tres suspiros a Cristo en la cruz» que, apesar do título, são precedidos de uma longa série de tercetos em que o poeta celebra

---

<sup>17</sup> Sobre o romanceiro, veja-se a obra fundamental de R. Menéndez Pidal, *Romancero hispánico. Teoría e historia*, 2 vols., 2.ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1968; e também, do mesmo autor, *Flor nueva de romances viejos*, ib., 1980.

<sup>18</sup> Segundo Menéndez Pidal, as primeiras compilações de romances publicadas em Espanha foram o *Cancionero de romances*, impresso em Amberes sem indicação de data e reeditado em 1550 (edição fac-simil com introdução de Menéndez Pidal, Madrid, 1945), e a *Silva de romances*, publicada em Zaragoza em 1550-1551 (edição moderna com «Estudio, bibliografía y índices por Antonio Rodríguez-Moñino», Zaragoza, 1970). A estas se seguiram muitas outras na segunda metade do século XVI e primeiras décadas do século XVII. Veja-se, por exemplo, *Flor de varios y nuevos romances* (1.ª, 2.ª e 3.ª partes), Valência, 1593; *Ramillete de flores* (4.ª, 5.ª e 6.ª partes de *Flor de romances nuevos*), Lisboa, 1593; *Romancero general, en que se contienen todos los romances que andan impresos en las nueve partes de los romanceros*, Madrid, 1600, com reedições em 1602, 1604, 1605, e «añadido y emendado por Pedro Flores» em 1614; *Primavera y flor de los mejores romances (...) recogidos de varios poetas*, Madrid, 1621, Lisboa, 1626.

ainda Célia, figura tão insistentemente cantada ao longo da obra. Escassos em número e pouco significativos como manifestação de uma espiritualidade pessoal, estes poemas constituem uma primeira surpresa para o leitor, pois tanto os dados biográficos (profunda piedade e estreita ligação à Ordem Franciscana), como o contexto histórico-cultural e religioso em que o poeta se integra<sup>19</sup>, começam por criar a expectativa de uma obra que seja a expressão poética de correspondente vivência espiritual. Apenas os «Suspiros» propriamente ditos e o poema final, intitulado «Salmo», se apresentam como manifestações depuradas do arrependimento de um pecador contrito que, em atitude de desengano e conversão, confessa perante Deus os erros do passado.

Procurando as linhas que mais nitidamente caracterizam esta obra poética, surge-nos com destaque a imagem do poeta como cortesão galante, não só pela composição de poemas em função de acontecimentos e personagens da corte, mas sobretudo pela utilização da poesia como forma de intervenção no jogo da sociabilidade cortês. Desta ligação do labor poético aos rituais palacianos da cortesia se ocupa o autor na *Arte da galantería*, preconizando uma expressão poética marcada pela simplicidade, «sin más colores de retórica que lo llano natural»<sup>20</sup>. Por isso recomenda aos galantes o recurso a forma métricas que usam o verso de redondilha: as décimas, que «tanto se entran por las [puertas] del pecho»<sup>21</sup>, adequadas para exprimir a melancolia; as endechas, próprias para temas fúnebres e tendo, em relação à elegia, a vantagem da brevidade; os romances, «cuyos desenfadados parece que se

---

<sup>19</sup> Recorde-se a abundante poesia de carácter religioso produzida em Portugal nos anos finais de Quinhentos e iniciais de Seiscentos por poetas como Fr. Agostinho da Cruz, Diogo Bernardes, Martim de Crasto do Rio, Pedro da Costa Perestrelo, D. Francisco da Costa, Vasco Mouzinho de Quevedo, Baltasar Estação, D. Manuel de Portugal, Elói de Sá Sotomaior, Diogo Mendes Quintela, Manuel da Veiga Tagarro, etc.

<sup>20</sup> *Arte de galantería*, ed. cit., p. 118.

<sup>21</sup> *Ib.*, p. 119.



hicieron solamente para ellas [las damas]»<sup>22</sup>; as «vueltas» em torno de um mote tradicional, pois «los antiguos íbanse atrás los afectos»<sup>23</sup>. Em relação aos madrigais, embora reconheça a sua ductilidade temática («bien se explica en ellos cualquier pensamiento»), não manifesta grande simpatia («Súfrense para los casos repentinos en España, buen provecho hagan a Italia»<sup>24</sup>). Quanto às formas métricas de verso mais longo, sonetos e canções, recomenda cuidados especiais. Como, em seu entender, as damas só apreciam versos que tenham «pocas sílabas, los pensamientos vivos y mucho aire», devem evitar-se os sonetos, reservando-os apenas para situações especiais: «Aunque sean muy buenos, se hagan tarde y cuando la ocasión pida salir a plaza»<sup>25</sup>. E as canções devem ter poucas estrofes e de poucos versos cada uma, pois «en palacio vívese muy aprisa y no hay tiempo para echar a perder»<sup>26</sup>.

No volume de *Divinos e humanos versos* encontramos muitos poemas que são a concretização destes preceitos, incluindo alguns dos que na *Arte* os exemplificam. Note-se a predileção pelo romance, a forma métrica mais abundantemente representada na obra, com a fluência das redondilhas adaptando-se a diversos temas. Ou os poemas de circunstância referindo, em termos galantes, episódios ocorridos na corte. Ou a celebração panegírica de personagens notáveis.

Analisando, para além desta função cortês e lúdica atribuída à poesia, os principais temas abordados neste corpus poético, surge-nos o amor como tema dominante. Aliás, logo no soneto com que abre a edição, o autor refere-se aos seus poemas como «versos fabricados das semrazões de amor».

O poeta apresenta-se dominado por um sentimento amoroso centrado na pessoa de Célia, uma figura de caracterização algo estranha. Se a sua presença percorrendo toda a obra,

---

<sup>22</sup> Ib., p. 122.

<sup>23</sup> Ib., p. 124.

<sup>24</sup> Ib., p. 126.

<sup>25</sup> Ib., p. 122.

<sup>26</sup> Ib., p. 126.

o seu retrato convencional de beldade loura de olhos azuis, poderiam fazer dela um avatar de Laura, e do poeta um novo Petrarca, vivendo a constância de um amor que permanece ao longo dos anos (no Romance XVI refere que esse amor dura há já catorze anos), um amor feito de contradições e que é fonte de sofrimento, outros traços caracterizadores desta figura e desta relação amorosa destroem estas afinidades petrarquianas. Esta Célia ora tem olhos azuis, ora pretos, e os cabelos apresentam variação correspondente; o seu retrato psicológico tem traços negativos, de entre os quais avulta a inconstância amorosa e a traição. Tal tratamento do tema do amor documenta, de certo modo, a forma como a herança petrarquista foi aproveitada pela lírica barroca que, se reiterou temas, tópicos e situações canonizadas na lírica de Petrarca, também não se coibiu de violar claramente esse cânone ou de lhe atribuir sentido e funções diferentes<sup>27</sup>.

Uma eventual tentativa de fazer corresponder a personagem de Célia a alguém com existência real seria liminarmente anulada pelas discrepâncias das imagens apresentadas. Mas a sua leitura é esclarecida por um passo de uma das cartas de D. Francisco a D. Rodrigo da Cunha em que explica: «Os poetas vanse sempre tras quimeras ate naquilo que parece material e nesta conta entra a madre Soror Selia»<sup>28</sup>. Célia é, pois, uma quimera, criação ficcional, figura poética a centralizar os sentimentos expressos nestes poemas que falam de amor e ausência, de separação e saudade, de firmeza do amante e mudança da amada; que falam também do inferno do ciúme; e que falam de solidão e morte.

Sobretudo da morte de esperanças, que se revelam ilusões; de sonhos, que são apenas sonhos... E nestes casos o poeta representa a sua desilusão e fracasso mediante a comparação com figuras mitológicas que personificam o falhanço de

---

<sup>27</sup> Sobre esta permanência e transformação do petrarquismo na lírica espanhola até Góngora e Quevedo, veja-se a obra de Ignacio Navarrete, *Los huérfanos de Petrarca. Poesía y teoría en la España renacentista*, Madrid, Gredos, 1997.

<sup>28</sup> Vd. Carlos Alberto Ferreira, op. cit., p. 128.

aspirações excessivas: Ícaro, Faetonte, Atlante, Tifeu, o bíblico Nemrod (todas referidas nas oitavas que integram o poema «Saudades»); e outras ainda, como o frustrado Polifemo, o Sísifo caído do alto do monte, o Luzbel precipitado no inferno.

Morte também de pessoas ilustres, destruição de grandezas terrenas, efemeridade de todas as coisas. Um tema quase obsessivo na poesia da época barroca.

Na poesia de D. Francisco de Portugal as considerações dolorosas sobre este tema desenrolam-se sobretudo nos poemas longos que o organizador colocou no final da obra.

Destaque-se o poema intitulado «Solitário», em que a imagem de cidades em ruínas, tendo como único sinal de vida o florescer das ervas daninhas que as invadem, é ponto de partida de uma meditação sobre o tópico do *ubi sunt*, avivando os «avisos dos anos»:

Vestígio apenas jazem as cidades,  
sem nome as cultas pedras que o lograram  
de milagre e grandeza, e a eternidades,  
dívida da escultura, se animaram.

(...)

Os triunfos que são, os que já foram,  
uns aos outros se esperam no estrago;  
todas as pompas vãs no não ser moram,  
línguas de fogo o digam de Cartago.

(...)

Se ao Colosso de Rodas eminente  
o tempo tragador, qual buitre a Tício,  
roendo o consumiu, que veloz corre,  
o barro que fará, se o bronze morre?

Contudo, a esta visão de efemeridade e ruína, o poeta contrapõe ainda a ideia clássica da imortalidade das letras, mais duradouras que o mármore e o bronze:

Imortalmente vive no que escreve  
glória imortal que entre cadências grita;  
logram sem fim posterior empenho  
a tinta e pena que animou o engenho.

Nos «Tres suspiros a Cristo en la cruz» o tema da efemeridade assume um sentido religioso, pois é a meditação sobre a grandeza de Deus e a imensidade do seu amor que o leva a concluir que

Todas las felicidades  
como mis días son nada,  
que oprimen las más gozadas  
vanidad de vanidades. («Suspiro segundo»)

Ou ainda: «que los días son cual humo/ y es cual noche el vivir todo» («Suspiro tercero»)

E o «Salmo» final, canto de arrependimento e conversão, é também reconhecimento desenganado de como são vãos e efémeros os amores terrenos:

Aquelas sombras vãs, que a mocidade  
mistérios respeitou, são vaidade;  
(...)  
Aquele volver de olhos tão amado  
a um mesmo volver de olhos é passado.

Assim os inumeráveis poemas de amor, que se desenrolam ao longo das páginas desta obra, vêm a ter o seu remate no desengano deste pecador contrito que, iluminado por Deus, descobre que tais amores são «nadas», «sombras vãs», «ilusão», «mentirosas lisonjas».

Dois dos poemas que o organizador do volume de *Divinos e humanos versos* incluiu na secção de «Sonetos amorosos» (Sonetos IV e XX) e um dos que foram integrados nos «Sonetos sacros» (Soneto XXXII) não pertencem a essas categorias, pois tratam um tema completamente diferente – a injustiça de que o poeta é vítima, não só não recebendo o prémio a que os seus méritos lhe davam direito, como sendo injustamente castigado; um tema que só raramente aflora nesta poesia, mas que o marcou profundamente, como se vê pelas suas cartas. No Soneto IV aborda o tema do desconcerto de um mundo em que são ditosos os que desmerecem, ao passo que os homens de mérito só conhecem desditas,

concluindo com a amarga constatação de «que es ser hombre de bien ser desdichado». No Soneto XX, em que ecoam versos de Góngora e de Lupércio Leonardo Argensola<sup>29</sup>, é a partida para a campanha da Baía sentida como castigo, embora oficialmente apresentada como mercê. O Soneto XXXII, apesar dos ecos do Salmo 137, não é um poema de tema religioso, mas um lamento sobre a sua situação de condenado a uma prisão injusta. E ainda nos tercetos dirigidos a Célia que funcionam como introdução em «Los tres suspiros a Cristo en la cruz», poema escrito na prisão no castelo de Almada, inclui um longo lamento sobre a sua situação, a injustiça de que é vítima e a tirania que o oprime; uma situação sintetizada no verso em que se apresenta como «triste, preso, agraviado, muerto, ausente».

### 3.

Na «Memória da vida e obras de D. Francisco de Portugal», ao avaliar a obra poética do autor, escreve Francisco Luís de Vasconcelos: «O estilo com que escreveu é singular, posto que imitado dos maiores poetas. Porque de D. Luís de Góngora tomou as frasis e a elegância; os conceitos e a brandura dos nossos Lupércios, achando entre estes grandes mestres um meio que só pudera achar o seu ingenho».

Estamos perante o tópico da originalidade na imitação, ou melhor, o afirmar da actualização, nesta obra poética, da norma da fidelidade aos modelos consagrados, combinando essa fidelidade com uma expressão de cunho pessoal. Tal afirmação tem neste texto pouco mais que uma função panegírica; é mais um lugar comum do discurso crítico elogioso da época do que resultado de um rigoroso cotejo entre as obras destes poetas.

---

<sup>29</sup> «Que es como no haber sido un olvidado,/ y no hay mal que se iguale a no haber sido» (Lupércio L. Argensola) e «Era castigo y parecía mercedes» (Góngora). D. Francisco cita estes versos em *Prisões e solturas de uma alma*.

Com efeito, ao procurarmos autores que possam ter tido alguma influência na poesia de D. Francisco, parece-nos despidianda a referência a Bartolomé e Lupericio Leonardo Argensola, cuja repercussão nestes versos não é muito significativa. Mas faz sentido determo-nos na obra de Góngora, tendo em conta o seu prestígio literário, a projecção dos seus poemas desde cedo tornados objecto de imitação, o contacto directo que com ele teve o poeta português em Madrid. Aliás, a avaliar por algumas das cartas a D. Rodrigo da Cunha, D. Francisco sentiu-se deslumbrado pelo ambiente literário da corte madrilena<sup>30</sup>. E Góngora era sem dúvida um dos astros desse universo poético, embora, segundo observação de D. Francisco (se bem interpretamos aquele passo de uma das suas cartas), a sua pessoa se não coadunasse com o brilho da sua poesia<sup>31</sup>. Um brilho que tem reflexos nos *Divinos e humanos versos*, como já foi apontado por alguns críticos<sup>32</sup>. Reflexos directos ou indirectos? A pertinência desta questão decorre do facto de, perante núcleos temáticos ou traços estilísticos classificáveis de gongorinos, se verificar também correspondência com aspectos idênticos da poesia de D. Juan de Tassis, conde de Villamediana, protector de Góngora e talvez o mais célebre dos seus discípulos poéticos. E D.

---

<sup>30</sup> Vejam-se algumas das suas observações: «enfim Sôr aqui como dizia noso tio ao Sôr Dom Andre en cada mezon a milhores poetas que os gabadinhos da nosa terra» (carta de 22/5/1622); «a poezia esta aqui muy sobida e muy fundada não faltão engenhos» (8/6/1622), *apud* Carlos Alberto Ferreira, op. cit., pp 99 e 100.

<sup>31</sup> Refere D. Francisco a D. Rodrigo da Cunha: «com Dom Luis de gongora me encontrey hũ dia destes não acabaua de me presoadir que era elle o dono daquelles sois que lemos» (Carlos Alberto Ferreira, op. cit., p. 105).

<sup>32</sup> «De todos os que em Portugal se deram a imitar o estilo do famoso lírico espanhol, foi ele [D. Francisco] o que melhor soube emular as suas belezas» (J. M. da Costa e Silva, *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, tomo VII, Lisboa, 1854, p. 41); J. Ares Montes inclui D. Francisco de Portugal entre os imitadores de Góngora na sua obra *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*, Madrid, Gredos, 1956; «De Góngora imita [D. Francisco de Portugal] o estilo, sem cair em excessos» (Manuel Ferro, *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 4, Lisboa, 2001, col. 361).

Francisco, que com ele contactou em Madrid, apreciava o seu convívio e a sua poesia, como revelam alguns passos das suas cartas<sup>33</sup>.

Veja-se, por exemplo, o poema intitulado «La tórtola». Trata-se de um motivo que ocorre em vários poetas da época, entre eles Góngora<sup>34</sup> e Villamediana<sup>35</sup>. No entanto, estes dois poetas utilizam-no como veículo de sentidos diferentes: na canção de Góngora a rola representa um feliz amor conjugal, ao passo que no soneto de Villamediana é representação da viuvez, da esposa carpindo em solidão a perda do amado. O poema de D. Francisco combina as duas linhas: numa primeira parte, a rola é considerada «símbolo nupcial», e a marca do poema de Góngora faz-se sentir, não só na repetição do seu primeiro verso – «Vuelas, oh tortolilla» –, mas também no desenhar dos movimentos da ave, habitando ramos verdes; numa segunda parte – «Gimes, oh tortolilla» –, desenvolve-se a linha simbólica da sua «viuda soledad», agora «tristes y aridos ramos habitando», tal como no poema de D. Juan de Tassis.

Temas como os de Ícaro e de Faetonte, alusões frequentes na poesia de Góngora, assumem maior relevo na obra de Villamediana. A sua «Fábula de Faetón» é um longo poema, com traços estilísticos gongóricos (e que Góngora celebrou num dos seus sonetos); e a figura de Ícaro, claramente refe-

---

<sup>33</sup> Pouco depois de chegar a Madrid, escreve a D. Rodrigo de Cunha: «de Vilha Mediana estou buscado parseume tambien discreto falando como poetando» (*Cartas*, p. 99); alguns meses depois (8/8/1622), comunica ao amigo a morte do conde nestes termos: «Anojado escrevo a VS. porque a morte do Conde de Vilha Mediana entristeço as muzas e fez gram falta aos engenhos» (*ib.*, p. 101). Estranha-se a ausência de qualquer poema de D. Francisco à morte do conde, pois nesta mesma carta parece manifestar a intenção de o homenagear poeticamente: «ja por aqui bolem os epitafios funebres eu inda não prouei a mão sendo seu afeiçoado».

<sup>34</sup> Vd. a canção «Vuelas, oh tortolilla» in Luis de Góngora y Argote, *Obras completas*, Madrid, Aguilar, 1956, pp. 575-576.

<sup>35</sup> «Esta que sacra tórtola viuda/ en seco tronco llora el muerto esposo» (Villamediana, *Obras*, Edición, introducción y notas de Juan Manuel Rozas, Madrid, Castalia, 1969).

rida ou meramente aludida, já pôde ser considerada como símbolo da sua poesia amorosa de cunho petrarquista<sup>36</sup>.

Na poesia de D. Francisco de Portugal estas figuras integram a galeria de personagens que representam o fracasso de ousados pensamentos amorosos, a decepção que castiga loucas esperanças infundadas.

Também do Polifemo gongorino há marcas legíveis no poema em oitavas iniciado com o verso «Dando perlas al mar, pisando arenas», não só na denominação e caracterização do enunciador, como no estilo marcado por reiterados hipébatos e abundantes metáforas mitológicas.

E talvez não seja estranha à lição dos mais célebres textos de Góngora a acumulação de insólitos vocábulos eruditos – sibílicos, cerúleas, páramos, pórfido, undoso, opósito<sup>37</sup> – no poema intitulado «Solitário».

#### 4.

D. Francisco de Portugal, que na *Arte de galantería* escreve que «no hay más arte poética que unos ojos y más si son negros»<sup>38</sup>, parecendo preconizar uma poesia «sin más colores de retórica que lo llano natural», é um autor que exhibe nos seus poemas um virtuosismo expressivo muitas vezes complexo e rebuscado, com notável domínio das técnicas retórico-estilísticas consagradas na época.

Analisando as formas de expressão mais marcantes do seu estilo poético, começemos por destacar as figuras de oposição, criadoras de um mundo de contrastes, de conflitos, de situações e sentimentos antagónicos. A antítese, figura dominante, preside à representação de um universo sentimental

---

<sup>36</sup> Juan Manuel Rozas, Introducción, in Villamediana, *Obras*, ed. cit., pp. 17 e 23.

<sup>37</sup> Sobre cultismos lexicais na poesia de Góngora recorde-se a obra clássica de Dámaso Alonso *La lengua poetica de Góngora*, 3.<sup>a</sup> ed., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961.

<sup>38</sup> *Arte de galantería*, ed. cit., p. 118



em que se desenrolam os conflitos do poeta consigo próprio, as contradições inerentes à natureza do amor, o contraste entre a firmeza do seu amor e a inconstância da amada, a caracterização desta enquanto causadora de efeitos opostos na alma do poeta – alegria/tristeza, esperança/desespero, vida/morte.

É certo que muitas destas oposições fazem parte do acervo petrarquista que é ainda herança desta geração de poetas. Mas nesta obra o recurso à combinação de termos opostos é de tal forma reiterado, que dificilmente encontramos um poema em que a exploração de relações antitéticas não desempenhe função relevante. E não se conclua daqui que estamos perante uma poesia pobre, reduzida à mobilização de escassos recursos estilísticos. O poeta não se limita à associação sintagmática de termos antónimos, que define a antítese, mas aprofunda a união de contrários em combinações oximóricas: «verdadera animáis cuando fingida» (Soneto VI), «alma en liquido fuego transformada» (Soneto VII), «más invencible cuando más vencido» (Soneto XII); e, sobretudo, joga com estas *coincidentiae oppositorum* na construção de expressões paradoxais que tentam representar um complexo mundo sentimental.

Veja-se, por exemplo, o aproveitamento da consagrada oposição água/fogo na Canção XI, em que pede ao Tejo: «Llevad a Portugal/ quejas del mejor fuego, aunque sois rio»; e este rio, correio das suas penas de amor, transforma-se em vulcão – «los Etnas de Sicilia el Tajo aspire» – encarregado de «por elegancias de agua explica[r] fuegos». Ou as considerações em torno da esperança (Canção VII), vista simultaneamente como fonte de vida e causa de morte – «Desesperei morrendo/ e já agora esperando desespero»; «sem esperanças morro/ e com elas é morte meu desejo» – que concluem com a identificação de esperança e desespero: «não me fica em que espere,/ já que esperando quer que desespere».

Tópicos epocais da representação do sentimento amoroso tratados com alguma originalidade e muito trabalho poético.

Uma das oposições mais marcantes na cultura desta época e que, portanto, não podia deixar de se manifestar na pro-

dução poética, é a que põe em confronto realidade e aparência, ser e parecer. Uma oposição que D. Francisco exprime várias vezes recorrendo à fórmula «era A e parecia B», bebida num soneto de Góngora. «Era castigo y parecia mercedes», escreve Góngora no soneto «Al marqués de Ayamonte, determinado a no ir a Mexico»<sup>39</sup>. E D. Francisco repete esta fórmula em vários poemas: «que cárcel era y premio parecía/ lo que era gloria siendo tiranía» (Canção X); «Lo libre que cativan/ hurto parece y es premio» (Romance XXXVIII).

Encontramos uma variante deste tema no aproveitamento dos motivos do retrato e do espelho, em poemas que opõem e identificam realidade e aparência, modelo e retrato, figura real e sua imagem. Associação de contrários, como no Soneto VI, «A un retrato», que começa com o verso «Verdadera animáis cuando fingida»; ou o Romance I, em que o poeta interpela os olhos retratados: «Para abrasar fingidos/ igualmente tiranos,/ me negáis verdaderos/ lo que me dais pintados»; ou o Romance XXXVII, em que o retrato da amada é simultaneamente «desengaño en ser remedio,/ verdadero en ser engaño», duplamente perigoso, «por verdadero y por falso». Idêntica dualidade se verifica nos jogos de espelhos que o poeta desenvolve, quer na Canção IV «Ao sol Alcinda estava», em que as duas imagens se identificam e mutuamente se reflectem – «Se ela é do sol retrato, o sol o é dela» –, quer na Canção VIII, em que os olhos de Célia são «lisonjas de un espejo,/ rayos del sol al mismo sol objeto».

Esta poesia, tecida de relações contrastantes, é também uma poesia de excessos nas suas formas de expressão. Um discurso superlativante marcado sobretudo pelo recurso a metáforas hiperbólicas e a um vocabulário que traduz ideias de grandeza, de imensidão.

Se a cultura barroca já pôde ser caracterizada por um aspecto que José Antonio Maravall designou de «extremosidad», isto é, o excesso, seja de exuberância ou de sobrie-

---

<sup>39</sup> Luis de Góngora Y Argote, *Obras completas*, Madrid, Aguilar, 1961, p. 477.

dade<sup>40</sup>, a poesia de D. Francisco é mais um exemplo dessa característica. Aliás, a palavra «extremo», usada geralmente como substantivo e sempre com valor superlativo, ocorre nesta poesia com muita frequência, chegando o poeta a apresentar-se a si próprio como um extremo de sofrimento e de lealdade: «Entre extremos de males, um extremo/ sou, como em padecer, na lealdade» («Saudades»).

Nesta linha de expressão do excessivo, a amada é representada, por exemplo, pela metáfora do sol, mas também, e sobretudo, por termos como «deidade», «divina», a que se associam outros termos do mesmo campo semântico (adorar, idolatrar, aras, altares, templo, etc.). Uma divinização que atinge a mais alta expressão no Soneto XXIII, o mesmo com que D Francisco encerra o texto da *Arte de galantería*:

Oh más de templos que palacios dina,  
no terrena deidad, aunque humanada,  
en cuya humanidad siempre adorada  
parece estrecho el nombre de divina.

Com excessos se diz também a crueldade da amada, que é «pedra», que é «tirana», cujos olhos fulminam com raios, qual Júpiter irado. E o poeta, vítima dessa crueldade, a cada passo exprime em desespero o seu sofrimento através de imagens paradoxais e hiperbólicas: chora «dilúvios de fogo» e «Etnas de água» (Canção XII); a dor da ausência arranca-lhe dos olhos um mar que se identifica, e substitui, o mar em que navega – «Navego el mar que lloro,/ no el que navego» (Canção XIII); novo Polifemo, oferece a esta Galateia «mayor mar en mis lagrimas» (oitavas); um mar que é o equivalente externo do seu inferno interior – «tenho (...) um mar nos olhos, um inferno na alma» («Saudades»). Mas é na Canção III que a expressão do excesso do seu sofrimento atinge formulação mais ousada ao apresentá-lo não só como síntese de

---

<sup>40</sup> J. Antonio Maravall, *La cultura del Barroco*, Barcelona, Ariel, 1986, p. 426.

todas as grandes tragédias passadas – «Troya abrasada, España destruida,/ del mísero Faetonte la caída,/ todas las desventuras ya pasadas/ sólo en una cifradas» –, mas até como totalidade de «las varias penas que el infierno tiene».

## 5.

O carácter predominantemente amoroso da poesia recolhida no volume de *Divinos e humanos versos* faz sobressair a diferença temática e a mudança de atitudes do sujeito lírico que os últimos poemas apresentam.

Repare-se no que se intitula «Solitário», já referido a propósito do tratamento do tema da efemeridade das coisas terrenas. Agora interessa-nos destacar a atitude ascética assumida pelo poeta. Contemplando e interpelando aquele pássaro – «cidadão de ti mesmo», «galante da pobreza» –, que habita «pobres teitos» e vive em solidão e independência, recebe dele lições de desengano, de desprendimento em relação aos bens terrenos. Um pássaro que, como figura exemplar («mais a exemplo que a ave te destinas»), lhe ensina «que é o mais rico o verdadeiro pobre», «que tem maior valor, maior riqueza,/ não quem tem mais, senão quem mais despreza»<sup>41</sup>. Que lhe ensina também a fugir «dos paços vãos», lugares em que reinam a ambição, a hipocrisia, a ingratidão, a lisonja, a traição. Temas insólitos na obra deste poeta cortesão, mas que reaparecem num poema integrado em *Prisões e solturas de ãa alma* em que o mesmo motivo – o pássaro chamado solitário – comunica idênticas lições de vida.

«Los tres suspiros a Cristo en la cruz» e o «Salmo» final são as mais importantes expressões de atitudes e sentimentos religiosos. Arrependido dos erros do passado, o poeta volta-se para Cristo crucificado, manifesta confiança no seu perdão

---

<sup>41</sup> Esta lição de pobreza e desprendimento talvez possa ser lida como expressão da adesão do poeta aos ideais franciscanos, a cuja Ordem Terceira pertenceu. Também o romance LII, «A S. Francisco», testemunha a sua ligação à religião franciscana.

e misericórdia, pede o seu auxílio para se converter de pecador «que os ofendió tanto» em homem novo que cante «sobre ríos de su llanto/ las glorias de vuestro nome».

O poema final, intitulado «Salmo», desenvolve o mesmo tema da contrição do pecador que perante Deus confessa e chora o seu pecado. A sua confissão assume aqui uma expressão trabalhada, com repetições vocabulares e rimas interiores, conseguindo uma fluência que nem sempre se encontra nos versos deste autor.

Um poeta que, como diz D. Francisco Manuel de Melo, «fez raramente caber juntas as gentilezas de cortesão com as considerações de devoto». Uma obra que é reflexo de uma época nos aspectos social, cultural, literário e mesmo político; que é sobretudo expressão de um ideal de fidalgo cortesão e letrado.

### **Crítérios da edição**

Atendendo às circunstâncias da publicação desta obra de D. Francisco de Portugal, que não garantem que o texto corresponda fielmente à vontade do seu autor, e tendo em conta que não se trata agora de organizar uma edição crítica, mas tão-só uma edição que pretende apresentar uma versão do texto simultaneamente correcta e acessível ao leitor actual, procedemos à sua transcrição de acordo com os critérios que a seguir se explicitam:

– Procedeu-se à utilização dos sinais de pontuação de acordo com as normas actuais, embora com clara consciência do que tal implica em termos de exegese textual, reconhecendo-se, portanto, o que há de discutível nas soluções adoptadas.

– A acentuação, tanto nos textos em português como em castelhano, foi igualmente actualizada.

– Normalizou-se o uso das abreviaturas.

– Modernizou-se a ortografia sempre que a alteração não

desvirtuasse aspectos característicos da língua da época ou realidades fónicas então em vigor.

Nos textos em castelhano, apesar de a modernização ter sido a linha dominante, manteve-se a alternância das formas *mismo/mesmo*, embora não seja de afastar a hipótese de esta segunda forma poder corresponder a erro de impressão. Manteve-se igualmente a grafia de palavras como *perfeto*, *efeto*, etc., dado que aparecem por vezes em posição de rima com vocábulos como *secreto*, *objeto*, etc. Conservou-se também a grafia *vitoria*, forma registada no *Diccionario de la RAE* de 1739, que remete para *victoria*, acrescentando que «frequentemente dicen vitoria»; por razão idêntica (poder corresponder a pronúncia da época) se conservou a forma *exemplo* (a única registada pelos dicionários até início do século XIX), bem como *fénis* e *estremo*.

– Corrigiram-se alguns erros (ou o que considerámos como tal), dando conta em nota das alterações efectuadas.

– Nos casos em que, para obviar a evidente erro de impressão, foi necessário acrescentar alguma letra ou palavra, esses aditamentos foram colocados entre parênteses rectos.

– No texto de *Prisões e solturas de uma alma* recorreu-se ao itálico para distinguir as citações, seja de versos de outrem ou de provérbios e outros ditos populares. Apesar do esforço despendido, não foi possível identificar todas as citações literárias, falha para que se espera a indulgência do leitor.



D. Francisco  
de Portugal

**DIVINOS  
E HUMANOS  
VERSOS**







## LICENÇAS

### *Licença do Santo Ofício*

Vistas as informações que se houveram, pode-se imprimir o livro cujo título é *Divinos e humanos versos*, autor D. Francisco de Portugal, e depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original e se dará licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa, 12 de Dezembro de 1651.

*Fr. João de Vasconcelos. Pedro da Silva de Faria.*

*Francisco Cardoso de Torneo. Diogo de Sousa.*

*Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

### *Licença do Ordinário*

Pode-se imprimir. Lisboa, em 14 de Dezembro de 1651.

*O Bispo de Targa*

### *Aprovação de D. Jerónimo da Silva e Azevedo, Desembargador dos Agravos da casa da Suplicação*

Por mandado de V. Majestade, na portaria inclusa, vi o livro das Poesias de D. Francisco de Portugal que ajuntou seu filho D. Lucas. Não acho nelas cousa que impida darem-se à impressão ocupações tão louváveis de sujeito tão grave como o de D. Francisco de Portugal, antes muitas razões para se publicarem obras de tanta erudição e estima. Oxalá que como hão-de ser enveja a tantos, foram ocasião a alguns de sua qualidade para gastarem o tempo em semelhantes divertimentos, pois não faltam na Corte talentos para o seguirem, ainda que não tenham felicidade para o igualarem.

Quando a publicação destes escritos não sirva de exemplo para alguns, será de deleitação para todos a excelência e delicadeza desta Poesias, que em tudo julgo por muito dignas de impressão. Lisboa, 11 de Janeiro de 1652.

*D. Jerónimo da Silva e Azevedo*

## LICENÇAS

Vista a informação, pode-se imprimir o caderno junto com o livro das obras de D. Francisco de Portugal para que já se passou licença por este Conselho, e depois de impresso tornará com o mais ao Conselho pera se conferir com o original e se dar licença pera correr, e sem ela não correrá. Lisboa, 14 de Maio de 1652.

*Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

Pode-se imprimir. Lisboa, 25 de Maio de 1652.

*O Bispo de Targa*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Ordinário do Santo Ofício, e não correrá sem tornar à Mesa pera se taixar. Lisboa, 22 de Maio de 1652.

*D.P.P. Pinheiro. Leitão.*

*Licença do Desembargo do Paço*

Que se possa imprimir, e não correrá sem tornar à Mesa pera se taixar. Lisboa, 10 de Janeiro de 1652.

*D. Pedro P. Leitão. Pacheco.*

Vi este livro, e está conforme com o original. S. Francisco de Lisboa, 23 de Julho de 1652.

*Frei Diogo do Salvador*

Visto estar conforme com o original, pode correr o livro que tem por título *Divinos e humanos versos*, autor D. Francisco de Portugal. Lisboa, 3 de Julho de 1652.

*Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo.*

*Diogo de Sousa. Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

Taixam este livro em duzentos e dez reis em papel. Julho de 1652.

*D.P.P. Leitão. Almeida.*

## AO PRÍNCIPE NOSSO SENHOR

Senhor

Quem teve tão bom pensamento como é oferecer a Vossa Alteza estas obras desculpado fica, ainda que as obras não sejam tais como é o pensamento. Empréstimo-lhes-á Vossa Alteza a menor parte de seu valor e ficarão elas dignas de lhe serem apresentadas. Pode-se assi esperar da real benignidade de Vossa Alteza. E nessa fé ponho eu já a seus pés reais este livro, que fiz estampar, dos versos de meu pai, D. Francisco de Portugal, para que, pois sua vida não pode participar das felicidades deste tempo, possa lograr sua memória a singular honra que Vossa Alteza lhe fará passando os olhos por estes escritos. Certifico-me que, havendo Deus feito a Vossa Alteza senhor de Portugal, não faltarão a Vossa Alteza notícias dos sujeitos desta nossa família, os quais são mais portugueses que os outros (e por isso mais de Vossa Alteza), pois lhes deu Portugal não só o sangue mas o apelido, e que entre os grandes homens que dele floresceram por armas, postos, letras e cortesia haverá Vossa Alteza entendido não foi meu pai D. Francisco aquele que o realçou menos. Porém, suposto que todas suas acções foram de grande lustre e concerto (segundo Vossa Alteza se servirá de ver no epílogo que delas trata), bem se entende que todas estavam tão sem vida como quem as obrou antes que lha desse o heróico nome de Vossa Alteza, de cuja eternidade hoje se amparam, e por quem Portugal vive e reviverá

D. Francisco de Portugal. A real pessoa de Vossa Alteza  
guarde Nosso Senhor conforme estes seus reinos necessi-  
tam. Lisboa, 13 de Abril de 1652.

*D. Lucas de Portugal*

## AO LEITOR

As obras de D. Francisco de Portugal são estas que aqui se te oferecem, ou por melhor dizer, os afectos que o amor divino e humano trasladou de seu espírito ao papel em versos elegantes.

Os sábios as estimarão, as desejarão os discretos. Veremos de quais destes és, segundo de ti forem tratadas.

Tiveram por pais o entendimento e a vontade de D. Francisco, tão alta a mãe como o pai raro. Elas são bem parecidas com quem as gerou. Que maior recomendação queres para o agasalho que se deve a filhos não só do melhor sangue, mas das melhores potências de um tão ilustre espírito?

Faltou-lhes com a vida de seu autor algũa melhora que ele soubera dar-lhes e nós não lhe sabemos achar menos. Podíamos crer que as aventajara se vivera, mas não vemos em que podiam ser aventajadas.

É de advertir que começou a poetizar sendo muito mancebo, própria ocupação daquela idade. Esta memória escusará o escrúpulo de algum crítico que, não topando neste livro defeito digno de censura, passe com igual malícia a interpretá-lo.

Soube ajuntar raramente D. Francisco o fervor e a modéstia com que, satisfazendo às obrigações de galante e de sisudo, não deslustrou o affecto com descuidos, nem a compostura com excessos.

Acha-se na linguagem castelhana a maior parte [do] que deixou escrito. Não por desconfiar da doçura e elegância da



nossa, melhor tratada de D. Francisco que de alguns muito prezados dela, mas porque os grandes engenhos não se contentam de ter por esfera de seu aplauso a ũa só parte do mundo.

Vemos que os Latinos, gozando do melhor idioma, escreveram em grego. Os Gregos, maiores ainda, deceram talvez à latinidade. Não está na língua a nação. Cada um é natural donde obra e não donde escreve.

Aos espíritos vulgares convém que não saiam de entre seus iguais para luzirem. Hércules vai buscar competências que vença entre os estranhos, porque ser maior que os pequenos também é ser pequeno.

Em recíproca desgraça de nossa pátria e sua fama corriam seus versos manuscritos: sua, porque nem todos os admiravam; nossa, porque nem todos os sabíamos. Agora, por meio da estampa se desagrava sua memória e nosso interesse.

Tal acção por si mesma nos arrebatava os louvores a que por ventura agradecido D. Lucas de Portugal, filho do autor, que nos comunica este livro, querera que estes louvores se continuem nos outros que todavia guarda de seu pai D. Francisco, com ânimo de publicá-los ou detê-los conforme sentir deste o juízo público.

## MEMÓRIA DA VIDA E OBRA DE D. FRANCISCO DE PORTUGAL

por Francisco Luís de Vasconcelos<sup>42</sup>

D. Francisco de Portugal foi um exemplar de todas as virtudes e excelentes partes que se podem desejar em um fidalgo de sua qualidade, e sua vida é um modelo a cuja imitação deve compor e encaminhar suas acções quem, tendo ilustres ascendentes, quiser mostrar-se digno neto de seus avós.

Foi filho de D. Lucas de Portugal e de D. Antónia da Silva, filha de D. Antão de Almada, capitão-mor de Lisboa. D. Lucas foi filho de D. Francisco de Portugal, estribeiro-mor de el-rei D. Sebastião, vedor de sua fazenda, do seu Conselho de Estado e seu sumilher, que foi filho de D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira, almirante da Índia, e neto de Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira e almirante da Índia, aquele insigne herói que, com seu valor, zelo e indústria, abriu as portas do Oriente para entrarem por elas os tesouros da Fé católica e saírem as riquezas de

---

<sup>42</sup> Francisco Luís de Vasconcelos é caracterizado por J. Soares de Brito como «vir non solum militaris, sed etiam eruditus et aulicis artibus praestans» (BN de Portugal, cod. 6915, *Theatrum Lusitaniae Litterarium*, F, n.º 51, pp. 458-459). Quanto a trabalhos literários, Soares de Brito indica apenas esta biografia de D. Francisco de Portugal, mas Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, tomo II, p. 178) faz referência também a alguns poemas que teriam ficado manuscritos, repetindo, aliás, a informação de João Franco Barreto de que «compos muitos versos e muito ellegantes [que] mss. se conservão nas mãos dos curiosos (*Biblioteca lusitana*, fol. 462v).

tantos mundos. Tomaram estes fidalgos o apelido de Portugal por ser D. Francisco de Portugal o primeiro neto (por sua mãe) do conde de Vimioso. O segundo, de que falamos, aparentou por todas as partes com as mais ilustres famílias de Portugal, herdando de seus avós não só a nobreza de sangue, mas o princípio da nobreza. A valentia da pintura não está nas cores, está no dibuxo. Os originais do Grego, que foi o maior pintor de nossos tempos, são uns borrões. Deste modo se deve considerar a nobreza, cuja essência não consiste na virtude dos avós, senão na própria. A dos ascendentes é como as cores na tábua, que a fazem mais vistosa, mas não lhe dão o valor. Imaginemos um original animado, perfeito em todas suas partes, assi no colorido como no dibuxo: este é D. Francisco de Portugal.

Gastou os primeiros anos no estudo das artes liberais e no exercício das armas e cavalaria, e não pôs as mãos ou o entendimento em cousa algũa que não deixasse de si grandes esperanças. Podemos dizer que foi nele natureza a arte da Poesia, porque de muito pouca idade fazia versos tão concertados e ajudados à arte, que antes de ter tempo de a aprender a pudera ensinar.

Chegando a maior idade, se descobriram em D. Francisco um entendimento claro, um grande ingenho com grande repouso, ãa descrição com decoro, brio, agrado, liberalidade, e sobretudo ãa exímia caridade, e ãa piedade cristã que conservou sempre no discurso de sua vida e se viu melhor na sua morte. As partes naturais que nele concorriam e as adquiridas, com um particular génio que teve para o trato da corte e das damas, o fizeram um dos mais aplaudidos e estimados cortesãos de nossa idade; nem houve algum de maior opinião na corte de el-rei de Castela D. Felipe Terceiro.

Na galantaria e no serviço das damas de palácio foi mestre de todos, como se verá em ãa arte de galanteio sua que está para se imprimir<sup>43</sup>, e se vê bem nas rimas deste

---

<sup>43</sup> Referência à *Arte de galanteria*, impressa pela primeira vez em 1670 (Lisboa, por João da Costa) e que terá nova edição em 1682 (Lisboa, por António Craesbeeck).

volume, em que os conceitos, as locuções e o decoro são tanto de corte e tanto de palácio, que cada soneto e cada romance seu é ũa arte de galanteio de que todos podem aprender.

Com ter pouca fazenda a respeito de sua qualidade, era luzido, porque o que vestia, ainda que não fosse rico, era invejado e imitado pelo concerto e pela invenção em que tudo lhe cedia, que o seu juízo era como o sol, que assi resplandece nas cousas grandes como nas pequenas. O que tinha (quando não fosse muito) procurava que fosse o melhor. Os seus versos e motes eram os mais estimados em palácio e conhecidos por seus, ainda que se não dessem em seu nome. Em nenhuns do requisitos que pede o serviço das damas faltou nunca, servindo com tudo o que se podia esperar dos mais ricos.

Foi tão grande a opinião e tantos os aplausos que alcançou entre as damas de palácio que, tendo um fidalgo lugar com ũa, lhe disse a dama que lhe fazia dous males: um, falar ele, outro, não falar D. Francisco. Servindo a D. Maria de Guzmão, filha do conde de Olivares, valido de Felipe Quarto de Castela, por quem se governou tantos anos a monarquia de Espanha, pretendia a sucessão da sua comenda para seu filho. O doutor Mendo da Mota, ministro naquele tempo do Conselho de Portugal, lhe dificultava muito o bom successo da pretensão. Tendo notícia disto D. Maria de Guzmão, lhe mandou pedir um memorial de seus serviços para dar a seu pai. Mandou-lho D. Francisco em um romance, não dos serviços que havia feito a el-rei, mas dos serviços que fazia a D. Maria de Guzmão nos sacrificios que de suas adorações lhe oferecia, com que se dava por pago, dizendo que lho mandava por lhe obedecer e não por ambição de outros interesses, porque negociar com ânsias só se devia à fermosura. Rendeu--lhe o memorial a Comenda. E ainda assi lhe não pagaram, que se negociar com ânsias é obséquio devido só à beleza, só com a fermosura se pode pagar o que só se deve à fermosura. E porque os seus motes e versos eram ordinários em palácio, dizia D. Francisco que os motes puderam mais que o Mota.

Era mui galante e apressado nas respostas. Servindo ũa dama de palácio e continuando em lhe mandar tochas, estando para ausentar-se faltou com elas ũa noite. Perguntaram-lhe porque as não mandara. Respondeu que não era muito em vésperas de ũa partida haver um desalumbramento. Disse-lhe em Palácio o Conde de Mejorada: *Cómo estáis, D. Francisco?* Ele respondeu-lhe: *Cómo ha de estar quien está entre enemigos?*

Se foi tão galante na corte, não foi menos valeroso na guerra. Embarcou-se por soldado nas armadas deste Reino, e foi três vezes capitão de galeões. A primeira, na armada de que foi por general D. Afonso de Noronha; as duas, sendo general D. António de Ataíde, dando mesa a todos os fidalgos e homens nobres que com ele se embarcaram, mostrando-se magnânimo e liberal em todas as ocasiões que se lhe ofereceram sendo soldado e capitão. Embarcou-se na armada da restauração da Baía, tendo já a sua comenda de Fronteira para seu filho. Em que se viu bem que só o desejo de servir a sua pátria em ocasião tão honrada o movia a fazer ũa viagem tão larga e tão arriscada no mar e na terra, e não outro algum interesse que a isso o pudera obrigar se já não tivera a comenda, porque por decreto geral se deu a todos os que embarcaram nesta armada tudo o que tinham da Coroa e das Ordens para filho.

Estando na Baía, valendo-se os Holandeses de nosso descuido, fizeram uma saída contra os nossos, e acudindo cada um a sua bandeira, saiu D. Francisco à rua a tempo que se vinham retirando alguns soldados da companhia que estava de guarda. Marchou adiante D. Francisco, pedindo aos soldados que o seguissem. Com o exemplo e com as palavras voltaram os soldados, chovendo balas. Rompeu-se o inimigo; e oferecendo-se uns mosquetes a D. Francisco, ele os não quis, dizendo que não queria cousa que parecesse tomada a saco e a sangue frio; que os homens grandes exercitam o valor enquanto os inimigos tem as armas na mão, mas quando as rendem, a generosidade.

Vindo embarcado na almiranta de Portugal, passou aquele galeão grandes tormentas até ficar sem mastros e todo aberto.

Chegando à vista do Faial, querendo o almirante e fidalgos que ali vinham mandar buscar barcos, elegeram para esta comissão a D. Francisco. Começou a escurecer-se a noite em que ele havia de ir de modo que prometia grande tormenta. E tendo tempo D Francisco para chegar ao Faial sem perigo, porque receou que crescendo a tempestade o não tivesse para vir buscar os companheiros e livrá-los do perigo que os ameaçava, se escusou dizendo que antes queria ficar-se a morrer com os amigos que ir a salvar-se sem eles, mostrando que o seu coração só os maiores perigos apetecia, e que a fé que guardava aos amigos se não podia desluzir com as carrancas da morte.

À Índia o mandaram por capitão-mor das naus, estando para partir dentro de três dias a nau em que ele se havia de embarcar. E estando nomeado para capitão um soldado muito honrado e de grandes serviços que havia gastado em se aprestar a fazenda que tinha, escusou-se D. Francisco da capitania-mor, dizendo que não queria fazer dano ao capitão nem tirar-lhe a sua conveniência. Depois o mandaram à Índia com o mesmo cargo; e sabendo que nas naus iam ordens contra o vice-rei que então governava a Índia, que era seu parente chegado e grande amigo, não quis aceitar, dizendo que, ainda que tinha pouca fazenda e muitos filhos e podia granjear na viagem grandes interesses, ele os não queria por não trazer preso um fidalgo tão honrado, seu parente e amigo.

Meu bisavô D. António de Ataíde, primeiro conde da Castanheira, aquele grande exemplo de validos, em um papel que deixou a seus filhos e descendentes, contando outras gentilezas que fez semelhantes a estas, diz estas palavras: E com estes tentos e comedimentos medra-se pouco no mundo. Isto se verificou bem em D. Francisco, que não só lhe negaram os lugares devidos a seus merecimentos e serviços, mas muitos tempos o tiveram preso em ũa torre por não querer ir à Índia por capitão-mor em ano de visorei, parecendo-lhe que sendo já em tudo tão crecido, lhe não convinha ir com nome de capitão-mor levando bandeira de almirante, como sucede sempre que vai visorei. Grande e muito antiga é a inimizade que tem a fortuna com a natureza, maior na nossa

nação que em todas as outras do mundo. Não é a nossa terra estéril em produzir, são descuidados os agricultores em fomentar as árvores de melhor fruto, ou cuidadosos em perder o que puderam aproveitar.

Se os príncipes da terra faltaram a D. Francisco com os prémios que se lhe deviam, o do céu lho deu muito avantajados, porque sendo prometido de todos os bons a mais largos anos, foi Deus servido de lhe não dilatar o descanso de seus trabalhos mais que até os quarenta e sete de sua idade, e de o passar a melhor vida com todos os sacramentos da Igreja, que recebeu com grande devação e grandes sinais de predestinado, como testificam todos os que se acharam presentes a sua morte, intempestiva em tão pouca idade para os que o conhecemos, para D. Francisco oportuna, assi porque teve todas as circunstâncias de gloriosa, como porque tendo já D. Francisco todos seus pensamentos ocupados no céu, tudo o da terra lhe era pesado e violento. Morreu sendo ministro dos Terceiros da Ordem da Penitência de S. Francisco. Poucos dias antes da sua morte, estando no convento da Observância de Lisboa exercitando seu officio, lhe deu um desmaio; ou cansado das penitências que fazia, ou do desejo que tinha de se ver desatado das prisões do corpo, ou remontado o espírito nos bens celestiais, desemparrou naquela hora a porção terrena. Acudiram-lhe os que estavam presentes e, desapertando-lhe os vestidos, lhe acharam sobre a carne um cilício que depois se soube trouxera muitos tempos sem o tirar nunca. Se assi caminhava preso, quem duvida que voasse solto?

Foi dado (estando ainda entre as delícias da corte e os aplausos das damas) a exercícios espirituais. Estes foram crescendo com os anos, e juntamente a caridade, dando-lhe Deus maiores graus desta virtude quanto mais crecia na idade, e sempre mais que dar, porque as esmolas que fazia eram cada dia maiores. E se o nosso Juiz só pelos pobres recebe as nossas peitas, tendo D. Francisco tão peitado ao Juiz, bem se pode cuidar que tinha a sentença segura.

Tão prevenido estava para a morte que não teve nela de que fazer testamento. Que boa conta daria quem assi tinha

ajustado as contas! Convém muito morrer antes da morte, e entre os negócios da vida e a derradeira hora haver um espaço de muitos dias. D. Francisco havia muitos tempos que estava morto às cousas do mundo; de todas o achou a morte desembaraçado. Não fiou de ninguém o comprimento de suas obrigações; e tendo em D. Lucas de Portugal um filho de quem o pudera fazer com grande segurança, pareceu-lhe que as não compria inteiramente se não eram satisfeitas por sua mesma pessoa. E não se contentando ainda com todas as prevenções que havia feito em vida, fez na morte uns apontamentos, não para descarregar, mas para purificar mais a consciência, não só para satisfazer culpas, mas para acrescentar merecimentos. Bem-aventurado servo que todas as horas esperava seu senhor, religioso e prevenido.

Foi D. Francisco de Portugal homem de meã estatura, bem proporcionado de membros; teve o cabelo negro, a barba bem povoada; alvo e gentil homem de rosto, os olhos espertos, mui airoso a pé e a cavalo. Teve muita graça no falar e ũa tão natural fidalguia em todas suas acções, que não lhe fora possível dissimular quem era. Foi inclinado à música e teve dela bastante conhecimento. Na poesia foi insigne. O estilo com que escreveu é singular, posto que imitado dos maiores poetas, porque de D. Luis de Góngora tomou as frasis e a elegância; os conceitos e a brandura dos nossos Lupércios, achando entre estes grandes mestres um meio que só pudera achar o seu ingenho. Nas locuções e sentenças pode competir com os melhores; no decoro entendo que excedeu a muitos dos que tem maior opinião.

D. Lucas de Portugal, seu filho, que representa bem a seu pai nos costumes, quis também eternizar a sua memória nestas rimas dando-as à estampa, entendendo que nelas ficaria mais firme e durável a fama de tão illustre pai que nos mármores e bronzes que usava a antiguidade, que este é o privilégio da escritura. Com que, satisfazendo à obrigação de filho, fez um grande serviço a sua pátria, não querendo que estivesse mais tempo escondido um tão grande tesouro, fazendo a todos participantes das riquezas que nele se encerram de deleite e de doutrina.



Muitas cousas de D. Francisco de Portugal se não escrevem neste papel e se reservam para algum grande espírito a cujo talento se fie escrever a sua vida. Aqui se oferece só um epílogo em que se podem ver as suas virtudes e acções, como os grandes corpos em pequenos espelhos, que mostram a figura e não a grandeza.

Casou D. Francisco de Portugal com D. Cecília de Portugal, filha de António Pereira de Berredo, governador e capitão-general de Tânger e general perpétuo da armada de Portugal, e de D. Mariana de Portugal. Teve D. Lucas de Portugal, que lhe sucedeu na casa; D. Diogo de Portugal, que morreu na perdição de Tristão de Mendonça; D. Lourenço de Portugal, da Ordem de S. João; D. Maria de Portugal, que casou com D. Paulo da Gama; D. Mariana de Portugal e D. Madalena; Fr. António de Portugal, da Ordem de S. Domingos; Fr. Carlos, da Ordem de Cristo.

D. Lucas de Portugal está casado com D. Felipa de Melo, filha de D. Francisco de Almeida, que foi governador de Ceita e de Mazagão, e teve outros postos.

Faleceu D. Francisco a 5 de Julho do ano de mil seiscentos trinta e dous; e teve tanta devação à venerável Ordem Terceira de S. Francisco, que dispôs em seu testamento que o depositassem na capela dos Terceiros no convento de S. Francisco da Observância de Lisboa, aonde esteve seu corpo alguns anos; e depois (pelo haver ordenado assi) foi trasladado ao convento de S. António da vila de Fronteira da Província da Piedade, de donde era padroeiro e o são seus sucessores.

## SONETOS

### SONETOS AMOROSOS

#### Soneto I

Vítimas da alma, funerais da vida,  
apertadas prisões do pensamento,  
números breves com que o entendimento  
intentou de medir mal sem medida;

história mal escrita e bem sentida,  
infelices anais de um sentimento,  
descrédito da dor mais que o tormento  
sempre chorada, nunca encarecida;

razões de fogo, versos fabricados  
das sem-razões de amor em meus sentidos,  
lisonja já por sacrifício mudo;

da eloquência da morte fabricados,  
cridos sereis, sereis encarecidos,  
que num morrer calando se acha tudo.

## Soneto II

Salve, se não retratos da fé pura,  
amigos montes, templos da verdade,  
sempre iguais na firmeza e na saudade,  
sempre uns no desemparo da ventura.

Se fulminados já de insana altura,  
desculpados na alheia vaidade,  
que, sendo tudo Janos nesta idade,  
sois com um só rosto monstros na figura.

Quando à clara virtude morde a inveja,  
então não descompõe mas acredita,  
rústicas névoas rompe o sol, não sente.

Trás mores cousas a alma que deseja  
foge a estes nadas, de outros montes grita:  
Ai de quem invejoso adora ausente!

### **Soneto III**

Instrumentos de amor, graves cuidados  
en mudanza de Celia suspendidos,  
os dejo tras diez años de perdidos  
con la satisfacción de escarmentados.

Ríos del alma son, mares llorados,  
ayudados de vos, no detenidos,  
en cuya margen, memorando olvidos,  
sanais afrentas, libres por dejados.

De aquella servidumbre que os dió imperio  
nudos desda la mano que los daba,  
que parecía piedad era negalla.

Si era un vivir forzado cautiverio,  
quien de cadenas triunfos fabricaba  
mas preso está cuando mas libre se halla.

### Soneto IV<sup>44</sup>

Seguí sin luz el galardón que ofrece  
a obscuro ser deidad desordenada,  
en la costumbre la opinión fundada  
de lo dichoso, del que desmerece.

Ya no fortuna mas razón parece  
que Argos dispensa y niega ponderada,  
pues hasta cuando no merezco nada,  
soy desdichado como quien merece.

Concertóse en mi daño el desconcierto,  
y cuando el no valer era el valido  
redimió mi desdicha al tiempo errado.

El premio corto, el desengaño cierto,  
credito fue también si ofensa ha sido,  
que es ser hombre de bien ser desdichado.

---

<sup>44</sup> Este soneto encontra-se já publicado no volume intitulado *Tempestades y batallas de un cuidado ausente*, uma obra que, segundo testemunho de João Franco Barreto na sua *Biblioteca lusitana*, terá sido publicada em Madrid em 1624 (data que deve ser corrigida para 1626). Contudo, não se conhece hoje qualquer exemplar dessa edição feita em vida do autor, conhecendo-se apenas a que foi impressa, tal como as restantes obras do autor, por ordem de seu filho D. Lucas de Portugal (*Tempestades y batallas de un cuidado ausente*. Por D. Francisco de Portugal. Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, 1683).

### **Soneto V**

No fue defeto, gracias son mayores  
que alma al desanimar dan soberano,  
con que divina desmentís lo humano  
cuando en muerta color matáis de amores.

Candores son, no palidas colores  
las que imitar el sol pretende en vano,  
permitida piedad que amor tirano  
cruel ostenta en cielos de rigores.

No agravia estremos lo que glorias crece,  
ni es falta lo que ilustra la hermosura,  
que variando ideas se mejora.

Quien púrpuras afrentó rayos merece,  
cuyo abrasar es la mayor ventura.  
Quien aurora os buscó, sol os adora.

## Soneto VI

### *A un retrato*<sup>45</sup>

Verdadera animáis cuando fingida,  
tanta deidad en rastros de vos vemos;  
al creer alma y culto ambos devemos,  
que os doy de fe lo que me dais de vida.

La razón, al engaño agradecida,  
estremos de inorar consagra extremos,  
cuando más conocidos por supremos,  
más adorados por desconocida.

Nueva llama movéis con ser remedio;  
rayos en tintas ministrando al pecho,  
cielo formáis de indignos arreboles.

Siendo medio al dolor, sois dulce medio,  
en que engañado adoro satisfecho  
en asombros del sol sombra con soles.

---

<sup>45</sup> «Ora aqui vay outro soneto a hũ retrato», escreve D. Francisco a D. Rodrigo da Cunha em carta datada de Madrid, 12 de Outubro de 1622. E continua: «no primeiro quarteto quis fugir do cumum e não pude» («Cartas de D. Francisco de Portugal ao Senhor (...) D. Rodrigo da Cunha», in Carlos Alberto Ferreira, *D. Francisco de Portugal*, separata de *Biblos*, vol. XXII, Coimbra, 1947, p. 103. Esta obra passará a ser referenciada apenas por *Cartas*). Com efeito, o poeta não se liberta de expressões tópicas deste tipo de poemas.

## **Soneto VII**

Muda y tierna eloquencia derramada,  
de la razón y pena recogida,  
por tener más de vista que de vida,  
ni de ajeno mirar sois escuchada.

Alma en líquido fuego transformada  
que con más firme unión se da vestida,  
y su prisión nos deja persuadida  
saliendo por los ojos desatada.

Lenguas de un pensamiento recatado,  
de firmas del dolor costoso empleo,  
sangre de los suspiros más amigos,  
sois postreras palabras del cuidado,  
congojosos extremos del deseo,  
sufridas ansias del amor testigos.



### Soneto VIII<sup>46</sup>

A muerta y no vencida confianza  
instable pompa mi enemiga mueve;  
pesada liviandad, no tierra leve,  
pirámide a mi amor fue su mudanza.

A bárbaro milagro la esperanza  
grandioso entierro, no piadoso debe.  
No es venganza mas premio un morir breve,  
cuando dejar con vida es la venganza.

No fulminado, rayos fulminando,  
yace, de Etna más vil mayor Tifeo<sup>47</sup>,  
en túmulo infamado amor con fama.

Máquinas de fortunas animando,  
en la fortuna ajena está el deseo  
con fe tan viva en tan opresa llama.

---

<sup>46</sup> Este soneto encontra-se já, com algumas variantes, em *Tempestades y batallas*, constituindo aí o remate da obra.

<sup>47</sup> Alusão ao gigante Tifeu, fulminado pelos raios de Zeus e sepultado sob o monte Etna.

## Soneto IX

Vestigios tristes de mudables glorias,  
humos que sois más fuego ocultamente,  
que menos dulce y no menos ardiente  
os pasó la esperanza a las memorias,

vencimientos sois ya, fuisteis vitorias,  
nadas de un bien que es tanto mal ausente;  
pedazos sois en quien tan locamente  
con mi desdicha ilustra amor historias.

Celia el Sinon ha sido, y fue la Elena,  
que con amiga llama al enemigo  
extrangero entregó Troya a más llama.

Monarquías de glorias dió a la pena  
mujer sin fe, que es el mayor castigo,  
que la que a muchos ama, a ninguno ama.

## **Soneto X**

Iras en hermosuras fulminaban  
castigo amado, dulces sinrazones;  
aras dando al peligro en turbaciones,  
monarquías de luz tiranizaban.

No ver fuera el rigor, que pues miraban  
era el tiranizar satisfacciones;  
rayos perdiendo y nunca adoraciones,  
a ningún atrever dos muertes daban.

Hermosos ojos, sin defensa alguna  
defiendo el alma, ilustro los cuidados,  
que a lo cruel suspende lo divino.

Soles sois con poderes de fortuna,  
estrellas más influyendo airadas,  
y en conducir, tiranos, mi destino.

## Soneto XI

Infamando remedios, fama he dado  
a un mal que nunca ha visto la esperanza;  
fue dar a la ventura la mudanza  
buscar en lo inconstante lo acertado.

Camina a desaciertos el cuidado,  
pasos mueve a alcanzar, pues no descansa;  
ningún agravio debo a la tardanza,  
debiendo tanta afrenta a lo intentado.

A despeñarme voy si a mí me llevo,  
que instruirme y encontrarme en vanos modos  
eran atajos que intenté desvíos.

Glorias no busco, ilustrar penas pruebo;  
de la desdicha son los fines todos,  
que fueron míos, aun no siendo míos.

## Soneto XII

Suspensión del vivir fue el pensamiento  
que en triste amarillez publicar quiere:  
o que bien muere quien de amores muere,  
que a do hay apetecer no hay fin violento.

Nunca será tormento aquel tormento  
que por satisfacción buscado fuere;  
la vida que por gusto se perdiere  
más dió a la estimación que al escarmiento.

La material rindióse a la ventura,  
noches en sangre ministró el desmayo  
en que intentó salir lo padecido.

Dejóme, siendo enfermedad y cura,  
amor, que anima rayo y mató rayo,  
más invencible cuando más vencido.

### Soneto XIII

Papel, para meu mal acaso achado,  
letras de fogo de ùa mão de neve  
que pelos olhos bebe a alma, em que escreve  
novos esses amor desenganado;

de mentiras discretas animado,  
a quem a vida novas mortes deve,  
fundamento enganoso em que se atreve  
fundar altas ruínas meu cuidado;

de um triste coração veneno ardente,  
néctar mortal de ùa imortal vontade  
que acha em vós forças, quase novo Anteu<sup>48</sup>;

inda que cego, vejo claramente  
que oráculos sois vãos de ùa deidade,  
mentiras que idolatro e por fé creio.

---

<sup>48</sup> Anteu, um gigante que se revelava invulnerável enquanto se mantivesse em contacto com sua mãe Geia, isto é, a Terra, de quem recebia forças que o tornavam invencível. Só Hércules conseguiu derrotá-lo, mantendo-o suspenso no ar.

### **Soneto XIV**

Lloráis difuntos, descansáis vencidos,  
que en vuestra ruina vuestro centro hallasteis,  
verdes lisonjas a oprimir bajasteis,  
del tiempo y sus lisonjas oprimidos.

Muros, no de ambición, de yedra vestidos,  
si infelices, eternos descansasteis  
y en este espejo trémulo os mirasteis  
cuando más levantados más caídos.

De mis bienes caído en mi tormento,  
mísera emulación levanto en ellos  
de inmortal pena máquinas mortales.

De ruina en ruina el pensamiento  
centro es de males y oprimido de ellos,  
pues en su centro pesan más mis males.

## Soneto XV

Iras pido, y mirad que es más amigo  
efeto, y más cruel el no mirarme;  
en que no me matéis está el matarme,  
que cuando vos le dais premia el castigo.

Enemigo que adora a su enemigo  
soy, que con resistencias de entregarme,  
no dejando de amar, no viendo amarme,  
siempre en fortunas de dejado sigo.

Señora, tan piedosa en ser severa,  
rayos en nieve, en soles tiranías,  
ojos y mano den a una esperanza.

Odio y no olvido menos daño fuera,  
que es más odio un olvido a mis porfías,  
y es más vital la más mortal venganza.



## **Soneto XVI**

Que vida es esta, triste pensamiento,  
tan féniz, por caminos tan perdidos?  
Si dejo el alma y llevo los sentidos,  
más en lo menos duele el sentimiento.

De áspides alentado el desaliento  
en discursos de glorias suspendidos,  
muertes pisáis con pasos atrevidos  
en un partir do no hay apartamiento.

Si ausentes bienes amas, ciertos ojos  
émula a las distancias comunica  
por sagrado del alma una memoria.

Será la ausencia el discurrir despojos  
cuando perdiendo un sol, de sombras rica,  
alentando la pena, hallo la gloria.

## Soneto XVII

Prendas del odio, letras criminales,  
flechas que un corazón tira inhumano,  
decretos dulces de una hermosa mano  
que aún cuando me matáis pruebo vitales;

rayos escritos que formáis mortales  
áspidas del remedio, que hallo en vano  
en lo más deseado lo tirano,  
de amadas cifras decifrando males;

agora verdaderas a mis daños,  
tan falsas a mi gloria en otras horas,  
bien os conoce el alma en vos perdida.

Adoración os quitan desengaños  
cuando crueles, cuando burladoras,  
porque dais muertes, porque disteis vida.

### **Soneto XVIII**

Pomposos nadas, pobres majestades  
de la humana ambición y de lo breve,  
que tanto culto a la ignorancia debe,  
tan despreciado imperio a las verdades;  
de un despierto soñar felicidades,  
cuyo ser y no ser sus glorias mueve,  
que a la esperanza y no al lograr se atreve,  
pues que sois concedidas vanidades;  
a caudales de rayos doy deseos,  
ambición al sentir, almas al miedo,  
y al amor de unos ojos vuestro olvido.  
Ser infelice mejorando empleos  
mucho tiene de dicha, y así quedo  
mejor perdido, mas también perdido.

### **Soneto XIX**

À triste noite de ãa ausência dura  
apareceu o sol mais desejado,  
dando de novo vida a meu cuidado,  
que tudo pode tanta fermosura.

Acendido ali logo na luz pura  
daqueles raios, féniz abrasado,  
revive o pensamento, Ícaro ousado:  
são milagres de amor, não da ventura.

Vi com espanto a luz que desejava;  
escureceu-se o sol de pura inveja;  
temi, olhando a causa de que vivo.

Maravilhou-se a fé que duvidava  
(pois quis amor que tais extremos veja):  
é doce liberdade o ser cativo.

## Soneto XX

Temida por remedio y no temida  
por partida: quien vió desdichas tales,  
que hallo en el menor mal mayores males?  
Ay del que por bien juzgaba una partida!

Mayor espada ministró a la vida  
ver que no ver, los pasos que vitales  
dió al respirar, eternizó mortales,  
cuando menos perdida más perdida.

No bastó la desdicha de un olvido,  
que otra muerte mayor pruebo en mi muerte,  
que siendo, a no haber sido me condena.

Tanto puede una envidia, que ha podido  
que desta ausencia la penosa suerte  
tema como merced, no como pena.

## SONETOS LÍRICOS

### Soneto XXI

#### *A la caída de una dama de Palacio*<sup>49</sup>

Máquinas de hermosuras descuidada  
de blanco pie con que almas atropella,  
polo que ostenta y polo por estrella,  
vaciló hermosa y deslumbró adorada.

Pródiga de los orbes que traslada  
al feliz suelo, cielo ya por ella,  
aras se erige Francelisa bella  
en los mismos indicios de humanada.

Más que Faetonte, sol en propia esfera,  
despeñó estrellas, precipicios prueba,  
no ruinosa deidad, si inadvertida.

Bajar no ha sido y peligrar no era,  
pues su divinidad consigo lleva  
lo que no fué caer siendo caída.

---

<sup>49</sup> Em carta datada de Madrid, Agosto de 1622, D. Francisco envia a D. Rodrigo da Cunha estes versos «feitos a húa queda da Sra. Dona Francisca de Tabora», informando ainda que o poema foi visto pelo conde de Villamediana e gabado por D. António de Mendonça, «que he o poeta de palasio e justamente por que faz trouas discretas». (*Cartas*, p. 101).

## **Soneto XXII**

### *A una dama de Palacio*

De más a más, en uno y otro estado,  
aurora y sol, o en todos luz más pura,  
estremos variando en la hermosura,  
nunca vistos imperios le habéis dado.

El tiempo, a triunfos vuestros destinado,  
más que ofensor, cultor os apresura  
palmas a palmas, que ostentar procura  
lo mismo que siempre ha tiranizado.

Tronos son ya los que, quedando Atlantes,  
les obra cielo polos venturosos,  
que elevación de tanta gloria han sido.

Ya en majestad mayor bríos gigantes  
vibra el tirano amor menos piedoso,  
que es vuestro ser de vuestro ser vencido.

### Soneto XXIII

#### *A una dama de Palacio*<sup>50</sup>

Oh más de templos que palacios dina,  
no terrena deidad, aunque humanada,  
en cuya humanidad siempre adorada  
parece estrecho el nombre de divina;

a quien ninguna alteza es peregrina,  
ninguna gloria es nueva, aunque admirada,  
que indignidad de imperios que son nada  
a imperios de las almas te destina;

de ilustres bríos animado ofrece,  
cuando a lo más perfeto aperfeccionas,  
rayos el sol, al culto en que le enciendes.

Cuando alumbras el mundo y te engrandece  
diadema natural más que coronas,  
honras lo ilustre y lo divino esplendes.

---

<sup>50</sup> Escreve D. Francisco, em carta de 25 de Julho de 1622: «na entrada que fez [no palácio] a filha do Conde do Basto tive hū lugar com a Sra. Dona Anna M<sup>a</sup>. Manrique de que sahi com esse soneto que lhe offeresi [:] tem paresido bem, por isso o mando ha VS» (*Cartas*, p. 101). Carlos Alberto Ferreira, apoiado em cópias manuscritas deste poema que identificam a dama, conclui tratar-se do soneto a que o poeta aqui se refere.

Com este mesmo soneto encerra D. Francisco o texto da sua *Arte de galanteria*. A versão ali incluída apresenta em relação a esta algumas pequenas variantes, a mais significativa das quais ocorre no 7.º verso: «en dignidad» em vez de «indignidad».



### **Soneto XXIV**

No a lo piedoso, a lo sentido llega,  
de ajeno arder solicitada en vano,  
por aplausos de fuego aquella mano  
que aun a sí misma los remedios niega.

Ocioso incendio víctima es que ruega  
a quien prueba en su daño lo inhumano;  
del menosprecio efeto fue tirano,  
de la costumbre acción ha sido ciega.

Material féniz, mariposa en yelo,  
llama fue que en endiosado indicio  
aras dejó sus manos de sus ojos.

Cuando en lo elementar peligra el cielo,  
la que es deidad se ostenta sacrificio,  
reduciendo milagros a despojos.

### Soneto XXV<sup>51</sup>

A breve edad divinos desengaños,  
sol entre auroras de más culto dino,  
los días que respetan lo divino  
pidiendoos luz os sacrifican años.

No aumenta ser por límites estraños  
a quien fue natural lo peregrino,  
que aun menos destinada que destino,  
matáis con glorias y premiáis con daños.

Cuando de sí se admira la hermosura,  
venciendo en vos quedó de vos vencida,  
ilustrada del tiempo y no sujeta;

que mejorando espantos, se apresura  
por su creciente esfera reducida  
a mayor perfección, siempre perfeta.

---

<sup>51</sup> Soneto incluído, com variantes, no texto da *Arte de galantería* (vd. ed. cit., p. 124).

### **Soneto XXVI**

#### *A una dama de Palacio representando*

El cielo de un teatro enriquecía  
de airosos bríos majestad devida,  
mejor representada que fingida,  
la ilustre, la hermosísima María.

Al villano disfraz que enoblecía  
imperiosa deidad desconocida,  
cuando al respeto el culto de querida  
en glorias los peligros ofrecía.

A no ser sol, estrella errante fuera,  
dueño de tantas almas como acciones  
hermosa ostentación de aplausos mueve.

Todo lo que era oír suspender era,  
lo que dejar mirar, admiraciones,  
que uno al otro sentido envidias llueve.

## Soneto XXVII

### *A una cinta negra atada en una mano*<sup>52</sup>

Argos viendo y no viendo, lince ciego,  
para desvanecerse Amor tirano  
majestad a sus flechas una mano,  
gloria a sus glorias, trono a su sosiego;

mariposa en cristal y féniz luego,  
aumentada deidad mueve inhumano  
monarca en Potosí más soberano,  
en imperios de nieve armas de fuego.

Preso el candor de tantos rayos dueño,  
dulce prisión de tantos albedríos,  
discursar la ocasión fue no hallar vida.

En negros lazos de aquel blanco empeño,  
realces de aquel bien y males míos,  
cuando ofendido más, más homicida.

---

<sup>52</sup> Em carta de 24 de Maio de 1623, o poeta envia a D. Rodrigo da Cunha «este soneto feito a húa cinta negra de húa mão lastimada» (*Cartas*, p. 108)

## Soneto XXVIII

### *A cumprir anos o autor*<sup>53</sup>

Enroscado em si mesmo simboliza  
da prudência o blasão, qual serpe, o ano,  
que a repetidos sóis tributa ufano  
princípio e fim que unindo imortaliza.

O natal entre flores soleniza  
que a morrer sempre experimentei tirano,  
em quem que é cada sol um desengano  
mais claro cada sombra nos avisa.

Grão mestre o tempo de arrependimentos,  
luz do amor, de alma empenho, honradamente  
confirmações descobre com verdade.

Vê-se que vão os outros pensamentos  
não razão trás razão, gente após gente;  
eu por razão apuro a fé com a idade.

---

<sup>53</sup> D. Francisco envia este soneto a D. Rodrigo com uma carta (datada de Lisboa, 26 de Julho de 1630) que termina com esta frase: «com esse soneto hao meu cumprir annos ransozo e de muzas com câns acabo esta» (*Cartas*, p. 129).

## SONETOS FÚNEBRES

### Soneto XXIX

#### *A la muerte de D. Rodrigo Calderón*<sup>54</sup>

Este que al cielo ascende despeñado,  
tantas desdichas redimiendo en una,  
los méritos halló de su fortuna  
en las acciones de un morir culpado.

Con lisonjas de sangre aplacó el hado,  
entonces sol cuando eclipsado luna;  
tabla al castigo debe, sino cuna,  
salvando lo felice en lo afrentado.

Piedoso escudo fue cruel herida,  
que el odio justo en justo amor convierte  
en las fatales aras de un acero.

Con la deshonra supo honrar la vida,  
todo haciendo mortal, sino la muerte;  
subió Luzbel para caer lucero.

---

<sup>54</sup> Ao enviar este soneto a D. Rodrigo da Cunha, escreve o poeta: «a Dom Rodrigo Caldeiron não faltão versos castelhanos nem portu- guezes inda que maus; eu tambem atirey ao aluo mas errei como cos- tumo. V. S. o vera neste soneto» (*Cartas*, p. 99).

D. Rodrigo Calderón, conde de Oliva, comendador de Ocaña e secretário da câmara real, foi vítima de inimizades e intrigas palacia- nas, de tal modo que, depois da queda do duque de Lerma e da morte de Filipe III, foi preso, acusado de feitiçaria e assassinio, e exe- cutado em Madrid em 21 de Outubro de 1621 (vd. *História de España Alfaguara*, Dir. de Miguel Artola Gallego, 3.º vol., Madrid, Alianza Editorial, 1980).

Justifica-se a afirmação de D. Francisco de que não faltaram versos à morte do conde, pois ela foi tema tratado por numerosos poetas (vd. Antonio Pérez Gómez, *Romancero de Don Rodrigo Calderón*, Valencia, 1955).

### Soneto XXX

#### *A la muerte del cardenal D. Enrique de Guzmán*<sup>55</sup>

No cupo en el vivir, llevó consigo  
tanta deidad a una inmortal memoria,  
que aun destinado a templos de la historia,  
privilegio es la muerte y no castigo.

Fuele estrecha la purpura y enemigo  
vuestro deseo en parte de su gloria.  
Luchava vuestro amor con su vitoria,  
menos amigo cuando más amigo.

Sus méritos, Señor, son vuestra pena,  
que violentados en humanos medios  
un divino valer son sus valías.

Ordenad vos lo que el no ver ordena,  
usurpe el brío al tiempo los remedios,  
haga el valor lo que han de hacer los días.

---

<sup>55</sup> Em carta de 22 de Julho de 1626, D. Francisco envia este soneto a D. Rodrigo, informando: «na morte do Cardeal Guzmão fiz esse soneto a seu irmão» (*Cartas*, p. 116). O irmão do falecido a quem dirige o soneto é D. Luis Méndez de Haro Guzmán y Sotomayor, sobrinho do poderoso conde-duque de Olivares.

**Soneto XXXI**

*A la muerte de una dama*

Pirámide mayor, muerte animada,  
en el común dolor yace una vida  
de la razón más justa detenida,  
de los más justos méritos llevada.

Libre de las violencias de humanada,  
divina siempre y nunca merecida,  
risa ofrece al engaño de perdida,  
piedad al desierto de llorada.

Sin deseos de sí, ni aun memoria  
virtud dejó, ni la memoria alguna  
pompa sin polvo, lástima con queja.

No fue morir, fue eternizar la gloria,  
comunicando cielo a la fortuna;  
lo que eran golfos como estrecho deja.



## SONETOS SACROS

### Soneto XXXII

A cada paso un nuevo pensamiento  
hallo en la Babilonia de mi vida,  
con que mis ojos a llorar convida,  
que son los ríos sobre que me siento.

Aquí veo en las manos del tormento  
dulces memorias de Sión perdida;  
aquí llora mi alma arrepentida  
ser honra sustentar el sufrimiento.

Aquí te llamo, oh libertad preciosa,  
a voces mudas, porque no la tengo  
para poder llamarte de otra suerte.

El no poder quejarme es ley forzosa,  
pues dieran a este estado que mantengo  
nombre de vida, efectos de la muerte.

### Soneto XXXIII

#### *Ao caso de Santa Engrácia*<sup>56</sup>

Altíssimo Senhor, logra esperanças  
a fé que o poder deis ao esquecimento;  
posto outra vez nas mãos do sofrimento,  
sem mãos vos tem o amor para vinganças.

Desentendido ofende as confianças  
na mesma piedade o entendimento,  
que é de ser Deus o mor conhecimento  
desculpar a justiça com as tardanças.

Castiga-nos; mais pena é maior glória,  
quando que pode ter na culpa cremos  
perdão tão certo monstro tão ingrato.

Levou-vos furto, chore-se memória;  
console e desconsole o que perdemos,  
que ides remédio onde ides desacato.

---

<sup>56</sup> Soneto motivado pelo roubo e profanação do sacrário ocorridos na igreja de Santa Engrácia em Janeiro de 1630 e atribuídos ao cristão-novo Simão Solis. A profunda emoção causada por este sacrilégio reflecte-se na comemoração anual (que se prolongou por vários anos) do acontecimento, como forma de desagravo ao Santíssimo Sacramento, bem como no elevado número de textos, sobretudo sermões e poemas, a que deu origem.

**Soneto XXXIV**

*A Nossa Senhora de Guadalupe*<sup>57</sup>

Salve, blanco de sol aunque de yelo,  
más trofeo que monte, a cuya cumbre  
tan general alivio es pesadumbre,  
tan clara estrella en tan moreno cielo.

Salve, cristal que en despeñado vuelo,  
con lo maravilloso por costumbre,  
más que aguas, con dichosa mansedumbre,  
corréis milagros, admirando el suelo.

Portentosa salud, luz que destina  
a remedio de males sin remedio,  
Virgen, que en rosa humilde esplendéis palma;  
peregrino en mí mesmo, peregrina,  
aquí busco a mi bien, principio y medio,  
cuando cumpliendo un voto, es voto un alma.

---

<sup>57</sup> Ao regressar de Madrid a Lisboa, o poeta passa, em cumprimento de um voto, pelo santuário de Nossa Senhora de Guadalupe e compõe este soneto, «feito como de caminho», que envia a D. Rodrigo em carta escrita já de Lisboa em 13 de Janeiro de 1624 (*Cartas*, p. 112).

### Soneto XXXV

#### *A Nossa Senhora do Cabo*<sup>58</sup>

Virgem, mãe de outro sol, que sol e guia  
no mar em que a bonança e tempestade  
deste errado viver, luz e verdade,  
conduzis, via, à verdadeira via;

que cegos passos devo à tirania  
de uns claros não sei quês de ùa vaidade,  
quando entre os precipícios da vontade  
pródigo fui da fé que não devia.

Pelas lágrimas tudo os olhos vem,  
um clamor, ùa mágoa, e cada objeito  
mudo à livre ambição, a vós não mudo.

Quem há que ao bem comum tenha por bem?  
que ao respeito acabou tudo o respeito;  
só neste Cabo temos em vós tudo.

---

<sup>58</sup> Acerca deste soneto, composto na festa de Nossa Senhora do Cabo, escreve o poeta em carta de 27 de Setembro de 1631: «eu fiz naquela charnequa ese soneto tambem chamiseiro núa cortissa ficouo ali aos deuotos» (*Cartas*, p. 130).

**Soneto XXXVI**

*A S. Francisco*

Que humildemente altivo e que abrasado  
por terra estais em tanto céu subido,  
com tal mistério ao mesmo Deus unido,  
que ora original sois, ora traslado!

Deu-vos de si o mais, tínheis-vos dado,  
grão mestre de querer, grande querido,  
entre termos mortais Cristo ferido,  
entre imortal amor Deus remendado.

Deixou-se em vós se vos levou consigo,  
altíssimo alhear de almas unidas,  
chagas que glórias são, guiam estrelas.

Endiosou-vos amor dando-se amigo,  
céu repartiu quem repartiu feridas;  
se nelas se vos deu, destes-vos nelas.

### Soneto XXXVII

*A Fr. António de Portugal, seu filho*<sup>59</sup>

Cada flor um perigo, e tudo flores  
da primavera apenas começada;  
aos anos a virtude antecipada  
destino pareceu, foram amores.

O[h] nacido ao desprezo aos maiores  
enganos de alma, em ti desenganada!  
Tudo deixaste não deixando nada,  
tudo ilustre venceste com temores.

Primeiros passos com que a Deus alcanças,  
glorioso fugir, de imitar dino,  
que abre caminho ao céu mais que à saudade.

O ditoso negado às esperanças  
disto humano, que a um pai mostras divino,  
que mal te chora, filho da verdade.

---

<sup>59</sup> Soneto composto na prisão do castelo de Almada quando um dos seus filhos se fez frade dominicano, como escreve a D. Rodrigo em 2 de Julho de 1628: «seu afillhado de V. il.<sup>ma</sup> meu filho Dom An.<sup>to</sup> nos deixou e se fez frade dominiquo aonde esta contente queira Ds. esteja tambem constante ese soneto lhe fiz tras aquilo de (A quem como foy Pai fora praseiro) fez me saudade com a eleição mais que com sangue» (*Cartas*, p. 122).

### Soneto XXXVIII

#### *A una dama de Palacio dejando el mundo*<sup>60</sup>

Rayos en perlas, muertes en piedades  
suspended, sol divino aunque humanado,  
que no se debe el llanto a lo acertado.  
Mas quien negarle puede a soledades?

Oh de ánimo real claras verdades,  
efeto engrandecido en lo envidiado,  
aquella que antepuso en su cuidado  
rica pobreza a ricas vanidades!

Desafiando huyó Palas divina,  
que a estos nadas de acá vence el recelo,  
desprecio noble de valor profundo.

Deidad se niega si a deidad camina,  
que hay muy poco que andar de dama al cielo.  
Más fue dejaros que dejar el mundo.

---

<sup>60</sup> Não parece correcta a identificação a que procede C. A. Ferreira deste soneto com aquele a que D. Francisco se refere em carta de 24 de Agosto de 1626 (*Cartas*, p. 47). O poeta refere ali um soneto à morte da marquesa de Eliche, D. Maria de Guzmán; mas este é motivado pela decisão de uma dama que abandonou a corte para se dedicar à vida religiosa, preferindo «rica pobreza a ricas vanidades».

Esta dama que assim deixou o mundo, bem como aquela que chora a sua ausência, podem ser identificadas através de carta de D. Francisco enviada de Madrid a 25 de Novembro de 1623: «A srã Dona lianor de gusmão dama amanheseo hum dia destes freira Capucha, às lagrimas com que se sonilizou esta partida a Srã Dona Maria de gusmão fiz este soneto que pelo que tem de claresa de Maria Castanha mando a VS.» (*Cartas*, p. 112).

O *Archivo General de Palacio* regista que D. Leonor de Guzmán «entro religiosa en el monasterio de la encarnacion en 20 de nov.º de 1623» (*AGP*, R.F. IV, Leg. 8<sup>1</sup>). A irmã que chora a separação, D. Maria de Guzmán, era dama da infanta D. Maria. Apesar da homónia, não pode ser confundida com a filha de Olivares, que era então filha única e que o *AGP* identifica explicitamente como «hija del Conde de Olivares».

## CANÇÕES LÍRICAS

### Canção I

Entre dous pensamentos  
de honra e de amor, no mar da alma passando  
tormenta de tormentos,  
em ser honrada firme e firme amando,  
vê Célia em fantasias  
de amor lisonjas, de honra tiranias.

Dentro em si mesma havia  
de encontradas razões altos efeitos  
que imaginando ouvia  
(que os pensamentos falam por conceitos),  
e a razão ponderosa  
ora honrada julgava, ora amorosa.

«Medonhas serpes pisa  
– a honra dizia – e em caducas flores,  
que o tempo nos avisa  
que os áspides de amor são seus favores.  
Quem a lográ-los chega  
no porto de seus bens males navega.

Que amargos doces finge!  
Que ferros doura! Que erros que desculpa!  
Que alvas famas que tinge  
quando é desculpa porque foi já culpa,



sendo um forçoso engano,  
tirano de almas, da razão tirano!

Ao gosto se conforma,  
foge ao trabalho, objeto da virtude,  
ao apetite informa  
de gostos vãos para que não se mude,  
pondo com cego intento  
os olhos da afeição no entendimento.

Que igualmente maltratam  
seu prazer, seu pesar, na pena iguais!  
Como igualmente matam  
a medicina e o mal, ambos mortais!  
Triunfador da verdade,  
da vontade faz leis, das leis vontade.

Que desordenas ordena!  
Que liberdades dá! Que honras infama!  
Dá glória por dar pena,  
dá só para infamar línguas à fama;  
é mar da dor, não pego;  
cega a quem guia e guia como cego.

Não duvideis, Senhora,  
que esta dúvida já parece ofensa.  
Vencei ao gosto agora,  
que é bem a honra sempre a tudo vença.  
Triunfai neste agro esquivo  
daquele doce sempre fugitivo.»

Amor, da outra parte,  
que tudo faz fermoso com a mentira,  
tomando forças de arte,  
por melhor persuadir triste suspira.  
Logo risonho todo,  
todo lisonjas, fala deste modo:

«Aquele vão sujeito,  
aquela vaidade honra chamada,  
ídolo de horror feito,

que tanto custa, que é, não sendo nada,  
tirania da vida,  
de um discreto lograr nécia homicida,  
cruelmente escondendo  
a fonte dos deleites, termo ingrato  
foi do gosto fazendo,  
do que era trato justo, injusto trato.  
Obra é de sua inveja  
que o que já foi dom meu seu fruto seja.

Com sangue as leis escreve,  
fabrica na opinião, na alma eu fabrico;  
só na força se atreve,  
eu na vontade com mais força fico;  
ocaso da ventura,  
é filha do rigor, eu da brandura.

Em tudo almas infundo:  
tudo amando se move, o céu e a terra,  
a máquina do mundo;  
sou paz de tudo e sou de tudo guerra.  
Não será cousa nova  
que quem a tudo move ùa alma mova.

Limites ao desejo,  
que é sem limite, cegamente oferece.  
Senhora, pois que vejo  
que o fogo de alma imortalmente crece,  
como encontrá-lo espera,  
se seus contrários são a sua esfera?

Triunfai na divindade  
desses sóis negros, céus de minhas glórias;  
não escureça a idade  
com ùa vitória só tantas vitórias,  
que as mais honradas palmas  
são as de uns olhos que triunfam de almas.

Lograi a desejada  
mas breve flor de vossa gentileza.

Amai, pois sois amada,  
(o tempo o grita, ensina-o a natureza),  
antes que o tempo acabe,  
que só tem bens o que logrará-los sabe.»

Oh, de amor a eloquência  
que a razão sem razão a persuades!  
Foi fraca resistência  
às mentiras de amor da honra as verdades,  
que à honra amor oposto,  
da honra fez amor, da razão gosto.

## Canção II

Suspiros renovados  
na noite triste de outra alegria,  
noite já a meus cuidados  
muito mais clara que o mais claro dia:  
Célia, nova fortuna, mudou tudo,  
mas se ela se mudou, eu não me mudo.

Na comum dor nascidos,  
quando tudo é amor, tudo é piedade;  
a Célia oferecidos,  
razões de fogo de úa saudade  
que o tempo quis que à vista me ofereça,  
não à memória, por que mais padeça.

Ai, suspiros cansados,  
que em vez de enternecer, servis de riso!  
De um louco amor causados,  
que o verdadeiro amor é amor sem siso,  
porque é de úa alma o mor merecimento  
dar os sentidos pelo sentimento.

Se esta doce tirana  
mostrando céu aberto me condena,  
que docemente engana,  
pois dá na glória disfraçada pena!

Onde buscava a mais felice sorte,  
envolta em graças venho a achar a morte.

Se toda amor espira,  
como a alma esconde de amorosos tiros?  
Se ri, como com ira  
dá mudanças à fé, riso aos suspiros?  
Que cruel cocodrilo é esta ingrata?  
Chora ele por matar, rindo ela mata.

Paz promete e dá guerra,  
na suavidade esconde a tirania,  
no bem o mal encerra,  
os desprezos mais tristes na alegria.  
Qual flor, aquele riso áspides cobre;  
sendo sinal de amor, ódio descobre.

Se é sol, o sol sentira;  
se pedra, as pedras duras também sentem.  
Quem tal crueldade vira  
quando só sentimentos se consentem,  
pois venho a ter por pena mais temida  
no riso a morte, na tristeza a vida.

### **Canção III**

Envidiosos de mi, los envidiados  
son los dichosos, no los desdichados.  
Si envidiar es sentir glorias agenas,  
como sentis mis penas?  
Dejad un vivo al mal, muerto a las dichas;  
envidiad glorias, no envidieis desdichas.

Mal de ojos es la envidia, luz la ofende;  
primero que el mal juzgue, el bien entiende.  
Qué bienes tengo yo? Qué luz mirasteis?  
Qué fue lo que envidiasteis?  
Qué bien quereis de quien celoso quiere?  
Como envidiáis quien de envidioso muere?

En las ruinas de mi muerta gloria,  
viva para más daño en la memoria,  
en pedazos de bienes que mis males  
diciendo estan mortales,  
a mis pasiones que le halláis de estima?  
Pues no es justo envidiar lo que lastima.

Troya abrasada, España destruida,  
del mísero Faetonte la caída,  
todas las desventuras ya pasadas  
sólo en una cifradas,  
las varias penas que el infierno tiene  
viene a envidiar quien a envidiarme viene.

Divina Celia, si, de vos dejado,  
por vuestras penas soy tan envidiado,  
qué fuera por las glorias de querido?  
Dichoso el que lo ha sido!  
Sin dicha yo, que lloro ha tantos días  
venturas de otros, desventuras más!

#### **Canção IV**

Ao sol Alcinda estava,  
tão semelhante ao sol que quem a via  
um por outro julgava.  
Que doce enleio ali se oferecia!  
Que confusão tão bela!  
Se ela é do sol retrato, o sol o é dela.

Ambos estavam vendo  
um mesmo objeito em objeitos vários,  
ao mundo oferecendo  
tão conforme beleza em dous contrários.  
O céu e a terra ardiam  
na reflexão que os belos sóis faziam.

Espelhos verdadeiros,  
um do outro o que viam desejavam,  
não mudos lisonjeiros,

pois em si tinham tudo o que envejavam.  
Com mais razão ainda  
enveja a Alcinda o sol que ao sol Alcinda.

Namorado, envejoso,  
viu Elício tão bela competência,  
dizendo temeroso:  
Ai de quem vê em dous sóis noites de ausência!  
Novo Ícaro me vejo:  
mata-me a enveja de um, doutro o desejo.

### **Canção V**

Quando sem cor vos vejo,  
mores extremos vejo em vós, Senhora.  
Ali cego o desejo  
vos acha sol quando vos busca aurora,  
que por mais extremada  
sem cor sois sol e aurora sois corada.

Nessas cores de amor  
me manda o mesmo amor que nada espere,  
pois vejo nessa cor  
não que esperar, mas de que desespere,  
que se nela acha e alcança  
outrem amor, eu só desconfiança.

Ali para mor dano,  
só por ser mais cruel, mostrais piedade,  
cobrindo com um engano  
desenganos de tanta crueldade,  
que por mais rigorosa,  
nas obras sois cruel, na cor piedosa.

Triste ali venho a achar  
a esperança morta e viva a pena.  
Que bem posso esperar,  
sendo que até a piedade me condena?  
Donde com meu desejo  
fujo ao que acho, foge-me o que vejo.

## Canção VI

Nueva Palas bordava Celia ingrata,  
y en los lazos que hacía,  
pues mil almas prendía,  
de almas bordaba, no de verde y plata.  
Amor, que siempre trata  
en venganzas, cobarde y inhumano,  
en vez de herirle el pecho, hirió la mano.

Y aunque en extremo blanco, el blanco ha errado,  
que sólo tira cierto  
para dejarme muerto,  
y por dar a un cuidado otro cuidado.  
Con la ira ha causado  
la piedad de mi alma nueva herida,  
que en cada parte suya está mi vida.

Porque mayores sus ofensas mira  
viendo tantas ajenas,  
para doblar mis penas  
de una aguja sutil quiso hacer vira.  
O como ciego tira,  
o por darme más muertes me buscaba,  
al pecho no, porque en la mano estaba.

Dióme dolor y no me dió venganza,  
que por más daño veo  
que ha sacado el deseo  
en la fe vivo, muerto en la esperanza.  
La nueva confianza,  
alli para perderse destinada,  
murió en un hierro, de un acero hallada.

En la fatal herida se vió luego  
un portento temido,  
Señora, que há llovido  
del cristal sangre, de la nieve fuego.  
Como tendrá sosiego  
el alma, que a sus nobles pensamientos  
toda sois glorias, toda sois tormentos?

### **Canção VII**

Rigorosa esperança,  
vida de amor e morte desta vida,  
que em tão larga tardança  
ũa esperança é morte desabrida,  
com razão desespero,  
se mais padeço quando mais espero.

O mais penoso estado  
em viver de esperanças só consiste,  
pois vejo em meu cuidado  
que quando mais espero sou mais triste.  
Em que esperar não tenho,  
pois no que espero a ter a morte venho.

Desesperei morrendo,  
e já agora esperando desespero.  
Nem esta vida entendo,  
nem sei o bem que em tantos males quero.  
Mas sei que me condena  
o ter esta esperança [a] maior pena.

Onde acharei socorro?  
Pois em nenhum estado gostos vejo,  
sem esperanças morro,  
e com elas é morte meu desejo.  
Eu mesmo me persigo,  
pois sigo a morte quando a vida sigo.

### **Canção VIII**

Lisonjas de un espejo,  
rayos del sol al mismo sol objeto,  
venturoso reflejo  
de tan divino ser digno sujeto,  
vuelos a sí los ojos,  
satisfecha gozaba sus despojos

Celia, a quien ofrecia  
Elicio en un cristal triunfo y palma,



ídolo que tenía  
más propio en los cristales de su alma;  
al bien que amando aspira  
alumbra ciego y deslumbrado mira.

Dejad, dice, Señora,  
el vidrio lisonjero que vencido  
de mayor luz agora,  
de tantos rayos incapaz ha sido,  
porque es de vuestro extremo  
indigno espejo el cielo más supremo.

Ni estrellas, ni alva pura  
luz, rosas tienen que imitaros puedan,  
que de vuestra hermosura  
ni siendo luces para sombras quedan,  
pues aunque alumbra en ellas,  
no se retrata el sol en las estrellas.

Como en una agua helada  
templo en que contempleis puede ser dino,  
perfección que imitada  
apenas puede ser de lo divino?  
Que es ese humano hielo  
materia vil a tan divino cielo.

Sola el alma que ofrece  
por víctima a vos misma gloria tanta  
como eterna merece,  
que una alma amante a todas se adelanta;  
allí de vuestras glorias  
vereis retratos y hallareis vitorias.

Las armas homicidas  
con que triunfa la belleza vuestra  
vereis en las heridas  
y en los incendios que este pecho muestra,  
campo de mis tormentos  
que amor destina a vuestros vencimientos.

Mas ay! que si piedosa  
tan natural os veis de propria llama,  
sereis féniz dichosa,  
idolatrando en mí lo que en vos se ama,  
y felice os provoco  
a amaros cuerda y a dejarme loco.

Temo que no resista  
la posesión la fuerza del deseo,  
porque de vuestra vista  
Narciso os temo, basilisco os veo;  
y que la envidia quiera,  
si amor me mata, que de celos muera.

De esclavitud imperio,  
un solo objeto está dos glorias dando,  
amando el uno, el otro triunfando.

### **Canção IX**

Amor siempre tirano,  
si el alma toda es fuego, a qué más fuego?  
Avincular en vano  
llamas a llamas, obras son de ciego,  
que en sobrados ensayos  
disputan rayos en tus mismos rayos.

No hay lugar para ofensas,  
y hay más ofensas para más estrago;  
porque confuso venzas,  
de las entregas resistencias hago,  
siendo, si ingrato tiras,  
la confusión tus iras de tus iras.

Cuando más riguroso,  
desta pena es remedio aquella pena;  
efeto misterioso,  
que un peligro da vida, otro condena;  
que en las crueldades hechas  
desvíos son tus flechas de tus flechas.

No pierdas municiones;  
deja lo más adó lo menos sobra,  
que es monstro sin razones  
quien de un vivir más de una vida cobra;  
más vital homicida  
pagar con esta herida aquella herida.

Si por blanco me tienes,  
a más bárbara acción doy más suspiros.  
Si apurar yerros vienes,  
no empleas tiros, mas afinas tiros,  
porque em mi afrenta vea  
que quien víctima fue desprecio sea.

Banderas arrastrando  
que bañaran en sangre tus enojos,  
das cuando estás negando  
el más dulce triunfo a los despojos,  
porque son en tus glorias  
siempre del más vencido las vitorias.

Das venenos mortales;  
también alivios son siendo veneno,  
que tal vez van los males  
de vidas llenos si de muerte llenos;  
y desta misma suerte  
me es sagrado una muerte de otra muerte.

En trono de hermosuras,  
féniz divino de ojos más divinos,  
dirás a mis locuras  
que es cierto suyos son los desatinos,  
que tu deidad mandada  
toda con ellos es, sin ellos nada.

Divina roca y cielo  
de tus armas, poder de tus poderes,  
límites de tu vuelo,  
en cuyo dulce ver ciego dios eres,  
en cuyos resplandores  
lo apetecido está de tus rigores;

Amo[r], yo bien lo siento,  
estrellas son y son felicidades,  
glorias del pensamiento  
que guian co incendios voluntades;  
cárceles y trofeos,  
golfos de soles, pompas de deseos.

Ay, ojos de mis ojos,  
universales dueños de las almas,  
que me dais palmas con negarme palmas!

### **Canção X**<sup>61</sup>

Con alientos fulmina,  
desalienta divina,  
rayos de risa ostenta soberanos,  
menos crueles cuando más tiranos.  
Qué apetecidos medios,  
beber sed en remedios!

Cuando púrpuras mueve,  
áureas cadenas llueve,  
que cárcel era y premio parecía  
lo que era gloria siendo tiranía.  
Tan gloriosos agravios  
prueba un alma en dos labios!

Sigilos del secreto,  
promesas del efeto,  
harmonía callada que apercibe  
para un dichoso fin en que se vive,  
en cuyos idiomas  
razones son aromas.

Suave primavera,  
también incendios era,  
en quien el gusto deseoso es luego

---

<sup>61</sup> Canção incluída na *Arte de galanteria* (ed. cit., pp. 127-129) com variantes.

en flores mariposa, abeja en fuego,  
que libados rigores  
dan dulce fuego en flores.

En golfos de dulzura  
ser náufrago es ventura;  
tempestad es buscada y no temida,  
adó cada peligro es una vida;  
cuando gracias navega,  
feliz es quien se anega.

Luego vidas inspira  
y luego vidas tira  
un dulce duplicar, abriendo puertas  
de almas que animan más de amores muertas,  
que está al vivir a solas  
yendo y viniendo en olas.

Suavidad que es castigo  
es premio muy amigo;  
más dicha ha sido que ambición alguna  
quien de un sol bebe la mejor fortuna,  
porque es un triunfar dellas  
beber al sol estrellas.

De perlas el empleo  
empobreció el deseo;  
un cielo que más néctar comunica  
dejó la voluntad hambrienta y rica,  
que en vitales venenos  
no hay más que no sea menos.

Un corazón que ha dado  
por la vista el cuidado,  
cuando tocando al arma el alma toca,  
vuelve a dar el deseo por la boca,  
confirmación que ha sido  
vitoria del vencido.

En guerras tan estrechas  
las pazes son las flechas.

De las almas heridas y mezcladas  
son, cuando más unidas, usurpadas,  
que están con dulces menguas  
no en cuerpos mas en lenguas.

Traspasar tan supremo  
rayo es en cada extremo;  
sentidos peregrinos por el gusto  
divinos se hallan de robar tan justo,  
que misterios tan altos  
todos son sobresaltos.

Ay, que os estimó glorias  
toda el alma en memorias!  
Causa de tan mortales accidentes  
fue un dar nudos al alma entre los dientes,  
adonde inmortal arde  
atrevida y cobarde.

Merced en ambiciones  
logró un atrevimiento  
que, siendo gloria, pudo ser tormento.

### **Canção XI**

Este pensar ardiente  
que libra en desatinos lo atinado  
de aquel tormento ausente,  
siempre ambicioso, nunca recatado,  
os platico contento,  
pues que mi alivio debo a mi tormento.

Llevad a Portugal  
quejas del mejor fuego, aunque sois río,  
y aquel hermoso mal,  
cifrado en tanta llama el amor mío,  
nuevo volcán os mire<sup>62</sup>,  
los Etnas de Sicilia el Tajo aspire.

---

<sup>62</sup> Corrigiu-se a forma *miro* que ocorre na 1ª edição, tendo em conta o sentido do texto e a imposição da rima.

Si a la ingrata que adoro  
correo quereis ser de penas tales,  
aun sorda a lenguas de oro,  
desdichas correreis que no cristales,  
y hallareis en mi llanto  
vuelto en más pena el más hermoso espanto.

El curso cristalino  
cuyo ser a no ser os solicita  
suspendase al divino  
azul, que menos bello el sol imita.  
A ojos que agravian ruegos  
por elegancias de agua explicad fuegos.

Todo lo hizo y deshizo  
con un cuidado envuelto en un descudo;  
cuando quiso y no quiso  
pudo dar vida y dar la muerte pudo,  
dejando sus desdenes  
en memorias de bienes a mis bienes.

Desdichado os cante  
(ni tanto agravio me escapó de necio),  
que porfiado amante  
ni pruebo los sagrados de un desprecio;  
vengo a temer las dichas  
por no negar el gusto a las desdichas.

A tan loca porfía  
remedios de no ver nada han podido,  
que en esta ausencia mía  
nunca la fe dió pasos al olvido.  
En tan provados medios  
luciendo el mal infamo los remedios.

## Canção XII<sup>63</sup>

Janelas já alguma hora  
de outro mais claro sol alegre oriente,  
ocaso triste agora;  
aras em que oferece a alma o que sente,  
donde eternizar vejo  
no sangue da alma o fogo do desejo;

para vós, qual sagrado  
templo daquele Apolo que me abraça,  
fujo de meu cuidado,  
que é o templo do sol de Célia a casa,  
e novo féniz venho  
sacrificar a vida que não tenho.

Ouvi nas vozes tristes  
últimas e nos últimos suspiros  
como cantar me ouvistes  
de uns olhos imortais tão mortais tiros,  
chorar por maior mágoa  
nos dilúvios de fogo os Etnas de água.

Agora em vossa esfera  
me anoitece, então me amanhecia;  
sois, por pena mais fera,  
portas da noite, e foste-lo do dia;  
trocastes-vos de sorte  
que sois, pois me matais, portas da morte.

Vossos mármore belos  
pedras funestas são da sepultura,  
que me promete o vê-los  
com saudade tal tal desventura,  
dando-me em tristes passos  
cabelos de Absalão, de Ofir os laços.

---

<sup>63</sup> Em carta de 29 de Agosto de 1616 refere-se D. Francisco a este poema – «húa Canção que fiz ha humas genelas fichadas» – acrescentando que ainda não decidiu se a enviará ou não a D. Rodrigo – «senão for sera por que he comprida e não he boa» (*Cartas*, p. 95).



Em vós Célia fermosa,  
escondida em seus raios se mostrava,  
mais que Vénus graciosa:  
o céu se ria, tudo se alegrava.  
Depois que não parece,  
tudo chora por ela e se entristece.

Sem as graças maiores  
que em seu divino rosto amor encerra,  
faltam no campo flores,  
corais ao mar e alabastro à terra;  
sem seu cabelo louro,  
faltam raios ao sol, às minas ouro.

Sem a boca adorada,  
fonte de graças, do desejo sede,  
à concha celebrada  
nácar lhe falta, pérolas lhe pede;  
sem seu divino alento,  
fragrância ao âmbar, suavidade ao vento.

Se este meu mal profundo  
e perdas tão gerais vos lastimarem,  
que não é novo ao mundo  
pedras sentirem, árvores chorarem,  
se Célia ouvir verdades,  
dizei-lhe assi, penosas saudades:

«Aquele que mais ama,  
que mais padece, sem que prémio aguarde,  
com suspiros vos chama,  
em lágrimas vos mostra o fogo em que arde.  
Nelas tormenta corre:  
não vive por vos ver, por vos ver morre.

Deixai os sentimentos,  
e pois mortes sentis, não tireis vidas,  
que são vossos tormentos  
de ùa alma vossa duros homicidas.  
Mostrai-vos por que veja  
em vossa vista a glória que deseja.

Um sol triste mas claro  
nas nuvens desse dó em vos ver via;  
na escuridade um faro,  
no vestido da noite envolto o dia;  
no céu dessas janelas,  
noite com sol e dia com estrelas».

Mas ai, triste, a quem falo?  
Razões de fogo a frias pedras digo.  
Porque as semrazões calo,  
se não saírem da alma é mor castigo?  
Tu, ingrato amor, me ordenas  
que penas diga a quem não sente penas.

Pois Célia é pedra, às pedras,  
canção, dize em voz alta  
que, se falta a ventura, a fé não falta.

### **Canção XIII**<sup>64</sup>

Dan a cada cuidado  
un mar mis ojos cuando, de mi gloria  
ausente y no apartado,  
pudo una muerte ser cada memoria,  
que es el destierro mío  
más que desdicha y menos que desvío.

Para ser más perdido,  
sólo me hallo en el dolor que tengo;  
sin nunca haber partido,  
voy en suspiros y en suspiros vengo,  
ilustrado de suerte  
que es mi firmeza timbre de mi muerte.

Ardientes zonas pruebo  
entre sombra[s] que ilustran mis constancias,  
votando almas de nuevo

---

<sup>64</sup> Esta canção é publicada também em *Tempestades y batallas de un cuidado ausente*, Lisboa, por António Craesbeeck de Melo, 1683, pp. 14-17). É com base na versão ali incluída que se corrige o v. 2 da est. 3.

a un sol que abrasa más con las distancias,  
dando en tristes enojos  
rayos al alma y noches a los ojos.

Navego el mar que lloro,  
no el que navego, que mis pensamientos  
sin el dueño que adoro  
me vinculan tormentas a tormentos,  
buscando en triste calma  
en golfos de penar puertos del alma.

Inclemencias, rigores  
por mayor inclemencia olvidar pudo  
con finezas mayores  
un cuidar que de todo fue descudo,  
que es librar que condena  
un usurpar la pena a mayor pena.

Ay ausencia tirana,  
verdugo de la fe, de la fe vida,  
enemiga villana,  
siempre por las espaldas homicida,  
que con bajezas tales  
bellidas flechas tiras a leales!

Ojos, que en luces bellas  
tanta hermosura al discursar aplican,  
azul pompa de estrellas  
que incendios por memorias comunican,  
y desde el Austro veo  
que sois del norte imán para el deseo;

vos, bellissimo espanto  
de Portugal, milagro y confianza,  
paga de perder tanto,  
que una vez hado sois otra esperanza,  
y empeño milagroso,  
le volveis la fortuna con lo hermoso;

por polos, linea o cielos,  
sol aclamado vuestro nombre suena,  
siendo en fuego yelos,  
tal vez serenidad, tal vez sirena,  
todo os da, todo os ama  
como a la vista templos a la fama.

Yo, que os debo, Señora,  
tanto sacrificar, tanta locura,  
y me contemplo agora  
con tan dichoso amor tan sin ventura,  
a meritos tan altos  
sólo aplausos ofrezco en sobresaltos.



## OITAVAS<sup>65</sup>

Dando perlas al mar, pisando arenas  
con blancos pies de innumerables sumas,  
numero trasladado de mis penas,  
émulos del candor de sus espumas,  
rico de envidias pudo ver apenas  
al amor rico con nevadas plumas,  
oir grave deidad, dulces desvelos  
helando llamas y abrasando hielos.

Polifemo mayor, quejas de fuego  
con las lenguas del agua le decía,  
por abrasadas desatadas luego  
del hielo en que el respeto las tenía.

---

<sup>65</sup> C. A. Ferreira supõe que a este poema se refere D. Francisco na carta a D. Rodrigo da Cunha datada de Lisboa, 16 de Outubro de 1618, mas não explicita os fundamentos desta suposição. Aliás, não parece correcta a leitura que faz deste passo da carta, o que impossibilita a sua compreensão. Julgamos dever ler-se: «esas oitavas parecerão bem ao Sôr D. André [:] se as fizera An.<sup>to</sup> Gomez ouveralhe de chamar idílio» (*Cartas*, p. 95). É esta referência à obra de António Gomes de Oliveira, intitulada *Idílios marítimos y rimas várias* (1617) que permitirá identificar este poema de tema marítimo com as oitavas que D. Francisco remete com aquela carta. Uma referência que pode também ser lida como reflexo da ausência de uma caracterização rigorosa do *idílio* como forma poética no século XVII, pois D. Francisco chama *oitavas* a um poema que Gomes de Oliveira designaria de *idílio*, e este poeta classificou de *idílios* seis poemas seus, uns em oitavas, outros com organização estrófica idêntica à da canção.

Argos por su cristal vencido y ciego  
de ver que el primer móvil parecía,  
paróse a parecer, por lo vecino,  
ardiendo en fuego el cielo cristalino.

«Refrena el curso, Galatea divina,  
pues eres de tu cielo inteligencia,  
y a mi encontrado arder tu mente inclina,  
verás que es voluntad la resistencia.  
No es la monstrosidad víctima indina,  
puras entrañas fulminando esencia  
trocaron en piedosos beneficios;  
pues eres diosa, acepta sacrificios.

Por Clicie de tu luz grillos fatales  
detenido furioso rompo amante,  
si igual locura, partes desiguales,  
de un inconstante ser amor constante.  
Corre a su bien el peso de mis males  
vencido del cuidado en el triunfante;  
reina y mueve mi imperio alta fortuna,  
influencias del sol, no de la luna.

A qué vuelas, bellisima Atalanta?  
Dafne cruel, no vences piedosa?  
Despeñandote vas por furia tanta  
a ser laurel, no a purpurar la rosa.  
No es mía la grandeza que te espanta,  
acción de tu hermosura es poderosa.  
Mi amor te sigue y no las aguas mías:  
de tus mismos efetos te desvías.

Tus ojos Circes, almas transformando,  
sirenas mueven que a dar vida cantan;  
en el mar de sus glorias navegando,  
parleras niñas mudamente encantan.  
Si adorados peligros ocultando,  
felices Cilas por belleza espantan,  
siendo al mirar las que en tu cielo pones  
monstros em mí, en ti constelaciones.

Mis cadenas de vidrio en tiernos lazos,  
diamantes que en tus llamas acrisolas,  
con la vana esperanza andando a brazos,  
burladas hiedras quedarán mis olas.  
Centimano de miseros abrazos,  
nube, imagen del sol, llorando a solas,  
desengaño mortal, gloria fingida,  
lo que el engaño, durará la vida.»

Ansi el soberbio mar, Etna abrasado,  
arroyo humilde enmudecido hablaba,  
con el mar de sus gracias comparado,  
nuevo Tifeo rayo suspiraba.  
Ronco gemía, tierno había llorado,  
lo que decir no supo murmuraba,  
sin ver sus ojos, que a la ninfa diera,  
Atlante de marfil más bella esfera.

Soñando Elicio en tristes pensamientos,  
lince por su deseo ve su gloria,  
que para verdaderos fingimientos  
es el mejor Apeles la memoria.  
Náufrago en tempestad de sus tormentos,  
sin llama que le llame a la vitoria,  
nueva invención de pena amor le ordena,  
pues es la gloria objeto de su pena.

«Mayor mar en mis lagrimas te ofrezco,  
si inmensidades amas, Galatea.  
Por lo eterno del alma te merezco,  
si a la inmortalidad tu amor se emplea.  
Por sin fin el tormento que padezco  
de tu merecimiento opuesto sea.  
Por destinada una alma a tus despojos  
digno teatro es solo de tus ojos.

Rocas asaltadoras mis firmezas  
gigantes de tu cielo en mi fe mira.  
Mineral el deseo es de riquezas,  
tesoros que tu sol por flechas tira.



Si a las desdichas llego, que grandezas  
no hallarás en las mías? Si suspira  
mi pecho, arder verás mares a montes,  
que mis suspiros son nuevos Faetontes.

Féniz de un puro arder en tantos años,  
ni amo esperando, ni desesperado;  
satisfecho por no ofrecerte engaños,  
debo hallar esperanza en mi cuidado.  
Sisifo del infierno de sus daños,  
a la cumbre llegué por el guiado,  
para caer Luzbel con los sentidos  
al eterno penar de tus olvidos.

Numen idolatrado, en quien contemplo  
de amor la fe, del tiempo las mudanzas,  
suspendiendo en los muros de tu templo  
pedazos de engañadas esperanzas,  
de un infelice amor misero exemplo,  
escarmiento de necias confianzas,  
consagro a la memoria de mi suerte.»  
Dijo e calló; lo más hable la muerte.

## SEXTILHAS<sup>66</sup>

Noble efeto, virtud mal entendida,  
lejos de extremos soy, felice extremo,  
y en los medios pasión esclarecida,  
logro en lo moderado lo supremo,  
siendo en el corazón de quien bien ama  
temor que ilustra, envidia que da fama.

Moral deidad promulgo en lo emulado,  
a las costumbres policia urbana,  
la cobardia animo con lo osado,

---

<sup>66</sup> Na edição original estes poemas são designados de *Sextinas*, o que é erro evidente, pois não apresentam as complexas características prosódicas que individualizam a sextina – poema em verso branco, composto de seis sextilhas em que se repetem sempre as mesmas seis palavras finais em posição rigorosamente estabelecida, e a que se junta uma finda de três versos que retoma as mesmas seis palavras, duas em cada verso. A estas composições formadas simplesmente por estrofes de seis decassílabos chama Díaz Rengifo «Rimas de a seis versos», sugerindo no entanto que, à semelhança das «octavas rimas», se lhes chamasse «sextas rimas», uma vez que «en todo son semejantes a las Octavas, si no es en el numero de los versos, y sirven de lo que las Octavas, aunque no se usan tanto.» (Juan Díaz Rengifo, *Arte poetica española*, Madrid, 1628, p. 59). Também Luis Alfonso de Carvallo escreve: «La estancia de seys versos se llama *sesta rima*, tiene la consonancia terciada hasta el verso quarto, porque el quinto y el sexto son consonantes entre si.» (Luis Alfonso de Carvallo, *Cisne de Apolo*, Medina del Campo, 1602, fols. 92v-93r). Este poema encontra-se também em *Tempestades y batallas*, ed. cit., pp. 52-56.

con aurea luz a la avaricia humana;  
siempre llaman a glorias mis agencias,  
que vencen a imposibles competencias.

Apuro lo real, doy a lo nuevo  
aprobación, y a los desmayos brío;  
parecese en lo rustico que muevo  
no que emendé, mas que de nuevo crío,  
y a lo necio, que nunca tuvo cura,  
infundo lo discreto en la locura.

Al más dormido amor mayor despierto,  
que sin mi ser siempre dormiera infante;  
remozo su vejez cuando más muerto,  
menos celoso cuando más celante,  
dejandole de dicha mis desvelos  
lo que va de emular a tener celos.

Como el rayo a la luz, sus pasos sigo,  
suave compañía y no penosa;  
no por rigor, por elección amigo,  
oposición lucimos amorosa,  
que contrarios unidos, si violentos,  
tenemos amistad como elementos.

Adorno de los ánimos amantes,  
produzco en ellos galas interiores;  
como cielos de estrellas radiantes,  
los bañan de excelencias mis temores;  
por los que honraron, por los que lucieron,  
lo azul de las esferas me vistieron.

Privilegio mayor, por que los graves  
ojos de Celia imito, misteriosos  
desvios de lo tirano por suaves,  
en más hermoso azul soles hermosos,  
y tal vez del amor más alto dino,  
soy virtud ejemplar en lo divino.

Monarca de inquietudes infernales  
por culpa ajena y no por propia suerte,  
patria del miedo y vida de los males,  
destierro de la muerte por más muerte,  
al engaño del alma me dan luego  
los que en cenizas sacrifican fuego.

De aquel bastardo arder la villanía,  
mal dispensado bien monstruo me infama.  
Sobra suya fue ser, no culpa mía,  
infamar llamas quien apura llama;  
que en las bajezas de los pechos vengo  
a tener los venenos que no tengo.

Lo vil de unas sospechas, lo dudoso  
me transfirieron flacos corazones.  
Hacese de un cobarde un envidioso,  
nunca sufrió lo ilustre inquiriciones.  
No ostentan duración desconfianzas,  
que la curiosidad peina mudanzas.

En tibiezas de fe me aclaman fiera  
los venales deseos que me inoran;  
de un fingido querer obra es grosera  
investigar afrentas que se adoran,  
que un platónico amor sin desconcierto  
hasta el errar aprueba por acerto.

Negarse a la razón y a los engaños,  
seguir por elección, no por destino,  
ajustar los sentidos con los daños,  
lo desusado lo hizo peregrino,  
que es venerada ley de un gusto ajeno  
lo que es mejor por suyo que por bueno.

Cerrar los ojos, ver con otros ojos,  
Clicie sin voluntad de voluntades,  
ser de una seña el discurrir despojos,  
buscar en servidumbre majestades  
acierto es que publica en dulces pausas:  
mandalo así la causa de mis causas.

Oh, mal hayan aquellos que primero  
sus hielos desculpáron con mis hielos!  
Nunca favor conquisten verdadero;  
dense a un bastardo amor bastardos celos.  
Mayor infierno, intrínseco enemigo,  
con lo que me infamaron los castigo.

Horrible majestad en sus pinceles,  
no menos por verdad que por mentiras,  
maquinas de peligros más crueles  
salvo en piedades, le fulmino en iras;  
leyes de balde doy que inora Baldo.  
Harto os he dicho, críticos: miraldo!

### Outras<sup>67</sup>

Oh más cielo que tierra siendo tierra,  
de tanta noche luz, paz de tal guerra,  
que guiando a más gloria ostentáis bellas  
las flores como estrellas  
que os da aquel sol en rayos con que os veo  
dos veces patria e tanta vez deseo.

Las soledades que pasé conmigo  
vence alegrando vuestro objeto amigo  
cuando del otro mundo muerto vengo  
al alma que en vos tengo,  
que navegar de ausencia el mar profundo  
siempre ha de ser venir del otro mundo.

Parece que me admiran estos montes  
con más firmeza en estos horizontes  
y que dicen a voces con los prados:  
«Oh que finos cuidados!  
Que lucido sentir! Que pura llama!  
Venga en buen hora al bien quien tan bien ama!»

---

<sup>67</sup> Este poema integra igualmente a obra *Tempestades y batallas* (pp. 82-85).

Plantas, en que escribi de amor tirano,  
aun más con el dolor que con la mano,  
«vuestro, Señora, soy, y por vos muero»,  
cuando menos espero,  
guardadas estareis largas edades,  
que veneran los tiempos las verdades.

Mares, a quien fié para este río  
del otro mar tan firme desvarío,  
letras de fuego en mensageros de olas,  
de un solo sereis solas,  
sin que al Tajo llegaseis con mi pena;  
más nombre a mi fe debe que a su arena.

En vosotros de nuevo el morir pruebo,  
y solo el querer más traigo de nuevo,  
que emulando el dolor extremos locos,  
con el amor no pocos,  
en esta ausencia rigurosa ha sido  
como lo atormentado lo querido.

Dadme nuevas de mí, si en unos ojos  
de quien despojos soy, vivo despojos;  
en cuyo incendio el corazón reposa,  
féniz por mariposa,  
y de cuyos dulcissimos ensayos  
hurta rayos el sol para sus rayos.

No me negueis, si algun perdido instante  
pudo allí ser memoria el ser amante,  
conquiste más el corazón que lloro  
que no las lluvias de oro,  
que pueden de un suspiro las victorias  
obligar como deudas a memorias.

No me digáis que en otros pensamientos  
fue lo constante burla de los vientos,  
que Argos por ver, y por no ver tan ciego  
como quien parte llevo,  
dando a un bajo poder poderes altos,  
que es mayor daño un daño en sobresaltos.

Puede ser mayor mal, en ansias tales,  
que el padecelos esperar los males,  
que el habito es alivio que no alcanza  
el mal en la esperanza;  
miente<sup>68</sup> el recelo, es necio el desatino,  
que no cabe lo instable en lo divino.

Ojos del corazón, espejos fieles,  
de tanto corazón dueños crueles,  
que honráis la patria, enamoráis los cielos,  
dulcissimos desvelos,  
dichoso en vuestra llama esclarecida  
vuelvo a morir y vuelvo a tener vida.

Salve, credito hermoso!  
En víctimas de versos vuestro nombre  
llene al mundo de luz y al mundo asombre.

---

<sup>68</sup> Em vez da versão que ocorre no original – *ni entre* –, optou-se pela versão constante de *Tempestades* – *miente* –, que parece mais adequada ao sentido do texto.

## MADRIGAIS

### Madrigal I

Tan divina os respeto  
que a lo alabado os niega lo perfeto.  
Do se miran razones  
hablen admiraciones.  
Diga el suspender tanto  
si acaso a lo que sois llega el espanto,  
que en tan justos temores  
menos es daros almas que loores.

### Madrigal II

*A una cinta con qué se ligó una herida*

Bien presa está la mano  
que fuego al alma da, nieve a los ojos;  
despojador tirano  
a negro lazo es cándidos despojos.  
Oh mano hermosa e ingrata,  
que presa prende más, que herida mata,  
a quien vota mi vida  
alma a los lazos, muertes a la vida!





## DÉCIMAS

Alma, cuando de amor ciego  
me lloráis y suspiráis,  
a la mar água sacáis,  
fuego a la esfera del fuego.  
Sois un Etna eterno luego,  
y luego un profundo mar.  
Con suspirar y llorar  
nada os doy y nada os quito,  
porque a lo que es infinito  
no hay añadir ni quitar.

Por eso, lágrimas mías,  
no os canseis en descansarme,  
que mal podreis aliviarme  
de eternas melancolías.  
Suspirad noches y días  
si aun en tan triste estado  
no es alivio, alma, al cuidado  
que, firme en desdichas tales,  
me deja entre tantos males  
muerto, pero no mudado.

Mucho os temo y nada espero,  
pues al fin sois alma en pena,  
que la memoria os condena  
cuando de olvidado muero.  
De envidioso desespero,

que envidiar ajenas suertes  
son las pasiones más fuertes;  
y por rigor más esquivo  
con alma de celos vivo  
vida animada de muertes.

Si algun tiempo fuy dichoso,  
fue por ser más desdichado;  
cayó el bien, y el mal pesado  
quedó en lugar del reposo.  
Ya de oprimido y medroso,  
alma, del mal oprimida  
por sombras de fe perdida  
está en perderos la palma,  
que porque da vida el alma,  
a mí me quita la vida.

### **Outras**

A que tormentos tão certos,  
meus olhos, somos chegados,  
pois vistes os bens cerrados  
e os males vedes abertos.  
Foram gostos vãos e incertos  
os que o sono me levou,  
certa a pena que deixou.  
Acordado o bem perdi,  
e o que sem sentido vi  
para o sentir me acordou.

Deu vida à morte mais fera  
o sonho, de que me espanto:  
se a mentira pode tanto,  
a verdade que fizera?  
Já nunca acordar quisera  
por que durma meu cuidado.  
Que miserável estado!  
Que desdita tão temida,

vir achar dormindo a vida  
e ter a morte acordado!

Do muito que, sem ver, via  
nada vejo, e só desejo  
dormir sempre, pois não vejo  
senão dormindo alegria.  
Desvelada fantasia,  
para mais mal desvelada,  
de úa glória afigurada  
que tormentos me deixais!  
Até no sono velais  
por que não descanse em nada.

Ai triste imaginação,  
que com chorados enganoso  
dais aos olhos desenganoso  
e penas ao coração!  
Os gostos sonhados são,  
que os meus sempre são sonhados;  
os males tão acordados  
que o vê-los me desengana,  
que amor só dormindo engana  
olhos tão desenganados.

Acordado desespero  
do que amor me anda mostrando,  
e o sono está declarando  
a maior glória que espero.  
Com ver nele quanto quero,  
nunca alcanço o que queria.  
Engana-me a fantasia  
que a cor veste do desejo;  
desengana-me o que vejo,  
pois vejo que nada via.

Que admirável desventura,  
e que rigor tão esquivo,  
pois sempre sonho que vivo  
e padeço a morte dura!

Ai rigorosa ventura!  
Ai mal rigoroso e forte!  
pois permite minha sorte,  
por ser pena mais temida,  
que só possa achar a vida  
na triste imagem da morte.

### **Outras**

Ver em vós sem fundamento  
a firmeza que mereço  
quando mudanças padeço,  
não é glória, antes tormento,  
pois me mostra o pensamento,  
para confusão maior,  
que só por vergonha e dor  
o que de novo me errastes,  
a firmeza que quebrastes  
vos pôs ao pescoço Amor.

No objeito da confiança  
maior se fez a tristeza,  
pois venho a ver a firmeza  
posta na mesma mudança.  
Não teve vida a esperança  
no que sempre a vida tem;  
vive com o mal o bem  
por firme no variável.  
Assi no céu, que é mudável,  
estrelas fixas se vem.

Para que fosse mais crido  
vosso engano e leve a palma,  
o melhor vestido da alma  
trazeis sôbolo vestido.  
Engano tão conhecido  
já é desengano agora.  
Escondei na alma, Senhora,  
de amor tão rico tributo,

que pesa a firmeza muto  
se anda de seu centro fora.

Um contrário outro contrário  
mais descobre do que encobre,  
e em vós muito mais descobre  
esse sinal firme e vário.

Foi intento temerário  
este que agora intentais,  
pois quando mais vos mudais,  
pondo-lhe firmes antolhos,  
quereis enganar os olhos  
quando a alma desenganais.

Eu por mais perdida a tinha,  
porém esta conta faço:  
que há poucas firmezas de aço,  
e se esta é de aço, que é minha.  
Pois nasceu, que lhe convinha,  
foi por minha sorte dura  
ser do gosto sepultura,  
e por mal mais rigoroso,  
em lugar tão venturoso,  
firmeza tão sem ventura.

### **Outras**

Oh derramadas prisiones  
de prisiones añadidas,  
de sinrazones nacidas,  
de la tristeza razones,  
sangre de imaginaciones,  
vida de los pensamientos!  
Correis, vivos desalientos,  
acciones acreditadas,  
que lágrimas bien lloradas  
son del alma juramentos.

Encanto dulce en que aspira  
el rendimiento a vitorias,  
siendo soledad de glorias  
su gloria mi pena os mira;  
lisonjero harpon que tira  
el pesar para placeres;  
imperio, al fin, de mugeres,  
que tanta piedra ha vencido,  
en mi desdicha han perdido  
su poder vuestros poderes.

Nieblas de desasosiegos,  
flaquezas que obligan tanto,  
porque los ruegos del llanto  
aun son más mandos que ruegos;  
Diligencia de unos fuegos  
que el dolor en água envía  
a ser ociosa por mía,  
no enterneciendo, obstinando,  
que pechos tiranizando,  
solo en mí sois tiranía.

Purificados enojos  
que en náufraga ostentación  
la basca del corazón  
sin salir dél dió a los ojos;  
conquistadores despojados,  
fuerza que no se limita,  
armas con que facilita  
lo que por sí amor no puede,  
que en virtud dellas se excede  
cuando en lágrimas milita.

No interesable ternura,  
sí efeto de soledades,  
cuando mirada, verdades,  
cuando no vista, más pura.  
Fianza de una locura  
que conviene y no conviene,

que tan disculpada viene  
de quien ausencia no inora,  
porque cuando un hombre llora,  
muy lejos de sí se tiene.

Si a los bienes más queridos  
todas alma hablastes mudas,  
o no hay lugar para dudas,  
o hubo lugar para olvidos.  
Ya elocuencia de perdidos  
os dan, alma, desengaños,  
con Celia viles engaños,  
sin Celia olvidados medios.  
No os lloro para remedios,  
solo os lloro para daños.





## ENDECHAS<sup>69</sup>

Vaya de desdichas,  
demos, mis finezas,  
himnos a tristezas,  
endechas a dichas.

Cuando de la suerte  
cruel lo animado  
salvar fue el cuidado,  
yo salvé mi muerte.

Los riezos presentes  
pasé a los pesares;  
nunca faltan mares  
si hay ojos ausentes.

No le eché verdades,  
que por más tormentos  
fueron pensamientos,  
ya son tempestades.

---

<sup>69</sup> Estas endechas encontram-se publicadas também em *Tempestades y batallas* (pp. 76-78).

Como são as únicas endechas que encontramos na obra, é provável que a elas se refira D. Francisco em carta enviada de Lisboa, em Outubro de 1621: «Milhor choro eu endechas do que as escrevo (...) algumas dizem algũa coiza outras não quererão dizer nada V. S. as julgará» (*Cartas*, p. 98).

Carga más temida  
negué a alivios tales,  
que quiero a los males  
más que no a la vida.

Todo el bien de muerto  
entregué a su abismo,  
golfos de mí mismo  
guardé para el puerto.

Qué daño tan nuevo!  
Qué infelice palma!  
Dentro de mi alma  
que de Sirtes pruebo!

Qué dulces sirenas  
hallo en mis memorias!  
Suspenden con glorias  
por matar con penas.

Hado es, que no afrenta,  
que acredita daño,  
cuando un dulce engaño  
es nave y tormenta.

Paz buscando llega  
do el perder confirme,  
roca de lo firme  
no salva, que anega.

De abrasados medios  
playas que se infaman,  
que a peligros llaman  
más que no a remedios.

Miseros despojos  
de un ciego a los tiros,  
aires de suspiros  
y diluvios de ojos.

Desvelos no sabios,  
desabridas ansias  
cuando a las constancias  
sondan los agravios.

Sin fin ambos veo  
y ambos sin fortunas,  
por meritos unas  
y otras por deseo.

Que el que surca fraguas  
no espere sosiego,  
que hay mares de fuego  
y hay incendios de águas.

De castigos cuerdo,  
muerto y no vencido,  
soy quien se ha perdido,  
soy lo en que me pierdo.



## REDONDILHAS

No tengo por interese  
disimular la locura,  
que en el loco la cordura  
también locura parece.

Desvelados ojos míos,  
que en llanto el sueño trocáis,  
rios de olvidos lloráis  
hechos de memorias ríos.

Despierteos el triste son  
a llorar melancolías  
con que las desdichas más  
os llaman del corazón.

Quitaos el sueño la suerte  
por quitarme la acogida,  
porque tiene de mi vida  
lo que tiene de la muerte.

En este rigor esquivo  
también este bien alcanzo,  
que si vivo no descanso,  
descanso cuando no vivo.

Triste, rendido y medroso,  
para más daño despierto,  
de las desventuras cierto,  
de las venturas dudoso.

En lo presente penando,  
sin morir y sin vivir,  
temiendo lo por venir,  
lo pasado estoy llorando.

Entre celos desvelados,  
por mayor castigo mudos,  
para llorar los descudos  
me dan ojos los cuidados.

Abrasado de mi fe,  
de graves y ajenas culpas  
yo mesmo me doy disculpas  
sin que nadie me las de.

Por ser la pena mayor  
de los agravios, que muero,  
la satisfacción que espero  
solo me la da mi amor.

Mucho queda que temer  
cuando más tema mi pecho,  
porque lo que más sospecho  
es lo menos que ha de ser.

Lleno de miedos suspiro,  
que con velar se acrecientan:  
los celos que me atormentan  
son las fantasmas que miro.

Desengañame el deseo  
que de engañarme servía.  
De no ver un bien de día,  
de noche quanto mal veo!

Muerto de glorias ajenas,  
vivo entre desconfianzas;  
siendo mis penas mudanzas,  
nunca se mudan mis penas.

Juntando enojos a enojos,  
sale en tormentosa calma

el fuego que entró en el alma  
vuelto en agua por los ojos.

En tormento de agua y fuego  
paguen ellos, si miraron,  
pues despiertos me dejaron  
vivo fuego y muerto luego.

Señora, en tan triste estado,  
sin nunca entenderme, entiendo  
que me desveláis durmiendo  
y me matáis desvelado.

### **Outras**

*A tomar chapines una dama de Palacio*<sup>70</sup>

No fue peligrar, Señora,  
fue admirar y fue vencer,  
pues no habiendo más que ser,  
que sois más parece agora.

La perfección que creí  
sin otro fin aumentais;  
solo vos por vos pasáis,  
bien así, mejor así.

Nunca menos (qué ventura!)  
a mayor beldad subistes,  
que también aquí pusistes  
chapines a la hermosura.

De aquel en este esplendor  
siempre fe nos enseñais,  
que en nada la aventuráis,  
que en todo la haceis mayor.

Los peligros del donaire  
lustre a vuestro cielo dieron,

---

<sup>70</sup> Segundo carta de D. Francisco escrita de Madrid em 28 de Setembro de 1626, estas redondilhas são dedicadas a D. Maria Coutinho, dama da rainha (*Cartas*, p. 116).



pues son polos que os pusieron  
en región de mejor aire.

### **Outras**

*Enviando unos olores a una dama de Palacio*<sup>71</sup>

Acción que el deseo aprueba  
feudo es corto mas no loco,  
si puede llamarse poco  
lo que tanto de alma lleva.

Por fuerza culto ha de ser,  
Señora, que en este osar  
lo que hiciera ofensa al dar  
víctima hizo el ofrecer.

Dan las confianzas más  
desta fe claros indicios,  
que aqui van los sacrificios  
envueltos en niñerías.

Cuando más os humaneis  
aun más divina os quedáis,  
porque recibiendo dais  
y aceptando enriqueceis.

Lisonjean los más sumos  
cielos aromas quemadas.  
Humos que son sino nadas?  
Estos que son sino humos?

Qué atinado desatino  
de un errar tan acertado!  
Va lo indino en lo enviado,  
y en la voluntad lo dino.

---

<sup>71</sup> Estas redondilhas envia-as o poeta a D. Rodrigo por carta datada de 23 de Dezembro de 1622, um tempo em que o frio de Madrid não favorecia a sua produção poética: «as Musas andão com frieiras, tais neves chovem [;] entre outras ninharias fiz esas seis Redondilhas mandadas a hũa dama com humas coisas de cheiros» (*Cartas*, p. 105).

## MOTES E GLOSAS

### I

*Ah gustos de amor traidores,  
sueños ligeros y vanos,  
gozados siempre pequeños,  
y grandes imaginados<sup>72</sup>.*

#### *Glosa*

Ay engaños lisonjeros  
tras que el alma se enajena,  
que siendo esperaros pena,  
es mejor que poseeros;  
de qué me sirve el quereros,  
tiranos engañadores,  
si solo pagáis con flores?  
Y si con fruto pagáis,  
cuantos disgustos costáis!  
Ah gustos de amor traidores!

Solo siendo imaginados  
sois grandes, mas sois engaños,  
y mayores desengaños  
si llegáis a ser gozados.  
Cuando sois más estimados

---

<sup>72</sup> Esta quadra aqui glosada por D. Francisco é a estrofe inicial de um romance incluído no *Romancero general* (Madrid, por Luis Sánchez, 1600, fol. 221).

sois de vos mismos tiranos,  
y entonces más inhumanos,  
pues mostra la posesión  
que vuestros placeres son  
gustos ligeros y vanos.

En la mejor ocasión  
de donde es vuestro tesoro,  
imaginados sois oro  
y poseídos carbón.  
Solo en la imaginación  
sois de mil riquezas dueños.  
Mas ay, que son vanos sueños  
vuestros gustos deseados,  
grandes siempre imaginados,  
gozados, siempre pequeños.

Prometeis al pensamiento  
glorias que, cuando las dáis,  
eternidades tardáis,  
y no duráis un momento.  
Son un arrepentimiento,  
aun a los más engañados,  
en llegando a ser gozados  
vuestros gustos prometidos.  
Sois pequeños poseídos  
y grandes imaginados.

## II

*A vossa promessa, mana,  
não passa desta semana.*

### *Volta*

Sem chegar venho a temer  
que passou já aquele dia  
que por seu mal passaria  
antes de chegar a ser.  
Um bem que me desengana  
neste dia amor me deu

que o que houvera de ser meu  
passa de toda a semana.

Esta esperança traidora  
não acha em vossos enganar,  
fazendo das horas anos,  
em tantos anos um' hora,  
que a promessa em que se engana  
deste desejado bem  
sempre é semana que vem,  
e nunca vem na semana.

Bem é que tal dia deis,  
Senhora, a quem tal fé teve,  
que, se quem promete deve,  
vós sem prometer deveis.  
Sede divina e humana,  
não tragais meu pensamento  
mais de tormento em tormento,  
nem de semana em semana.

A ventura que a alma espera  
em tardança tão mortal  
se, como é bem, fora mal,  
que depressa que viera!  
Foge-me a sorte tirana  
com o bem; se o mal me levara,  
primeiro o dia chegara  
do que chegara a semana.

### III

*Se me falaram verdade?*

*Volta*

Deixai, dúvidas tiranas,  
ũa fé que não duvida,  
que palavras que dão vida  
não são palavras humanas.  
E se em tanta divindade  
vos fica que recear,

pela fé não duvidar  
tudo terei por verdade.

Colhe o desejo este fruto  
da fé de quem tanto fia;  
não duvida mas confia,  
que crê muito quem quer muito.  
Que maior felicidade  
que estar perdido de sorte  
que não duvida da morte  
se duvidar da verdade?

#### IV

*Mi cayado, mi ganado y mi zurrón  
ya mis enemigos son.*

##### *Voltas*

Son mis desventuras tales  
y a tal tiempo me trujeron,  
que los que mis bienes fueron  
se han vuelto mis propios males.  
Pues me dan penas mortales  
negandome el galardón,  
mi cayado, mi ganado y mi zurrón  
ya mis enemigos son.

Si muestran rigor tan fuerte  
contrarios tantos del pecho,  
que me han de matar sospecho,  
y ojalá me den la muerte.  
Qué más desdichada suerte  
si, por doblar mi pasión,  
mi cayado, mi ganado y mi zurrón  
ya mis enemigos son!

Tan gande es mi desvarío,  
a tanta desdicha vengo,  
que solo por mi mal tengo  
esto que tengo de mío.  
Del remedio desconfío,

pues veo que sin razón  
mi cayado, mi ganado y mi zurrón  
ya mis enemigos son.

## V

*Saudade minha,  
quando vos veria?*<sup>73</sup>

### *Voltas*

Este mal sobejo  
tal pena me ordena,  
que se fujo à pena,  
fujo do desejo.  
Tudo males vejo;  
quando em vós vivia  
tudo vidas via.

Que penoso extremo  
de amor fugitivo!  
Do desejo vivo  
e ao desejo temo.  
Este mal supremo  
maior bem seria  
quando vos veria.

Sois nova crueldade  
minha, não vos vendo,  
saudade sendo  
minha de verdade.  
Vossa saudade  
tirou desta minha  
a glória que tinha.

Olhai qual me tem  
esta ânsia mortal,  
que é meu vosso mal,

---

<sup>73</sup> Recorde-se a cantiga de Camões «A este cantar velho: Saudade minha,/ quando vos veria?». Este mote foi também glosado por Sá de Miranda.

de outrem vosso bem.  
Se a saudade vem  
donde a glória vinha,  
sois só pena minha.

## VI

*Se de vós já se me deu,  
nada se me dá já agora.  
Sede de outrem muito embora,  
que eu também quero ser meu.*

### *Volts*

Este quero e este posso,  
que agora é mor zombaria,  
tem tanto de grosseria  
como vós tendes de vosso.  
Nunca vos tive por meu,  
quando o presumisse alguém.  
Mui pouco se perde em quem  
quando quer pode ser seu.

Muito melhor vos estava,  
nesta ou naquela desdita,  
se o siso desacredita,  
doudice que acreditava.  
Pensamento que me deu  
ventura desestimado,  
não sendo para estimado,  
nunca foi para ser meu.

Esta vontade esquecida,  
que em todo o tempo foi nada,  
nunca esteve mais ganhada  
que quando foi mais perdida.  
No desacerto de seu  
se pudera algum dó ter  
do meu, tão nécio que quer  
antes ser seu que ser meu.

Que má desculpa que destes,  
pois me ofendeis muito mais  
no que agora imaginais  
que no que entáo me quisestes.  
Eu não vos quero por meu;  
para ambos bem feito está:  
de outrem nada se me dá,  
de vós nunca se me deu.

## VII

*Secaronme los pesares  
los ojos del corazón,  
que no puedo llorar, no.*<sup>74</sup>

### *Volts*

No es menor por no llorado  
el mal que en vano resisto,  
que tiene el llanto no visto  
más de llanto que mirado.  
Vuelto en rayos le han tirado  
al corazón do salió  
los ojos do no llegó.

De desmentidos enojos  
que verdadero apurar,  
pues hay tanto que llorar  
do no hay para llorar ojos!  
Con tan ardientes despojos  
a las lagrimas tomó  
todo el paso la pasión.

El alivio de escuchada  
se niega sintiendo tanto,  
que da voces por el llanto

---

<sup>74</sup> Mote de um *villancico* de Garcí Sánchez de Badajoz (vd. *Cancionero castellano del siglo XV*, ordenado por Foulché-Delbosc, tomo II, Madrid, 1915, p. 637). Este poema – mote e volts – integra igualmente o texto da *Arte de galantería* (vd. ed. cit. pp. 124-125).



una alma em fuego abrasada.  
Muda, pero no mudada,  
las llamas que no lloró  
bien las siente el corazón.

Nuevos aplausos le ordena  
sin elocuencia de mares,  
que en lo liquidar pesares  
ha sido animar la pena.  
Califica y no condena  
aquel silencio al dolor  
que ni con llorar habló.

### VIII

*No quiero más de vos que lo que os quiero.*

#### *Glosa*

Es tan cuerda mi justa confianza,  
tanto sé respetar lo que en vos veo,  
que aunque siempre fue loca la esperanza,  
nunca ofendí la fe con el deseo.  
Lo que mi amor pretende en sí lo alcanza,  
que es el premio mayor su mismo empleo.  
Cuando más quiero, cuando por vos muero,  
no quiero más de vos que lo que os quiero.

No me podré quejar de desamado,  
pues de quereros vivo satisfecho:  
hallo la mayor paga en mi cuidado,  
el mayor galardón dentro en mi pecho.  
Cuanto más amo quedo más pagado,  
al compás de la fe crece el provecho;  
pues tengo en ella todo lo que espero,  
no quiero más de vos que lo que os quiero.

## IX

*Arded, corazón, arded,  
que yo no os puedo valer.*<sup>75</sup>

### *Volts*

Volcán vivo en muertas glorias,  
suspirando exhalo al viento  
la esperanza y no el tormento,  
la vida y no las memorias.  
Etna en perdidas vitorias,  
por no ver os vine a ver.  
Arded, corazón, arded,  
que yo no os puedo valer.

Tal fortuna a correr vengo  
con los sentidos en calma,  
que cuando no tengo el alma,  
alma de suspiros tengo.  
Por más desdicha me vengo  
del poder<sup>76</sup> con el querer.  
Arded, corazón, arded,  
que yo no os puedo valer.

Con efetos desiguales  
tiemblo en fuego y ardo en yelos,  
que adquieren razón los celos  
de inmortales por mortales.  
Sin ningun fin son los males,  
todo fin es el placer.  
Arded, corazón, arded,  
que yo no os puedo valer.

---

<sup>75</sup> Este mote e respectivas volts foram também incluídos em *Tempestades y batallas* (pp. 10-11). Na versão ali publicada, em vez de *arded*, aparece a forma *arder*. Trata-se de um mote muitas vezes glosado tanto por poetas portugueses como espanhóis. Na edição das *Poesias inéditas de P. de Andrade Caminha* (reprodução em fac-símile, Lisboa, INCM, 1989) e na obra de Carolina Michaëlis *P. de Andrade Caminha: subsídios para o estudo da sua vida e obra* (Lisboa, INIC, 1982) são referidos vários desses poetas.

<sup>76</sup> Em *Tempestades y batallas* ocorre aqui o termo *perder*.

Qué amorosas estrañezas  
si es el deseo la fragua,  
si lagrimas son el agua  
y los montes mis firmezas.  
Mongibelo de tristezas,  
qué incendios no ha de vencer?  
Arded, corazón, arded,  
que yo no os puedo valer.

## ROMANCES

### I

#### *A un retrato*

No flechéis, tintas, ojos,  
que para animar rayos  
alma creyendo os diera,  
a no os dar alma amando.

No con menor imperio  
entre sombras os hallo  
en lo alumbrar tan soles,  
tan dulces en lo airado.

Para abrasar fingidos  
igualmente tiranos,  
me negáis verdaderos  
lo que me dáis pintados.

Lo que inorando adoro  
conociendo idolatro;  
víctimas acreiento  
cuando contemplo engaños.

Naturales os juzgo  
y respetoso os hablo,  
porque tenéis de vivos  
lo que tenéis de ingratos.

Sois con poder bastante  
misterioso traslado  
que cura dando heridas,  
que mata vidas dando.

Vibraron hermosuras  
pinceles que os copiaron,  
con que en un mismo tiempo  
sois peligro y sagrado.

Con mudas elocuencias  
me dáis, para más daño,  
en negros esplendores  
desengaños tan claros.

Mentís en lo piedoso  
tan crueles negando  
milagros al vivir,  
siendo el mayor milagro.

Qué os dudo de favores,  
qué de bellezas amo,  
siempre creídas ellas,  
ellos siempre dudados!

Aquí sin movimiento  
estais moviendo asaltos  
al mirar, de lisonjas,  
al apurar, de agravios.

De vuestro original  
qué soledades paso,  
ojos de todo el modo  
divinos, pero falsos!

## II

Falta de salud y gusto  
vive la hermosa Amariles,  
si a quien el gusto le falta  
se puede decir que vive.

Del nácar de sus mejillas  
cifras bien claras lo dicen,  
donde el alma su tristeza  
con pálida tinta escribe.

Sus claros y hermosos ojos,  
aunque alegran quien los mire,  
con aljofaradas voces  
están hablando de tristes.

Todo le cansa y da pena,  
la compañía le aflige,  
que sola la de sus males  
para doblarlos admite.

Solo estima el estar sola;  
mas que mucho que lo estime,  
si ama la melancolía,  
mal de que los tristes viven.

No quiere ver ni ser vista,  
y siempre de negro viste,  
por mostrarse firme en penas  
la que en amor no fue firme.

Ni hay remedios que la curen  
como al cuerpo los apliquen,  
que para males del alma  
poco los del cuerpo sirven.

Y viendo en sus esperanzas  
los mayores imposibles,  
de su hermosura quejosa,  
así suspirando dice:

«Ay idolo de engaños,  
inutil don de la naturaleza,  
ocasión de mis daños,  
con divina apariencia  
nos vendes como bien un mal eterno.  
Es falsa tu presencia,

pues pareciendo cielo, eres infierno.  
A ser lo que pareces,  
si ofreces gloria, dieras lo que ofreces.

Cual suele en la verdura  
estar el áspid fiero entre las flores,  
así la desventura  
se esconde entre tus bellos resplandores.  
Eres falso tesoro,  
veneno amargo disfrazado en oro.

Por tu mal se desvelan  
ls malas lenguas y los malos ojos,  
que, aunque en tu gusto velan,  
siempre buscan el gusto en tus enojos.  
Eres el blanco y mira  
adó la envidia mil desdichas tira.

Oh dichosas aquellas  
que viven ni envidiadas ni envidiosas,  
y sin nombre de bellas  
le vienen a tener de venturosas,  
pues ni a su fama dañan,  
ni se engañan a sí, ni a nadie engañan!

Yo, triste y desdichada,  
te lloro, te aborrezco y te maldigo,  
pues no me fuiste dada  
por gloria natural, mas por castigo,  
y deseo de verte  
muerta del tiempo, que es la misma muerte.»

### III

De infelice en la alegría  
soy felice en la tristeza,  
que me da amor en los males  
lo que en los bienes me niega.

A tan altas penas vine  
de envidiar penas ajenas,

que más que bajar no habiendo,  
temo despeñarme dellas.

Siendo sin fin mis desdichas,  
por tantas paso, que piensa  
siempre el alma en las que vienen  
que ha llegado a las postreras.

Por tan penosos extremos  
camino a envidias tan nuevas,  
que doy, de insigne en desgracias,  
mísera envidia en las penas.

Aquella fama inmortal  
a do la ventura lleva  
me llevó la desventura  
que me eterniza en sí mesma.

Mísero exemplo de amor  
y de fortuna me enseñan  
que en la admiración compiten  
mi desdicha y mi firmeza.

Si esta vida que me mata  
mis males acabar vengan,  
darme han nombre los pesares,  
viviré en el cuando muera.

Y, aunque es tarde, si en mi muerte  
viene a lastimarse Celia,  
pagando a un cuerpo sin alma  
lo que son del alma deudas,

lo que el alma ha merecido  
el cuerpo goce sin ella,  
y un desdichado en la vida  
dichoso en la muerte sea.

Venturas alcance a un muerto  
una fe que vive eterna,  
y vengan mis alegrías  
llorar mis tristes exequias.



#### IV

Ya dora otros horizontes  
la mi Celia, antes ajena;  
ya los sus divinos ojos  
hacen cielo de otra tierra.

Llevóme el alma consigo,  
que adonde va me la lleva,  
a que padezca presente,  
porque en almas no hay ausencias.

Volvió el mar por do pasó  
de fuego otra nueva esfera,  
que hasta en las aguas sus ojos  
espírito de fuego engendran.

Ya son los montes que pisa  
Atlantes, pues la sustentan,  
confusión de sus mudanzas,  
retratos de mis firmezas.

Allí la busca el deseo  
que en las alas de amor vuela,  
más encendido en sus llamas  
cuando está más lejos de ellas.

Con mil suspiros la llama  
que bañan lagrimas tiernas,  
haciendo un mar de tormentos  
do la esperanza se anega.

Nuevo Leandro, en mis males  
me cubren olas de penas,  
que en noche oscura me matan  
sin la luz de su belleza.

Yo moriré si no viene,  
y aunque muera cuando venga,  
presente, es por voluntad,  
y ausente, será por fuerza.

## V

No puede ser sino amor  
la grave tristeza mía,  
pues la idolatra mi alma  
siendo muerte de mi vida.

Nacidas son de afición  
tan dulces melancolías,  
que nunca fueron mi bien  
las que del alma nacian.

La gloria que en ellas hallo  
esta verdad justifica,  
porque gloria en la tristeza  
solo amor darla podía.

Ay tristeza querida,  
que pues naceis de amor, no sois desdicha!

Ay tristezas, de mis ojos  
adoradas y entendidas,  
que sois de un amante firme  
la más dulce compañía!

Solo en vuestra soledad  
sus contentos imagina  
el alma que acompañais  
como discretas y amigas.

En vos halla mil secretos  
aquel que os ama y estima,  
que aunque es muda la tristeza,  
todo lo entiende y platica.

Ay, tristeza querida,  
que pues naceis de amor, no sois desdicha!

## VI

Para unas melancolías  
busca el remedio Lisarda,  
sin mirar que las de amor  
solo el mismo amor las sana.

Los cristales de sus brazos  
con rojas sartas enlaza,  
pensando hallar en corales  
perdidos gustos del alma.

Engañada en la color,  
por su mal se desengaña,  
que para alegrar a un triste  
ningunos remedios bastan.

Como si por los efetos  
no conocieran la causa,  
quiere disfrazar la pena  
que están mostrando sus ansias.

Sus mismas cosas la ofenden,  
que son tales sus desgracias,  
que los mayores amigos  
como enemigos la tratan.

Perseguida y pensativa,  
dice llorando; y encanta  
los cielos que se suspenden  
pensando que llora el alba.

## VII

Cintas azules y negras  
haciendo trenza esmaltaban  
el oro de unos cabellos,  
rayos del sol de Acenamar.

Diólos Celia por prisiones  
a quien prisiones sobran;  
y el triste, alegre y confuso,  
así le contempla y habla:

«Ay favor lleno de miedos,  
pues os viene a hallar el alma  
de azules celos vestidos,  
y de negras esperanzas.

Solo porque sois mi bien  
os males os acompañan,  
que desta suerte mi suerte  
en los provechos me daña.

Si favor, si agravio sois,  
mal lo conocen mis ansias,  
que una gloria entre dos penas  
parece ofensa y no paga.

Como a otros dan la ponzoña  
en el oro disfrazada,  
a mí, porque el bien no estrañe,  
me lo dan en las desgracias.

Traendo tristes agujeros,  
sois, prisiones adoradas,  
de la esfera de amor rayos  
adonde el alma se abrasa.

Si en mí la venis buscar,  
es escusado el buscarla,  
porque en vuestro dueño vive  
de sus potencias atada.

No le querais hacer fuerza,  
que ella, de su amor llevada,  
la libertad que más quiere  
son las cadenas que arrastra.

Allí en la gloria padece  
envidiosa y desdeñada,  
que en glorias donde hay envidias  
también tormentos se hallan.»

## VIII

Cautiva, triste y ausente,  
estando libre en su tierra,  
que es el mayor cautiverio  
el vivir por fuerza en ella;

forzada la voluntad  
que, aunque regalada sea,  
le son los regalos muerte,  
y la libertad cadenas;

haciendo su misma casa  
otra torre de Sansueña,  
llorava la bella Alcinda  
hecha nueva Melisendra<sup>77</sup>.

Que a su Gaíferos las lleve  
al aire entrega sus quejas,  
que cree tales imposibles  
quien de engaños se sustenta.

«Amor y honor con sus leyes,  
dice, a ser mío te fuerzan;  
no es bien negar a tu honra  
lo que a mi desdicha niegas.

Qué es de la fe que me diste,  
querido francés? Qué es della?  
Ya como ausente la olvidas,  
ya como griego la quiebras.

Mira que en tardar me ofendes  
ofendiendo tus promesas,  
que el mentir bajeza arguye,  
y que el prometer es deuda.

Vence, amor, vanos respetos,  
que aunque por razón los venzas,  
más con el amor me obligas,  
que es voluntad y no deuda.»

---

<sup>77</sup> Melisendra, prisioneira na torre de Sansueña – personagem do romance tradicional *D. Gaifeiros*.

Así se quejava Alcinda  
llorando lágrimas tiernas,  
que en llorar las soledades  
se descansa en una ausencia,

cuando su madre la riñe  
que deje pasiones viejas;  
y ella, entre llanto y suspiros,  
le dice desta manera:

«Dejadme llorar,  
dulce madre mía,  
que es alivio de tristes  
llorar desdichas.

No me quitéis, madre,  
esta triste vida,  
que en llorar mis males  
está mi alegría.

Dejad que mis ojos  
con lágrimas digan  
que es alivio de tristes  
llorar desdichas.

Con llorar agora  
descansos quería,  
que los desdichados  
solo así se alivian.

Por eso, dejádmeme  
llorar, madre mía,  
que es alivio de tristes  
llorar desdichas.»

## IX

Sienten, divina Amarilis,  
los cielos que estéis enferma,  
y de nubes enlutados,  
tristes lloran vuestra ausencia.

No hay sol que dé luz al mundo,  
día que noche no sea,  
porque a falta de los vuestros  
no hay luz, todo son tinieblas.

Los campos que no miráis  
secos y tristes se muestran,  
que como no parecéis,  
no hay flores ni primavera.

El Tajo crece llorando  
por encobrir su pobreza,  
que a falta de vuestros ojos  
no son de oro sus arenas.

Y pues lo que no siente sentir muestra,  
no es mucho que Floricio llore y sienta.

Más hermosa entre sus rayos  
inflamada la contempla,  
que imaginarla inflamada  
es contemplarla más bella.

Tal se muestra por el cielo  
de Venus la ardiente estrella,  
y tal de noche parece  
resplandeciente cometa,

como el triste la imagina.  
Mas que importa, aunque la vea,  
si nace de verla así  
el no gozar sus promesas?

Tardanle para matarle,  
que en amor más atormenta  
el bien que esperado tarda,  
que los males que se esperan.

Mas ay, que no vivir mejor le fuera,  
pues solo vive para que padezca!

## X

Cuando mayores mudanzas,  
Señora, en vuestro amor veo,  
con fe mayor os adoro,  
más firmezas os ofrezco.

Si debo a vuestros agravios  
mis propios merecimientos,  
es quitarme la esperanza  
darme en qué espere de nuevo.

Vos misma me dáis las armas  
de quien la vitoria espero,  
que hade venceros mi fe  
armada de agravios vuestros.

Bien hayan las tiranías  
do está en el castigo el premio,  
que sin dejar de ser penas,  
glorias del alma se hicieron.

Con lo que os desobligáis  
mui más obligado os tengo,  
pues no se pagan con odio  
deudas de un amor eterno.

Pues que queriendo menos, más merezco,  
cuando más me queráis, deberéis menos.

Merezco en los disfavores  
lo que en el favor no puedo,  
que si mucho en el se alcanza,  
más es merecer con ellos.

Animáis mis pretensiones  
desanimando deseos;  
dando descuido al cuidado,  
dáis nobleza al pensamiento.

Ay, qué de envidias abrazo!  
qué de placeres ajenos!



O por ser pesares míos,  
o por ser vuestros contentos!

Adorando desengaños,  
idolatrando unos celos,  
muero alegre y vivo triste,  
pues por vuestro gusto muero.

Para siempre os hede amar,  
a pesar vuestro y del tiempo,  
porque mal podrá olvidaros  
quien tan bien sabe quererlos.

Pues que queriendo menos, más merezco,  
cuando más me queráis, deberéis menos.

## XI

Si os oigo y veo, Señora,  
un sentido al otro envidia;  
por ambos vencida el alma,  
no sabe cual dellos siga.

Ora se da a vuestros ojos,  
ora a vuestra luz divina;  
va de un solo amor llevada  
por dos extremos perdida.

Mirando, en fuego la ardéis;  
cantando, hacéis que no viva;  
con vuestra voz cisne muere,  
féniz vive en vuestra vista<sup>78</sup>.

Divina sirena sois  
siendo la belleza misma,  
pues se ven en vos del cielo  
la belleza y la armonía.

---

<sup>78</sup> A edição original tem *vida*, mas supomos que o dicotomia *ver/louvir* que estrutura o poema exige aqui a palavra *vista*.

Dan alma vuestros acentos  
de fuego a las piedras frías,  
y en vez de adormir los ojos,  
despertáis almas dormidas.

Sois envidia de las gracias,  
de amor nueva maravilla,  
sublime deidad mirada,  
más sublime Apolo oída.

Son de vuestros bellos ojos  
mudas sirenas las niñas,  
que es música el movimiento  
con que encantan cuando miran.

Entre perlas y corales  
envidiada y detenida,  
vuestra voz en dulces quiebros  
almas da cuando almas quita.

Pues la niña mata  
cuando canta y mira,  
llore y ciegue de amor  
porque yo viva.

Y el Amor responde:  
mire y cante la niña,  
que si da dos muertes,  
también da dos vidas.

## XII

Cuando el retrato me niegas,  
qué puedo esperar, ingrata,  
si lo que mi fe merece  
ni con tus sombras me pagas?

Contradiceste a ti misma  
cuando dices que me amas,  
que quien la pintura niega  
aun tiene por dar el alma.

Pues tan liberal me has sido  
de engañosas esperanzas  
y un retrato es claro engaño,  
no sé como lo negabas.

El alivio de mis penas  
que en vuestra mentira hallaba,  
en lo negar a mis ojos  
cuantas verdades declaras!

Ay, cuantos ricos tesoros  
empobreciste sin causa,  
que aunque tu sol los crió,  
tus sombras los sustentaban!

Que eran tus palabras obras  
con bien de razón pensaba,  
mas oigo ya por mi mal  
que no son más que palabras.

Allí ciego por tí veo  
montes de desconfianzas,  
que aunque los muda mi fe,  
en ella misma los halla.

Si de tu sol no das sombras,  
qué darás, dulce tirana?  
Mas dirás que aun más me das  
en los rayos que me abrasan.

Si solo eres liberal  
de fuego, allí me la dabas,  
que hasta en tu muerta pintura  
halla mi amor vivas llamas.

Mas, al fin, nieguese todo;  
yo tomaré por venganza  
quererte, Señora, más  
cuando más me desengañas.

### XIII

Qué me queréis, pensamientos?  
Donde me lleváis, desdichas?  
Que, pues pasáis por la muerte,  
mayor mal hay en la vida.

Voy do los hados me llevan,  
porque es al mal con más prisa,  
no asido de los cabellos,  
que la voluntad me guía.

Por no perderlas de nuevo  
huyo de las alegrías,  
que solo se halla en tristezas  
un alma en gustos perdida.

Como si desdichas fueran  
temo las mayores dichas,  
que siempre duran tan poco  
que solo a volver caminan.

Mal me parecen los bienes  
que se mudan cada día,  
que tienen de bienes los males  
la firmeza que eternizan.

Aquellas soberbias torres  
que Amor, cual Nembrot, hacía,  
solo firmes han quedado  
despues que han sido ruinas.

Perdime en prosperidades  
envidiadas y temidas;  
ya de puro desdichado  
lástima doy, que no envidias.

Despues que no tuve glorias  
penas no me atemorizan:  
toda es miedos la ventura,  
la desventura osadías.

Natural me hizo en los daños  
Celia entre sus tiranías,  
que porque más firme muera,  
quiere que de daños viva.

Seis años de fe me debe,  
que aunque le es más fe devida,  
el tenerla entre mudanzas  
es deuda que mucho obliga.

#### XIV

Tan fuertes sois, mis cuidados,  
que entre mudanzas y celos  
os da vida la memoria,  
siendo en la esperanza muertos.

Para ser más desdichados  
vinisteis a ser eternos,  
que por potencia del alma  
venceis el poder del tiempo.

Ya son necias las firmezas;  
pretended como discretos.  
Mas vos, por no ser mudables,  
escogeis parecer necios.

Pues no cabeis en el alma,  
para qué culpan al cuerpo?  
Qué mal pueden encubrirse  
en un cuerpo Etnas de fuego!

Si en agua os muestran los ojos,  
si con suspiros el pecho,  
cuando Celia os condenar  
respondedle en estos versos:

Cuanto más a amor le encubren,  
más le descubren.  
Adonde está se ve luego,  
porque es fuego.

## XV

Qué triste que os contemplo,  
fuentes del prado alegres,  
aun más por cortesanas  
murmurar que por fuentes!<sup>79</sup>

Muerto por engañado  
muy bien sufrirse puede;  
mas que ha de hacer un vivo  
desengañado y ausente?

Alivios de llorar  
de penas son que tienen  
en lo mortal la vida,  
en lo inmortal la muerte.

Suspiros que descansen  
comodidad ofrecen;  
a mi dolor le debo  
que ninguna me deje.

Niegame la pasión  
lo que a todos concede,  
que es bien ser cual ninguno  
quien más que todos siente.

Culpar lo que acredita  
son muy tiranas leyes;  
desconfía discreto  
quien ama ausente y teme.

Quien da a las quejas causa  
quejar a un triste deje,  
que no ofende el que envidia  
las glorias que le ofenden.

---

<sup>79</sup> Este romance pode ser lido como reelaboração dos versos de uma «letrilla» – «Alamos del prado/ fuentes de Madrid,/ como estoy ausente/ murmurays de mi» – incluída no *Romancero general* (Madrid, 1604, parte dozena, p. 409).

Dispensar con el alma  
gran libertad parece,  
que aunque amor puede todo,  
todo es quitar poderes.

Bríos de un amor noble  
agravios no consienten;  
sufriendo y no admitiendo  
se ilustra el que padece.

Que se lastime honrado,  
que desdichado pene;  
alguna vez se sufra  
al que lo es tantas veces.

Ay mi bien, que tus iras  
forman injustamente  
de meritos de fe  
causas que desmerecen!

Victimas sin fortuna  
qué importa que alma lleven,  
si agravian por ser más  
las que obligaron siempre?

Voluntad que es mandada  
lejos está de entregue;  
quien se pierde con ojos  
sin aplausos se pierde.

Tu mudada y hermosa,  
yo tan firme en quererte!  
Temanse los dichosos,  
los tristes se consuelen!

Al que discursa olvidos,  
fuentes, perdon se debe,  
que no es mucho diviertan  
memorias que enloquecen.

Pedidme desvaríos  
admiradas de verme  
dar por desprecios almas,  
finezas por desdenes.

## XVI

Pues que a Portugal partís<sup>80</sup>,  
pensamiento, preguntad  
por aquel mudable dueño  
que amáis más, que olvida más.

No lamentéis que sois mío,  
porque sin duda os dirá:  
cata Francia, pensamiento,  
cata Paris, la ciudad.

No hay que buscaros dichoso,  
sabed que os habéis de hallar  
en polvoredas de ausencias  
perdido por Don Beltrán.

Dieron al agua memorias  
que vos a las llamas dáis;  
no siendo infante Guarinos  
peligrastes en la mar.

No os valdrá, mudo eloquente,  
con suspiros pronunciar:  
Donde estás, señora mía,  
que no te duele mi mal?

---

<sup>80</sup> Como demonstrou Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Romances velhos em Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1934), D. Francisco constrói este poema entretecendo versos de vários «romances velhos» e adaptando-os à situação emocional que pretende representar. Deparamos, assim, com versos dos romances de D. Gaifeiros, Montesinos, D. Beltrão, Guarinos, Valdovinos e Conde Claros, uns citados literalmente, outros transformados, chegando mesmo a uma total alteração semântica, como acontece com os versos do romance do Conde Claros «que yerros por amores/ dignos son de perdonar», que D. Francisco transforma em «que yerros son solo en amores/ indignos de perdonar».



Que aun sangriento déis voces  
todas en vano serán:  
veinte y dos heridas tengo,  
la más pequeña es mortal.

Satisfecho de desdichas  
catorce años ha que amáis;  
muerte que tanto acredita  
vida se puede llamar.

De mujer prendada y noble  
quién no había de confiar?  
Volóos, mintió y dejóos  
cual si fuera gavilán.

Divertida en otros gustos,  
qué hermosa y falsa estará,  
sin que en cosa vuestra piense  
de placer o de pesar!

Tan grandes facilidades  
ningún sagrado hallarán,  
que yerros son solo en amores  
indignos de perdonar.

Envidia disteis, y agora  
almas sin duda envidiáis.  
Hasta cuando, pensamiento,  
tanto mal ha de durar?

Muerto en mudanzas os lloro,  
de vos cien mil veces ay!  
Conde Claros de firmezas,  
como podéis reposar?

Vos cuidadoso en Castilla,  
descuidada en Portugal  
Celia, en olvidos Gaíferos  
en Sansueña os prende más.

## XVII

Qué hermosa que estais, Señora,  
cuando en tristes fantasías  
medís con el pensamiento  
auges de amor en vos misma!

Por su idea remontados  
vuestros discursos caminan  
poniendo en la elevación  
el merecer las desdichas.

En daros tanto os fue avaro,  
rico el cielo en sus envidias,  
que el mayor merecimiento  
ser vuestro nadie suspira.

Por no poder subir más  
quijá bajéis algún día  
lo endiosado de esos ojos  
a aquel que vuestros pies pisan.

Aborreciendo al que os ama,  
amastes de ser querida,  
haciendo dignos objetos  
de efetos de vuestra vista.

Incapaces de obligaros,  
aunque deidades obligan,  
las oblações más puras  
son de vuestro ser indignas.

Fuera de vos todo es nada,  
todo en vos mayor se cifra.  
Qué será lo más adonde  
es lo menos ser divina?

En vuestra comparación  
breve punto se imagina  
el cielo, que hay del a vos  
desproporción infinita.

Féniz sois de vuestro fogo,  
cuerdo Narciso que anima  
sus llamas con la razón  
a eternas melancolías.

Ansí arrebatado Celio  
nuevos orbes discurría,  
y Euclides de amor contempla  
altas visiones de Elisa.

### XVIII

Diligencias de la fe,  
no perdáis más tiempo en vano,  
pues dicen que es más que muerto  
un pensamiento mudado.

Si mudar los montes firmes  
justamente os vieron tantos,  
nacer firme una mujer  
es nunca visto milagro.

No empobrezcáis los poderes,  
mas vos diréis que me engaño  
y que igualmente invencible  
lo que falta son los hados.

Verdad es, bien me conozco,  
que son tales mis agravios,  
que los bríos de la fe  
con las desdichas infamo.

Ay firmeza sin fortuna,  
que de Celia el cielo ingrato  
con efetos de porfías  
cansáis cuando en vos descanso!

En la fe nadie os condene  
si en la suerte os condenaron,  
que más ofenden que obligan  
sacrificios desdichados.

Quintas esencias de amor,  
del fuego del alma partos,  
con caudal de bien perdidos  
siempre me dejáis bien pago.

Si fabrica de peligros  
sus glorias amor tirano,  
quien deja porque los teme  
no diga que deja amando.

Nunca admitieron razón  
republicas de cuidados,  
que de acuerdos de locuras  
sin muerte no hay medios sanos.

No se dilatan ni cortan  
de un alma noble los lazos;  
facilidad es, no honra,  
ser la razón Alejandro.

## XIX

Quien vive de ajenas glorias  
mejor dijera que muere,  
que no hay muerte más penosa  
que envidiar ajenos bienes.

Nacen las tristezas mías  
de algunos gustos alegres  
devidos a la fortuna  
que solo a mi fe se debe.

Adorar un imposible  
que otro goza y no merece,  
quién vió nobles pensamientos  
llenos de tan viles muertes?

Merecer un alma amando  
qué importa, cuando a ser viene  
el merecimiento envidia  
y el amor locos desdenes?

Si en poder de otro dueño  
mi dueño duerme,  
no me mate esta pena  
porque más pene.

Vos dáis, divina señora,  
principio a este mal que tiene  
su fin en la eternidad  
por ser yo quien padece.

Han sido pesares míos  
vuestros llorados placeres,  
no siempre tiranizados,  
aunque son tiranos siempre.

No forcéis la voluntad  
con el honor, porque a veces  
lo que ha comenzado en honra  
de amor en gustos se vuelve.

Si aborreciendo dáis glorias  
y amando, penas crueles,  
que aborrezcáis y no améis  
vendrá a querer quien os quiere.

Si en poder de otro dueño  
mi dueño duerme,  
no me mate esta pena  
porque más pene.

## XX

Qué bien me parecéis firme,  
sierra de Sintra soberbia,  
desmintiendo de la Luna  
el nombre con las firmezas!

Con un rostro sin afeites,  
aunque lleno de asperezas,  
no os véis en el mar hermosa  
porque fingida os enseña.

Siempre una, qué honrada estáis  
del tiempo vario las bueltas,  
representando constante  
de un honrado amor las deudas!

Qué real que descubríis  
por rústicas apariencias,  
como en vidrio envuelta un alma  
en el sayal de esas peñas!

Quién más cortesana ha sido  
que vos, siendo verdadera?  
Quién más discreta, pues sois  
con solo una fe discreta?

Como amáis! Qué bien sentís!  
pues de las entrañas vuestras  
sin ojos para llorar,  
con ríos lloráis ausencias.

Viúda sois a lo moderno,  
pues siempre tenéis cobierta  
de triste monjil de nubes  
piramidales bellezas.

Obeliscos de memorias,  
que no gigantes de ofensas,  
lastimado os mira el cielo  
alma de esperanzas muertas.

Huyendo un sol de constancias,  
huye quien se dejó en prendas;  
por más firme os vengo a dar  
noble envidia, injustas quejas.

Por muerto o por desdichado  
oídme un poco siquiera,  
que ofrece a un triste lisonjas  
quien le platica tristezas.

Celia, aquel monstro divino,  
deidad, pero de aras nuevas,

en un templo de mudanzas  
adoraciones desprecia.

Graves juramentos rompe  
pues palabras de amor niega,  
que obligan como contratos  
las más fáciles promesas.

Ya se retira cruel  
cuando amante se confiesa,  
como si demostraciones  
más que razones no fueran.

En fin, yo vengo dejado,  
y si sin vida viniera,  
por más muerte me dejáis,  
tan muerto me juzgo en ella.

Parece que me decís  
que en mujer que es cosa cierta.  
Es verdad; mas siendo noble,  
qué importa que mujer sea?

Tanto ha podido mi amor  
que, facilitando afrentas,  
dificultarme las glorias  
quiere que merezca en penas.

Y tan perdido me trae  
en soledades de Celia,  
que resistiendo a deseos  
pongo en duda sus finezas.

Siempre el mismo en las fortunas  
os doy de mis males cuenta,  
porque después de ser firme,  
sois una amiga sin lengua.

## XXI

Deixou de ir Lianor à fonte  
por ver damas estrangeiras,  
não para vir envejosa,  
mas para matar de envejas.

Mais que a ver foi a ser vista,  
que como novas estrelas  
não há olhos que os seus não levem,  
alma que sua não seja.

De vinte e quatro alfinetes  
(como dizem) foi à festa.  
Que muito que pique a muitos  
quem tanto alfinete leva?

Saia de palmilha azul,  
que tudo são palmas nela,  
que é bem que vista do céu  
o mor milagre da terra.

Gibão de canequim fino  
que de enfiado confessa:  
«Aqui jaz em neve um fogo  
que o meu branco em branco deixa.»

Beatilha que melhor ouro  
encobre em pardas madeixas,  
alcaide de liberdades  
que só soltando condena.

Fita verde que entre raios  
com perigos lisonjeia,  
inda que negue esperanças  
quando só mortes prometa.

O desprezo dos coturnos  
de úas sapatas vermelhas,  
púrpura de unido aljôfar,  
nácar de animadas perlas.



Tantas perfeições airosas  
em naturais estranhezas;  
tanto composto artifício  
no descuido de ser bela.

Aqueles olhos rasgados  
em que Amor faz, por mor guerra,  
cada sobancelha um arco,  
cada pestana ùa seta.

Aquele engraçado riso  
que por cristais de Veneza  
com glória brinda às vontades  
sede mortal que deleita.

Em casa de um mercador,  
na rua Nova à janela,  
sem si Lianor estava  
fermosa ouvindo estas queixas:

«Quebrou Lianor  
o pote na fonte,  
e deitou-lhe os testinhos  
tão longe!

Sem seu bem mais suspirado  
dando estava deste modo  
a si o descuido todo  
e a seu mal todo o cuidado.  
O peito tinha abrasado  
tendo nos olhos a fonte.  
E deitou-lhe os testinhos,  
mana, tão longe!

Diria quem na assi visse  
que eram pedras que atirava,  
porque tanto quanto amava  
tanto tinha de doudice.  
E para que mais sentisse,  
sem sentido está na fonte.  
E deitou-lhe os testinhos,  
mana, tão longe!»

## XXII

De uno en otro desvarío  
me traen mis pensamientos  
de atinado todo loco,  
de penado todo cuerdo.

En la confusión cruel  
de los males que padezco  
no está el acertar en más  
que en solo los desaciertos.

Arrebatado en memorias,  
ojos con ríos desmiento,  
que si saben llorar bien,  
miran tan mal que son ciegos.

Soledad trato y no gente,  
corte habito y montes pruebo,  
que el divertir de un cuidado  
entre aplausos pisa yermos.

Negandome a los olvidos  
menosprecio los remedios;  
ilustrando las finezas  
pongo en salvo el sentimiento.

Tan rico soy de tristezas  
que sin engañarme pienso  
que se me han hurtado a mí  
las que a los otros cupieron.

De vinculados pesares  
como bienes muebles temo,  
si los pierdo, que me pierda.  
Ay del que se gana en ellos!

Celia, si en peligros que honran  
fe apuro y te voto templos,  
fuera bajeza el huyr  
enemigo que da meritos.

Sin tí y contigo en el alma  
me desmayo y me defiendo;  
si penas debo a la ausencia,  
también vitorias le debo.

Entre amargas soledades  
me tenéis, y no me tengo:  
muerto sí, mas no vencido,  
ausente sí, mas queriendo

### XXIII<sup>81</sup>

Aquí donde humilde anima  
el Tajo siempre arrogante  
en flores tantas estrellas  
y un cielo verde en los árboles,  
estoy liquidando fuegos  
cuando estoy llorando mares,  
de un sentimiento lisonjas,  
de una memoria verdades.

Aguas, que a mi bien corréis  
y me lleváis con dejarme,  
aun más que males, envidias,  
siendo infinitos mis males;  
gritos os doy con los ojos  
que mudos decifran graves  
con lagrimas lo abrasado,  
con ser ciegos lo constante.

Sacrificios de suspiros,  
víctimas que en dulces ayes,  
con ser descansos del alma,  
desaniman cuando salen.

---

<sup>81</sup> A este romance, composto em Aranjuez, se refere o poeta em carta de 24 de Maio de 1623: «a vista das agoas do Tejo chorey num Romansse que por omilde o não mando» (*Cartas*, p. 108). E na carta seguinte, de 9 de Junho, volta a referir-se a este «Romançe do Tejo que por comprido não mando aqui».

La amarillez misteriosa,  
prendas tristes y señales  
de un imaginar que esconde  
tanto amargo en tanto suave.

Cuando a aquel sol portugués  
que os da cielo sus cristales  
de lo mirado desprecio,  
credito de lo admirable,

lenguas os pido piedosas,  
no por las ciegas mordaces;  
sepa referir desdichas  
quien murmurar dichas sabe.

No me encubráis cual me visteis,  
decilde que me escuchasteis  
tan solo que me negaba  
a las mismas soledades.

Tan peña vuestra en lo firme,  
que se avergüenzan mudables  
los montes que me contemplan  
inundación de los valles.

Tan muerto por divertido,  
que en aplausos de las aves  
probó el sentido venenos  
que se fabrican del aire.

Testigo seréis de penas,  
mas no de penas tan grandes;  
sin ver no hay daño pequeño,  
viendo no hay pesar que dañe.

Si de infelices finezas  
monstro sois, justo es no causen  
olvidos a vuestro curso  
lo extraño de mis pesares.

Dueño, un cambay<sup>82</sup> de mil rayos  
a más oro es bien que os llamen;  
rayos dueños de mil vidas  
ricas os harán, si amantes.

Perlas envueltas en gracias,  
dulces peligros en nácares,  
aljavas de luz, enojos  
do el luto en bellezas sale.

Tanto candor animado  
en manos que liberales  
de perfección y de llamas  
hacen guerra a nieve y sangre.

Tantos airosos aciertos  
en descuidos de su talle,  
en quien lo hermoso y entendido  
hicieron felices paces.

Parece que respondéis,  
aguas, despues de culparme  
de temerario por corto  
cuando encarezco inorante.

La mal bosquejada es Celia,  
la deidad de las deidades,  
sin templo mas no sin almas,  
de muy divina inloable.

Pedazos de luz son suyos  
estas sombras que se esparzen  
para asombro de los días,  
para luz de las edades.

Tajo, de ausente en Castilla  
no sé que digo; mas baste  
que digáis en Portugal  
que estoy firme en Manzanares.

---

<sup>82</sup> *Cambay* – palavra não dicionarizada, cujo sentido ignoro.

## XXIV

### *Describe una tempestad*

Maestro de disonancias,  
de loco rompiendo cuerdas,  
bramaba el furioso viento  
como si celoso fuera.

Después de mostrar abismos,  
las inchadas olas eran  
por escadas de sí mismas  
Atlantes de las estrellas.

Turbado el cielo cubría  
sus luces de nubes negras,  
que inhumano el rigor crece  
si humano llora por ellas.

En todo el horror y el luto  
infelices representan  
a los ojos y al oído  
con muertes vivas tragedias.

Misera nave se mira  
en tan graves inclemencias  
como bajel de Aqueronte  
émula de la primera.

Desesperada en el mal,  
mayores males espera  
la gente que en rotas tablas  
no amparo, sepulcro lleva.

Un naufragante en sí mismo  
sin alma en su alma prueba  
olvido de las presentes  
muerto en ausentes tormentas.

Dando en suspiros y lágrimas  
al mar y a los vientos fuerzas,  
entre confusión y voces  
sin voz formó tales quejas:

«Pudo mi suerte homicida  
prevenir tan dura suerte,  
que mal temerá la muerte  
quien solo teme la vida.

Las amenazas mortales  
del tiempo y graves espantos,  
con ser el miedo de tantos,  
son lisonja de mis males.

En privación de la dicha  
sin querer me la dió el hado,  
que repara un desdichado  
con desdicha su desdicha.

A su adoración llevados,  
no aquí los sentidos mudos,  
dan al peligro descudos  
con peligros descuidados.

Ah Celia, a cuán justas quejas  
tu gusto engañado llega!  
Por las flores de una vega  
firmezas de un monte dejas!

A qué afrentosa batalla  
tu fácil pecho se anima,  
si lo que es de más estima  
en lo más difícil se halla!

Sin nobleza qué valor  
busca tu deseo injusto,  
si la disculpa del gusto  
es la culpa de tu amor?

Antes tu discurso ciego  
quiso ser (costumbre odiosa!)  
de vil llama mariposa  
que féniz de un noble fuego.

En cobardes desatinos  
tus altiveces afrentas;

corrida de lo que intentas,  
las quieres llamar divinas.

Fieme en falsas confianzas,  
mas tan loco y tan perdido,  
que es mi memoria tu olvido,  
mis firmezas tus mudanzas.

No inorante en mal tamaño  
sacrifico amante, y siento  
amor al conocimiento  
sino credito al engaño.»

## XXV

Noche alta en baja fortuna  
toma a sus memorias cuenta,  
que mal dormir puede un alma  
cuando las desdichas velan.

Sin mí primero y sin vos,  
dejo estas lloradas quejas,  
que vivas exequias fueron  
de alguna esperanza muerta.

Qué me queréis si estoy dando  
sombras de glorias ajenas,  
a lo pasado disculpas,  
a lo porvenir firmezas?

No desmayan a la fe  
los agravios que atrás quedan,  
que fue el padecer dejada  
merecer en lo que deja.

No echéis veneno en los gustos,  
que en mi amor y en su nobleza  
no hay ruedas para mudanzas  
y hay clavos para las ruedas.

Si ha vuelto a arder como de antes,  
dejad descuidos de Celia,



que es sagrado a los olvidos  
de una mujer una ausencia.

Pues yo la afrenta consiento,  
mis memorias la consientan;  
quien más ofendido quiere,  
obligue olvidando ofensas.

Si vencí desengañado  
los hados con la paciencia,  
con engaños de admitido  
la memoria es bien que venza.

No hagáis gritar la razón  
resucitando tristezas,  
memorias, cuando es el gusto  
de su propio sol esfera.

Despertadme a amar felice,  
no me despertéis a penas;  
haréis lenguas del contento,  
pues del pesar hacéis lenguas.

## XXVI

Yo lloraré por los dos,  
dejad el llanto, Señora,  
que no es muerto, aunque esté ausente  
quien vive en vuestras memorias.

A do estan juntas las almas  
apartamientos no importan;  
si quedo en vos con la mía,  
mal puedo dejaros sola.

No hay porque temáis mudanzas  
sino es que temáis las propias,  
pues a mi fe por despojos  
rinde el tiempo sus vitorias.

Podrá (cuando mucho pueda)  
esta ausencia peligrosa

matarme, mas no mudarme,  
si el ser yo vuestro os importa.

Forzado de obligaciones  
me partí a morir por todas,  
que pues sin alma me llevan,  
claro está que son forzosas.

No es falsa la obligación  
del que obliga cuando adora,  
que palabras que almas fueron  
dejan mucho atrás las obras.

Mal ama quien no enloquece,  
que locuras de amor honran,  
ni es loco quien cumple cuerdo  
promesas de amor no locas.

Por este mar que navego  
mayor mar mis ojos lloran,  
que deve de ser de fuego,  
pues que me abrasó en sus olas.

Aquí de glorias pasadas  
fabrico penas agora,  
que a quien las mide imposibles  
siempre son penas las glorias.

De aquí hablaré con suspiros,  
mensajeros de congojas,  
que por ser de dolor lenguas  
solo mis pasiones tocan.

Las paredes que besava,  
por ser vuestras venturosas,  
de allí harán falta al deseo,  
aunque a las memorias sobra.

Segura podéis quedar,  
que una firmeza amorosa  
puede asegurar temores  
cuando verdades pregona.

Así el ausente Silvano  
responde a Belilla hermosa,  
dando por paga a sus quejas  
mucho amor, palabras pocas.

Si me amáis como decís,  
será obligación forzosa  
que halle todo el tiempo bueno,  
apesar de ausentes horas.

## XXVII

Soles llevo y dejo noches  
en ojos que hermosos llevan  
para sayal muchos rayos,  
mucho corte para aldeia.

Humildemente divinos  
entre humildes resistencias,  
cada flecha es un sagrado,  
cada mirar una flecha.

Desperdiciando peligros  
que con muertes lisonjean,  
villanas noticias burlan  
lo agradable de sus penas.

Aseos de la ciudad  
son al campo primaveras,  
que es a lo rústico flores  
lo que a lo lucido estrellas.

Suspendió amor los incendios,  
mas si en soledades deja  
lo suspendido lo dulce,  
que es miedos toda una ausencia.

De lo airoso de sus bríos  
que Favonio no se alienta?  
Nunca son prisiones de aire  
de un buen aire las cadenas.

Prodigio de aquellos montes  
que admiraciones ostentan,  
si no templos de su culto,  
trofeos de sus grandezas.

Pues no le falta otra cosa,  
quizá le enseñan firmezas,  
si ya, como lo entendido,  
no es también gracia de feas.

No pide la edad mudanzas,  
que tiene esplendiendo veras  
años para ser más firme,  
no para ser menos bella.

Si burladora burlada,  
mal persuadida y discreta,  
el dueño de tantas almas  
fue ser deidad de las selvas.

Silencio es ya de los bosques  
que en dulces aplausos prueban  
más espanto que razones,  
más aclamación sin lenguas.

Cuando por nuevo lo solo  
la descuide y la entretenga,  
ni siempre un dejado sigue,  
que redime quien desprecia.

Qué en vano que se retira  
si memorias la desvelan!  
que une amor con las distancias  
y ojos sobran a quien piensa.

En lo libre que administra  
mucho infelice gobierna,  
que si acredita un cuidado,  
dos ya parece que afrentan.

Aumentos, no suspensiones,  
quiere mi mal que pretenda,

que es muy villana venganza  
la que es alma de la ofensa.

Ay desdichado caudal,  
constancias mal satisfechas,  
que se os debian las dichas,  
a lo menos por ser necias!

Desamparos de la suerte,  
meritos de la paciencia,  
ni os deben mis penas gloria,  
ni honra os deben mis finezas.

De verdaderos suspiros  
las sentidas diligencias  
más discretas, menos firmes,  
hielense y no se arrepientan.

Disculpe la imitación,  
si es que el alma desacierta;  
pues siguió a Celia mi amor,  
siga mi mudanza a Celia.

Alumbre su deslealtad  
la que en mí loco amor ciega,  
no fácil, sí encaminado.  
Adiós, locas asistencias!

## XXVIII

Belilla de mi alma,  
sol claro, aunque moreno,  
envidia de las blancas,  
blanco de los deseos.

Por gloria y por defensa  
con razón fue el cabello,  
entrizado azabache,  
del oro menosprecio.

Afrenta es vuestra frente  
de cándidos extremos,

que los que no os imitan  
mal pueden ser perfetos.

Con majestad suave  
vuestros ojos se hicieron,  
porque son negros, graves,  
dulces porque son bellos.

Bañado en vuestras gracias,  
amor de oculto cielo  
fabrica en vuestra risa  
las flechas de su fuego.

Tan discreta os mostráis  
callando y hablando a tiempo,  
que iguala a la eloquencia  
del hablar el silencio.

Si andáis o si paráis  
con divinos efetos,  
siempre os ofrecen almas  
como a deidad incendios.

Yo solo, que felice  
tantas glorias contemplo,  
en los rayos que adoro  
hallo castigo y premio.

Por no ofender lo que os quiero,  
ni espero ni desespero.

Grandezas toda sois  
y hasta lo menos vuestro  
fuera lo más del mundo  
si en vos hubiera menos.

Ninguna acción hacéis  
que no la animéis luego  
de gracias que almas quitan,  
de almas que animan pechos.

Sois lumbre de la corte,  
alta empresa de aquellos

que con más claros ojos  
os ven que los del cuerpo.

Divinidad callada  
de nobles pensamientos  
que os aman entendidos  
para quedar eternos.

En vos, esfera suya,  
se hallan en un sujeto  
unidos dos contrarios,  
lo hermoso y lo discreto.

Claramente mostráis  
que no impide lo negro  
perfección de hermosura,  
pues tan hermosa os veo.

Cuando más loco os amo,  
en la elección tan cuerdo,  
la voluntad no ciega  
animo del respeto.

Esto que os digo agora,  
lo que por decir dejo,  
nunca serán lisonjas,  
porque verdades fueron.

Por no agraviar lo que os quiero,  
ni espero ni desespero.

## **XXIX**

Ya no más, versos llorados,  
demos el alma al silencio,  
que sois dos veces desdicha,  
por verdades y por versos.

Números tristes que inspira  
la misma tristeza al pecho,  
no os quiero burla a unos ojos  
que por burladores quiero.

Elocuencia suspirada,  
más dulce en sonoros términos,  
más fiera y más mármol es  
fiera con entendimiento.

Medidos rayos que sois  
sin medida en los incendios,  
si os dejo en memorias llamas,  
en venganza un mar os dejo.

Vida que el amor derrama  
del sentido en pensamientos,  
pedazos del corazón,  
precio de tantos desprecios;

víctimas de confusiones,  
no a su enemigo, a su dueño  
clamad mudas, pues sois sangre,  
venganzas de tan mal muerto.

El propio dolor que os mueve  
os niegue paso, no entierro;  
antes que a risa salgáis,  
volved, llanto, a vuestro centro.

Que por cabellos atada  
la libertad en lo eterno,  
parece que desda nudos  
lo blanco de mis cabellos.

Con más desventuras que años  
me está avisando lo menos;  
toca a recoger lo ingrato  
aun con más veras que el tiempo.

Si a lo necio por ser firme  
pasos dáis mal satisfechos,  
sereis dichosos, cuidados,  
que está la dicha en lo necio.



Tanta esperanza baldía,  
que dan seso y quitan seso  
cuando posesiones, nada,  
cuando esperanzas, tormentos.

Tanto despierto soñar,  
sea la vergüenza el premio;  
haya confusión siquiera  
do no hay arrepentimiento.

Sienta mucho y calle mucho,  
ningún alivio pretendo;  
cuando no me niego al mal,  
al publicarlo me niego.

### XXX

No me culpéis sin oírme,  
verdes bosques, porque pienso  
que juzgáis por inconstancias  
lo que solo han sido aciertos.

Con amparo de hermosuras  
y con disculpas de incendios,  
más amante, menos firme  
vengo yo cuando no vengo.

Aquel amor a quien disteis  
tanto aplauso en el silencio  
no mudó de adoraciones,  
aunque ha mudado de dueño.

Aparejad sin sentido,  
bosques, al mal sentimiento,  
que os doy deidad en razones  
dandoos un sol en bosquejos.

Rayos, que son primaveras  
a vuestros rústicos pechos,  
darán en verdes despojos  
nunca merecidos premios.

Estrellas con luz de soles,  
soles con color de cielos,  
dulcísimas flechas tiran,  
que son peligro y remedio.

Felicidad en naufragios  
de oro en mares de cabellos,  
olas que apetece[n] almas,  
cuya margen son estremos.

De gracias se fabricaron  
lo blanco y rubio a quien dieron  
tan justamente los bríos  
el caudal de lo moreno.

De airo[sas] ostentaciones  
anima ilustres despejos,  
por lo dulce, desenfados,  
por lo grave, lucimientos.

Toda es espantos amables,  
toda atinados deseos;  
cuanto admira con lo hermoso  
suspende con lo discreto.

La que tan bien sé querer,  
bosques, que mal lo refiero,  
de agraviada en alabanzas  
se niega a encarecimientos.

Mucha beldad, pocos años,  
libres están prometiend[o]  
más ingratitud que fe,  
más que piedades, desprecios.

No me desmayan mudanzas,  
ni finezas me dan méritos;  
otros valen por lo que aman,  
yo solo por lo que de[je].

Menospreciador de glorias,  
les prefiero pensamientos;  
dando almas a lo dudoso,  
olvidos doy a lo cierto.

El milagro es de la aldea,  
de las locuras el crédito;  
bosques, la mal bosquejada  
almas la doy, dalde templos.

Mi amor, que es ventura mía,  
os platico, porque quiero  
que digáis: «Este se gana»,  
cuando tan loco me pierdo.

### XXXI

Es mi enfermedad mi amor,  
y un doctor con su Galeno  
curame de calenturas,  
siendo el mal todo deseos.

Qué importan sus aforismos  
si estoy de una moza enfermo,  
toda vidas por piedosa,  
por cruel toda venenos?

Blanca y rubia es la rapaza,  
y con bríos muy morenos,  
porque alguna vez lo hermoso  
no deja nada a lo feo.

En dos burladores ojos,  
entre soles y entre cielos,  
descubren color, y en rayos  
un mentís para los negros.

Tan dotora en pocos años,  
que de escuelas sin maestro  
ha jubilado de prima  
en cátedras de lo bello.

No hay medicamento simple,  
que usa solo los compuestos:  
de gracias, que son peligros,  
de muertes, que son remedios.

Los grados de bachillera,  
que siempre pican de necios,  
para picar voluntades  
los recibió en lo discreto.

Sus palabras son ensalmos,  
tan pródigas de misterios,  
que con un sí resucitan  
a un muerto para más muerto.

Tan licenciada en lo airoso,  
que con su licencia pienso  
que endiosando desenfados  
dió deidad a los despejos.

De la escultura un milagro  
la contempla el pensamiento,  
que tiene aseos de flaca,  
y de gorda los provechos.

En brillantes pies esconde  
en lo breve lo perfeto,  
más plata aunque en menos plata,  
que da imperios a lo menos.

Aquí del emudecer,  
que en perfecciones me anego!  
Tormentas de glorias paso,  
porque las miro de lejos.

Deje, doctor, las sangrías!  
Mas que dirán los barberos,  
si a sanar como a ninguno  
dispone sus quatro dedos?

Intercadencias de pulsos  
de nieve piden aprietos  
a la mano, y da el vivir  
a más fuego si a más hielo.

De perlas y de corales  
me recete para el pecho  
epítimas a lo triste,  
y a lo desmaiado, alientos.

Que de aquel reír divino,  
sed mortal de mis tormentos,  
hidrópico de sus rayos  
está el daño en que no bebo.

En récipe de acercarme  
tiene el más dulce sosiego;  
a alivios de no apartar  
llama un mal de apartamiento.

Bezares de un corazón,  
parto de otro dulce puerto,  
cuando mira comunica:  
Dotor, déme mucho desto.

No hay acción en la muchacha  
que no sea, según pruebo,  
triacca contra ella misma,  
ponzoña contra mí mismo.

Si pretende dar milagros,  
lo mismo será que hacelos;  
pues toda la apliqué al alma,  
toda me la aplique al cuerpo.

## XXXII

Solicitados aplausos  
de un prodigio a otro prodigio,  
de un no ver, que es todo fe,  
de un deber<sup>83</sup> que es todo olvidos.

Sagrado sois con ser penas,  
glorias sois siendo martirios,  
que confunde tiranías  
quien gusta de desatinos.

Ausentar que no apartó  
tiranizando infinito,  
pudo ser más que desdicha,  
siendo menos que desvío.

A duración de constancias  
deudas son ya los alivios,  
merecidos por la fe,  
negados por merecidos.

Venid a alegrar cuidados,  
descuidado dueño mío,  
que con aumentos de tristes  
en más firmezas confirmo.

Vuelva a ser ciudad de nuevo,  
que sin vos aldea ha sido,  
la que en conquista de pechos  
os debe *plus ultras* indios.

Qué grandeza en sí no encierra  
vuestra perfección? qué bríos  
no ilustráis con lo discreto,  
no suspendéis con lo altivo?

---

<sup>83</sup> Pergunto-me se esta palavra, na 1.<sup>a</sup> ed. grafada «dever», não corresponderá a erro (de leitura ou de impressão), em vez de «ver», vocábulo que parece mais adequado ao sentido da estrofe e à construção paralelística e antitética do 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> versos.

En monarquía de espantos  
imperando en albedríos,  
con ojos aun más que soles  
dáis, como estrellas, destino.

Mayor Diana en su amparo  
de vuestros extremos mismos  
flecháis milagros que asombran  
siendo de luz los peligros.

Mayor fortuna en la adversa  
a sus triunfos perdidos  
nueva fama les anuncia  
en lo invencible, en lo rico.

Maravillas que son nada  
en sus siete el mundo ha visto;  
vos hermosura, ellas piedras,  
sois mayor pasmo a los siglos.

Anfiteatros, colosos,  
pirámides, obeliscos,  
faro al mar, Juno a la tierra,  
dulce paz y cielo amigo,

todo tiene cuando os tiene,  
feliz patria, dulce nido,  
que si os estrecha en lo féniz,  
no os exalta en lo divino.

Deseosos de lograros,  
con lenguas de agua estos ríos  
en corrientes de cristal  
Celia van llamando a gritos.

Al fatal nombre estos mares  
corren con plantas de vidrio,  
dando en espumantes aras  
en olas los sacrificios.

A veros como estos valles  
de tanta estrella floridos,  
más montes son estos montes,  
que con vos serán Olimpos.

Vueltos lisonjas los aires  
con fragrantés regozijos  
os solicitan dichosos,  
os imitan fugitivos.

Cuando almas os da sin alma  
quien no siente con sentidos,  
qué mucho se dé en deseos  
quien se dio todo en suspiros?

Tardáis, Señora; yo triste  
en amor ausente y vivo,  
sin esperanza os espero,  
todo muertes me acredito.

### XXXIII

Porque atormentas, Amor,  
el atormentado pecho?  
que para nuevas pasiones  
sobran antiguos tormentos.

Penas con penas animas,  
con fuego soplas el fuego,  
tan pródigo en el rigor  
como avaro en los remedios.

Porque al corazón herido  
despides flechas de nuevo,  
si ofensa y amparo suyo  
de las primeras has hecho?

De que sirven más cadenas  
a quien por gusto fue preso?  
que ado es la voluntad grillos,  
todo lo demás es menos.



Porque renuevas borrascas  
en golfos de pensamientos,  
siendo tu bonanza misma  
tempestad eterna en ellos?

Indigna gloria procuras,  
del vencido el vencimiento;  
ganar a un muerto banderas  
son vergonzosos trofeos.

Porque acrecientas dolores  
a los sentidos que centro  
siempre del dolor han sido  
luego que tus aras fueron?

Mas mueve invencibles armas,  
que dando merecimiento  
como tirano a la fe,  
gloria y coronas te debo.

A los golpes que enojado  
lince aciertas, tiras ciego,  
si falta lugar al alma,  
sobran almas al deseo.

Agradecido y quejoso,  
sintiendo y adorando extremos,  
hablo verdades defunto,  
callo vivo y digo muerto:

Amor, Amor,  
para qué tanto rigor?  
No más, no más,  
que muertes a um muerto das.

#### XXXIV

Más amor y más amor  
menos es de lo que quiero;  
rayos al alma y más rayos  
menos son, pues vivo dellos.

Entre llorados discursos,  
todos fuego y todos hielos,  
pagado en tristezas me hallo,  
que hay tristezas que son premios.

De un suspiro para un ay  
alivios en penas pruebo,  
que desalentando el alma  
comunica amor alientos.

Con límites de hermosura  
cortedad son los excesos,  
que aunque es niño amor tirano,  
siempre gustó de preceptos.

No es locura una locura  
que en sí no busca remedios,  
ni es perdido el más perdido  
cuando no vive de serlo.

Quien promete desatinos  
mucho dañará pudiendo,  
que un pródigo de imposibles  
pone de más los deseos.

Dar almas como entendido  
entre razones de necio,  
descuidos son sin peligro  
del cuidar peligros siendo.

Oh suspender de unos ojos,  
cuanto podéis con lo bello,  
pues me fulmináis divinos  
en desvaríos el crédito!

Querer sin discurso es honra;  
de errar fabrican aciertos  
los que honra amor con coronas,  
que en el son glorias los yerros.

Con desvíos de prudencia,  
ciego usurpador de pechos,  
leyes de guiar promulga  
a republicas de ciegos.

De disparates y afrentas  
introduce altos trofeos;  
vilezas que timbres llaman  
fuerzas son, parecen ruegos.

Ay, dulcisima Señora,  
en quien juzgo por estrechos  
los espantos de mirada,  
de querida los extremos!

Mi amor y vuestra hermosura  
dos veces disculpa veo,  
que bien ilustra caídas  
quien se despeña a los cielos.

Respetos atropellados  
como monstruos os ofrezco;  
vos juzgad, yo sacrifico,  
que amo más si espero menos.

### XXXV

Si tan bien, glorias, matáis,  
qué dejáis para las penas?  
Direis que es la mejor vida  
una muerte que deleita.

Una gloria no esperada  
puede matar cuando llega,  
que trae un gusto imposible  
sobresaltos que atormentan.

Tienen asombros de males  
los bienes que no se esperan,  
que son fantasmas placeres  
a quien vive de tristezas.

Hizo violentos el hábito  
favores de las estrellas,  
que en un centro de desdichas  
están las dichas por fuerza.

Fortuna por las mudanzas  
corre el alma, que están hechas  
al golfo de sus pasiones  
que en las bonanzas se anega.

Hallaronse los sentidos  
tan perdidos por ofensas,  
que en lo dulce de su daño  
como harpías os contemplan.

Oh fuerza de la costumbre  
cuanto puedes, pues que fuerzas  
a los agravios el gusto,  
porque gustos aborrezcan!

A quien ama escuridades  
los rayos del sol son flechas;  
tanto a la razón deslumbra  
el poder de la asistencia!

Ay, tardanzas homicidas,  
que hicistes naturaleza  
del veneno que me mata  
para que el favor lo sea!

Tiranas glorias de amor!  
Pero no es la culpa vuestra  
cuando se confiesa el alma  
con pervertidas potencias.

Yo os adoro como cuerdo,  
aunque como loco os tema,  
que bien paga amor mi vida,  
pues quiere que en glorias muera.

### XXXVI

Hiedras que olmos abrazan,  
palomas que se besan  
vencen, cuando se gozan,  
dos almas que amor premia.

Gil, que panales dulces  
coge de flores bellas,  
abeja venturosa  
de los labios de Menga,  
incendios que amor sopla  
templar en ellos piensa,  
como si en glorias suyas  
llamas faltar pudieran.

Felice si enganado,  
ay qué dulzuras prueba,  
que deseadas goza,  
que gozadas desea!

Hidrópico bebía  
entre coral y perlas  
fuego en un mar de gracias,  
sed en la fuente dellas.

Allí engolfado toma  
puerto, de glorias puerta,  
do se dan paz las almas  
para más dulce guerra.

Tempestad de bonanzas  
dulces Syrtes navegan,  
batalla misteriosa  
en que el vencido venza.

Remontado allí el gusto  
por sus quintas esencias,  
a que prueben olvidos  
los sentidos despierta.

De ámbar halló el aliento,  
siendo aromas sabeas,  
que sustentaba vidas  
porque olores sustenta;

respiración que exhala  
cuando se desalienta  
tras del placer el pecho  
animado en la agena.

Por celosías de aljófar  
que un cielo alegre muestran,  
rayos de risa beben  
que abrasan si deleitan.

Arcos de marfil juntan  
dulces purpúreas cuerdas  
de quien son llagas besos  
y las lenguas saetas.

Fenices de sí mismos,  
si uno acaba, otro empieza;  
de la ceniza deste  
aquel se engendra y vuela.

Lisonjeros suaves  
que murmurando suenan  
de glorias que no tienen,  
si hay glorias que no tengan.

Es artífice suyo  
amor, y antes que vengan  
a la boca, los saca  
del alma en que los templa.

En quien los corazones  
se miran y se encuentran,  
sin ser por los oídos  
heridos de las lenguas.

En rosas animadas  
dulcemente se encierran  
áspides, que a dar vida  
muerden, y a quitar pena.

Como esferas movían  
imperios de elocuencia  
labios que exprimen mudos  
al gusto áureas cadenas.

Maná sabroso llueven  
que en voluntad hambrienta  
muchas veces no menos  
es veneno que néctar.

Suaves los suspiros  
son cuando el alma queda  
en el gusto y los dientes,  
peregrina y suspensa.

Transformados en uno  
los sentidos se muestran,  
para que al placer diesen  
lo que a la envidia dieran.

No sé que más hallando,  
que más que todo era,  
dijo perdiendo amante  
sus glorias por sus quejas:

«Oh, qué suave amor es!»  
Y no pudo más decir,  
que murió y volvió a vivir  
para morir otra vez.

## XXXVII

### *A un retrato*<sup>84</sup>

Desvanecimiento hermoso,  
dulcísimo sobresalto,  
desengaño en ser remedio,  
verdadero en ser engaño.

Burla adorada a quien deben  
mis pensamientos burlados  
tanto original en sombras,  
ninguna mentira en rayos.

Sol reducido a colores,  
que premia y castiga ingrato  
con excelencias de vivo,  
con ofensas de pintado.

Gloria fundada en el crédito,  
en que las penas hallaron  
en ignorar los alivios,  
y en conocer, los agravios.

Suspensión que me enamora,  
aun más soledad que amparo,  
nada para los discursos,  
y para los ojos tanto.

Atención que no me escucha,  
lenguas que mudas hablaron  
en las iras elocuencias,  
y silencio en los descansos.

Cadenas del albedrío  
que de tintas se formaron;  
dulce blanco del deseo,  
posesión que deja en blanco.

---

<sup>84</sup> Este romance integra también o texto da *Arte de galantería* (vd. ed. cit., pp. 122-123), apresentando ali, em relação a esta versão, ligeiras variantes e a supressão de quatro versos.



Deidad solo en las promesas,  
que tiene el culto en vano;  
bien que más perdido está  
cuando está más alcanzado.

Tan mío por ser cruel,  
tan natural por ser vario;  
desamor que inspira amores,  
lisonja que aspira a daños.

Cielo hermoso de descuidos  
con poderes de cuidados,  
sin mi alma en lo admitido,  
con mi alma en lo tirano.

Conduciendo a adoración  
vuestras luces me dejaron,  
siendo un yerro que encamina  
no satisfecho mas pago.

Qué de imperios que debéis  
a la fe! qué de milagros!  
misterio en ella os contemplo,  
vanidad sin ella os amo.

En lo homicida os conozco,  
no dudas, vida os consagro,  
que sois dos veces peligro  
por verdadero y por falso.

Rayo a rayo y sombra a sombra,  
iguales incendios hallo  
de un retrato que me tiene,  
de un dueño que no alcanzo.

### XXXVIII

Lo airoso de unos ojos  
que con rayos discretos  
se olvidan de ser soles,  
se precian de ser negros,  
  
preciosamente humildes,  
dulcemente soberbios,  
por tener más de hermosos  
de estrellas tienen menos.

Menospreciando luces  
descubren por risueños  
tanto divino en alma,  
tanta gloria sin cielo.

Al fulminar espíritus  
envuelven lisonjeros  
la muerte en lo aseado,  
la vida en lo travieso.

Si en perfección tan grandes,  
como han de ser ojuelos?  
Si inmensos por suaves,  
qué tienen de pequeños?

Qué atinados ofrecen  
con grave movimiento  
nuevo culto al peligro,  
también deidad en ellos!

Al esplendor negados,  
no al adorar, se vieron  
cuando flechando bríos  
castigan con remedios.

Admiran misteriosos  
con dejar ver extremos,  
que si otros ciegan vistos,  
ellos dan vida viendo.

Tiranías y aplausos  
a tal paz redujeron,  
que majestad y burlas  
llueven a un mismo tiempo.

Lo libre que cautivan  
hurto parece y es premio;  
dan más de lo que quitan  
cuando se quedan dueños.

Divinidad abrevian  
con tan lucidos términos,  
que cuando la limitan  
le están agradeciendo.

No deja de ser fe  
la fe que conociendolos  
para nuevos milagros  
vuelve a empeñar el crédito.

Un no sé qué endiosado  
más tenéis, ojos bellos;  
sientanlo los sentidos,  
publiquelo el silencio.

### **XXXIX**

Ay, peligros de mi suerte,  
esperanzas mal logradas,  
que habéis mentido por más  
aun más que por esperanzas!

Ay, promesas enemigas  
de palabras sin palabras,  
que pareciendo alma todas,  
no habéis salido del alma!

Burla para tanto crédito,  
indigno objeto a fe tanta,  
porque condena la fe  
cuando lo divino engaña.

Aun agora os doy deseos  
con experiencia de falsas,  
que por mi verdad os miro  
menos engaño que paga.

Cambio devido a suspiros  
que con usura de lagrimas  
tan a su costa exprimenta  
quien hizo compra de faltas.

Trato en que el cuidado prueba  
tanto cordel en ser vanas;  
letras que, alentando vistas,  
sois desaliento cobradas.

Prendas con que amor obliga  
en una amistad honrada  
un corazón en razones,  
más que en obras, en confianzas.

Qué perdido que os discurso  
en lo tibio desta ingrata!  
Si pasatiempos, ofensas,  
y si verdades, mudanzas!

Qué echáis a perder de glorias,  
execuciones tiranas!  
En lo agradecido, empeños,  
y en lo conseguido, nada!

Cuan tarde, triste de mí,  
que os conozco, pues no bastan  
para arrepentir, afrentas,  
para retirar, venganzas!

Suspende un desprecio el gusto  
y no suspende las llamas,  
que el que muertes agradece  
menos espera y más ama.

No me avergoncéis, flaquezas,  
tiempo es de matar calladas,  
que no está como solía  
el dueño que os estimaba.

## **XL**

Qué bien muere de triste  
un enfermo de entendido,  
que es nobleza el sentimiento  
cuando es la vida delito!

Sea muerte la razón,  
pues que remedio no ha sido;  
limitese amor de honrado,  
pues se eternizó de mío.

Ambicioso de tristezas  
saboreó como alivios  
por el gusto de mortales  
venenos apetecidos.

Cuando enferma el alma prueba  
en lo menos del peligro  
el aumento de su mal,  
van sus bienes muy perdidos.

Qué ojos puedo dar al sueño,  
o qué sueño a los sentidos,  
cuando ajeno el corazón  
es desvelo de sí mismo?

Ay, mal merecidos rayos,  
que os anunciaron principio  
en una luna eclipsada  
a un sol eclipsado vistos!

## XLI

Los males y los remedios,  
Señora, que dá el amor,  
unos y otros son mortales,  
y hacéislos vitales vos.

Una flecha, una cadena,  
esta prende, aquella hirió;  
reparte como mercedes,  
niega como disfavor.

En monarquía de lazos,  
nudos sus imperios son,  
que desdá cuando se enoja,  
que cuando regala dio.

Aquí fuerza, aquí albedrío  
oprime, y deja veloz  
la voluntad tiranía,  
generosa la razón.

Dulcemente en los sentidos  
tirano conquistador,  
hasta los hurtos le debe  
el alma que despojó.

Distancias de nieve y fuego  
uniendo, comunicó  
flores que son todas rayos,  
rayos que son todos flor.

Tan maniroto de heridas  
como ciego tirador,  
siendo un yerro cada tiro,  
un acierto es cada arpón.

Un suspiro, un ay, un gemido  
para descansos dejó,  
de eternas penas esclavo,  
de alivios de aires señor.

Sangre en las lágrimas bebe,  
que se llora un corazón  
a sí mismo de deleite,  
y a sí mismo de dolor.

Cuando dulcemente inclina  
a una triste suspensión,  
siempre ha mentido lo dulce,  
nunca miente lo feroz.

Su caudal todo es engaños,  
que nunca desengañó  
para más conocimiento,  
mas para más confusión.

Si es un inferno su gloria,  
si su blandura es rigor,  
la ironía de su nombre  
en sus obras descubrió.

Si nace de la hermosura,  
y la vuestra es la mayor,  
vos le dispensáis divino  
cuando es alma y cuando es sol.

Este es el amor, Señora,  
y vos, Señora, esta sois;  
sin vuestros ojos hermosos  
no podrá llamarse dios.

## XLII

### *A una dama de Palacio que le pidió un memorial*<sup>85</sup>

Memorial de los servicios  
que están pagos con ser penas,  
ado el sentir son mercedes,  
pedirle ha sido grandeza.

Si este no ofrece mi alma,  
no hay otro que ofrecer pueda,  
que aunque es féniz por sus llamas,  
más deidad es por sus deudas.

Servidumbre que dá imperios  
de imposibles que los niegan,  
honra cuando dificulta,  
acredita cuando empeña.

Por fuerza ha de morir rico  
quien vive de lo que piensa,  
que enloquecer de atinado  
desatinos son que premian.

Bebió olvidos mi memoria  
de materiales ofensas;  
cielo adoro de peligros,  
rayos y más rayos vengan.

Pensamientos tan divinos  
todo lo humano desprecian;  
el perder por temerario  
desdichas son, que no afrentas.

---

<sup>85</sup> À motivação da composição deste romance se refere o autor em carta de 20 de Julho de 1623: «Pedindome a Sra Dona Maria de Gusmão lhe mandase o meu Memorial que mo queria despachar lhe não mandei outro nenhum mais que esse Romance» (*Cartas*, p. 110). D. Francisco incluiu-o também na *Arte de galanteria*.



Como la tierra, los cielos  
nadas se me representan,  
que en altivez de serviros  
todo juzgo por bajezas.

Lo brioso de un cuidado  
con muertes me lisonjea;  
no hay adulación con menos,  
y en vos todo más se ostenta.

Si en perfecciones tan altas  
mis ambiciones se emplean,  
para valerme es más justo  
que a vos para vos os quiera.

Sea la fe desdichada,  
y mercenaria no sea;  
paga en vos es sacrificio,  
paga por vos será ofensa.

### **XLIII**

De lo más verde de Abril  
se viste el sol de Febrero,  
para anticipar en flores  
primaveras al deseo.

Las promesas del color  
desmienten los rayos negros,  
ojos que deslumbran graves  
la esperanza con respetos.

Deseoso el corazón,  
abrsa en tan dulce objeto  
lisonjas que animan muertes,  
engaños que áspides fueron.

Más cristal que los antojos  
una mano ofrece en hielo  
por vidrio incendios doblados,  
en nieve dulces incendios.

Féniz de esferas tan bellas,  
mariposa de aquel fuego,  
el que más ama así dice  
a la que le estima menos:

«Para ver los anteojos  
siempre sirvieron;  
para no verme Celia  
se sirve dellos.»

#### XLIV

Hermosos ojos negros,  
del sol quintas esencias,  
luz de la luz más pura,  
del ser divino muestra.

En sí abrasando lumbres  
con rayos de más fuerza,  
luminosas se animan  
vuestras esferas negras.

A tan hermosas noches  
holocaustos se ofrezcan  
de días deslumbrados,  
en vuestra luz centellas.

De los verdes y azules  
envidia sois y afrenta,  
que a vuestra pompa asisten  
pages de sus libreas.

Alegre en vos, no fúnebre,  
el luto de tristezas  
alegrías no viste,  
mas tristezas alegre.

Es vuestro movimiento  
del primer móvil rienda;  
las estrellas más fixas  
o os imitan, o tiemblan.

De su menor olvido,  
porque el alba en vos beba,  
ya riendo, ya llorando,  
os dan por fuego perlas.

De ojos más bellos Argos,  
dice de la luz vuestra;  
el sol, de amante ciego,  
os ve por las estrellas.

Ay, ojos de mis ojos,  
que lloviendo influencias  
de glorias para todo,  
sois de mis glorias penas!

De vuestro tribunal,  
trono de la belleza,  
amor majestuoso  
fulmina resistencias.

Pensamientos gigantes  
almas son de otros Etnas,  
que suspirando rayos,  
verdes engaños queman.

Por el gran mar que lloro  
náufragos ya navegan  
deseos que se afaman,  
Ícaros de esa esfera.

Es rueda de infortunios  
de fortuna la rueda,  
que en vos contra mí mueve  
más alta inteligencia.

Cual en su rueda Ixión  
atado a mi firmeza,  
porque mudanzas huyo,  
padezco a vuestras vueltas.

No ojos, llamas sois,  
do es salamandria nueva  
mi fe, cisne en candores,  
féniz en ser eterna.

A tan divino culto  
doy en mortales prendas  
que eternidades pisa  
amor que nada espera.

#### **XLV**

No más, estrellas azules,  
que con fortuna de celos  
influís en villanías  
y pagáis con escarmientos.

Humildes hados os guían,  
menos luz pide lo menos,  
que no ilustra amor bajezas  
cuando afrentan los deseos.

Esplendores despeñados  
por indecente a lo necio,  
escurciendose alumbran,  
rayos tiran a sí mismos.

Gran maestro es un maltrato,  
milagros hace en un pecho,  
que desobliga vilmente  
quien libra en engaños premios.

Nunca militó en lo noble  
lo mentiroso de un pecho,  
que alma empeñada en doblesces  
no aspira a merecimientos.

También guardan cortesía  
las mudanzas y desprecios;  
basta dejar ofendido  
sin que se deje ofendiendo.

Corrida está la disculpa;  
no hay dorar infames yerros  
cuando alcanzar lo intentado  
deja sin fama a su dueño.

Ojos negros, si mudables,  
no tan mudables os vuelvo  
los sentidos, vuelta en gusto  
la fuerza de no ser vuestros.

Mejor son para sufridas  
tiranías de discretos;  
saber dispensar agravios  
también deja satisfecho.

Lo arrepentido os consagro  
(castigue el conocimiento);  
confusión es lo perdido,  
solo es dicha el no perderos.

Hermosísimas prisiones  
que más conozco y más quiero,  
que adoro como mercedes,  
que busco como remedios.

Escapando a azules golfos,  
mejoro el alma en los negros,  
que un corazón reducido  
digna tabla es de su templo.

Memoria será que aclame,  
Señora, vuestros trofeos;  
solo a vos, siendo inconstante,  
se os deben firmes imperios.

## XLVI

La niña que, a tener ojos  
amor, fuera dellos niña,  
a do feliz la hermosura  
más crece y mayor se cifra;

a quien liberal el tiempo  
da agora, aunque siempre quita,  
ser que al ser más bello excede,  
pues que se excede a sí misma;

por su desigual beldad  
tardos los ligeros días,  
de extremos a extremos pasan  
y unos a otros se envidian.

Qué hará sol, si siendo aurora  
almas abrasando anima,  
teniendo Flora en su Abril  
de Pomona las primicias?

Como en tan pequeña esfera  
tantas esferas se miran,  
más perfectas abreviadas,  
más hermosas reducidas?

No le valga, amor, la edad,  
que con graves niñerías  
cuando burla con las almas  
de veras mata las vidas.

Tiempo es ya que el dolor nuestro  
le muestres en tus heridas,  
para que sienta piedosa  
lo que da a sentir altiva.

Su divino entendimiento  
toma, que no se anticipa  
la perfección de la mente  
sin que a los años la pida.

## XLVII<sup>86</sup>

Todo turbaciones era,  
todo locuras honradas,  
todo en desprecio de vidas  
comprar con sangre la fama.

Bronces ardientes llovian  
en ocio de las espadas,  
no méritos al valor,  
sino suerte a las constancias.

Sin corazón atrevido  
con pecho seguro daba  
a lo marcial de unos lejos  
lo cercano de unas balas,  
un hombre que sus peligros  
por más peligro le guardan;  
tanto castiga una vida  
cuanto una ausencia es tan larga.

Dando a la imaginación  
en mentales elegancias  
lo que de vivo tenía,  
así siente y así habla:

«Al arma toca el amor,  
del pensar son las batallas,  
aun más sangrientas sin sangre  
cuando el alma es la campaña.

Una hermosura en memorias  
a más estragos me llama  
sin armas en los sentidos  
que un enemigo con armas.

Qué asaltos en sí no tienen  
perfecciones discursadas?  
Qué recuentros no eterniza  
si ausente milita un alma?

---

<sup>86</sup> Romance incluido em *Tempestades y batallas* (pp. 18-22).

A los riezos de no ver  
ningunas defensas bastan,  
que es invencible el contrario  
que ofende con las distancias.

Contra mí ejércitos muevo  
a tan civiles hazañas,  
que me venzo sin victorias,  
que me conquisto con faltas.

General de olvido ajeno  
en propias desconfianzas,  
da bríos el pensamiento  
a sus lamas con sus llamas.

Gran soldado de sospechas,  
que es ser capitán de lanzas,  
contra sí el cuidado guía  
de una envidia armas villanas.

Triste alferes el deseo  
verdes banderas arrastra  
de un prometer que fue mucho,  
de un esperar que fue nada.

Sargento de desatinos  
el desengaño en tardanzas  
ordena solo en su daño  
hileras desordenadas.

Ya sentinelas los celos,  
sino perdidas, tiranas,  
dobles espías promulgan  
perdiciones a quien ama.

Municiones son de rayos  
fantasías, que sobradas  
para el mal nunca son burlas,  
para el bien siempre son vanas.



No hay quien toque a recoger,  
de más a más van mis ansias;  
de unas para otras desdichas  
mis locas firmezas marchan.

La fe con las armas rotas  
me anima y me desengaña  
como premio de sí misma,  
que es más fe si es menos paga.

Divina ausente, si aplicas  
tu lástima a tales lástimas,  
llorando mis desventuras  
mi amor sus vitorias canta.

Licencias son del dolor  
querer tanto en penas tantas,  
que aun es más que a fuego y sangre  
guerra a suspiros y lágrimas.

Si a destinados imperios  
tus ojos premiando asaltan,  
en ajenos albedríos  
y en su propia luz monarcas,  
con mil soles de zafiras,  
sin quien no hay paz y en quien se hallan  
baterías de bellezas  
en no mirar y en mirarlas.

Si me arroba lo divino,  
no temo fuerzas humanas,  
que inmortalizar tormentos  
privilegio es de desgracias.

Una herida de otra herida  
fuera salud, no agraviara,  
que esta muerte aquella muerte  
tal vez cura porque acaba.»

### XLVIII<sup>87</sup>

Una mortaja azul  
me hagan para mi entierro,  
si quien no tiene envidias  
puede morir de celos.

Si duerme la razón,  
qué mucho que desvelos  
despierten en desvíos  
un muerto a ser más muerto?

Si velando las penas  
las tengo y no me tengo,  
si es un sueño el vivir,  
como me matan sueños?

Ay, pompa de sospechas,  
que os califican luego,  
no mi amor, mi desdicha,  
ella eterna, él eterno!

Ay, luminarias tristes  
de fuegos que son hielos,  
si me lleváis a oscuras,  
como me abrasáis fuegos?

Honras que yo mesmo lloro  
pudieran ser descréditos,  
si fueran consentidas  
como sentidas fueron.

Siendo a hurto del alma,  
no culpan desconciertos;  
mienten los funerales  
está la fe diciendo.

---

<sup>87</sup> Mais um romance que também se encontra em *Tempestades y batallas* (pp. 61-64).

Que un corazón adonde  
son los suspiros premio  
solo por adoraros  
dejara de quererlos.

Qué cerca están de amargos  
dulcísimos extremos!  
Once meses de ausencia  
siglos son de venenos.

En tan divina causa  
qué hacéis, temores necios?  
Respetar el cielo a Celia,  
que no la muda el tiempo.

Oficio es de sus ojos  
alumbrar, no estar viendo,  
que de bríos y rayos  
son igualmente dueños.

Luces particulares  
nunca en el sol se vieron;  
para ninguno sale  
para todos saliendo.

Para un cuidado suyo,  
donde hay merecimientos,  
ni a descuidos aspiran  
los que almas le ofrecieron.

Quien adoró por deuda,  
por alma conociendo,  
no agravia aun sin sentidos,  
que más ama con ellos.

Cobardes celos fuisteis,  
pues de mi vida ajeno  
me acometeis vencido,  
que os suspende un suspenso.

## XLIX<sup>88</sup>

Tanto sentir do no hay queja,  
tanto morir do no hay vida,  
siendo mal para ninguno,  
desdichas son para más.

Nieganme al llanto mis males  
cuando a llorar me convidan  
lagrimas que son más lagrimas,  
que lloradas, detenidas.

Más suspira cuando hay causa  
aquel que menos suspira,  
que anima los desalientos  
cuando alivios desanima.

Quien me ve dar al silencio  
toda el alma en muchas iras,  
más me oye en lo que no digo.  
Ay del que habla por desdichas!

Pasmanse aquestos peñascos,  
estos mares se lastiman  
de ver tantas veces pena  
una pena enmudecida.

Busco en éxtasis piedades  
satisfecho en ansias más,  
que intenta obligar sintiendo  
quien amando desobliga.

Un portento de verdades  
abonadas por no dichas  
soy, que nunca en suspensiones  
tuvo lugar la mentira.

Padecer un alma a solas  
agravios son que acreditan,  
que quien malogra razones  
nunca engaños sacrifica.

---

<sup>88</sup> Incluido también em *Tempestades y batallas* (pp. 7-9).

Destierros pruebo sin mí,  
sin partir lloro partidas,  
que no dejan de ser muertes  
desvíos que no desvían.

Ausente para remedios,  
quedé donde en fantasías  
presente para peligros,  
me he buscado en ellas mismas.

Memorias tristes, que sois  
agradable tiranía  
de una gloria que olvidó,  
de un amor que nunca olvida,

si aquel portugués milagro  
vuestros daños comunican,  
solo deseos merece  
quien con bellezas castiga.

En ellos mis desventuras  
lo mejor del alma os fían,  
la verdad de tantas penas  
suspendiendo a una mentira.

Dando a este destierro grave  
alguna atención perdida,  
más por Cabo que por Verde,  
más por volcán que por islas.

L<sup>89</sup>

Sombra de un sol todo soles  
que con fe de originales  
sois grillos de las fortunas,  
sois suspensión de los mares,

qué de pompas a lo entregue  
comunicáis con lo afable,  
volviendo obeliscos de ondas  
en aplausos de cristales!

Hasta en mentiras lo hermoso  
qué monstros hay que no ablande?  
Qué iras no desmayan dulces  
las armas de lo suave?

Divinos ojos que en tintas  
fulmináis serenidades,  
de los nublados destierro,  
yugo del viento agradable,

qué olas hay que no os respeten?  
Qué escollos hay que no os amen?  
Dáis amor a los furores,  
dáis cortesía a los aires.

Coyundas de religión  
ministráis a tempestades,  
que cobardes con lo entregue  
se animan con lo cobarde.

En vivos trofeos de almas  
tendréis imperio de altares,  
tanto albedrío a un engaño  
acredite y nunca espante.

---

<sup>89</sup> Romance incluído em *Tempestades y batallas* (pp. 71-74).

Dignos de vuestros milagros,  
Señora, por inmortales,  
cada pecho será un templo,  
cada memoria una imagen.

Bien empleado arder, dichosos males,  
soledades que pagan soledades!

El parto de las espumas,  
asombro de las edades,  
menos diosa dió al amor,  
menos ser a lo admirable.

Nunca ilustró la hermosura  
perfección tal, glorias tales;  
más golfos dáis a lo bello  
que Neptuno a lo inconstante.

La monarquía del agua  
menos imperio es que cárcel  
a un poder que sin su dueño  
la fe pudo hacer tan grande.

No anfiteatro de muertes,  
sino teatro agradable,  
os festeja con espejos  
el que os ofendió arrogante.

Pudo mirarse en el cielo,  
que en vos bien puede mirarse  
una nave en las estrellas,  
mas no el sol en una nave.

Deidad, en hombros os llevan  
las que se ostentan deidades,  
con más templo en servidumbres  
si dignas de templos antes.

Y tú, que con tanta fe,  
gran triunfador en lo amante,  
das la vida a las memorias,  
tan firme entre los pesares;

la firmeza en la hermosura,  
amistad que no vió nadie,  
el amor hecho destino  
guarda para tus verdades.

Qué dulces muertes, qué adorados males,  
soledades que pagan soledades!

## LI<sup>90</sup>

Este que tantos bríos  
queriendo dio a las penas,  
tan vivo en una fe,  
tan muerto en una ausencia;

este que a las verdades  
dio no vistas esferas,  
en su amor escondidas,  
y en su amor descubiertas;

este que en sí perdido  
y hallado en las tristezas,  
no hartó de memorias,  
en daños no escarmienta;

este que halla descanso  
en males que se aumentan  
para que otros alientos  
de nuevo al mal ofrezca;

este que tanto quiere,  
quiera Dios que no venga  
a desdichas de honrado  
y a olvidos de presencia.

Por verdadero tema,  
que siempre es desdichada una firmeza.

---

<sup>90</sup> Mais um romance que integra também o texto de *Tempestades y batallas* (pp. 87-89).



Este que en otro mundo  
al gran nombre de Celia  
aras votó en la pluma  
que hace la tinta eternas.

De un papel lo animado  
no hay mármol que no venza,  
que más que los pirámides  
eternizan las letras.

Este que con pinzeles  
de suspiros la ostenta,  
famosa por llorada  
si famosa por bella,

pues que adoró entendido,  
desdichas se prometa,  
que siempre las venturas  
se preciaron de necias.

Cuando mudanzas se usan,  
ay del que firme entre ellas  
da ñudos por costumbre  
que por razón rompiera!

Por verdadero tema,  
que siempre es desdichada una firmeza.

## LII

### *A S. Francisco*

Es traslado o original?  
es criatura o es criador?  
que no hay ver Dios sin Francisco,  
ni hay ver Francisco sin Dios.

Conseguir la humildad pudo  
tan alta transformación,  
que tiene a lo más dudoso  
quien de sí menos pensó.

Tan dichosamente herido  
el Uno y Trino hizo dos,  
que es sacro engaño en los ojos  
lo que en la fe es sacra unión.

Timbre al corazón primero  
que al cuerpo fuesen blasón,  
serafín recibió llagas  
que en misterio alado halló.

Fuego a fuego opuso rayos  
que en desigual resplandor  
ser humano a ser divino  
humilde afecto igualó.

Qué riquezas no dió al cielo  
un pobre legislador,  
remiendos juntando a estrellas,  
sayal oponiendo al sol!

Más general que rey de armas,  
alma a alma conquistó  
tanta gloria, que de Magno  
el nombre excedió en Menor.

Propagando patriarca,  
sal fue que saboreó  
tanto esprito que a la iglesia  
hombros y lumbreras son;

que al palio de tres colores  
mueven curso tan veloz,  
que el mundo, frágil manzana,  
santo cada cual pisó.

Zarza siempre venerando  
nudos pies, navegación  
por estrechos de una cruz  
dan buriel al mar mayor.

Multiplicando familias,  
ora oveja, ora pastor,

padre siempre y hijo siempre,  
divo arder os alumbró.

Gran maestro, a aquella vía  
mendigo conductor,  
siendo uno el fin y tres ellas,  
por ellas uno y tres sois.

Llamando arrepentimientos  
la tercera educación,  
primacías de humildad  
regla de almas emuló.

De la tierra a Dios tercera  
que hijos pareando en vos,  
a todo estado le añade  
no opuesto, mas perfección.

Vida que amanece ocasos,  
principio que blanqueó,  
todo fines en la cuna,  
muerte todo en la razón.

Busca paz si teme guerra,  
si bien desasido no,  
ministrando a los cabellos  
cenizas en la ocasión.

Precipicios agenciando,  
seguí ciego aquella flor  
que nada dando por fruto  
mentiras se veneró.

Tiempo y espíritu perdiendo,  
de ocios fue la ocupación.  
Qué mucho que diese de ojos  
quien a unos ojos se dió?

No les niego la hermosura;  
hostias que indignas ardió  
su fuego, también su agravio  
se retiró adulación.

Qué neciamente entendido,  
cautelando a la razón,  
lo que era ignorar remedios,  
remedio apliqué al dolor!

Descuidos tan cuidadosos  
que mi engaño agradeció,  
miedos al conocimiento,  
siempre al gusto confusión.

Si me armó de rendimientos  
contra mi mesmo mi error,  
quien a entregas aspirava  
muy cobardemente osó.

Prenda ya de la mortaja<sup>91</sup>,  
pavés al reino interior,  
del alma tan poca jerga  
espaldar y peto es hoy.

Aten a mis mocedades  
los nudos deste cordón,  
de luz para quien los ciñe,  
ciegos siempre en vano amor.

Vuelto en otro, avergonzado  
del que fui, deba al que soy,  
si indigno al amor no llanto  
desear llanto al temor.

Mal galán, yo lo confieso,  
os busco amparo y favor,  
crucifijo al crucifijo,  
para Dios su vicedios.

---

<sup>91</sup> O poeta refere-se certamente à tomada do hábito da Ordem Terceira Franciscana, a que pertenceu. Este hábito era, para os homens, constituído por «huma tunica com mangas em forma de Cruz da cor da Ordem, & hum cordam», referido na estrofe seguinte (*Regra dos Irmãos Terceiros da Sancta & veneravel Ordem Terceira da Penitencia*, Lisboa, 1669, p. 46).



## REDONDILHAS

No sin causa me habéis dado,  
Señora, este galardón,  
que es propia prenda un cordón  
de un hombre desesperado.

Pues que siempre habéis tenido  
de mi libertad la palma,  
no fue prisión para el alma,  
lazo para el cuello ha sido.

Bien vuestro favor me advierte  
que es mi vida mi homicida,  
pues dáis por premio a mi vida  
los tormentos de la muerte.

De tal modo me tenéis  
perdido con el vivir,  
que en medios para morir  
el remedio me ofrecéis.

Por darme muerte temida  
en nueva parca os mudastes,  
cordón de mi vida hilastes  
con que me quitáis la vida.

Cuando más piedosa estáis,  
tales penas son las mías,  
que dando fin a mis días  
entendéis vida me dáis.

El favor que adoro temo.  
Qué extraño mal! qué locura!  
Vivir con él es cordura,  
morir en el lazo, extremo.

Nueva desdicha es la mía,  
porque he llegado a pensar  
que el alma me ha de quitar  
la que por alma tenía.

No fue piedad mas venganza  
y cruel satisfacción,  
pues me ofrecéis un cordón  
y me huis con la esperanza.

Luego me verá quien viere,  
que para que más padezca,  
dejandome en que merezca,  
no me dejáis en que espere.

### **Outras**<sup>92</sup>

Ay, finezas engañadas,  
fe viva en mortal dolor!  
Ay, verdades que en amor  
siempre fuisteis desdichadas!

Qué importa que en una ausencia  
en penas libréis placeres,  
si memorias de mujeres  
no son más que la presencia?

Cuando un presumido arder  
más merece, menos vale,  
porque a cada sol que sale  
se mudan de parecer.

Si al que amando se desvía  
todo es mentir lisonjero,

---

<sup>92</sup> Poema incluido em *Tempestades y batallas* (pp. 58-60).

mal hubiese el caballero  
que de promesas se fía!

En duros diamantes labra  
quien busca en ellas razón;  
dan el sí en el corazón,  
engañosa es su palabra.

Medio vil, mas alfin medio  
de no amar, de no penar;  
si era el remedio olvidar,  
nunca olvidan el remedio.

Ni en los pechos más honrados  
el confiar mucho es justo,  
que vence un presente gusto  
mil nobles antepasados.

El bien del que así padece  
en que noches no consiste,  
si el día que ha de ser triste  
solo a un ausente amanece!

Hasta el no ver que más firme  
duración busca, y no suerte,  
manda amor que de su muerte  
la sentencia se confirme.

Que este agraviar importuno  
ningún amparo consiente,  
que hay muchos para el presente,  
para el ausente ninguno.

### **Outras**<sup>93</sup>

Si fue memoria, no ha sido  
agravio, aunque ha sido pena,  
que si un acordar lo ordena,  
pagado queda un olvido.

---

<sup>93</sup> Poema incluído em *Tempestades y batallas* (pp. 24-27).



Cuando el padecer no ayuda  
merito sin esperanzas,  
hay confianzas,  
que una firmeza que duda  
muy cerca está de mudanzas.

Que amor que agraviando piensa  
dar razones a la culpa,  
ofende con la desculpa  
mucho más que con la ofensa.  
Será ingratitud sin queja,  
cuando más quejoso esté,  
que me dé  
quien por mucha fe me deja  
dejarme honrado en la fe.

Mentiras y variedades  
meritos son para dichas,  
que es región de las desdichas  
de un firme amor las verdades.  
No me afrenten en lo amante;  
finezas busca y no suerte  
mal tan fuerte.  
Denme vida en lo constante  
que ya perdono la muerte.

Si a ser sospecha se atreve,  
mi pena está satisfecha;  
fe que os deve una sospecha  
también una dicha os debe.  
No merecidos desvelos,  
ni del temer ni del dar,  
fue pensar  
que solo ha sido dar celos  
lo que pareció celar.

Merecer un desatino  
vuestra envidia, qué locura!  
que no cabe en la ventura  
quien no cabe en lo divino.

Ser, Señora, infiel mi trato,  
siendo siempre aborrecido,  
no ha perdido,  
que me faltó para ingrato  
lo dichoso de valido.

Que en el perdonado daño  
os ha fiado mi empleo  
más almas en un deseo  
que un alma en tanto engaño;  
que ocupáis, divino dueño,  
con tan dulce tiranía  
mi osadía,  
que un abrasar que es mi empeño  
juzgo yo por paga mía.

Es defensa conocida  
mi mal de ofensas mortales,  
porque me acojo a mis males  
como a templo de mi vida.  
Merece allí peligrando  
con el deseo mayor  
mi dolor,  
veneno en dudas tomando,  
dando a las dudas amor.

Ay, constantes desvaríos,  
pensamientos desdichados,  
que en siendo para dejados,  
luego fuistes para míos!  
Cuando sin queja ninguna  
de mi amor, de otro amor muero,  
nada espero,  
que por burlar la fortuna  
quiero solo porque quiero.



## SAUDADES<sup>94</sup>

A vós se dão as minhas saudades,  
Senhora, que sois céu e inferno delas;  
não lisonjas sutis, puras verdades,  
que a dor sim, não o engenho, escreve nelas.  
Mudas razões que o sentimento fala,  
que a alma, quando mais sente, então mais cala.

Efeitos são de vossos olhos belos  
ser toda confusão, toda tormentos.  
Nacem glórias de os ver, e de não vê-los  
dobradas penas a meus pensamentos,  
que nesta ausência em vossos sóis nascidos  
mores Faetontes são de meus sentidos.

Só da piedade o galardão pretendo  
devido à fé, negado da ventura.  
Duvidai para crer, crede querendo;

---

<sup>94</sup> A composição deste longo poema, iniciada antes, terá prosseguido quando D. Francisco se encontrava preso na castelo de Almada. Por carta de 8 de Abril de 1628 informa D. Rodrigo da Cunha da ordem de prisão que recebera, acrescentando: «ally he força que as muzas tornem as Saudades» (*Cartas*, p. 121). João Soares de Brito escreve no seu *Theatrum Lusitaniae Litterarium* (1655) que D. Francisco de Portugal «scripsit plura, nihil tamen eo vivente excussum, nisi *Solitudines*, hoc est *Saudades*» (pp. 477-478), mas não temos qualquer outro testemunho que confirme esta informação.

possa a firmeza mais que a desventura.  
Fazei nova fortuna a meu desejo:  
ver na piedade o que no amor não vejo.

Saudade de meu bem,  
mal mortal, triste desejo,  
em quem tantos medos vejo,  
donde tantas penas vem;  
em quem mais segredos tem  
a dor que é mais desigual;  
maior mal que o maior mal  
que de longes fez a sorte,  
para vós desterra a morte  
como a extremos mais mortal.

Só com tristezas tratais,  
maltratais com mortais tiros,  
achais gosto nos suspiros,  
descanso em cansados ais.  
Por lágrimas navegais  
dando a vela a sentimentos;  
tendes por glória os tormentos  
de úa triste fantasia,  
por mais doce companhia  
solitários pensamentos.

Confusas luzes seguindo,  
sois deslumbrada de sorte  
que, sem fugirdes da morte,  
is de vós mesma fugindo.  
Novas mágoas que ir sentindo  
sempre amor vos oferece.  
Fazeis ao que em vós padece  
das venturas desventuras,  
dos dias noites escuras,  
porque em vós nunca amanhece.

O vosso esperar mais certo,  
vossos gostos desejados,  
são longes desesperados  
que vos dão morte de perto.  
Tornais úa alma um deserto  
no penar e no temer;  
a vida vindes a ser  
que o tirano amor ordena,  
que em deixando de ser pena  
logo deixareis de ser.

Fazeis dos dias tiranos  
para o mal eternidades;  
tendes de infelicidades  
tudo o que tendes de enganos.  
Parais o curso dos anos,  
porque [é] o mal da tardança;  
trocaís em desconfiança  
o bem da glória esperada,  
que esperança dilatada  
é morte, não esperança.

Triste, que farei agora,  
penando em saudade tal?  
Se fora a morte meu mal,  
muito menos que o mal fora.  
Vós sois a causa, Senhora.  
Sem vós, de mim perseguido,  
já de sentir sem sentido,  
chorando perdidas glórias,  
vivo entre vossas memórias  
como em deserto perdido.

Quinta essência da dor, noite temida,  
em cuja sombra é monstro a claridade;  
mortes, instantes, siglos que a vontade  
com a pena do temor mede atrevida;

de bens perdidos Argos homicida,  
felice pompa da infelicidade,  
alma da pena, triste saudade,  
vivo morrer de ùa defunta vida;

a braços cos tormentos que padeço,  
por quem na mesma pena a glória tenho,  
convosco animo tristes pensamentos.

A vossos males devo o que mereço,  
que apesar da ventura a tirar venho  
da ausência fé, da dor merecimentos.

Se com morte sustento  
a vida a meu tormento  
nesta ausência cansada,  
de penas animada,  
ganhar fora o perdê-la,  
pois o mal de que fujo tenho nela.

Se entre as escuridades  
de minhas saudades  
raios de meu sol vejo,  
são de fogo ao desejo,  
que um sem ventura ausente  
só seus incêndios vê, só seu mal sente.

Com ùa esperança triste  
mal ao mal se resiste;  
neste penoso estado  
tem feito meu cuidado,  
firme em tanta mudança,  
a morte alegre, triste a esperança.

Já minhas alegrias  
são tristes fantesias,  
que este tormento mudo  
tornou tristezas tudo,

e neste mal que adoro  
tristezas rio e alegrias choro.

A glória que imagino  
(que infelice destino!)  
é pena, sendo glória  
viva só na memória,  
a que amor me condena,  
que como foi memória logo é pena.

Em mim por mim suspiro  
e mores penas tiro,  
pois a buscar-me venho  
adonde menos tenho,  
que a alma com que me vejo  
por ser mais meu me alheia no desejo.

Se ali me desconheço,  
logo no que padeço  
vejo bem claramente  
ser eu quem tanto sente,  
que do bem que não tinha  
por grande a dor me dá sinal de minha.

Saudade temida,  
morte de tanta vida  
quanto em vós sinto agora;  
porque sem vós, Senhora,  
tenho, mas nunca em calma,  
um mar nos olhos, um inferno na alma.

Se imortal vos vejo,  
desejo mortal,  
como sois meu mal  
sendo meu desejo?

Creceis co a tardança,  
dais pena e não glória,



vivo na memória,  
morto na esperança.

Qual terá de nós  
maior dor assim,  
vós vivendo em mim,  
eu morrendo em vós?

Na ânsia suspirada  
desta pena nossa  
não é a culpa vossa,  
que a ausência é culpada.

Ela vos condena,  
vemos o mal dela,  
sois glória sem ela,  
e nela sois pena.

Trocou-vos de modo  
em penas temidas:  
sendo todo vidas,  
fez-vos mortes todo.

Já meus pensamentos,  
inda que invencíveis,  
são tudo impossíveis,  
são tudo tormentos.

Já venho a penar  
o que a temer vinha,  
que a esperança minha  
é desesperar.

Acabar quisera,  
pois tenho tomada,  
sem esperar nada,  
a dor do que espera.

Perder os temores  
é o bem que o mal tem;  
eu, se um mal me vem,  
temo outros maiores.

Aqueles enganos  
que a vida me deram,  
porque enganos eram  
já são desenganos.

Olhos, se o bem vistes,  
já vereis pesares,  
olhos não, mas mares  
de lágrimas tristes.

Cuidados cansados,  
inimigos mudos,  
se chorais descudos,  
não seiais cudados.

Desejo, depois  
que is contra a vontade,  
porque sois saudade  
tantos males sois.

Ai, Senhora minha,  
que neste desejo  
tantas penas vejo  
quantas glórias tinha!

Rico de penas voa o pensamento  
por tristes fantasias remontado,  
ministrando a matéria a seu tormento,  
de seus próprios temores animado;  
Ícaro de infelice atrevimento,  
não da esperança, mas da dor levado,  
cai em mor mar, em tempestades mores,  
que ùa alma saudosa é mar de dores.

Abrasado co a fé triunfar se via  
de ondas de fogo e ondas de tristeza;  
e depois de chorar assi dizia,  
sentado sobre os montes da firmeza:

«Vim a cair, quando subir queria,  
em tão baixo lugar, de tanta alteza;  
não levado das penas, oprimido,  
suspiro fogo em penas convertido.

Posto que neste monte alto me vejo,  
outro monte maior sobre mim tenho;  
o céu a Atlante, o Etna a Tifeu invejo,  
pois o inferno a ter nos ombros venho.  
Por crescer mais a dor crece o desejo.  
Em tanto mal de Dédalo o engenho  
para fugir do mal pouco servira,  
que por mais que voara não fugira.

Aqui, firme na fé, de mim me temo,  
que é tudo medos úa saudade;  
entre extremos de males um extremo  
sou, como em padecer, na lealdade.  
Vencido não, mas combatido, tremo  
dos assaltos da ausência, que a vontade  
quando menos me tira as esperanças,  
mortes me pode dar que não mudanças.

Mas apesar daquela desventura  
que a mim mesmo comigo me faz guerra,  
triunfando estou do mal de ausência dura,  
pois em sua dor meu galardão se encerra.  
Ergo torres na fé contra a ventura,  
novo Nemrot<sup>95</sup> e não filho da terra,

---

<sup>95</sup> Nemrot ou Nimerod – personagem bíblica, bisneto de Noé. Segundo o texto do Génesis, foi «o primeiro homem poderoso na terra», fundador da cidade de Ninive, entre outras (vd. *Génesis* 10, 8-12). Como a torre de Babel foi construída nas suas terras, algumas fontes identificam-no como o responsável por aquela arrogante construção, embora tal não seja referido pelo texto bíblico. Mas é essa tradição que subjaz a este passo do poema em que o poeta compara o pensamento a um «novo Nemrot» erguendo «torres contra a ventura». A atitude de arrogância e ousadia (seguida da respectiva punição), é reiterada ainda pela alusão aos Gigantes, filhos da Terra, que assaltaram o Olimpo, tendo sido fulminados pelos raios de Zeus.

assalto o céu e, fulminado sendo,  
em tanta confusão vivo morrendo.»

Mais queria dizer o pensamento,  
mas da dor as razões espedaçadas,  
na confusão mostrava o mor tormento  
de bem sentidas mal pronunciadas.  
Vereis, Senhora, em tanto sentimento  
vossas saudades sempre eternizadas;  
e se em vossa presença firme estive,  
entre mortais ausências a fé vive.

À sombra de úa saudade  
quis descansar um cuidado,  
como se em tão triste sombra  
se pudera achar descanso.

Achou-se em campo de penas,  
que era da memória o campo,  
porque são penas presentes  
memórias de bens passados.

Rios de saudosas lágrimas  
tristemente murmurando  
do lugar um mar faziam,  
que há olhos que choram tanto.

Ali nunca o céu se via,  
porque era inferno em que davam  
a úa alma na fé perdida  
por tormentos desenganos.

Tristes suspiros se ouviam,  
mortais gemidos soavam,  
choviam tiranas mortes  
de esquecimentos tiranos.

Só a tristeza ali vive,  
dali os ciúmes matam,

males sem remédio, inimigos  
de irreparáveis assaltos.

Se o cuidado não descansa,  
mal pode estar descansado  
quem dele vive, Senhora,  
quem nele morre penando.

Pois por vosso amor agora  
morto sinto, fica claro  
que não foi só para mim  
a morte fim dos trabalhos.

Entre os males que tendes,  
um bem tendes, saudades:  
não ter bens que perder,  
que não se perdem males.

As penas em que andais  
pode ser, sendo grandes,  
que em vos faltarem glórias  
mores penas vos faltem.

Com não ter esperanças  
não tereis quem vos cante  
promessas que vos mintam,  
tardanças que vos matem.

Sendo sós, sois discretas,  
filosofando graves;  
fugis das alegrias  
por fugir dos pesares.

Contemplais tristemente  
segredos inefáveis,  
que em contemplações tristes  
altos segredos cabem.

Quem, saudades, vossos males sabe,  
bem é que vossos bens chorando cante.

Pois não temeis ausências  
de presenças mudáveis,  
é o mais felice estado  
vossa infelicidade.

Sois centro de alegrias,  
em ser várias constantes,  
que nunca noutro param  
por que em tristezas parem.

Ouvindo-vos vós mesmas  
suspiradas verdades,  
das lisonjas do gosto  
deixais livre a vontade.

Animando de mortes  
tristes ãa alma amante,  
fostes ser da fé vida  
por que todos vos amem.

Penando em vós, vos louvo,  
e sou qual nocturna ave  
que, amando a noite escura,  
foge da claridade.

Quem, saudades, vossos males sabe,  
bem é que vossos bens chorando cante.

Se, tendo-vos presente,  
em vossos olhos saudades vejo;  
se ausências tristes sente  
em vossa alegre vista meu desejo;  
se vendo o bem que adoro,  
ausências sinto e saudades choro;

não consiste, Senhora,  
o estar ausente em ter no meio montes,  
pois estou vendo agora  
em vosso céu estranhos horizontes,

nesses olhos divinos  
novas estrelas, climas peregrinos.

Que montes mais nevados  
que ùa mudança ou um apartamento?  
Para uns firmes cuidados,  
que longes como os de um esquecimento?  
Que mor pena se ordena  
que estar na glória padecendo a pena?

Que mais saudoso estado?  
Que deserto mais só que a companhia  
daquele lince amado,  
que o que vê esquece que a alma sem ver via?  
Que ausências mais penosas  
que estar vendo em dous sóis noites saudosas?

Tudo contra mim tenho,  
e meus olhos também contra mim foram,  
que já triste a ter venho  
um mar no meio que meus olhos choram.  
Por tormentas de fogo,  
novo Leandro em lágrimas me afogo.

Já que cantando chora,  
qual solitário pássaro, a alma minha  
nas ruínas, Senhora,  
deste presente mal que por bem tinha,  
saudades lhe escuito:  
pois que tem vida, não padece muito.

Se na glória de ler-vos  
a pena tenho e foge-me a esperança  
para deixar de ver-vos,  
que muro mais cruel que ùa mudança?  
Que mais penoso extremo,  
se invejo ausências e presenças temo?

Os tormentos maiores  
de impossíveis fabrica a sorte dura,  
que os maiores rigores

sempre possíveis são a um sem ventura.  
Nunca de ausência mudo:  
tudo saudades são, são mortes tudo.

Como dirá seu tormento  
quem entendê-lo não sabe,  
que a pena que na alma cabe  
não cabe no entendimento.

Falarei estando mudo,  
que é língua a dor declarada;  
mais direi sem dizer nada,  
porque um silêncio diz tudo.

Pois falar quando emudeço  
que me é forçado estou vendo,  
direi o pouco que entendo,  
não o muito que padeço.

Pode ordenar de tais modos  
esta pena o fero amor,  
que aonde começa a dor  
tem fim meus sentidos todos.

Sem fim a dor a ser vem,  
viva em tão mortos sentidos  
para meu bem tão perdidos,  
nunca achados por meu bem.

Nela tudo males vejo,  
e vendo-me desespero,  
tão perto do que não quero,  
tão longe do que desejo.

Neste temeroso inferno  
penarei sem confiança,  
que um amor sem esperança  
forçado há-de ser eterno.



Que esteja a fortuna ordena  
no fim de pena tão dura  
o princípio da ventura,  
sendo sem fim minha pena.

Que tardança tão mortal!  
que mal! que penoso extremo!  
pois mais a esperança temo  
de meu bem que o próprio mal.

Vejo a morte em minha sorte  
pela saudade temida,  
que mal pode ver a vida  
quem tudo vê pela morte.

Olhai se a causa a ter venho,  
Senhora, para penar,  
pois só para me matar  
nesta ausência a vida tenho.

Pouco digo, muito estive  
sentindo nestas verdades;  
julgue-o quem vive em saudades,  
se com saudades se vive.

Na mais remota parte e escondida  
que úa alma triste tem que vive ausente,  
ou, por melhor dizer, que não tem vida,  
  
entre confusas sombras tristemente,  
o campo está da ausência rigorosa,  
campo infeliz de guerra descontente.

Nela fábrica a casa perigosa  
amor cruel, não casa, antes inferno,  
sempre temida, sempre temerosa.

Parte ao antigo tem, parte ao moderno  
edificados são seus aposentos,  
de quem o mal é morador eterno.

Duros tormentos são seus fundamentos  
de vários modos e funestas cores,  
que é toda fabricada de tormentos.

É o tecto composto de temores,  
e as portas, ao prazer sempre fechadas,  
para o pesar abertas, para as dores.

Vem-se cinco colunas fabricadas  
no meio estar, de sentimentos feitas,  
sobre os cinco sentidos assentadas.

Num trono, edificado nas suspeitas  
que descompostas penas tem composto,  
fazendo contas, desfazendo as feitas,

ũa mulher está, pálido o rosto;  
de um livro em branco os olhos tem vendados,  
que o que escreveu a dor na alma tem posto.

Triste cuidando lê executados  
processos que a discursos tão sem vista  
foram primeiro mortes que cuidados.

De anais de mágoas grave coronista,  
com a pena que escreve explica mágoas  
lidas sem luz, de tanto fogo à vista.

Rios sem olhos correm negras águas,  
de um alheio esquecer próprias memórias,  
inundações das mais ardentes fráguas;

negros cristais, de trágicas histórias  
espelho funeral, em que o desvio  
representando está passadas glórias;

reciprocadas setas, arco impio  
se tira morte e não amor se tira,  
sempre imortal consigo em desafio.

Este suspende um braço, esta suspira  
por velidas nas costas tremulando,  
que verdades na dor flecha a mentira.

De um ansioso leonado atravessando  
Zodíaco de medos o guarnece,  
negras pontas ao peito ministrando.

Duplicados caminhos oferece  
aberto ao coração o apartamento  
que em cada imaginar desaparece.

Ali banhado em sangue o pensamento,  
sobre um inferno triste e solitário,  
tem no pico por letra «É mor tormento».

Ao redor em movimento vário  
os suspiros, correios da vontade,  
que Ícaros são de voo temerário;

línguas da dor, abonos da verdade,  
infausto resplendor em que ia e vinha  
medonha luz àquela escuridade.

A um suave espirar neles caminha  
sempre em visões, sempre em melancolias,  
quem no menos viver menos mal tinha.

Ali, por cansar mais em fantasias,  
aquela triste imagem descansava  
entre discursos tristes de alegrias.

Ao som desaprazível que formava  
dos suspiros de seu pranto sobejo,  
o que cantar queria assi chorava:

«Dos olhos choro o que sem olhos vejo.  
Quem me dá vida à morte me condena,  
pois creço e me consumo no desejo.

Em vivo inferno que o temor ordena,  
soube a ausência<sup>96</sup>, de amor filha temida.  
Que hão-de gerar tais pais senão tal pena?

---

<sup>96</sup> Sem ousar corrigir este passo, põe-se a hipótese de se tratar de uma lição errada, que estaria em vez de *sou da ausência*.

De um longo discursar sustento a vida,  
e o amor sustento da lembrança,  
para me perder mais nunca perdida.

Fujo de mim e foge-me a esperança  
entre o vão prometer, não vãs crueldades;  
temo mudar-me e espero ùa mudança.

Sou tirana da fé e das verdades,  
eternizo as tardanças e os gemidos,  
pois de momentos faço eternidades.

Sou a saudade e guerra dos sentidos.  
O mal de que morrendo vivo agora  
tristes memórias são de bens perdidos.»

Vós a causais, vós a pagais, Senhora,  
com a dar a sentir na alma de sorte  
que, não sendo morrer, mais morrer fora,  
que em cada morte é prémio a mesma morte.



## HERMOSURA FÚNEBRE MEDITADA

No del natal felice prevenido  
de tanta estrella, que anunciaban bellas  
señoril resplandor en lo influido  
que influyó ser más superior en ellas;  
su infausto aspecto en dulce convertido,  
nacida apenas gloria a las estrellas,  
que ejercitando imperios en la cuna  
con las señas mandabas la fortuna.

Cuando en primero aplauso alegre diste  
mayor aplauso y amada confianza,  
casi no siendo aun esperanza, fuiste  
primero desempeño que esperanza.  
Anticipada a la razón te hiciste  
dueño de todo lo que no se alcanza,  
siendo en lo estraño, a que almas te consagro,  
una vez elección y otra milagro.

Entre nativos lazos, que mal rotos  
de la lengua en suave insuficiencia,  
néctar pudiera dar de Hibla a los sotos,  
luciendo en lo confuso la eloquencia;  
amanecida a duplicados votos,  
reduciendo a panales la prudencia,  
lo que en no articulado hablar decías  
lo intimaban las gracias profecías.

Siglos de hermosa en tu verdor lograbas  
cuando con mayor luz, infante día,  
al más florido Abril más flores dabas,  
más elevado sol tu mente ardía.  
Con lo infinito en perfección rayabas  
lo breve de la edad que amanecía,  
que remontada luz, sol floreciente,  
auges abría lo que aclamó oriente.

Monarquía de amor en tus albores  
sin cuidado usurpabas los cuidados,  
ya en las niñeces dispensando amores,  
ya repartiendo sin pensar los hados.  
Cada acción tuya obraba los mayores  
mandos que daban gloria executados;  
tomar dichoso, enriquecer divino,  
lo que era acaso parecía destino.

No aquella admiración a que sujeta  
la comun libertad, toda prisiones,  
anhelando admirable aquella meta  
que en tí se coronó de admiraciones.  
A mayor perfección siempre perfeta  
te constituye el tiempo presunciones,  
a que voló en aciertos tu ventura  
dando el mayor cenit a la hermosura.

Cuando incendio y razón de los deseos,  
tal novedad lograba cada parte  
que artífice supremo en los aseos  
en tí lo natural excedió al arte.  
Hurtada a los humanos devaneos  
el saber despreciarlos quiso darte  
el cielo, consintiendo a tu grandeza  
que se ilustre en las galas la pureza.

Majestad vista, oída entendimiento,  
con rica pompa, con soberbia airosa,  
al descuido mayor fuiste ornamento,  
solo ornada de tí maravillosa.

Justo desvanecer al pensamiento  
no dejó la modestia, que ambiciosa  
del tesoro que avaro el pecho guarda,  
quiso enseñar que es la virtud gallarda.

Que el alma a palmas de vencida mueve,  
que milita lo hermoso en albedríos,  
no es ofensa mas feudo, que se debe  
la adoración a tus divinos bríos.  
Ningún humano afecto se te atreve,  
cortesía tributando en los desvíos,  
que en pura claridad castos ensayos  
con el respeto fulminabas rayos.

Del animo real la mansedumbre  
dignidad religiosa a todos era,  
en actos que infundía aquella lumbre  
pía acatada, amada en lo severa.  
Natural centro al mundo, por costumbre  
toda absorta en la gloria verdadera,  
lo que dejabas ver con lo que veías  
mucho más alumbrabas que encendías.

No del yugo en que humilde sujetando  
la justa actividad a la paciencia  
enseñando mujer, hija enseñando  
glorias de la elección a la obediencia;  
no merecida humanamente, dando  
tanta divinidad a la prudencia,  
menosprecio al amor, de que burlaste,  
lo libre al himeneo lo entregaste.

Posesor venturoso, alta ventura,  
discreto amante, en lo marido necio,  
leyes te promulgaba en la locura  
que guardaste inocente en el desprecio.  
Faetonte se temió de tanta altura,  
incapaz se juzgó de tanto precio,  
sin ver que le tenía en lo contento  
timbre a su indignidad tu sufrimiento.



Sin voluntad de un ídolo ignorante  
dictada respondías, porque asombre  
amante por razón, sin gusto amante,  
que hasta el mismo entender prostraste a un hombre.  
De señora servida, fiel constante,  
a un esclavo imperar pasaste el nombre;  
la gloria que cautiva al cautiverio  
servidumbre te dió, partido imperio.

Benigna en lo civil, de ti olvidada,  
madre amorosa, dulce en los desvelos,  
de tu misma virtud siempre guardada,  
guardada ociosamente de los celos;  
solicita obediencia adivinada  
añudaba la paz, rompía los duelos,  
dispensando lo humano con lo justo,  
haciendo propio gusto ajeno gusto.

Cuando cruel los lazos conjugales  
respetosa a tu ser cortó la muerte,  
supiste heroicamente en tantos males  
vencida del dolor vencer la suerte.  
Con pecho igual en penas desiguales  
al decir el sentir le hurtó de suerte  
que tu llorar no canto, que lo lloro,  
entre nubes te enseñó, sol que adoro.

Mal coligidos razgos que infieles,  
del más puro entender obrar sucinto,  
ni tus sombras imitan, que crueles  
es lo que agravian solo lo distinto.  
Bosquejete la fe con tus pinzeles,  
tu belleza ilumine lo que pinto;  
vease allí cuan mal te diferencio;  
digante las ideas del silencio.

En cada paso que en ti misma dabas  
sin límite lo hermoso llegó a tanto,  
siempre excediendo a lo que limitabas,  
que era cada alterar un nuevo espanto.

A cada edad un ejemplar dejabas,  
era cada mirarte un nuevo encanto,  
reglas y presunciones de cuidados  
en cada estado dando a los estados.

No pudiendo ser más, siempre más siendo,  
culto volante el tiempo a tu destino  
no agravio, adoración llega ofreciendo,  
que respetan los años lo divino.  
Los días con lo humano conteniendo,  
alumbrados por tí, su desatino  
conocen cuando prueban desiguales  
que en sus ombros das pasos inmortales.

Más que recogimiento, admira entierro,  
que avergonzó el dolor a la costumbre,  
terminos duplicando en el encierro  
tu misma luz no sufres que te alumbre.  
Tanto acertar la envidia muerde hierro,  
tanto insistir murmura pesadumbre  
de aquel luto interior, fúnebre palma,  
que aún primero que el cuerpo ocupó el alma.

Huésped de las tinieblas tan asida,  
a su gusto te ve lóbrego empleo,  
que si te buscan por la fe en la vida,  
en la muerte te encuentran por deseo.  
Al general aplauso aparecida,  
por la razón confuso el devaneo,  
que entre ver y no verte duda adonde  
tanto recato como luz te esconde.

Fue pasmo, fue destino, ha sido gloria,  
espanto fue de amor, que a do vencía  
es su respeto tu mayor vitoria.  
Señalaron los hados aquel día  
con tu mismo candor a la memoria  
que en lastimosa aurora amanecía,  
ostentando dos muertes tu belleza,  
una en tu vista y otra en tu tristeza.

La eternidad envidia aquel instante,  
límite dulce de tu amarga ausencia.  
Paróse el sol a suspenderle amante,  
luminaria mayor en tu presencia.  
El primer móvil veneró constante,  
consagrando su vuelo a tu asistencia.  
Estrellas, cielos, soles, tus despojos,  
olvidaran sus luces por tus ojos.

Felice el luto, deseado el luto,  
objeto dulce en tí, que todo alegra,  
de las colores se dignó el tributo,  
alva por tu monjil la color negra.  
De la severidad logrado fruto,  
anuncia sol, aurora la requiebra,  
la claridad tinieblas envidiando,  
menosprecio a la purpura dejando.

Sombra a la mayor luz opuesta en vano,  
a puros rayos noche se ha lucido,  
de aquella estrella efeto soberano  
que al horror pudo dar lo apetecido.  
Gloriosa oposición, contrario ufano  
ilustrado en prender en lo vencido,  
dorando sol la nube que le cubre,  
despojo enriquecido le descubre.

Señalando una paz llena de enojos,  
ya bandera de amor, grave la holanda;  
blanco que tira flechas a los ojos  
cuando en deseos de los ojos anda;  
cándida nube, cándidos despojos  
vencida oculta y envidiosa manda  
al pensar, que penetra en tus acciones  
del más puro candor elevaciones.

Mortaja aquella parte que difunta  
por ajena de tí toda te entregas;  
satisfacción que con lo blanco apunta,  
que antes que amor en desengaño llegas;

alta veneración a que se junta  
el imperar suave a que te niegas,  
que Láctea Vía a los cuidados muertos,  
tu más cierta la guías por aciertos.

Impió el dolor, profano en las acciones,  
del tesoro mayor fue desperdicio,  
emulando a su culto las prisiones  
de quien la libertad fue sacrificio.  
Víctima con razón de adoraciones  
sacrílego infamó piedoso oficio;  
barbara acción trofeo ilustre encierra,  
rayos dignos del sol dando a la tierra.

Cortando lazos, noble ofensa al oro,  
menos dulces, no menos poderosos,  
esparzido imperar, gloria al decoro,  
mandos por divididos más forzosos;  
desprecio humilde no os temió tesoro,  
no peligro os temió, que si oficiosos  
a la entereza suspendéis por bellos,  
la virtud suspendiera a los cabellos.

Constelación de amor el mundo os mira,  
sino de estrellas florecido de almas,  
reliquias que a la mar del caso tira  
no ofender naufragios sino calmas.  
Triunfáis cuando arrojados os suspira;  
quien os negó piedad no os niega palmas,  
dejando el hierro, que os ministró ofrenda,  
por lo atrevido consagrada prenda.

Turbado cielo vuestro hermoso dueño,  
infausto resplandor le intimáis ansias,  
de tanta vida venturoso empeño,  
que hasta infelices prometéis ganancias.  
No faltáis a aquel dulce desempeño,  
menos no son allí vuestras distancias;  
no falta nada que ser menos pueda,  
que en lo que queda siempre lo más queda.

En campo breve, en perfección suprema  
batallas de no ver prueba el desvelo,  
que misterio mayor, cruel diadema,  
por enseñarla más la cubrió velo.  
Gloria la busque, privación la tema  
en dos contrarios que si hubieron cielo,  
pensamiento que a pasmos se previene,  
lo mejor acabado aquí lo tiene.

Carcaj saetador, cada pestana  
munición es de amor que, gravemente  
flechando cejas, con la paz engaña.  
De arcos en que triunfa dulcemente,  
menuda ostentación los puebla estraña  
de atención y alabanza juntamente,  
cuando imperial la lumbre de la vista  
a las sombras remite la conquista.

Dulce enmienda y cuidado aquel descudo  
de quien naturaleza el pinzel huye,  
cuando a la admiración dividir pudo,  
admirable trofeo se constituye.  
Cándida amarillez, testigo mudo,  
elegancia interior que restituye  
sin color el espanto más lucido,  
dulcísimo orador de lo afligido.

En una y otra aurora se pasea,  
no piedad mas memoria que castiga  
hasta las mismas flores que hermosea,  
que oculto no eclipsó toca enemiga.  
Lo que se mira solo se desea  
y de otras soledades desobliga,  
que entera gloria se esparció de modo  
que dejó a cada parte hermoso todo.

Más son por ojos, soles fuera menos;  
otro atributo logran que suaves  
no cabiendo en los días más serenos,  
en las más dulces noches caben graves.

En negro ser, de humanidad ajenos,  
*plus ultra* a lo divino abrieron llaves;  
dueños del sol, envidia de los días,  
se establecen aplauso en tiranías.

Generoso inundar, desprecio al Nilo,  
muerta causa ministra en los pesares,  
viva en las dulces perlas que hilo a hilo  
a una deuda que fue tributan mares.  
Adorno que excedió curioso estilo  
de las Indias del alma singulares,  
preseas exteriores pudo hacerlas  
como lagrimas más que como perlas.

Agua y fuego mandó luz enojada  
tan al revés que sobre el cielo llueve;  
soledad en el llanto renovada  
tras lo mortal inmortal vuelo mueve.  
Por cristales se vió comunicada  
aquella media vida, porque prueba  
más de un morir a un ausentar eterno  
entre las suspensiones de lo tierno.

Sangre del corazón diluvio deja  
que incendio universal amor desata,  
de la tristeza articulada queja  
que honra piedosa cuando oprime ingrata.  
En líquida unión de sí se aleja,  
por ningún esperar la fe dilata;  
viva restitución, gloria difunta,  
lo que apartó la muerte el llanto junta.

Árbitra de las gracias que eterniza,  
cada palabra áurea cadena es luego;  
solicitando aplausos de una risa,  
todo llevó tras sí nevado fuego.  
Quinta esencia del néctar soleniza  
suavisimo imperio, que no ruego;  
mineral de fragancia en breve objeto,  
abrese erario y mirase respeto.

Blanquean nubes, tersa pronostica  
mayor serenidad, plata que vive,  
en cuyas líneas sujeción más rica  
de tanta libertad amor escribe.

Lo único emulado multiplica  
en competencias dos, porque se prive  
de una la perfección partida en vano,  
que cada mano se venció por mano.

Anohecido opuesto de la vista,  
ojos llovió el pensar que en lilios pace;  
miedo no, imitación que almas conquista  
de la escultura luz en sombras yace.

Docto enseñar que en perfección consista  
a la naturaleza en gloria nace;  
ser con veneraciones, por tributo  
más le cubrió el decoro que no el luto.

Religioso el deseo en gloria inmensa  
más se espacia adorando que queriendo,  
si vigilante extremo se dispensa,  
cortés por la razón los está viendo.  
Fúnebre obligación ocultó densa  
negando al ver lo que está creyendo;  
la fe por globos de cristal bruñido,  
sin dejar de ser fe, Argos ha sido.

Medita nieve, llama solícita  
que dulcemente abraza y no consume;  
océanos de júbilos medita  
más deidad en candores de la espuma.  
Negóse al pendular por infinita,  
en suavidades se anegó la pluma  
que en lo negro escribió que la atesora:  
«Aquí no se especula, que se adora.»

Pasos en la región de mejor aire,  
brioso movimiento en cada paso,  
lloviendo gracias da, porque el donaire  
por despreciado se excedese acaso.

Lastima suspendió, faltó desaire  
lo fúnebre vital de luz escaso,  
de incendios no, que cuando horrores viste,  
trueno y saeta más cielo más triste.

Luctuosa armonía es contrapunto  
del ver, prisión amable en consonancias;  
sale el deleite del dolor, que a un punto  
lo milagroso redució distancias.  
Bello es lo oscuro a lo luciente junto,  
privilegios se aplican repugnancias,  
que en virtud de las gracias singulares  
lo tenebroso se introduce altares.

Vidual pompa la bayeta excede  
uno y otro crepúsculo y parece,  
probando anochecer lo que no puede,  
la más rosada aurora en que amanece.  
Porque confusa la riqueza quede,  
lo deseado en lo más vil se ofrece,  
porque en la majestad que amor conduce  
en descuidos de sí luz introduce.

Aquel estudio vano que impiamente  
contra tanta hermosura usó el recato,  
si ofende en desaseos lo excelente,  
parece que le excede con lo ingrato.  
Diligencias mentió, gracias no miente,  
que en lo desayudado halló el ornato  
los dones naturales tan propicios,  
que hizo deslucimientos artificios.

Cuando una flor con un rigor oprime,  
más flor brotó, más encendida sale;  
un clavel cada amago allí redime,  
cada ofender una azucena vale.  
Lisonja es lo aviltado a lo sublime.  
Qué curioso brillar habrá que iguale  
negligencia que en acto más severo  
apurar lo divino con lo austero?



Generosa esquivez honra eterniza,  
un recojido ver que a um manto oscuro  
los secreto fió, que avaro avisa  
aunque orlado ocultar, objeto duro.  
Adornada en las lagrimas, la risa  
vencida queda, que se vió más puro  
exemplar de belleza entre temores,  
que afecta con el llanto resplandores.

Si lo mortal inmortalmente hizo  
artífice supremo cual interno  
y puro esprito, que tuviese quiso  
cuerpo que todo es alma por gobierno.  
Oculta tanta esfera un paraíso,  
lo caduco se altera con lo eterno  
que, diáfana ropa a sus potencias,  
con lo sin fin litiga competencias.

Desmientese mujer, prudente iguala  
madura educación, héroes consejos;  
madre instruyendo, tutelar regala  
pedazos de alma, de su vida espejos.  
Tiernas prendas cristal son que señala  
una y otra fortuna, son bosquejos  
que intenta iluminar cuidadoso exemplo.  
Guíanlos deidad, los guarda templo.

En desvelo servil briosa doma  
el ánimo real, piedosa humilla  
la libertad que la modestia toma  
cuando ejecuta familiar mancilla.  
Cesáreo corazón glorioso asoma  
triunfando entre esta y aquella maravilla:  
lo civil, lo político, lo regio  
feminil mano esplende privilegio.

Oh de amor y de honor paz y delicia,  
milagro desta edad, gloria del mundo,  
logrando el primer grado de justicia,  
te estrecha el merecer como segundo.

Del divino poder alta noticia,  
antes ostentación, antes profundo  
mar de virtud, inmensidad visible,  
crédito y elevación de lo imposible.

Dulce arrebatamiento, espanto amable,  
flor de lo hermoso, fruto de lo cuerdo,  
pensando original de lo admirable,  
al dormido adorar grave recuerdo.  
Ídolo y usurpación de lo inefable,  
que general cuidado el desacuerdo  
produce de lo libre dueño cuando  
aras te solicitas olvidando.

Del mayor emprender púdico halago,  
que puro objeto castamente influyes;  
del indigno atrever honroso estrago,  
más que esperanza a fe te constituyes.  
Templo de soledad, culto en que pago  
queda con lo que sigues lo que huyes;  
lealtad que te hermosea y te acrisola,  
féniz por sol, no féniz para sola.

Toda la vida un ay, toda un suspiro,  
gime tórtola triste el bien que pierde,  
y despojo fiel al mortal tiro,  
turbia<sup>97</sup> el cristal, aborreciendo el verde.  
Símbolo con razón, como te admiro,  
una eterna memoria te recuerde,  
ave con alma, que divina asombras,  
que siendo luz, casaste con las sombras.

Parece que articula de tus glorias  
elegante el dolor por los sollozos,  
luego con penas, como son memorias,  
que los gozos ausentes no son gozos.

---

<sup>97</sup> O verbo *turbiar* aparece registrado no *Dic. de la Lengua Esp.* da RAE, como «voz antiquada».

Más llama en menos dulce, más vitorias  
son de la fe tan tristes alborozos,  
repitiendo tu amor contemplativo  
solo en lo muerto se hallará lo vivo.

A triunfos, a palmas, a coronas  
nacida y remontada en lo que obras,  
como ofensas los premios aprisionas,  
digna de más adoraciones cobras.  
Pío incendio con rayos galardonas,  
si te faltas mujer, deidad te sobras.  
Pues que a muertos aplicas los sentidos,  
no hallarás vidas para tus olvidos.

Crédito a mi destino, antes que fuese,  
altar te previnió, te usurpó idea  
mi alma. Poco soy, poco es que ardiese;  
víctima te ha de ser cuando yo no sea,  
porque en su eternidad nunca se viese  
instante sin tu amor; porque se vea  
divino afecto sin terreno afeite,  
lo que abrasó dolor arde deleite.

En fe de que le causas te compite,  
porque uno y otro exceso inmortalice,  
oh tu, felice! el eco te repite,  
del aplauso mayor clamor felice.  
Mi amor, que solo amar por premio admite,  
aunque infeliz, felice, oh tu, me dice.  
Igual fortuna en desigual misterio,  
una de servidumbre, otra de imperio.

## LA TÓRTOLA<sup>98</sup>

Aquel misterio con plumas,  
y fe con alas, que vuela  
a más sentimientos, siempre  
remontada en sus firmezas;

aquel símbolo nupcial  
que deshojando azucenas  
cándida paz de coyundas  
exemplo se lisonjea;

que del discorde himeneo  
tranquilando el mar, enseña  
lo glorioso de sus ñudos,  
que tan acaso se encuentran;

felice unión de dos almas  
que, reciprocando flechas,  
alternadas peregrinan  
de una voluntad la fuerza;

que al flameo velo ambición,  
arrebol de la verguenza,

---

<sup>98</sup> O «vago augelletto» do soneto 353 do *Canzoniere* de Petrarca concretiza-se, em muita da poesia de língua castelhana desta época, na «tórtola», como símbolo do amante chorando em solidão o amor perdido. Este poema de D. Francisco situa-se na linha de poemas de tema idêntico de Góngora, Quevedo e Villamediana, entre outros.

arde impar anuncios puros  
de propagación eterna;

que de diosa material  
los telares y las vendas  
rito vano interiormente  
casta se expone a sí mesma;

oh, qué bien enamorada  
merece, sin que merezca,  
pronunciando arte de amor  
su misma naturaleza!

Toda amor inspira amores,  
enseñando a lograr tierna;  
Juzga elogios escuchados  
lo que se imagina deudas.

Vuelas, oh tortolilla, y nunca dejas  
sin tí lo que amas cuando dulcemente  
solo a volver parece que te alejas,  
si pudo ser partir no estar ausente.  
No dan lugar tus alas a tus quejas,  
cada pluma un cuidado es diligente,  
más que en tu vuelo de tu amor volado  
excedida en las alas del cuidado.

No te sigue tu esposo, ni ha quedado,  
que esprito es su deseo de tus vuelos;  
mas se va, pues se parte en el cuidado,  
acreditando amor sin temer celos.  
Ramo le hospede verde, y deseado  
tálamo de esperanza sin desvelos,  
cama de campo que suave ha sido  
triunfo a su fe, no culpa a su olvido.

Pico a pico, alma a alma y vida a vida  
os exprimís tan castos sentimientos  
que, una arrobada y una suspendida,  
os dais el corazón en desalientos.  
No lasciva esta, aquella agradecida,

ambas peregrinaron rendimientos.  
Símbolo entre los lazos más suaves  
de la unión mayor fueron dos aves.

Artífices sin alma fabricando  
de lo mejor del alma las verdades  
con que, una voluntad reciprocando,  
quedan sin división dos voluntades;  
a logro del querer dando y tomando,  
usura que repite a eternidades,  
despojar quien entregas soleniza  
que, siendo enajenar, naturaliza.

Testigos de uno y otro afecto pío,  
por no decir envidia a sus despojos,  
de lo que se logró como desvío  
las inquietas hojas fueron ojos.  
Fruto lleno de paz, árbol sombrío,  
flores de amor llevó libres de enojos.  
Libres de guerra alcanzan más vitoria,  
que lo que siempre es gloria es solo gloria.

Lisonja general, ley poderosa,  
de ambas esferas dulce desempeño,  
qué acción, qué flor, qué humilde mariposa  
no mueves dios, no te confiesa dueño?  
A todo asistes, fuerza milagrosa,  
sueño al velar, desvelo dulce al sueño,  
que aras de voluntaria idolatría  
en todo goza, amor, tu tiranía.

Mas ay, felicidad vana,  
que pudo mano sangrienta  
cortar vínculos que unidos  
en las memorias se quedan!

Soledad amarga ha sido  
lo que fue dulce presencia;  
apenas gustos se vieron  
lo que siempre han de ser penas.

Trompas de amor los arrullos  
ya son clamores de exequias;  
los que sonaron aplausos  
pompas funerales suenan.

Melancolica viudez  
por la más amiga prenda  
noche interior se establece  
para monjil de tinieblas.

Avecilla excededora  
de Porcias y de Lucrecias,  
fe que no se espera grata  
es fe que nunca se espera.

No es pura acción entre vivos  
llamas que en respetos crezcan;  
difunto el premio y el temor,  
arde más quien ame y tema.

Qué mal vive en tu cuidado,  
y en un muerto qué bien muerta!  
animas en lo que pierdes,  
y en lo que vives te ausentas.

Íntimas plumas batiendo,  
qué lástimas no penetras?  
Si no llorosa, llorada  
te convidó a más tristeza.

Gimes, oh tortolilla, y a la eminencia  
de tu amor tu tristeza émula asiste;  
sin ninguna esperanza de presencia,  
te libras sacrificio en ser más triste.  
Cuando contigo vas, llevaste ausencia,  
destierro te paseas si te oíste,  
que rota ya la conjugal cadena,  
con el ser sola te casó la pena.

Verdes lisonjas de lascivos brazos,  
vid que amaride o hiedra que trepando

huyes imitación de alegres lazos,  
tristes y áridos ramos habitando.  
Por no mirarte dos como embarazos,  
cristales y deseos enturbiando,  
no aplacar, aumentar llamas te mueves,  
dulce sed de llorar es la que bebes.

Intrínseco el dolor, lutos desata  
de que solo se visten los efetos;  
mortaja no mirada se dilata  
lo que es a veces toca de respetos;  
noche el monjil, en lo sentido trata  
inmensidades lo que son aprietos;  
viuda soledad en que te escuchas  
las mismas soledades en que luchas.

Yaces toda en continuas afliciones,  
lo que te vuelves te ministras flechas,  
desaliento a tí mesma en tus acciones,  
vueles o no te distribuye endechas.  
O niegues más quejosa las razones,  
o las des hieroglíficos desechas,  
no lo ronco, en tu voz dulces gemidos,  
por ni aliviar con quejas los oídos.

Árbitro de suspiros siempre fieles  
cada arrullo se ve, y cada pluma,  
si no escribe veloz, copia en pinceles  
de numerable afán la menor pluma.  
Mas o historia exprima o pinte Apeles,  
silencio y velo es bien que se presuma,  
que aunque por todo en lenguas desatado,  
queda el mayor dolor en el cuidado.

Alada pira, urna que animada  
túmulo y plañidera te eternizas;  
presente fe, memoria no pasada,  
que emplumado morir vives cenizas;  
melancólica aguja discursada  
que en objeto tan breve solenizas,



o te escuche o te lea el caminante,  
funeral inscripción, voz elegante.

A no volver, que vuelos dió en la muerte,  
perdido un bien que a no volar se queda,  
aquí gimes suspensa, y al dolor fuerte  
te responde gimiendo la arboleda.  
Pesadas plumas vinculó la suerte  
sin tierra leve a un ave, porque pueda  
máquina ser que, en rápido camino,  
veneró triste alado peregrino.

Ave, por sola y por féniz,  
menos por sol que por Celia,  
que siendo el pincel de espantos  
ni aun los pasmos te bosquejan;

las más altas suspensiones  
te andan agravando ideas,  
que ni como razgos se honra  
donde acabó lo que piensa.

A la exención te iluminas  
en tus mismas eminencias  
de lo humano, que tus glorias  
por negaciones rastrean.

Fatal prodigio a las almas,  
que el peso de las cadenas  
que hasta tu cielo las tira  
como dulces glorias pesa.

Por quien no tiene el poder  
ningún lugar, que se heredan  
no méritos padeciendo,  
dichas sí que se padezcan.

De una para otra fortuna  
vuelos no, caídas eran  
lo que estados ilustrando  
exemplo de ambos te enseñan.

Qué puramente señora,  
que realmente discreta  
te tiemblas luz como nube,  
te huyes nube como estrella!

Bien desmentidas las sombras  
de tantos albores quedan,  
dispensando como claras  
lo que encubren como densas.

Oh a superiores mandos, oh a fatales  
monarquías de amor y honra nacida,  
que mayor bien en yugos de tus males  
usurpando el vivir pagas la vida!  
A tanto ceptro admiraciones tales  
la misma tiranía esclarecida  
dejan los albedríos que sus quejas,  
debiendote el tomar, son de que dejas.

Ave tan féniz, tan maravillosa,  
que aun más diadema que plumaje excede  
lo negro al oro, que de más hermosa  
la nativa corona te concede,  
qué fragancia llorada y misteriosa  
de tus alientos aprender no puede?  
No pájaro, de un sol vida acrisoles,  
remontando milagro de dos soles.

Candor volante, nieve articulada,  
si hijo de espumas no, pompa de espumas,  
que a mejor vida del morir llamada,  
su dulce despedir cantan sus plumas.  
Si envidia oída te envidió mirada,  
o blanco ser, o ser deidad presumas,  
puro milagro, cristalino objeto,  
no te sigue esperanza mas respeto.

Cuando entre menosprecios de hacer días  
a la noche te aplican suspensiones,  
ni en el cielo tan varias fantasías  
te pueden imitar constelaciones.

Reduciendo a tus ojos monarquías,  
de tanta estrella dulces ambiciones,  
las plumas florecidas con los celos  
más te miran a espantos que a desvelos.

Real penetradora de la lumbre,  
del gran planeta rayos examina;  
caudal corona de eminente cumbre  
que a revivir en aguas se destina,  
más ciega a ver al vuelo pesadumbre  
en tus glorias se queda que divina.  
Tanta altivez y tanta luz exhalas  
que te alcanzan por fe los ojos y alas.

Ave que, a la razón dando el deseo,  
procedes ley y acerto obedecido,  
que al claro cielo veneró trofeo  
puesto en lo más de hermoso y entendido.  
Alto ejemplar, no imitación te veo,  
gloriosa confusión de lo nacido,  
logrando en cada acción gloria tan una,  
que te hurtaste a tí misma a la fortuna.

Templo mayor el alma desmerece,  
incapaz de tu nombre el sacro rito,  
que aun es más que adorar cuando parece  
la misma adoración pobre delito.  
Religioso en temores resplandece  
angosto el venerar en lo infinito,  
que en tu comparación, que de tí junto  
aun tiene más de nada que de punto.

Aclamente divino beneficio  
las plumas que con alma y voz sonora  
aves eternas vuelan sacrificio,  
si alma hay de tu loor merecedora.  
Todos los vuelos, todo el artificio,  
criado y por criar, que honras señora,  
aplausos sean que en laudable canto  
te publiquen al mundo amado espanto.

## SOLITÁRIO<sup>99</sup>

Cidadão de ti mesmo que suave  
na adulação de só glória te aplicas,  
que, discursada ou discursiva ave,  
alma no entristecer te comunicas,  
no contemplar, legisladora grave,  
povo de solidões te multiplicas;  
república discreta, honroso estudo,  
pois na parte melhor discorres tudo.

Se em Progne e Filomena o sentimento  
que agravo emudeceu se exprime glórias,  
doce encanto de ouvir, prisões do vento,  
vivos poemas de mortais histórias,  
féniz que a mágoa ilustra entendimento,  
da natural excedes as memórias;  
emplumada razão, alma saudade,  
triunfando de ficções, vives verdade.

Esprito em penas, penas que maiores  
se ocultam brevemente em quem levanta,  
culto à melancolia e seus furores,  
métrico altar em passos de garganta;  
que, remontada em plácidos clamores  
a musa que se chora e que se canta,

---

<sup>99</sup> *Solitário* – nome de ave também designada *rouxinol do mato*.

harmonioso Narciso em ti consiste,  
que te buscas por só, te amas por triste.

Quase chorando e rindo o desatino  
de tudo o que se vê gloriosa palma,  
que simboliza o triste com o divino  
por escada platónica de ùa alma,  
inscrição venerada ao peregrino  
que suspenso nos jaspes que desalma,  
a razão, mais que o tempo, te dá ouvido  
menos escarmentado que advertido.

Numeroso prodígio que preferes  
nacido ao soluçar, termo possível,  
de animal racional direito adquires  
por lagrimoso mais que por risível.  
Oposição fecunda aos vãos prazeres,  
das entranhas dos fados o invencível,  
fértil verdade anuncias escarmentos,  
émula de sibílicos alentos.

Se este e se aquele alento desengana,  
se ùa e outra mudança há num momento,  
que tempo espreita a needade humana,  
sendo o maior lograr um fingimento?  
Que volver de olhos há sem que tirana  
a fortuna não zombe ao pensamento?  
Quem mais alto subiu mais baixo dece;  
cai mais quem caiu no que conhece.

É o pesar o centro da alegria,  
partem termos desastres e bonanças,  
mente a felicidade à fantasia  
que já doeu temor nas esperanças;  
fruto produz do riso a tirania,  
enganos confundindo e confianças.  
Tu, por prudências de contemplativo,  
no funeral aguardas o festivo.

Mais voas no que vês que no que voas,  
investigando altíssimos segredos;

seguro anacoreta te apregoas  
por hóspede ditoso dos penedos;  
decoro ilustre propagando soas  
quando te deixas, que entre ausentes medos  
um firme amor, que o material desmente,  
no casto dura mais que no presente.

Galante da pobreza, pobres teitos<sup>100</sup>  
tão fugidos no mundo habitas nobre,  
que ensinas, pisadora de respeitos,  
que é o mais rico o verdadeiro pobre,  
e real confusão de avaros peitos  
o tímido que eleges te descobre,  
que tem maior valor, maior riqueza,  
não quem tem mais, senão quem mais despreza.

Dos paços vãos, da vã suntuosidade,  
da mais vil ambição dourado prato,  
em que para se crer mente a verdade,  
em quem o agradecer vive no ingrato,  
trato que administrou a vaidade  
pela lisonja ao mais velhido trato,  
aonde a fé merece por porfia  
embuçadas treições de cortesia.

Culpavelmente o sofrimento apura  
caducas esperanças que envelhecem  
na nécia adoração de úa ventura,  
bens que na possessão desaparecem,  
nadas opostos ao que sempre dura,  
que só desmerecendo se merecem,  
mar em que se navega, sendo corte  
sem memória da morte a mesma morte.

Com asas no desejo duplicadas  
de um eterno esquecer que ali presumes,  
foges desprezo, e em aulas desprezadas  
te lês feudo imortal de imortais lumes.

---

<sup>100</sup> Forma popular de *tecto*, resultante da vocalização do *-c-* etimológico.

Cerúlea a tempos gozas alternadas  
imitações dos céus ou dos ciúmes:  
uns a buscar ensinas e outros deixas,  
louvor daqueles, de aqueloutros queixas.

Luto por tudo vestes, que por tudo  
aniversário fiel, lástima admites;  
pio fiscal do universal descudo,  
clamante voz nos páramos repites;  
na cor metáfora e adição no mudo,  
período plural razões compites;  
delícia que no negro o céu tem posto  
com galas cortesãs fé de um só rosto.

Tão ausente de ti doces agências,  
cláusulas nos efeitos sustentadas,  
que alternam com o silêncio competências,  
razões mais declaradas por perdidas.  
Mudo elegante em doces assistências,  
te achas perdida em suspensões sentidas,  
em que a voz sepultada que responde  
na dor ora aparece, ora se esconde.

Grande mestre e vergonha dos humanos  
(em pórfidos perfídias peregrinas,  
como vãs ilusões, nomes tiranos,  
pomposos capitéis como ruínas),  
desengano animado, aos desenganos  
mais a exemplo que a ave te destinas,  
que da cândida fé o valor profundo  
acha-se só na gente do outro mundo.

Cadáveres do fado firme e vário  
no desigual, no igual roda importuna,  
passeias imortal no solitário,  
zombas fatal das voltas da fortuna.  
Deves, nunca temida ao temerário  
da importuna miséria, que oportuna  
ou a distintos ou a naturezas,  
ainda cantes melhor no que desprezas.

Misterioso símbolo no Egipto  
e moral advertir deste desterro,  
que nos golfos do ar deixas escrito  
que tudo o nosso é ar, que tudo é erro;  
retórica severa em cada grito,  
na bela idade de ouro acusas ferro,  
e na mais alta roca ainda temida  
precipício maior julgas a vida.

Ao mar, que lisonjeiro ali soante  
undoso Apeles falso te retrata,  
infamando a cobiça ao navegante,  
como aço mais cruel temes a prata.  
Que tormentosos monstros, naufragante  
neste mar de ser homem, não dilata  
a sorte ao conspirar da humana sorte,  
como se a vida não ajudasse a morte!

Nas notícias alheias escarmentas,  
em que advertindo cepos e cadeias,  
modulador desvio de tormentas,  
lamentável piedade te recreias.  
Dás tábua amiga a Sirtes fraudulentas,  
próprio sentir a lástimas alheias,  
aos mortos bens, às vivas alegrias  
advertências fiéis, exéquias pias.

Na voz, na melodia, nos acentos  
sereia mais cruel, mora a mentira;  
cândida complacência endecha os ventos,  
que a inocência por ti doce suspira.  
Impia a curiosidade em fingimentos,  
tudo violando contra ti conspira;  
na simples paz de só laço te espera  
mais inumana fera a humana fera.

Sombra com luz que austera no adulado  
em dourada prisão solta a tristeza,  
livre lisonja só do despovoado,  
morres de acompanhada e não de presa.



Na amiga solidão o horror sagrado,  
tálamo profanado, de ira acesa,  
te usurpas a ladina<sup>101</sup> e dás exemplo  
que sem posteridade há nelas templo.

Eloquente orador filosofando,  
te pulsas instrumento e voz sonora,  
entre avisos dos anos meditando  
cinza os espantos que a ignorância chora;  
altos prodígios da arte que espantando  
o que a fama lhes deu devem a Flora,  
florecidos ali já florecentes  
gritos dos dias, fábulas das gentes.

Vestígio apenas jazem as cidades,  
sem nome as cultas pedras que o lograram  
de milagre e grandeza, e a eternidades,  
dívida da escultura, se animaram.  
Notícias duvidosas das idades,  
assombros já sem luz sombras duraram,  
que o amparo mais certo e mais temido  
é, para não cair, o ter caído.

Por humilde perpétua se conserva  
em perder e em ganhar, e às auras treme,  
que esmeraldas lhe dão por vida a erva;  
ri-se nos Maios, nos Agostos geme,  
em seu próprio acabar vida conserva;  
segura por pisada, nada teme;  
vence obeliscos e, opósita do eterno,  
com o verde do verão desmente o inverno.

Os triunfos que são, os que já foram,  
uns aos outros se esperam no estrago;  
todas as pompas vãs no não ser moram,  
línguas de fogo o digam de Cartago.

---

<sup>101</sup> *Ladina* é aqui, provavelmente, sinónimo de *latina*. A ser assim, há nestes versos um conjunto de alusões que estabelecem a comparação da ave com a latina Lucretia, esposa de Lucius Tarquinius.

Que durações, que reinos não memoram  
tragédias de que foi devido pago  
sempre esquecido fim, sempre notório,  
a si mesmas teatro e auditório?

Na ambição de um desejo se consente  
imortal o que é nada, que do vício  
faz honra a inchação da humana gente,  
por que co a fama ilustre o precipício.  
Se ao colosso de Rodes eminente  
o tempo tragador, qual buitre a Tício<sup>102</sup>,  
roendo o consumiu, que veloz corre,  
o barro que fará, se o bronze morre?

Mas se a terra feroz devora breve  
aquele fim que tudo em si limita,  
erário contra os séculos se atreve:  
mau grado do acabar fabrica escrita.  
Imortalmente vive no que escreve  
glória [i]mortal<sup>103</sup>, que entre cadências grita;  
logram sem fim posterior empenho  
a tinta e pena que animou o engenho.

É grande reino, é grande senhorio  
a vossa fermosura poderosa,  
usurpação ditosa do alvedrio,  
da maior perdição causa ditosa.  
Doces jugos de amor fulmina em brio,  
expugnadora de almas milagrosa;  
mandos chove, e de lá de tanta glória,  
da parte do perder põe na vitória.

Usurpando vontades enriquece,  
úa mercê cada perigo aplica,

---

<sup>102</sup> Tício – gigante fulminado por Zeus e lançado nos infernos, onde dois abutres lhe roíam continuamente o fígado, que renascia para ser de novo devorado.

<sup>103</sup> No texto ocorre o termo *mortal*, o que nos parece erro evidente, e como tal o corrigimos.

nos jugos os alvíos oferece,  
as dádivas nos furtos comunica.  
Guerra que com os despojos empobrece  
castigo liberal se justifica;  
só no que livra se estabelece<sup>104</sup> a queixa,  
dá no que leva, furta no que deixa.

Ainda que menos são, seja o conselho  
que o frágil ser no ser divino aprove,  
e, qual água em cristal, consulte o espelho  
e ùa beleza noutra se renove.  
Fastiosos acintes (que no velho  
o que a incêndios moveu a risos move)  
fuja, divinizando na cordura  
o tirano ausentar da fermosura.

Nobre edifício, máquina sublime,  
ajunte sol a sol, estrela a estrelas,  
e no desanimar próprio se anime  
a ser mais resplendor chamada delas.  
Féniz nova será que se redime  
no conhecer-se a si, no conhecê-las;  
reino será durável, será império  
em que o que flor viveu viva mistério.

Se o cutelo, se a vítima, se as aras  
as dispensa a razão, feudo ao divino,  
respeitoso abrasar, oblações caras  
ardem religião no desatino.  
Não ofendem de vãs, fogem de avaras  
adorações que agravos imagino,  
que a outro culto maior a alma se atreve,  
não porque possa mais, porque mais deve.

A tantos riscos nace o desejado,  
que teme nos decoros o perigo;  
nunca passou de fé, sendo cuidado,  
o que, não sendo fé, fora castigo.

---

<sup>104</sup> Mantém-se a grafia que ocorre no texto.

Busque no atrever fama o fulminado,  
em pura adoração viva comigo  
da primeira cadeia o fogo aceso,  
de vós só preso tantas vezes preso.

Queixume do deserto, alma da ausência,  
pássaro de suspiros construído,  
que ais te animas e triste inteligência  
no expirar lisonjeiro de um gemido,  
pois que te imito em lacrimosa agência,  
quando não no suave, no sentido,  
entre heróicos louvores te derrama,  
e a aclamações de Célia tudo chama.



## LOS TRES SUSPIROS A CRISTO EN LA CRUZ<sup>105</sup>

*Si no se puede más, que suspiremos*<sup>106</sup>

La majestad de tu altivez inclina,  
que aun de la vista el discursar se pierde,  
a mi indigno pensar, Celia divina.

Lo que no olvidas sufre que te acuerde,  
lisonja es a lo que obras lo que escribo,  
verdad que anima, áspid no que muerde.

---

<sup>105</sup> À composição destes poemas, durante a sua prisão no castelo de Almada, se refere D. Francisco em carta de 6 de Maio de 1628: «aqui pasey a semana Santa aonde remendei huãs Redondilhas deuotas com nome de Suspiros» (*Cartas* p. 122). Alguns meses depois informa D. Rodrigo da Cunha de que os enviou à Inquisição e, caso obtenha licença para a sua circulação, «vendelos ão os segos e compralos ão as beatas» (p. 127). Com o passar do tempo estranha a demora e receia que haja obstáculos à sua aprovação: «os sospiros não sahirão mais da inquisição deuiamlhe achar por onde», comentando noutra carta que «auer mister tanta licença pera suspirar he forte comtra peso» (p. 127). Numa última referênciã a estes poemas dá uma explicaçãõ que ilumina muitos dos seus textos: «O discreto dos sospiros esta no porque se sospira. Os poetas vanse sempre tras quimeras ate naquilo que parece material e nesta conta entra a madre Soror Selia» (p. 128).

<sup>106</sup> D. Francisco adopta aqui como epígrafe deste seu poema um verso da écloga «Nemoroso» de Sá de Miranda, verso incluído na cançãõ de Salcício lamentando a morte de Garcilaso de la Vega (Cf. Sá de Miranda, *Obras completas*, vol. I, Lisboa, Sá da Costa, 1960, p. 237).

Gran maestra de aciertos te apercibo,  
menos que sombra tuya es más desvelo,  
rastros apenas de tu ser altivo.

Lo más, que es tu hermosura, admira el suelo  
vencida de tí misma en tus acciones  
cuando en tí mesma logras tanto cielo.

Tu valor entre nobles presunciones  
ideas fue dejando a los estados,  
a quien pagaste hospicio en perfecciones.

Tú, que dispensadora de cuidados,  
dispensar a la honra te contemplo,  
negada a los demás desacertados,  
a lo felice, a lo infelice exemplo,  
la constancia apercibe de tu vida,  
deidad sin templo que mereces templo,

que con aras de fama te convida  
que tu virtud desprecia como nadas,  
hasta a aplausos tan justos escondida.

Pues lozana te enseña en sus jornadas  
experiencia la edad, no desengaños,  
con menos flores no, mas sazonadas,

creciendo la belleza con los años  
que por culto te ofrecen sus ofensas  
más como privilegio que por daños,

oye en lo que suspiro lo que piensas,  
que no tienen acá tus esperanzas  
digno lisonjear de que te venzas.

Los suspiros, del alma confianzas,  
feudo ya tuyo, deuda a Dios agora,  
que acreditan la fe siendo mudanzas;

víctimas de quien calla y de quien llora,  
gloria a que por tu objeto me encamino,  
que no malogra esferas quien adora;

no desatina allí mi desatino,  
porque goza en tu sol mi pensamiento  
vida de rayos, medios de divino.

Siempre apurado y siempre entendimiento  
de más a más glorioso se destina  
cuando en lo menos burla el escarmiento.

Misterio que a mi daño se encamina  
de ruina con alma mas sin gloria,  
entre ruinas soy alta ruina.

Desengaños votando a la memoria,  
sin que tenga de qué caigo de nuevo,  
misera novedad dando a la historia.

En lo más hondo el precipicio pruebo,  
agotando desdichas se me aleja  
el sagrado que en ellas mismas llevo.

Aquí donde en estrago el tiempo deja  
muros tristes, corona destes mares,  
cada pedazo es lengua de su queja.

Lámina es cada torre a sus pesares,  
que, siendo pedras, lloran el tributo  
que en oro paga el Tajo a Manzanares.

Justo llorar de ningun tiempo enjuto,  
cautividad que en himnos renovada  
de instrumentos sin fe suspende el luto.

Aquí sin alma en su castillo Almada  
sin mí me guarda, cuando honrada debe  
el nombre a la familia más honrada,

viendo que émula al orbe envidias mueve  
la ciudad, monarquía de ciudades,  
fama de un Griego, infamia a tanto aleve.

Imitador de sus adversidades,  
con la infelicidad me ilustra el hado,  
lastimoso trofeo a las edades.



En tiempo que es delito el ser honrado,  
y el ser hombre de bien es desvalía,  
más satisfecho estoy, más castigado.

Por fuerza aumentarán la ofensa mía  
leyes distribuidas con enojos,  
que siempre necia fue la tiranía.

Bien pudieran marciales los despojos  
descuidar lo civil de un nada mudo,  
que harta prisión le sobra en unos ojos.

Si el demérito ser el medio pudo  
siempre del alcanzar los beneficios,  
como no logro yo lo que no dudo?

Sirven para las quejas los servicios<sup>107</sup>;  
mis desaciertos solos desobligan,  
que echo a perder también los deservicios.

Qué necio estoy! Qué material me obligan  
destierros a quejoso de fortuna,  
cuando solo los tuyos me castigan!

Si mi fe no se vence de ninguna,  
si a tu hermosura desterrado viene  
en víctima mi amor desde la cuna,

ríome del que cárcel me previene  
cuando me busco allá do está el deseo:  
si en tí me tiene, como aquí me tiene?

Tu perfección, que imaginando veo,  
mide mi desear con sobresaltos;  
muerto de dudas, vivo en lo que creo.

---

<sup>107</sup> Adaptação de dois versos de Quevedo: «para realzar las quejas/ son buenos ya los servicios» (D. Francisco de Quevedo, «letrilla satírica» in *Obras completas*, edición crítica por Luis Astrana Marín, Madrid, Aguilar, 1932, pp. 87-88).

De tan divina luz mis ojos faltos,  
buscan la casa venturosa adonde  
goza tu soledad premios tan altos.

Celia aclamando, Celia, me responde  
el eco, que me engaña y que me anima,  
dando al oír lo que al mirar se esconde.

Si regala un sentido, otro lastima,  
y el mismo bien que apura a entrambos niega  
la diligencia que el engaño estima.

Qué golfos de peligros no navega  
un alma ausente, náufraga en su llanto?  
Penando llega ado pensando llega:

a erarios del Oriente de su encanto,  
mineral vivo, menosprecio al oro  
que olvido más con ambición de tanto;

Indias que busco y interés que adoro,  
solo de extremos tuyos mercenario,  
que tu cuidado es mi mayor tesoro.

Dueño<sup>108</sup>, que me enriqueces tributario,  
divina usurpadora al albedrío,  
no agravia a un firme amor destino vario.

Tus ojos negros que, destino mío,  
soles me abrasan, guíanme planetas,  
a quien debo una ausencia sin desvío.

Entre estas sinrazones indiscretas  
amenazan sin causa ociosamente  
a un perdido vivir tantos cometas.

Triste, preso, agraviado, muerto, ausente  
en este monte me verán conmigo,  
cuando sin tí mi fe no me consiente.

---

<sup>108</sup> *Dueño* – «En la lírica amorosa solía llamarse así también a la mujer»  
(*Dic. de la RAE*).

Monte en firmezas, monstro en el castigo,  
en todas las fortunas fiel, constante,  
servidumbre de esclavo, amor de amigo

te consagro, Señora, y en cada instante  
siglos de fe, del pecho ardientes tiros.  
De las verdades que te escribo amante,  
mi verdad te remite a esos suspiros.

### **A Cristo en la cruz**

#### ***Suspiro primero***

Aquel aire que al compás  
del dolor amor aplica  
más aliento comunica  
cuando desalienta más.

Los sones que tanto valen  
de las penas que se encuentran,  
porque como auxilios entran,  
auxilios buscando salen.

Del pesar borrascas son  
que en los pensamientos anda,  
en que el corazón se manda,  
y en que queda el corazón.

Alto inspirar que convida  
que en tantos rayos deshecho  
dulcemente exhale el pecho  
la amargura de la vida.

Mudo y parlero el amor,  
a cuyos roncós gemidos  
son vuestras llagas oídos,  
y vuestras iras amor.

Señor, si ídolos mortales  
tan firme adoro en desdenes,  
aplicad a vuestros bienes  
la ostentación de mis males.

En los abrasados tiros  
de suspiros tan perfetos  
mude el pensar los objetos,  
mas no mude los suspiros.

Volvedme a mí, que sin mí  
a que criéis limpio vengo  
el corazón que no tengo,  
pues solo a vos no le di;

y, blanco a harpones sagrados,  
le apure de los primeros,  
si no con más verdaderos,  
con suspiros mejorados.

Si de mi error funerales,  
tan necia luz se interrompa;  
las que ardieron muerta pompa  
luminarias sean vitales.

En quien divino contemplo  
fuego endiosado en lo humano,  
altar siendo soberano  
si fue profanado templo.

Que en este desatinar  
del engaño a que suspira,  
de la causa es la mentira,  
la verdad del suspirar.

Dios mío, esta confianza  
vuestra piedad considera,  
que entonces más culpa fuera  
cuando no fuera esperanza.

Bien vuestra grandeza nuestro,  
pues que, siendo tal, confío;  
el pecado es como mío,  
será el perdón como vuestro.

No llamen temeridades  
lo que es valor de la fe;

si muerto inmortal os ve,  
mal podréis negar piedades.

Debiendo a los desengaños  
temer tanto las memorias,  
lo que canté como glorias  
lloro agora como daños.

Confuso en lo que estimaba,  
de mí mesmo castigado,  
no huyo yo del cuidado,  
huyo de lo que cuidaba.

Del verdor que a pensamientos  
dió posesión de locuras,  
lo que juzgaba venturas  
ya blanquean escarmientos.

Libre ama y teme sujeta  
la vida en sus alegrías,  
que al avisar de los días  
cada instante es un cometa.

De los precipicios bellos,  
que por más ruina ataja,  
lo blanco de la mortaja  
da gritos por los cabellos.

El arder, que por despojos  
se eternizó en las finezas,  
de la razón fue tibiezas,  
siendo incendio de unos ojos.

Negros son, y tan divinos  
que en su hermosura contemplo  
a vuestro poder exemplo,  
sagrado a mis desatinos.

Solturas ezlaboneando<sup>109</sup>  
que son del alma cadenas,

---

<sup>109</sup> Mantém-se a forma constante do texto, apesar de não se encontrar dicionarizada. A forma correcta seria *eslabonando*.

rastro deja en las arenas  
del mar que no estoy llorando.

Estériles sus potencias,  
golfos de tinieblas veo;  
cielos eran al deseo,  
son de vuestro cielo ausencias.

Si a ser de despiertos viene  
sueño la más dulce suerte,  
no tienen glorias sin muerte,  
pues las sueña quien la tiene.

Y si el vivir es milicia  
do mi flaqueza se muestra,  
la misericordia vuestra  
os la pide de justicia.

Cuando con más razón hago  
cuentas, mi conciencia halla  
cada dicha una batalla,  
cada vitoria un estrago.

Los lejos, que fueron luego  
tan poco que tanto avisa,  
cuando logrados, ceniza,  
y cuando perdidos, fuego.

Pompa, vanidad, que un hora  
no dura señoreada,  
hizose para dejada,  
no se hizo para señora.

Del gusto al espanto vengo,  
del placer más triste quedo,  
de cuanto fue tengo miedo,  
de lo que es venganza tengo.

En tan graves confusiones,  
mi Dios, consuelan mi yerro,  
si un pecado es un destierro,  
que un pequé son mil perdones.

Por desvíos de mi acerto  
os busqué cuando me hallaba  
tan poco vivo, que estaba  
al mundo vivo, a vos muerto.

No hay acción en que no viese  
un delito, no hay lugar  
para más que suspirar  
quien fue como si no fuese.

### **A Cristo en la cruz**

#### ***Suspiro segundo***

Salgan sangrientos despojos  
a ganar lo que perdieron,  
que siempre lagrimas fueron  
los suspiros de los ojos.

Dulce orador el llorar  
llegar puede y exprimir tanto,  
porque, como es alma el llanto,  
no gasta tiempo en llegar.

De llamas sonora voz  
consonancia de agua ofrezca,  
porque, aunque ruego parezca,  
es casi un mandar a Dios.

Si a un fin la pasión más loca  
de dividirse se vale,  
no menos de fuego sale  
a la vista que a la boca.

Si por este y aquel oficio  
baja Dios o sube el alma,  
si es una misma la palma,  
un mesmo es el sacrificio.

Si el sentir es fundamento  
de do los suspiros vienen,  
lagrimas que causa tienen  
sino solo el sentimiento?

Los oídos, ojos dellas,  
los ojos, oídos dellos,  
lagrimas que vuelan, ellos,  
suspiros que corren, ellas.

Señor, inclinad divino  
vuestro piedoso cuidado  
al suspirar liquidado  
con que os doy voces indino.

Mal sacudidos los graves  
yugos (que vano tesoro!),  
no siendo cabellos de oro,  
pierden<sup>110</sup> más, son más suaves.

En golfos de pensamientos  
surcando propios antojos,  
tras la lumbre de unos ojos  
tantos desalumbramientos.

Deste Anteo con quien lucho  
vencido, fuerzas tiranas,  
destas lisonjas humanas  
no se que es, que pueden mucho;

que adormecen la razón  
con sirenas de la culpa,  
condenación con disculpa,  
mas en fin condenación.

En aquel mar de dulzores,  
de tanto desabor lleno,  
tan conocido el veneno,  
tan buscados sus rigores.

Aquella humana hermosura,  
a cuya inestable belleza  
eternizó en la fineza  
altares a la locura.

---

<sup>110</sup> Possivelmente trata-se de um erro, pois o sentido exigiria *prenden*.



Que anima con dulces daños  
bonanzas de engaños llenas,  
do no desengañan penas  
y las glorias son engaños.

Posesión en que se alcanza  
arrepentimiento, en quien  
siempre ha sido el mayor bien  
los males de la esperanza.

Adoradas falsedades,  
trato de traidor amigo,  
premio que, siendo castigo,  
campea comodidades.

Estremos sacrificados  
en víctimas de sentidos,  
solo en Celia bien perdidos,  
solo en vos bien empleados.

Que he venido a presumir  
destos empleos, mi Dios,  
que si no suben a vos,  
acá no hay más que subir.

Qué bien acertados medios!  
qué grandes males los míos,  
si ilustro los desvaríos  
buscando en vos los remedios!

Qué poco conmigo puedo  
si conozco y no resisto!  
Despues del engaño visto,  
más engañado me quedo.

Deste amor que no conviene,  
dios de locos, a quien, loco,  
guardo fe que estima en poco,  
pido la fe que no tiene;

que eternizada se mira  
entre discretas prisiones

de aquellas dulces razones,  
cuya verdad es mentira.

Volved los ojos divinos  
a mis indignas constancias;  
serán atinadas ansias  
lo que fueron desatinos.

Sirvan de humildes ensayos  
porque se transforme luego  
mariposa en mortal fuego  
féniz de inmortales rayos.

A la voluntad, que guía  
despeñando, haréis que vea  
la razón, y razón sea  
lo que usurpó tiranía.

Mayor Atlante en lo interno  
sacudiendo el alma tema  
de un sol que no alumbra y quema,  
esfera que oprime infierno;

que el corazón que a la cumbre  
de vientos subió a caer,  
sin vos mal podrá romper  
la cárcel de la costumbre.

Llegalde con la divina  
vista, que si le miráis,  
en divinos rayos dáis  
llagas que son medicina.

De las burlas de fortuna  
otra vez vengo corrido;  
tanta vez allí caído,  
mal levantado aquí alguna.

Locas nuestras ignorancias  
juzgan modos soberanos,  
que negando hados humanos  
da Dios divinas ganancias.

Consuela la ofensa mía  
vuestra agraviada paciencia,  
porque siempre a la inocencia  
castigó la tiranía.

Todas las felicidades  
como mis días son nadas,  
que oprimen las más gozadas,  
vanidad de vanidades.

### **A Cristo en la cruz**

#### ***Suspiro tercero***

Mueven más, más puros se hallan  
oprimidos, no en desmayos,  
que son suspiros más rayos  
los suspiros que se callan.

Suspiros que no reparten  
el sentir desanimados,  
si más animan logrados,  
penetran más si no parten.

El dolor que tomar pudo  
el paso todo a la queja,  
cuando en silencio la deja,  
más dolor se hace en lo mudo.

A ser más suspiros luego  
sin que salgan de sí llegan;  
todo lo que de aire niegan  
lo multiplican de fuego.

Más la vida se desalma  
oprimida en tanto estrecho,  
que aquel retirar al pecho  
es tirar flechas al alma.

Consonancias que sin pausa  
niegan indicios secretos,  
siendo causa sin efetos,  
vienen a ser mayor causa.

Voz es el pasmo que ordena  
de la pena las razones,  
que lenguas de corazones  
gritan a Dios por la pena.

Qué pensamientos, qué enojos  
no escucháis cuando miráis,  
que las piedades lleváis  
por oídos en los ojos!

Santo, Señor, os aclaman,  
Santo, Santo y invencible;  
lo que siente, lo insensible,  
todo os teme, todo os ama.

De vuestro gran nombre llenos  
se oyen mares y horizontes,  
el silencio de los montes,  
los gemidos de los truenos.

Pero vos, lisonjeado  
de sollozos interiores,  
dáis descuido a los rigores,  
dando a un ay todo el cuidado.

Ay, mi Dios! que en tanta ofensa  
tanto atrever no es errar,  
que sin ser el pecho mar  
será el fruto la vergüenza.

Oídmeme, que del profundo  
del engaño en que me veo  
mudamente os clamoreo,  
siendo vuestro, tan del mundo.

En esa cruz venerable  
(o delicia soberana!)  
os clavó la culpa humana  
que redimís inculpable.

Árbol triunfal de vitoria,  
que si otro árbol homicida

fue de la primera vida,  
ella dió la mayor gloria.

Alma, perded el temor;  
llegad, pues tenéis tan cierto  
en un Dios de amores muerto  
perdón de culpas de amor.

Pródigo manó de suerte,  
sin que el morir le interrompa,  
su lado, rasgada pompa,  
sacramentos de su muerte.

Puerta que impía lanza abrió  
como llave misteriosa  
de aquella prenda amorosa  
que en agua y sangre nos dió.

Si mi culpa lo consiente,  
dadme oídos porque os llame,  
que es bien que a vos solo ame  
quien ama tan firmemente.

Abridme el pecho a más altos  
cuidados, en que hallar creo  
en la razón de un deseo  
un querer sin sobresaltos;

la desconfianza muerta,  
y poseídos por justos  
los más dilatados gustos  
tras de una esperanza cierta;

con los desprecios más sabios  
de las mudanzas que agora  
mi fe neciamente llora,  
siendo merced, como agravios;

todas las glorias en una  
posesión libre de celos,  
adonde pisa amor cielos  
sin ruedas de la fortuna.

Si el alma os dejo y de nuevo,  
de un volver de ojos contenta,  
en lo que logra escarmienta,  
como no os doy lo que os debo?

Que deste animado lodo,  
máquina frágil, presumo  
que los días son cual humo,  
y es cual noche el vivir todo.

Espejo en que nos avisa  
la verdad de ingratos dueños  
destos mal vividos sueños  
en memorias de ceniza.

Yo, que tras necios regalos  
a buenos infamé guerra,  
fabula soy de la tierra,  
confusión sea a los malos.

Y sin que más me despeñe,  
del divino amor tocado,  
ya que fui descaminado,  
vuestros caminos enseñe.

Siguiendo flaquezas mías,  
vencido y amparado dellas,  
ojos me guían, estrellas  
que son tropiezos, no guías.

Que esta miserable suerte  
de que lo humano se viste,  
porque es tan vil, es tan triste,  
porque es tan flaca, es tan fuerte.

Despreciando humanos faustos,  
os consagraré contrito  
con atribulado esprito  
de lagrimas holocaustos.

Tendréis palma y daréis palmas  
dando paz a mis discordias  
con vuestras misericordias  
que son faro de [las] almas.

Veráse entonces que un hombre  
canta, que os ofendió tanto,  
sobre ríos de su llanto,  
las glorias de vuestro nombre.

## SALMO

Só contra vós pequei, Senhor divino,  
foi todo o meu viver um desatino.  
Mal lhe chamei viver, morte é temida,  
pois que é estar sem vós estar sem vida.  
Veja-me perdoado,  
por que vençais quando seiais<sup>111</sup> julgado.  
Confunda com perdão vossa verdade  
com piedade a impiedade.

Um precipício foi cada desejo,  
cada lembrança agora um fiscal vejo;  
o que acerto escolhi achei perigo,  
porque a mesma ventura era o castigo.  
Desmaios em memórias,  
logro nas penas que adorei por glórias,  
que o fruto são de tão perdidos anos  
de enganos desenganos.

Do tempo é uso, do que estraga é queixa,  
com mais asas fugindo as penas deixa.  
Que passos dei guiados sem sentido!  
O que não foi caída foi perdido.

---

<sup>111</sup> Mantém-se a forma que ocorre na primeira edição, embora nos pareça que a forma *seja* seria mais consentânea com o sentido do texto.



De que acção farei conta,  
se a menos licenciada um cargo monta?  
Desterros da razão, do céu desterros,  
juntar erros a erros.

Errei sabendo e trespasssei os modos,  
ora exemplo de um mal, ora de todos.  
Desigualmente igual, sempre constante,  
de um ódio a uma afeição fui variante.  
Em baixezas fiz alto,  
se não falto de fé, de razão falto.  
Abra as trevas luz santa e abra-se logo  
tal fogo em melhor fogo.

Fiz advertido as partes da mentira;  
se a paixão me perdeu, ganhe-me a ira.  
Conheci mas não quis; perdido venho:  
nem ignorâncias que me valham tenho.  
Cegamo-nos de sorte  
que, sendo fim, não desengana a morte.  
Tudo é saudade, tudo põe mui cedo  
de um medo noutra medo.

Aquelas sombras vãs, que a mocidade  
mistérios respeitou, são vaidade.  
O que mentiu prazer no pensamento  
realidade pesou se durou vento.  
Envergonhem espanto  
coisas que, sendo nada, custam tanto,  
que o que mais alcançou, por merecê-las,  
delas é fugir delas.

Sol reduzido a cores, tirania  
que os pólos mede em limites de um dia,  
aquele volver de olhos tão amado  
a um mesmo volver de olhos é passado,  
que os que mais resplandecem,  
mais ilusão que luz, desaparecem;  
mentirosas lisonjas que, ofendendo,  
estão sendo e não sendo.

Melhore-se clamor, luza queixume,  
salve escarmento o que danou costume.  
Da servidão que me alheou de vosso  
cortem-se os nós que desatar não posso.  
É tarde, não no nego:  
quem tão cegos os deu tardou por cego.  
Chegar é negociar; a tempo venho,  
que a vós para vós tenho.

Em guerra tão cruel em que as vitórias  
se escondem culpas e não coroam glórias,  
rotas armas, bandeiras adquiridas,  
também desacreditam como as feridas;  
despojos que são tais,  
que quem neles mais ganha perde mais.  
Se os triunfos consistem no temer,  
vencer é não vencer.

Toquem a recolher as evidências,  
que não sofrem desculpas experiências.  
Se não for religião, seja vergonha;  
acorde já quem tanto há já que sonha.  
Publique erros a dor;  
o que foram amores seja amor.  
Adoce o ser remédio ao ser preceito,  
será desfeito o feito.

Pequei, Senhor. De corações contritos  
as lágrimas são gritos.  
Com meus próprios suspiros me animai,  
com um ai para outro ai.

FIM



## PRISÕES E SOLTURAS DE UMA ALMA<sup>112</sup>

*Antes inmortal que muerto.*

*Que os encuentre el tiempo al arte,  
esa es la fina desdicha.*

POR D. FRANCISCO DE PORTUGAL

La que tengo no es prisión,  
vos sois prisión verdadera;  
otro tiene lo de fuera,  
vos tenéis mi corazón.<sup>113</sup>

Si allá estoy, si nada aquí  
siendo ageno de mí tengo,  
si todo a ser vuestro vengo,  
que es lo que prenden de mí?

Qué burlada sinrazón  
entre estos muros se mira!  
todo falta, hay quien suspira,  
no hay preso y sobra prisión.

---

<sup>112</sup> Preso no castelo de Almada, o poeta informa D. Rodrigo em carta de 30 de Setembro de 1628: «uou apolegando huã mestura de proza e verços a que chamo prizões dalma» (*Cartas*, p. 124).

<sup>113</sup> No *Cancioneiro de Corte e de Magnates* encontram-se estes versos designados de «cantiga alheia» seguidos de uma glosa atribuída a Sá de Miranda (*Cancioneiro de Corte e de Magnates*. Edição e notas de A. Lee-Francis Askins, University of California Press, 1968, p. 120).

Qué ociosamente guardado  
río de las diligencias,  
que me hurtaron las agencias  
del cuidado aquel cuidado.

Ojos son y glorias son  
las cadenas, que sin ver  
no dejaron que prender,  
prendiendome el corazón.

Se se vive adonde se ama, não sei que guardam estes guardas; e se vós tendes a minha alma, tudo o mais não são prisões. Furto no que contemplo o corpo a estes rigores, que numa imaginação aplicada até o material se faz espírito. O que aqui tem é ùa saudade que me leva, ùa ausência que me não aparta, ùa sombra que vive na dor e um assombrado que morre no que vive.

#### Soneto

Apenas fue prisión esta a que han dado  
no venganza las quejas, sino olvido,  
que a las civilidades de ofendido  
comunico desprecios de agraviado.

A más altas ofensas destinado,  
las presunciones debo de perdido,  
divino suspender, causa en que ha sido  
la más corta atención todo el cuidado.

Tras la razón de amor fue la memoria,  
acogióse a más almas el deseo,  
solo el conocimiento quedó mío.

Poquedad es una alma a tanta gloria,  
nadas todo lo más burlando veo  
de allá de otra prisión que es alvedrío.

As cadeias com que ùa perfeição enlaça ùa liberdade, sendo o maior cativoiro, são o mais livre alvedrio, porque são gosto. A vontade não recebe força; esta sempre é o maior império, que aquilo é prisão que faz resistência ao desejo, e

aquilo é liberdade, que é prisão que se deseja. O mais descuidado asseio vosso, que almas não correm para ele? A mais perdida palavra, que entendimentos não arrebatava contentes? Um só volver de olhos, um deixar olhá-los, são nós cegos da mais atinada vista. Não há acção tão particular vossa que não seja um geral lançar mão das vontades, que se fogem para vós. Tudo leva um venturoso após si, graças e soberanias (*que hazian de la vida prisiones al corazón*) que são a maior bem-aventurança, milagres vivos (*aonde não chega o fraco entendimento, chegue a fé*<sup>114</sup>).

Vos, que a lo divino  
limitando, dais  
cuidado de menos  
en glorias de más;

vos, de la hermosura  
excepción fatal,  
bien no competido  
ni con el pensar;

pasmo de los ojos,  
del deseo imán,  
luz de lo admirado,  
gloria del mirar;

la que en nieve y rayos  
o vincula o da  
soles a lo negro,  
manos al cristal;

la que en menosprecios  
de sí misma está  
endiosando lutos,  
luciendo deidad;

---

<sup>114</sup> Sá de Miranda, «Canção a Nossa Senhora», in *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelo. Lisboa, INCM, 1989 (reprodução em fac-símile da de 1885), p. 87. As citações de versos de Sá de Miranda passarão a ser sempre referidas a esta edição.

la que aseos logra  
sin curiosidad,  
siendo en sus descuidos  
la gala el galán;

la que dulcemente  
guerra universal,  
sazonando cielos,  
es de todos paz;

la que tan discreta  
pudo en sí juntar  
firmezas de aldea,  
bríos de ciudad;

vos, de los cuidados  
merced celestial,  
airoso peligro,  
buscado abrasar;

la que dió a las tocas  
constancia y verdad,  
mintiendo a lo fácil,  
no mintió a lo leal.

Suave desdén  
que ingrata pagáis  
siglos de querida  
con dejar penar.

La que agradecida  
hizo duplicar  
novedad de hermosa,  
de fe novedad,

vos, de los aplausos  
dueño, que podrá  
pedir por perdidos  
los que despreciáis;

prisión que me tiene  
do la voluntad

el poder ser libre  
solo estima mal;

deste estar sin mí  
fío al suspirar  
almas en deseos  
del alma en que estáis.

Entre estas paredes  
do, muerto de amar,  
lo que fue castillo  
sepultura es ya,

guardas que me tienen  
como guardarán  
lo que ya repartiendo  
llega fuego allá?

Aquí, por ausente,  
vengo a exprimentar  
todo el pecho un yelo,  
todo el tiempo un ay.

Lágrimas que lloro  
acreditan mar  
ojos de ado vienen,  
el Tajo ado van.

Si a este mal, Señora,  
lo altivo inclináis,  
quien tan muerto vive  
vivirá inmortal.

Não querer ser rico é mais valor que desobediência, que o virtuoso não segue o interesse, e na riqueza está sempre a ocasião do delito. Não ter com que comprar nem querer ir vender são os dous pólos que sustentam os meus desastres. Que o retirar de ser mercador fosse ofensa capital em quem se oferecia para soldado, e em quem nunca escusou a pessoa do trabalho do serviço senão da estreiteza do lugar (*de los bajos no curé, los altos de mí*)



*tampoco*<sup>115</sup>), é culpa do interesse, *que tudo mais faz vil, sendo ele vil*<sup>116</sup>, ou da soberba, que não sofre que a encontre nem a mesma justificação (*Este chama aqui del-rei, estoutro aqui da valia*<sup>117</sup>). É força que leiais esse mote de um discreto<sup>118</sup> daqueles que, honrados, nos fazem saudade do que foi, sendo ùa confusão envelhecida do que é.

Mote

*Dor é do tempo presente,  
aos do bom má de sofrer,  
ver que nele o mesmo é ser  
brioso que delinquente.*

É justificada dor,  
que o bom tempo mal sofria,  
ser o mandar tirania  
que houvera de ser amor.

O poder por inocente  
não se livra de culpado.  
Quem não será castigado  
quando a lei é delinquente?

Vejo em outros, vejo em mim  
que tudo às avessas anda;  
porque agora assim se manda,  
por isso se serve assim.

Sem-razão tão insolente  
me obriga a menos queixoso,  
que em delitos de brioso  
é o castigo o delinquente.

---

<sup>115</sup> Citação não identificada.

<sup>116</sup> Sá de Miranda, «Carta a D. Fernando de Meneses», in *Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 256.

<sup>117</sup> Sá de Miranda, Redondilhas «Sobre a prisão d'um seu galego. A seu cunhado Manoel Machado, senhor da terra d'antre Homem e Cávado», *Poesias*, ed. cit., p. 62.

<sup>118</sup> Não consegui identificar o «discreto» autor daquele mote.

Quem viu nunca representar tão lastimosas novidades, perdição tão miserável? A quem as inclemências do mar ofereceram mais bárbaros perigos *na Cítia fria ou na Líbia ardente*<sup>119</sup>? Que teatro de lástimas deixou às memórias humanas *aquele oculto e grande Cabo*<sup>120</sup> como experimento nestas paredes, *cuyos pedazos aun lloran las desdichas de sus dueños*? Que é mais bravo mar o de ùa sem-razão, vento mais tempestuoso o de ùa enveja, que se encerram num ódio outra Cafraria e numa tirania *outros Acroceráunios infamados*<sup>121</sup>.

Senhora, nas verdades do meu amor só tem lugar aquele amor tão puro e tão perfeito a quem dou todos os desejos e com quem, passeando temporalidades, as piso com o esquecimento, desprezando a vaidade humana na vossa adoração. *Alça-se o espírito e vai de foz em fora*<sup>122</sup> de todos os sentidos e, se contempla em si lástimas, constantemente as desestima; vendo-se lágrimas quando vê que tudo é riso, zomba do que padece castigado quando não deixa de se ver perseguido humilde.

Para qué conjuraciones,  
fortuna y tiempo, en mi daño?  
tanto poder para nadas?  
tanta flecha a ningún blanco?

Si ocioso enemigo nuevo  
en mi misma ofensa manos,  
sobrome en desayudarme,  
y en ampararme me falto.

No hay piedra que, como estatua,  
no me derribe, ni rayo  
que no me hiera como monte  
entre humildades de llano.

---

<sup>119</sup> *Lusíadas*, III, 128, v. 7.

<sup>120</sup> *Lusíadas*, V, 50, v 1.

<sup>121</sup> *Lusíadas*, VI, 82, v. 4.

<sup>122</sup> Sá de Miranda, «Carta a Dom Fernando de Menezes», *Poesias*, ed. cit, p. 257.

Siempre fueron estrechezas  
de la fortuna sagrados;  
yo, sin dejar de ser menos,  
soy lo más para mi agravio.

Al nombre de juntar glorias  
niego deseos y pasos,  
por no confesar alientos  
de no conseguir cuidados.

Sin haber sido edificio,  
ruinas soy que probaron  
entre las hierbas los vientos,  
y en lo deshecho lo airado.

Al resistir olas tira  
émulo el mar, y mis hados  
a rendimientos de arenas  
furores como a peñascos.

Quejas usurpo al perder,  
que de ofensas premios hago,  
por no lograr como dicha  
la fama de desdichado.

Cortos límites habito,  
ricos por no ser estraños;  
desprecios de oro pretendo,  
tan libre en pobres aplausos.

Si viendome y no me viendo  
alguna memoria causo,  
pierdo allí como presente,  
y aquí como ausente gano.

Mercedes que me castigan  
no es premio que se ha dejado,  
que favor que no acredita  
más parece desengaño.

Cuando penetró la envidia  
medios sin virtud? y cuando

tuvieron deslucimientos  
oposición de tiranos?

Celia, a tus divinos ojos,  
dueños de todo, consagro  
como víctima que estimo  
los efetos que causaron.

Ellos la fortuna son,  
entre cuyos desamparos,  
padeciendo lo que digo,  
les debo el padecer tanto.

Materiales ambiciones  
son de un pecho infame trato;  
no hay más mando para mí  
que este obedecer amando.

Imperios de una hermosura  
no vencidos adorados  
exceden todo por alma,  
todo pueden por milagros.

Otros adulen bajezas,  
yo en tus pensamientos altos  
no me hallo menos dichoso  
si menos valido me hallo.

Corrida dejo la suerte,  
y sus movimientos vanos  
piso, que mi fe me puso  
muy más allá de los hados.

Por força há-de ser preso eterno quem não tem de que se livre, nem pode parar, em tempo que tudo são sem-razões, castigo que há-de ter fim na razão. Nesta em que os ferros que arrasto me não tem ainda dado a conhecer o erro, experimento que cada um se fabrica a si mesmo a sua ventura. Cercado de barrancos, quiçá que dissesse: *mal se for, mal se não for*<sup>123</sup>; mas

---

<sup>123</sup> Sá de Miranda, Écloga «Basto», *Poesias*, ed. cit., p. 180 (variante registrada em nota).

logo tornei: *nisso que tenho, assaz tenho*<sup>124</sup>. E deixando-me para exemplo das sem-justiças, deram por remediadas as infelicidades da pátria. Júpiter caçava borboletas quando o mundo abrasado era pira de Faetonte, que se por variar é fermosa a natureza, o tempo de hoje é fermoso pelos desvarios.

Donde sobra la codicia  
todos los bienes falecen;  
en el pueblo sin justicia  
los que son justos padecen.

É a justiça ùa igual distribuição a todos os estados, açoute e prémio de merecimentos e desmerecimentos (*A tempo o bom rei perdoa, a tempo o ferro é mezinha*<sup>125</sup>). É ùa virtude geral que abraça em si todas as virtudes, ùa constante e perpétua vontade que, fazendo o que deve a cada um, é amparo de todos.

E, pelo contrário, a sem-justiça é um vício de vícios, filha da tirania, ruína de alma e das monarquias. Que monstro como ùa inocência castigada por raiva ou por respeitos? *Faz-se engano às leis da terra, nunca se faz às do céu*<sup>126</sup>. Mas nem isto consola. *A vida desaparece, entretanto geme e jaz o que caiu*<sup>127</sup>, ou o que derribaram. Neste abafar, *suspiram, não podem mais*<sup>128</sup>, e às vezes não muito claro *cazan con los gaviluechos, comense los gavilanes*<sup>129</sup>. Que importam os nadas dos fados do tempo, se vós me defendeis de uns e me dais outros? Quando tudo persiga, não me pode faltar fé para o vosso amor, nem aquela inteireza de ânimo com que nos maiores males me eu não falto. *Que se o bem igual não for, seja o coração igual*<sup>130</sup>. Nos outros é negociação ou desdita;

<sup>124</sup> Sá de Miranda, «Carta a Pero Carvalho», *Poesias*, ed. cit., p. 222.

<sup>125</sup> Sá de Miranda, «Carta a El Rei nosso senhor», *ib.*, p. 189.

<sup>126</sup> Sá de Miranda, «Carta a El Rei nosso senhor», *ib.*, p. 194.

<sup>127</sup> Sá de Miranda, «Carta a El Rei nosso senhor», *ib.*, p. 194.

<sup>128</sup> Sá de Miranda, «Carta a El Rei nosso senhor», *ib.*, p. 198.

<sup>129</sup> Citação de dois versos do poema de Gomez Manrique «La exclamación y querrela de la gobernación» (vd. V. Beltrán, *Poesía cortesana (sec XV)*, Madrid, Fundación J. A. de Castro, 2009, p. 106).

<sup>130</sup> Sá de Miranda, Égloga «Basto», in *Poesias*, ed. cit., p. 170.

só em mi *es culpa lo desdichado*<sup>131</sup>. Também é ùa enxovia ùa memória. Em que correntes não mete o desejo quando me oferece aquela alta visão *que entre ver y no ver me fue quitada*<sup>132</sup>? *Que apartarme de la muerte prisión no puede, ni embarazos*<sup>133</sup>. Neste castelo, cuja fundação ordenou um amor desordenado, não sem mistério deram comigo nele à costa as naus da Índia, para que vejam suas ruínas no mais fiel amante o amor mais fundado em entendimento.

Mejor barregán que rey  
que membrar dejó a la fama,  
maguer que sus fechorias  
todas fueron olvidanzas.

De infamados amoríos  
la más menguada fazaña  
que a lo amistoso atañiendo,  
el poderío la fabla.

Maladrín de un homen bueno,  
las mientes Fernando dava  
a Leonor vegada de oten,  
aunque suya esta vegada.

Sacrilegamente apremia  
las religiosas atanzas,  
ñudos plañidos de muchos,  
golpe solo a una gadaña.

Fieldad de un infiel amore  
con justicera antojanza,

---

<sup>131</sup> Talvez adaptação de um verso do soneto de Góngora «Al Excelentísimo Señor el Conde-duque» – «culpa sin duda es ser desdichado» (Góngora, *Obras completas*, ed. cit., p. 526).

<sup>132</sup> Sá de Miranda, «Fábula do Mondego», *Poesias*, ed. cit., p. 277 (variante registada em nota).

<sup>133</sup> Provavelmente adaptação de um verso de Garcilaso – «Muerte, prisión no pueden, ni embarazos» – do soneto cujo *incipit* é «Un rato se levanta mi esperanza» (Garcilaso, *Obras*, Madrid, Espasa-Calpe, 1973, p. 205).

velada mano le acusa  
que tullió toda el alma.

Geloso escondrijo guisa  
a quien sin serlo apañava  
a moza rebentaria,  
vergoñosa sobejava.

Roquero castillo eniesta,  
de su bienquerencia guarda,  
o de sus pavores cuido,  
solo rey en sus folganças.

Que hizo el tiempo coyundas  
las sus paredes finadas  
de una inocencia a sabiendas  
que le acuitó tales ansias.

Bien finados edificios,  
que fallastes amistanza  
de plañir con lo desfecho  
lo que fazen viles pagas!

A vellidos<sup>134</sup> mandaderos  
fincais dando reprochanças,  
que a tanto maravedí  
lanzón ninguno se falla.

Ciudade abonda en gentío,  
yerma a sus menesteranzas,  
canas barbas la lidiaron  
pechanza sus barbas canas.

La prol de sus ballestones  
la pesquisan y contrallan

---

<sup>134</sup> O *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* de J. Corominas e J. A. Pascual (Madrid, Gredos, 1987) relaciona etimológicamente a palabra *bellido* ou *vellido* (a alternância b/v é considerada irrelevante) com o latim *bellus*, donde o significado de «hermoso», um significado que não parece adequar-se a este contexto. Mas o poema explora um vocabulário propositadamente insólito e arcaico.

los homens sin membramiento,  
las sembras tan mal membradas.

Desguarnida a lo ardiloso  
el governalle no embarga  
ni la codicia que acusa,  
ni el arbitrar que disfama.

Vuesos frutales guerrear  
atañiendo sus espadas,  
no conhortes de la grey  
desfrutales de la patria.

A fuer de amistosos muros  
vuesas piedras coloradas,  
de mirar fuyen oídos  
baldones de vergoñanzas.

De un malfechor reprochado  
catad justiceras mandas,  
que tullido en lo sañoso  
consejeramente agravian.

La razione al poderío  
desmantella, no ampara,  
pabeses imbeles tunde,  
sobejannos las desgracias.

El mi gemir, la mi amiga,  
del mi arder gloriosas vascas,  
además la más fermosa,  
y además la más amada.

Vuesos fechiceros ojos  
que endonan negros tan claros,  
fechorías en los pechos  
que fazen merced si amagan,

les fago en voto humildoso  
toda el al...; dixo y se pasma.  
Si el mal troncó la razione,  
la intimó el alma de Almada.



Logo afectuosamente aquele grande mestre dos poetas épicos o ampara com as próprias fraquezas que são sempre as forças do amor:

*Desculpado, por certo, está Fernando,  
para quem tem de amor experiência.  
Mas antes, tendo livre a fantasia,  
por muito mais culpado o julgaria.*<sup>135</sup>

Mais desculpado estivera se vós fôreis a causa, mal bosquejada nestes pincéis heróicos, que é tamanha cousa vossa perfeição, que vos ofendem os encarecimentos por limitados, e só vos podem luzir as verdades por sem limite.

Tornemos à fortuna que, se a fé nos diz que não na há, *es verdad, mas tiene el mundo dichosos y desdichados.*

Solo al dolor reserva mis sentidos  
la fortuna con burlas descuidadas,  
que ociosamente fulminando nadas,  
también perdida, cuida de perdidos.

Si los trofeos más esclarecidos  
son querer menos, si desestimadas  
riquezas son lo más, menos buscadas  
fama de un satisfecho son de olvidos.

Imperio asalta, libertad oprime,  
que es más señor en sí quien nada tiene,  
y el no tener esento es de los hados.

Con lo que me castiga me redime,  
que me hade hallar, si por la vida viene,  
despreciando la muerte en los cuidados.

Em tempo que tudo são monstruosidades, não fica lugar aos queixumes de um honrado. Pudera-os dar não o sendo, que podem obrigar os desmerecimentos como dívida às satisfações. *Para realzar las quejas son buenos ya los servicios*<sup>136</sup>. Não

<sup>135</sup> *Lusíadas*, III, 143.

<sup>136</sup> D. Francisco de Quevedo, «letrilla satírica» in *Obras completas*, edición crítica por Luis Astrana Marín, Madrid, Aguilar, 1932, pp. 87-88.

sei se é mau gosto dos fados, se força de ũa solícita importunação a que se rendem de cansadas até as mesmas estrelas.

*Los mejores valen menos;  
mirad que governación,  
ser gobernados los buenos  
por los que tales no son*<sup>137</sup>.

Naquela safra dos procedimentos em que os reis eram primeiro amigos que reis e que os vassallos tinham por galardão o saberem-lhe o nome (que ũa humana mansidão é um mando nos reis que mais obriga), assim falavam, assim ouviam: – *Que é isso, N? De que andais tão cuidadoso? – Senhor, respondeu* (livre mas discreto), *ando imaginando que, quando morrer, me hei-de mandar enterrar às avessas, por que quando o mundo se consertar e der volta, eu fique só às direitas.*

Que agradável espectáculo ver lutar um sujeito que merece com uma sem-razão desmerecida! Ver um homem digno a braços com ũa fortuna indigna! Desconcertos na natureza, partos admiráveis, mistério trazem. *Señales que de ver nunca pensamos, guarde Dios de peligro a nuestros amos*<sup>138</sup>. Que os bons padeçam e os maus logrem tudo o da terra, boa prova é de quão mal entendemos isto que cá se chamam venturas, que a serem como as imaginamos, dera-as Deus aos justos, que ordinariamente vemos satisfeitos com aflições e estreitezas, por onde caminham ao verdadeiro prémio. Eu só posso dizer:

*Fui mau, mas fui castigado;  
enfim que só para mim  
anda o mundo concertado.*<sup>139</sup>

Que forçada nestas razões se passa diligente esta pena à desta ausência! Como se regala o entendimento em discursar o que padece o coração! Que são lisonjas de amor as forças de ũa vontade. É justificação do que se sente as dores que se escrevem; bem pudera dizer paga, que quando os martírios

---

<sup>137</sup> Gómez Manrique, op. cit., p. 107.

<sup>138</sup> Sá de Miranda, Écloga «Celia», *Poesias*, ed. cit., p. 297.

<sup>139</sup> L. de Camões, «Esparsa ao desconcerto do mundo».

acreditam, é satisfação o publicá-los. Que de rigores passa contente ùa alma! Com que raios a faz cinza ùa obstinação cruel quando, entregue e sem defesa, grita:

*Basta para un zagal pobre  
la punta de un alfiler;  
para Bras no es menester  
lo que para Fie[ra]brás<sup>140</sup>.*

Mas sempre se fartou a impiedade na inocência,  
*e deixa andar os encartados  
que tem cheios os caminhos  
de virotes ouriçados<sup>141</sup>.*

Que, a não ser assim, não tivera a tirania nome.

Para mí tenéis vos manos,  
falso amor;  
para mí tenéis vos manos,  
que no contra el matador.

Con ambiciosos intentos  
premiáis los que no merecen;  
como si delitos fuesen,  
castigáis merecimientos.  
De qué sirven los tormentos  
adonde no hay que ofender?  
De la ley hazéis poder  
que alentáis con nombres vanos,  
falso amor.

Para mí tenéis vos manos,  
que no para el matador.

Vengo inocente a pasar  
desaguisados tan claros,

---

<sup>140</sup> Góngora, *letrilla* cujo *incipit* é «Ya no más, ceguezuelo hermano» (*Obras completas*, ed. cit., p. 299).

<sup>141</sup> Sá de Miranda, «Sobre a prisão d'um seu galego. A seu cunhado Manoel Machado, senhor da terra d'antre Homem e Cávado», *Poesias*, ed. cit., p. 62, em versão diferente. Esta citação de D. Francisco de Portugal é referida na nota a este poema, p. 754.

porque tengo fe que daros,  
sin tener nada que os dar.  
Una verdad por guisar  
siempre agraviada suspira.  
Vale más una mentira  
que meritos soberanos,  
falso amor.  
Para mí tenéis vos manos, etc.

Bajas leyes promulgáis  
con calidades de fuego,  
pues siempre dáis como ciego,  
y como lince tomáis.  
A la fortuna adoráis  
por conservar la fortuna.  
No hay palabra en vos ninguna,  
muchas dando a los humanos,  
falso amor.  
Para mí tenéis vos manos, etc.

Olvidando los servicios  
queréis disfrazar en vos  
con falso nombre de dios  
una adulación de vicios.  
Todo en vos son desperdicios,  
que la razón prevertida  
os aclama con la vida  
por tirano de tiranos,  
falso amor.  
Para mí tenéis vos manos,  
que no contra el matador.

Que divertido vou! Por i me leva a dor, não sei por onde.  
*Não há esperá-la mudo*<sup>142</sup>.

Se me perguntais que faço,  
morro por vós cada passo.

---

<sup>142</sup> Referência a um verso de Sá de Miranda – «Se não, dizei quem se atreve/ à dor esperá-la mudo» («Carta a António Pereira», *Poesias*, ed. cit., p. 250).

Começo a vos dar conta  
dos dias, não dos sinais.  
Dá-los-á quem tem ventura.  
Busco-vos na noite escura  
e vós nela não estais<sup>143</sup>.

Sois um sol airoso, que em vós se compõe de imaginações a que não chega nenhũa explicação que daqui logro *quando remonta el pensamiento alado por las quimeras de la fantasia*<sup>144</sup>. Chovem luz a cântaros os vossos olhos, neve com espírito espalha rosas naturais no sobrenatural de que sois composta, que entre a sombra do negro dos cabelos endeusadamente fazem, *no las bellezas oscuras, sino los oscuros bellos*<sup>145</sup>, que, triunfando do ouro no azeviche, parece que estão dizendo aos mais gabadinhos *andar daí para louros*. Dando nova graça às graças, jura a fermosura que vos rides dela por mais fermosa quando com alentos dais quintas essências às suavidades e, amedando dentes, fazeis guerra a jasmims e sangue com um desprezo tão justo do maravilhoso. Vai de soneto:

Riso à púrpura dá, púrpura ao riso,  
primavera animada à primavera;  
tal graça abre na graça que pudera  
justificar Narciso a ser Narciso.

Qual noutro paraíso um paraíso,  
se assoma um vivo sol no que sol era,  
que humana acção divina acção movera  
por quem perder mais siso era mais siso.

---

<sup>143</sup> Também D. Manuel de Portugal utiliza estes dois versos num dos seus poemas: «Dous dias, não dous sinais,/ dá-los-á quem tem ventura;/ busco-vos na noite escura,/ mas na sombra não estais» (*Poesia de D. Manuel de Portugal*. I Prophana. Edição das suas fontes por Luís Fernando de Sá Fardilha, Fac. de Letras do Porto, 1991, p. 26).

<sup>144</sup> Versos iniciais de um poema em oitavas de D. Manuel de Portugal (*Obras*, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1605, fol. 218r-221v).

<sup>145</sup> Versos de um romance de Góngora, cujo *incipit* é «En dos lucientes estrellas» (*Obras completas*, ed. cit., p. 148).

Opondo flor a flor e fogo a fogo,  
fermosura fulmina a fermosura,  
que o desejo a desejos desafia.

De um incêndio outro incêndio nace logo,  
de um céu aberto, céu de mor ventura:  
quem viu rir Célia muito mais veria.

Que bem se suspende o entendimento na graça, o pasmo nas eminências, o dizer no contemplar, que na imperfeição de o não saber declarar fica o mistério de ser mais perfeita! No mais tudo é mais. Não é isto desviar de prisões, é meter nelas os louvores. Estas são as eternas. Que ferros não excede um cabelo na duração, comparados com cativo de uns olhos? Que mármore não ficam menos duráveis? Que apertos não deixa[m] perder de vista uns não-sei-quês que a alma sente?

Prisões despedaçadas  
de tantos desenganos e mudanças,  
segunda vez forjadas  
num fogo aceso em mortas esperanças,  
pois de novo me atastes,  
só para ser mais fortes vos quebrastes.

Nunca foram rompidos  
ferros que se eternizam no que quero,  
que a prisão dos sentidos  
mais no que quero está que no que espero;  
não rotas mas dobradas,  
vos julgarão por mais despedaçadas.

Creceis no que padeço,  
menos sempre ao desejo em mi vos vejo;  
sois no mais que mereço  
ambição de alma e sede do desejo;  
glória em que preso vivo,  
que me pagais o livre e o cativo.

Formadas de impossíveis  
dos ciúmes que dou e dos que tenho,  
nos males invencíveis,

nas tiranias a apurar-vos venho.  
Logo, não vos quebrastes,  
pois no que não tem fim princípio achastes.

Torno ao que faço. *Yo los días no los vivo, paso las noches cautivo*<sup>146</sup>. Repetição é que a verdade me oferece não saber de mim outra cousa. Navegando este mar em desejos, vou sempre, sem nunca vir, dizendo aos barcos de Cacilhas: *Llebadme desotra parte, que estoy padeciendo aquí*<sup>147</sup>. Outras vezes, na ociosidade de só me acho melhor ocupado, dando toda a vida à imaginação. Logo os olhos se estendem por estas águas, *adonde el Tajo parece ni bien río, ni bien mar*<sup>148</sup>, vendo naquela ordem do curso dos mares mistérios mal entendidos dos maiores entendimentos; e topando já fontes nas grandezas de Belém, que muito que tornem às suas areias aquele antigo nome de praia de lágrimas? Dali se espanta a vista naquela imensidade de edifícios, émula dos reinos, por quem disse o nosso Camões:

*E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
facilmente das outras és princesa,  
que edificada foste do facundo  
Ulisses, por quem foi Dardânia acesa.*<sup>149</sup>

Noutras tardes vou-vos dizendo tudo em ùa torre a quem as injúrias do tempo tem ensinado que também morrem as fábricas de pedra; e, sendo de barro, *l'uomo d'esser mortal par che si sdegna*<sup>150</sup>. Perdoai ao italiano, em que a tradição dos sonhos das velhas promete pelo menos um tesouro. Deve de

---

<sup>146</sup> Garcí Sánchez de Badajoz, «Recontando a su amiga un sueño que soñó», in Hernando del Castillo, *Cancionero general*. Edición de Joaquín González Cuenca, vol. II, Madrid, Castalia, 2005, p. 383.

<sup>147</sup> Citação não identificada

<sup>148</sup> Primeiros versos de um romance incluído na compilação intitulada *Ramillete de flores. Quarta, quinta e sexta parte de Flor de romances nuevos, nunca hasta agora impresos (...) de muchos, graves y diversos autores. Recopiado no cõ poco travajo por Pedro Flores Librero y a su costa impresso*, Lisboa, por António Álvares, 1593, fols. 217r-218r.

<sup>149</sup> *Lusíadas*, III, 57.

<sup>150</sup> Torquato Tasso, *Gerusalemme liberata*, XV, 20.

ser daqueles que se tornam em carvão, que uns estrangeiros, guiados por um mouro, intentaram desencantar estoutro mouro (como inda mostram algúas pedras tiradas), levados da experiência daquelas varas de condão que se inclinam ao ouro. Segredo também das da justiça, *por ser ellas muy delgadas y asir de la punta el peso*<sup>151</sup>. Depois de ter ouvido aos práticos das antiguidades da terra que tomou o nome de um árabe que a senhoreava, chamado Almades ou Almadão, que enxovalhado das pronunciações veio a ser Almada (outras tradições lhe dão mais gloriosos princípios, como a nobilíssima família daquele apelido); em quem é tão célebre a água da Fonte da Pipa, e inda mais celebrada Inês, moça de cântaro, a gabadinha dos ganhões do lugar, requestada da velação dos barbeiros, a cuja porta nunca faltou Maio florido em dia de Santiago, nem ramos verdes com perinhas no de S. João, a que os práticos daquela noute chamam lampas. Esperada de todos em paragens num pôr-do-sol, que nela se deixava, entre rústicos desenfadados e melindres de vilã cantava com outras:

Sou cativa de um ferreiro,  
para mim não há resgate;  
eu lhe perdoou a morte  
se houver alguém que me mate.

Duas prisões me cativam,  
do que sofro e do que quero;  
numa vivo e noutra morro,  
ũa fujo, outra desejo.

Esquecida dos rigores  
que este meu corpo padece,  
sente a minha alma, lembrada  
do rigor com que a esquecem.

---

<sup>151</sup> Mais um romance a que D. Francisco recorre para expor as suas queixas por interposto poema. A quadra a que pertencem os dois versos citados – «Qué de varas han torcido/ amor, interés y miedo,/ por ser ellas muy delgadas/ y asir de la punta el peso» – integra um romance de Lope de Vega (in *Ramillete de flores*, ed. cit., fol. 2v), cujo *incipit* é «Ahora vuelvo a templanos».



Tão perto do que me cansa,  
do meu descanso tão longe,  
não posso estar bem comigo  
quando a minha alma está noutrem.

Ninguém me quer dar a morte  
por desejada e pedida,  
pois só para que me falte  
quero desejar a vida.

Respondiam-lhe uns vindimadores que vinham a jeito  
delas:

Ai, ai, que tudo são ais,  
minha alma, que me matais.

Puseram os potes sobre ũas ameias, quando ouviram  
detrás delas ũa guitarra mal temperada a ũa voz de entre  
ambas as selas:

Inês, vivo sol de Almada,  
porém já com menos raios,  
que foi sombra em durar pouco  
e que é sombra em durar tanto.

Flor, se não murcha do tempo,  
que os olhos enxovalharam  
daquele mimo que logo  
lhe disse «adeus e vejamo-nos».

Nos jasmims que deram penas  
noutras penas se assomavam  
as primaveras do leme  
de um francelho bem mudado.

Mas já tibiamente rosas  
viam-se ou se afiguravam  
num não-sei-quê, sim-sei-quê,  
princípio de uns perigalhos.

Vilão o tempo cobrava  
de um asseio tão fidalgo

c'os anos as perfeições  
que antes lhe dera c'os anos.

As tiranas diligências  
mais que encobriam mostravam  
que delinquira o verdor  
na pobreza do emprestado.

Miudamente bonita,  
o seu parecer tirano  
desapareceu de visto,  
pois veio a morrer de olhado.

O fio que de ginete  
desafiava os cuidados  
em parte foi Rocinante,  
não sendo no todo Sancho.

Ia-se à serra a lindeza,  
que assi o diziam no campo,  
de úas olheiras saudosas  
das memórias do passado.

Na tauria do rostinho,  
tão criminal por amado,  
um dissabor se enxergava  
que quasi sabia a agravos.

Em longes de frescalhona  
dava por carta de pago  
no delicado as vinganças,  
nas vinganças o engelhado.

Confundia aquela pompa  
mangra que avincula os anos  
das humanas fermosuras  
em não ser o ser humano.

Sem pedra filosofal  
se viu ouro em risos vários,  
já confessor o cabelo  
e sempre martirizado.

Os planetas que divinos  
duras prisões ministraram,  
ao suave o mole uniram,  
menos sóis, mais ensoados.

Sanguinolentos mordidos  
e antes de mordidos brancos,  
por ser comitres os beijos  
lhe eram os corais forçados.

Fiscal rigoroso o tempo  
naquele público erário,  
mentiu no encarnar aljofres,  
não mentiu no descarná-los.

O brio, não por sem vida,  
por matador desalmado,  
quis dar passos para as graças  
e achou-se perdido o passo.

O entendimento, que sempre  
se apura nestes estragos,  
um Conde Claros tangia  
sem chegar nunca a ser claro.

O fresco, o moço, o contente,  
tão idos desafinados  
que puderam dar boas noutes,  
às boas noutes a deixaram.

Aqueles nada sublimes  
que enganam, que desenganam,  
espantalho esta vez foram,  
sendo tanta vez espanto.

Maganando pensamentos  
por tomados, por deixados,  
sem desmaiar nas mudanças  
se achou com tudo desmaios.

Por perro de muitas bodas  
sem boda própria a deixaram,

vindo a ser riso de todos  
a que se riu para tantos.

No pedaço de um espelho,  
destes acintes teatro,  
à mão do gato encomenda  
Inês o sape daí gato.

Não agasalhou bem Inês os desenganos, e disse para as outras: *Vamo-nos, que enfadarão as pedras as verdades de um poeta do termo.*

Mais puramente se dá a conhecer amor no rústico de ũa aldeia, entre o saial e a inocência do campo, que nas cidades, onde tudo são fingimentos. Sendo dívida de ânimos nobres ũa singela lealdade, já se não acha senão nos despovoados. Vilã se tem feito a fé; nas pompas da corte não se costumam lágrimas; suspira-se melhor pelos outeiros, por onde o interesse não sabe dar passo. Tem o verdadeiro amor seus impérios: *o fino, os peitos finos o salvaram*<sup>152</sup>. Ali, no bruto de um *sayaguez* inspira nobres sentimentos, adoçando as asperezas de ũa língua grosseira, fazendo os mesmos efeitos nos grandes que nos pequenos, que o maior estado seu é disparatar procedimentos. Quando mentiram numa lavradora aqueles juramentos da primeira idade: *por minha consciência e em minha alma*, quando, já morta por crer, diz: *Não creio eu palavras de homem?* E quando numa discreta do tempo deixou de se achar ũa lisonja com espírito? Só vós, Senhora, no sazonado das razões lograis o verdadeiro, no artificioso do entendimento luzis o natural da alma. Entre o rico da vaidade aparecem em vós ũas entranhas tão fidalgas, que casastes de novo o nobre com a singeleza e o entendido com o puro. Tornou a fermosura em vós a ser crida, e os procedimentos a não ser fruta de feias. Sois honra de tudo e sois tudo o da honra.

Estas são as prisões em que me prende meu cuidado quando nestoutras me castigam com descuido, que a todos prende-os a justiça, e a mi prendeu-me a sem-razão. Aquele

---

<sup>152</sup> Sá de Miranda, «Carta a D. Fernando de Menezes», in *Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 254.

ânimo é generoso que sempre perdoa o que pode vingar, aquele real que traz o coração nos exteriores e não nas perrarias. *No me vengo porque puedo*, que um sujeito público não há-de reduzir a nenhũa particularidade avogação. *Quien se rige por suceso no va libre de locura*. Suspende o curso às cousas é apeçonhentá-las. *Correm das fontes claras águas claras*<sup>153</sup>.

Que disse desigual engenho, mas em igual fortuna:

*Ver-se-á o injusto mando executado  
naquele cuja lira sonora  
será mais afamada que ditosa.*<sup>154</sup>

Depois de ũa vida obstinada no padecer, logo se faz imortal na duração, que nunca tem fim um viver que busca seu descanso no fim. Que de vezes discursando agravos me entristeço e digo: *Prendióme y dejóme así!* Fazer o escasso dos favores emulação aos merecimentos não é satisfazê-los, senão satisfazer-se, que [a] quem sabe mandar sempre lhe sabem obedecer. *Era castigo y parecía mercedes*<sup>155</sup>. Nada tem de magnífico fulminar nadas.

*Un alto ciprés es justo  
que tema el rayo del cielo,  
pero no la humilde caña  
que sabe humillarse al suelo*<sup>156</sup>.

Consolemos estes agravos: às vezes é melhor ũa prisão indigna que ũa indigna liberdade, sofrer inocente um mal que perder-se num bem. O que se julga castigo vem muitas vezes a conhecer-se amparo. No cárcere, que parece desencaminha do favor, acharam muitos as mercês; o que se imaginaram passos ao suplício o foram à honra. Tanto ignoramos os segredos divinos! Não está a condenação nas cousas, está no

---

<sup>153</sup> Sá de Miranda, «Carta a D. Fernando de Menezes», in *Poesias*, ed. cit., p. 255.

<sup>154</sup> *Lusíadas*, X, 128.

<sup>155</sup> Verso do soneto de Góngora «Al marqués de Ayamonte, determinado a no ir a Mexico» (Luis de Góngora y Argote, *Obras completas*, Madrid, Aguilar, 1961, p. 477)

<sup>156</sup> Estrofe do romance de Lope de Vega «Ahora vuelvo a templaros».

como se usa delas. Tudo acaba o tempo com a razão, ou os clamores do sofrimento com a luz da verdade. Sempre duram monarquias de indignos, que se fazem eternas na conservação dos defeitos, que são lisonjas para o destino. Vá de material, pelo romance do outro, não sejam tudo ferros mentais.

En un castillo que ha sido<sup>157</sup>  
me tiene su Majestad,  
más espantajo que preso,  
aprendiendo a bostezar.

Agraduado de solo  
por acompañado mal,  
con un clérigo en que los  
Siete Dormientes<sup>158</sup> están.

Del aire, no de la tierra,  
ventoseado ejemplar,  
por lo monte Montesinos<sup>159</sup>,  
Durandarte por lo más.

---

<sup>157</sup> Os dois primeiros versos podem ser ecos de um romance a que recorrem vários poetas da época para representar a sua situação de presos. É, por exemplo, o caso de Quevedo: «Zampuzado en un banasto/ me tiene su Majestad» (romance «Relación que hace un jaque de sí y de otros», in *Obras completas*, ed. cit., pp. 229-231), provavelmente o romance a que D. Francisco se refere em carta de 30 de Dezembro de 1628: «os de Dom fran.<sup>co</sup> de Quevedo sempre tem graça e não comesa sem ella hũ Romance que aqui anda seu tambem de prezo» (*Cartas*, p. 126). É o caso também de D. Francisco M. de Melo: «Preso entre quatro paredes/ me tiene su Majestad» (cf. Romance XXII, in *Obras métricas*, Braga, 2006, vol. I, pp. 138-141).

<sup>158</sup> Alusão a uma lenda cristã segundo a qual sete jovens cristãos da cidade de Éfeso, tendo-se recusado a obedecer à ordem do imperador Décio de prestar culto a Júpiter, conseguiram esconder-se numa gruta na montanha. Mas, tendo sido encontrados adormecidos pelos soldados do imperador, foram ali emparedados. Século e meio mais tarde, reinando o imperador Teodósio e sendo o cristianismo já religião reconhecida no império, foi a gruta casualmente aberta, só então despertando os jovens, convencidos de que tinham dormido apenas algumas horas.

<sup>159</sup> Montesinos e Durandarte – personagens de romances tradicionais do ciclo carolíngio. Escreve R. Menéndez Pidal: «Montesinos, pues nació en ásperos montes, no solo es protagonista en el romance tradicional

Contemplando en dos badajos,  
mas cuantos badajos hay,  
unos porque son mandados,  
otros por querer mandar.

Oh campanas más sonadas  
que el necio que está acullá!  
(Con este dedo lo enseño,  
la lengua no lo dirá).

Por ricos prenden a muchos,  
por no serlo me miráis,  
sin comer higos como Eva  
con nueve meses de Adán.

Tan desdichado que en mí  
el pecado original  
despues del bautismo es culpa  
expuesta a la necedad.

En la inocencia el castigo  
parece que es preservar  
purga a lo que hade venir,  
que solo Dios lo sabrá.

Sin duda que aquí me guardan,  
neste infierno terrenal,  
para contra el Anticristo  
a prueba destes de acá.

Reliquias no son de mártires,  
son martirio criminal,  
sin trinidad en los muchos,  
y en tres civil trinidad.

---

viejo de *Rosaflorida*, sino que es mencionado como indispensable personaje carolingio en varios otros romances juglarescos» (Cf. *Romancero Hispánico. Teoría y historia*, tomo I, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, p. 263). Como explica D. Carolina Michaëlis, Durandarte é «personagem de pura fantasia, (...) personificação curiosa da espada de Roldão», e nos romances «aparece ferido mortalmente», enquanto «Montesinos assiste ao seu fim» (*Romances velhos em Portugal*, ed cit., p. 102).

Qué miráis? (dije, mal dije);  
mas que mucho, si llamáis,  
que miréis, ojos mortales<sup>160</sup>,  
mundos que andan así atrás?

De mal prendido me lloro  
con vestido ganapán,  
tanto desaseo logran  
no querer ser chingalá<sup>161</sup>.

O que está na pessoa se deve estimar, que tudo o mais é da fortuna; que merece letras de ouro aquela sentença: *Quem perde honra por negócio, perde o negócio e a honra*<sup>162</sup>. Avaliar sujeitos erra-se na eleição dos admitidos a verdade do preço e a mentira [da] privança, que os procedimentos dos hipócritas são testemunhas falsas: quando as desgraças começam a se encadear, nenhũa fica; até aqueles alívios que estão no repartir jugos desaparecem.

A cada paso un nuevo pensamiento  
hallo en la Babilonia de mi vida,  
con que mis ojos a llorar convida,  
que son los ríos sobre que me siento.

En las manos aquí del escarmiento  
veo memorias de Sión perdida;  
aquí sufre mi alma arrepentida  
ser honra sustentar el sufrimiento.

Aquí te llamo, oh libertad preciosa,  
con las voces más mudas del deseo,  
que aun la razón acusa desta suerte.

---

<sup>160</sup> Corrigiu-se a forma *metales* que ocorre no texto.

<sup>161</sup> Será *cingalá*, habitante de Ceilão? O *Dicionário da Língua Portuguesa* de António Houaiss (Lisboa, 2003) refere a existência da forma *chingalá*, com este sentido, em finais do século XVI.

<sup>162</sup> Trata-se de uma das sentenças atribuídas ao conde de Vimioso (vd. «Provérbios do Conde Vimioso o Velho», in *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, ed. cit., p. 173).



El no poder quejarme es ley forzosa,  
pues dieron al estado en que me veo  
nombre de vida, efetos de la muerte.<sup>163</sup>

Mas que estado há sem desacertos? Onde se pode acolher um vil humano que não encontre desgostos? Não há buraco no mundo para escapar do mundo senão Deus. Só quem o busca se faz senhor de tudo. Apesar de si mesmo, diz:

De entre tão grossas, tão altas paredes,  
de ferros carregado,  
um coração coutado  
chama por vós envolto em baixas redes,  
úas sobre outras.

Diz, aconselhado dos anos; inspirado do céu, mostra os poderes da predestinação, um espírito que, desprezando mimos de minino, busca pelo caminho estreito e áspero a virtude, *a quem, como foi pai, fora parceiro*<sup>164</sup>. Bem pagos ficam estes agravos naquele acerto. Consolação é que não está no poder humano, enchentes são do divino. Aquelas saudades envejosas brotaram estes versos:

Cada flor um perigo, e tudo flores  
da primavera apenas começada;  
aos anos a virtude antecipada  
destino pareceu, foram amores.

O[h] nacido ao desprezo dos maiores  
enganos de alma em ti desenganada!  
Tudo deixaste não deixando nada,  
tudo forte venceste c'os temores.

---

<sup>163</sup> Este soneto é, com algumas variantes, o n.º 32 dos *Divinos e humanos versos*.

<sup>164</sup> Verso de Sá de Miranda – «Ah quem, como era pai, fora parceiro!» – na «Elegia a António Ferreira em reposta de outra sua» (*Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 463). O poeta, referindo a morte do filho que partira «a morrer pola fé, se assi cumprisse», lamenta não ter podido acompanhá-lo nesse destino. D. Francisco de Portugal cita também este verso ao comunicar a D. Rodrigo da Cunha a decisão de um filho seu de se fazer «frade domínico» (*Cartas*, p. 122).

Primeiros passos com que a Deus alcanças,  
glorioso fugir de imitar dino  
que abre caminho ao céu mais que à saudade.

A ditoso negando as esperanças  
disto humano, que a um pai mostras divino,  
que mal te chora, filho da verdade<sup>165</sup>.

Nem o que há-de desejar, nem o que há-de pedir sabe quem pede e quem deseja guiado pela sua vontade. Deixar ao céu a eleição é saber eleger. Não deixar tudo aos milagres também é prudência, que um mau governo não é fé, que muda montes fora de tempo quem há-de ir a tempo. Acertos nos pecados, erros nas monções, que muito que tornem a trazer *las naves viento a popa vanos leños*<sup>166</sup>?

Tudo desajuda esta despedaçada pátria; mas se os filhos lhe viram as costas, que muito que lhas virem os fados? *No parece sino que Dios se ensaña; amor, en vos no ve prueba el temor*<sup>167</sup>. Sempre ocasionaram grandes ruínas novidades no governo, tão defendidas<sup>168</sup> dos mais sãos legisladores, aquelas mocas de pau por onde os nossos velhos governavam com aquela santa inteireza, *rosto ao sim e rosto ao não*<sup>169</sup>; *eram bons, eram honrados. Eu não gabo o não saber*<sup>170</sup>. Hoje, quem menos anda do que se deve, maiores pagas se lhe dão. *D'origen por aficiones, peligrosa morada.*

---

<sup>165</sup> Este soneto, que D. Francisco dedicou a um dos seus filhos que ingressou na Ordem Dominicana, é o n.º 37 dos *Divinos e humanos versos*.

<sup>166</sup> Sá de Miranda, Écloga «Andrés», *Poesias*, ed. cit., p. 324 (variante registada em nota).

<sup>167</sup> Sá de Miranda, Écloga «Celia», *Poesias*, ed. cit., p. 297 (variante registada em nota). Mantém-se a citação tal como consta da primeira edição, embora seja notório um possível erro de impressão: «amor en vos no ve», quando a forma correcta seria «amor en nos no ve».

<sup>168</sup> No sentido de *proibidas*.

<sup>169</sup> Sá de Miranda, Écloga «Basto», *Poesias*, ed. cit., p. 156.

<sup>170</sup> Sá de Miranda, «Carta a João Ruiz de Sá de Menezes» («Dizem dos nossos passados/ que os mais não sabiam ler;/ eram bons, eram ousados./ Eu não louvo o não saber»), in *Poesias*, ed. cit., p. 206.

*Leis em favor do rei se estabelecem,  
as em favor do povo só perecem.*<sup>171</sup>

Não é raiva de não admitido, é raiva de nacido nesta miséria, que este nome zelo fugiu de nós, e é dor do que passo. *Las olas que otros levantan se vienen romper en mí.* Sem dever às ocasiões nenhũa boa, entre os limites do pouco *llueven rayos de desdichas*, e nos apertos de perseguido, como em lugares medonhos, não ousa a ficar na vida. Como desatina nécio quem perde queixas no que sofre, podendo-as ganhar no que quer! Por ausente mais que por preso me vejo tal, que posso doer às dores e dar cuidado aos cuidados.

Nada de vivo tenho em que não tenha  
ũa e outra cadeia poderosa  
mais cegos nós com que a vontade empenha,  
no dar não, no desdar palma gloriosa.  
Nada discurso que ajuntar não venha  
prisões a mais prisões a ũa ociosa,  
que se com tantas almas me não vejo,  
para todas tem almas meu desejo.

Por que não sobejassem nem faltassem,  
o lugar ũa de outras não defendem,  
que se é divina a causa de que nacemento,  
é também imortal a alma que prendem.  
Mais ditosa no mais, quis se adorassem  
raios que são grilhões que se pretendem,  
fogo que dá por paga nela aceso  
troféu de servidão, pompa de preso.

Tributo ao que contemplo a liberdade,  
ditosos jugos são cada memória,  
de ũa morte fui ser cada saudade,  
também cada saudade é ũa glória.  
Mais ferros a mais fé deita a verdade,  
sinais não de vencido, de vitória,

---

<sup>171</sup> *Lusíadas*, IX, 28.

suspende amor triunfante para exemplo  
neste meu coração como seu templo.

Um cativo eterno no que entendo  
de vós rico de luz logro, Senhora;  
no que entendo de mim sempre estou vendo  
que podendo ser mais, mais vosso fora.  
Outros mandem soberbos; eu querendo  
sempre seja mandado como agora,  
que por vosso e por meu mais preso vivo,  
em mor triunfo glória de cativo.

É tamanho o poder do costume que até dos próprios males faz tratável companhia. Para mim, que sem vos ver padeço no que envelhecida a natureza, encontro novidades que me atormentam estrangeiras, tão natural sou de botar a perder alvíos. Aqui fio a estas pedras estas razões, que só nelas se acha um segredo de bofes lavados, e não é pouco, que *preso e cativo não tem amigo*. Deve de ser porque ausentes e mortos é ãa mesma cousa, ou porque neste nosso trato os mais são namorados da fortuna. Falo com elas, suspiro por vós, que também assim falo convosco, ouvindo-vos nomear nestas ondas que murmuram, neste vento que as move. Tudo cuido que vos louva; não há cousa fermosa em que vos não veja mais fermosa; para que tudo me prenda, vos imagino em tudo. Neste alhear se faz eterno o pensamento, não desejando outra nenhũa liberdade. Chamo fiéis a estes muros, não porque são guardas de amizade, senão porque me guardam amigos, e porque mais sem vós contemplo neles, que devo à sua solidão a sua aplicação, a que me devo com eles que não sentem. Com as aves que voam vou filosofando o que vos quero, como se pudera haver razão onde não há alma.

Un solitario contempla  
que compite solitario,  
el uno cantando triste,  
y el otro triste llorando.

Entre deshechas ruínas  
que el más preso en su cuidado

le guardan para ofenderle  
los muros de los agravios.

Pluma con alma de acentos,  
volante laúd que estraño  
es de sí mismo tañido,  
y es de sí mismo cantado.

Huesped de un muerto edificio,  
cuyos vivos desengaños  
por la tierra están diciendo:  
así para lo más alto.

Grave maestro de afectos,  
melancolicos aplausos  
se negocea con lo triste,  
se asegura con lo falto.

Que a veces azul enseña,  
que sin celos inhumanos  
no hay verdadera tristeza,  
y así le platica rayos.

Morador de pobres techos,  
que avisos siempre habitando,  
rico de escarmientos, burlas  
de lo ingrato de los años.

Qué filósofo que logras  
la paz más libre del caso!  
porque solo lo caído  
es del no caer sagrado.

Suave orador acusas  
a los mágicos palacios  
encantamientos de pórfidos,  
que también adulan falsos.

Soledad dulce te escuchas  
contemplativo, no ingrato;  
no ofreces quejas de solo,  
das gracias de no envidiado.

Si amas fiel, ames dichoso;  
si sirves, sirvas pagado;  
por discreto te lo temo,  
por amigo te lo aclamo.

Dijo, y el pávaro voló  
dulcemente articulando  
que a más servir menos premio,  
y a mayor fe más tiranos.

Lembrei aos rigores, esqueci às piedades; não espero nem o que nunca faltou a ninguém, que são termos ordinários, que se o modo do verdadeiro amor é querer sem nenhum modo, também o desamor dá passos nestes extremos. Sirva este conhecimento de me livrar do que poderá sentir um atado a respeitos humanos vendo fazer leis de acintes, *que los daños de ventura vienen ciegos sin razón*<sup>172</sup>. O que foi teima era esquecimento; então agravo, agora maior castigo, *que es como no haber sido un olvidado, y no hay mal que se iguale a no haber sido*<sup>173</sup>. Dão gritos pela razão, mas não chega a minha aos ouvidos que tem a justiça, *que se llevan los aires la voz del pobre*. Abraçado com esta inocência, espero inda de ver-lhe cantar aquele célebre dístico *Prendeu-me o alcaide, soltou-me o meirinho*. Civilidade parece que possa dizer um homem de bem: *No basta castigado, mas hambriento*<sup>174</sup>. E também é civilidade cuidar de cousas que tão depressa desaparecem.

*Triste y áspera fortuna  
un preso tiene afligido,*

---

<sup>172</sup> Garcí Sánchez de Badajoz, «Otras [obras] suyas contra la Fortuna», in *Cancionero general*, ed. cit., vol. IV, p. 106. Procedeu-se à correcção desta citação, pois em vez da palavra *ciegos* ocorre *tiempos* na primeira edição, o que não faz sentido no texto e corresponde provavelmente a um erro de leitura do manuscrito.

<sup>173</sup> Versos finais do soneto de Lupercio Leonardo Argensola que principia «No temo los peligros del mar fiero», in *Rimas*. Edición, introducción y notas de José Manuel Blecuá. Madrid, Espasa-Calpe, 1972, pp. 49-50.

<sup>174</sup> Adaptação de um verso da «Fábula do Mondego» de Sá de Miranda – «No basta trabajados, mas hambrientos» (*Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 274).

*mas no por eso rendido  
con la fuerza de ninguna*<sup>175</sup>.

Não perde a esperança de nada quem conheceu por nada estas esperanças e, apesar de pesares domésticos, faz bom rosto aos agravos quando neles pode dizer: *Cansanse ya las paredes de sustentar tantos años un hombre que vieron mozo, que ya le miran viejo y cano*. Que já aquele grande sujeito disse aos que o consolavam por preso sem culpa, que como podia ele nunca ser preso culpado? Mui senhor de tudo está um ânimo inocente. Que de defesas dá com a verdade a si mesmo, não nas dando a outrem! Abrasado com sua fé se faz invisível. *Corram os ventos daquém, corram dalém, adoçando um atar com outro atar*.

*En dos prisiones estoy  
que me atormentan aquí:  
la una me tiene a mí,  
la otra me tengo yo*<sup>176</sup>.

Se o corpo está preso entre paredes, a alma entre saudades, prendam também as penas, que sinto a pena que escreve. Neguemos o desabafar ao espírito, as queixas aos males, que é maior valor um sentimento mudo. Se o rompeu a vossa obediência, nela, Senhora, se vos oferece um louvor perpétuo, úa veneração toda eloquências. E aceitai o que quero, não aceiteis o que digo, que vai muito de úa ignorância a úa eternidade. Perdoai a que doeu no que não importa e agradecei as dores que me fazem glorioso. *Aflojarse mis prisiones, ni en mi mano fue ni es*<sup>177</sup>. Que grandeza, que monarquia não

<sup>175</sup> Trata-se da primeira estrofe do poema «Carta en redondillas estando preso» de D. Diego de Mendoza (cf. *Obras del insigne cavallero Don Diego de Mendoza*, Madrid, 1610, fols. 72v-76v). Esta quadra foi glosada pelo conde de Villamediana em poema constituído por quatro estrofes de oito versos (cf. *Obras de Don Juan de Tarsis, conde de Villamediana*, Madrid, por Maria de Quiñones, 1635, pp. 402-403).

<sup>176</sup> Garcí Sánchez de Badajoz, in *Cancionero general*, ed. cit., vol. IV, p. 126.

<sup>177</sup> Garcí Sánchez de Badajoz, «Liciones de Job apropiadas a sus passiones de amor», in *Cancionero general*, ed. cit., vol. II, p. 374.

tem sua prisão no acabar? Os que mandam, os mandados, na prisão de ũa breve sepultura param. De tudo o que vive é ũa prisão geral a morte. Até o mundo tem sua prisão no seu fim. Goza a verdadeira liberdade, está mui acima de tudo quem com as obras se fabrica segunda vida. Vós, Senhora, que nelas já aqui lograis, lede piadosa esse enterro, *aquellas tristes canciones que a los muertos como yo le cantan por oraciones*<sup>178</sup>:

Vosotros a quien la suerte  
los males pagó en los males,  
venid a los funerales  
que hace la vida a la muerte.

Honrad aquel que consiste  
su no ser en ser constante,  
que respirando en lo amante,  
vino a expirar en lo triste.

Que el amor en un cuidado  
más que cuidado, escarmiento,  
premia con el desaliento,  
castiga con lo alentado.

Veréis los premios más ciertos  
desta herida, aquella herida,  
y en límites de una vida  
al más muerto de los muertos.

Allí mi dulce morir  
por la causa enseñaré,  
que aunque la vida olvidé,  
no me olvidé del vivir.

---

Não deixa de causar alguma estranheza ver D. Francisco citar um texto expressamente proibido pelo *Rol dos livros defesos* de 1564, proibição repetida e explicitada no *Catálogo dos livros defesos* de 1581 (vd. *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*, Lisboa, INIC, 1983, pp. 467 e 598).

<sup>178</sup> G. Sánchez de Badajoz, «Otras [obras] tuyas que embio a su amiga quando le embio las liciones», in *Cancionero general*, ed. cit., vol. II, p. 383.



Que en un dolor estraño,  
por lo que deleita ordena,  
que siendo exequias de pena,  
no son exequias de daño.

Todo es muertes un destierro,  
honras de cuerpo presente  
son mortal pompa a un ausente;  
venid, que pasa el entierro.

El desengaño tañendo  
va, y el bronce articulando.  
Aunque glorias hay amando,  
no hay cielo sino muriendo.

Pendón triste al aire allí  
la firmeza descogía,  
que todo muertes decía:  
porque vi, porque no vi.

Eterno arder, querer loco  
vivo el corazón lo daba  
del defunto que alumbraba,  
y por letra: siempre es poco.

Las memorias y las glorias  
luto comun se dijeron:  
desto las glorias sirvieron,  
desto sirven las memorias.

Causa al morir que se ofrece  
de vitales presumidos,  
publicaban los sentidos:  
no culpa, mas agradece.

Era tumba la tristeza,  
de vivas desdichas centro,  
que a voces sonaban dentro:  
lo que vive es lo que peza<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> Conservamos a grafía *peza* por exigência da rima.

Al llevar nadie se ve,  
al pesar todo se vio,  
y el cadáver se llevó  
sin esperanza la fe.

En confuso tropel luego  
voluntad y pensamiento,  
la razón y entendimiento,  
todos los guiaba un ciego.

Tras la necia confianza  
los ojos los despeñaban,  
gritando en lo que lloraban:  
esto por amar se alcanza.

Paró todo en un cuidado  
que por fin quedó exemplo,  
que puede servir de templo  
lo que sirve de sagrado.

Este responso a los tiros  
de tan fúnebres destrozos,  
rezandole los sollozos,  
le cantaron los suspiros.

La memoria inclina,  
Señora, que puedes  
con solo acordarte  
inmortal hacerle.

Del profundo clama  
del bien de su muerte;  
quien murió de amores  
que le oigan merece.

Mejor vida viva  
con ti dulcemente  
el que así expiró  
por guardar tus leyes.

Abran de tu pecho  
víctimas ardientes

la piedad más pura  
que a la fe se debe.

Esta alma sustenta,  
y en tus glorias entre,  
que escusan más fuegos  
mártires que quieren.

En tu hermosa vista  
goce eternamente  
sin celos tus cielos,  
sin temor tus bienes.

Por ti defendida  
firmezas paseen;  
tus ojos le alumbren,  
todo la respete.

Mudos ruegos oye,  
Señora clemente;  
a ti los clamores  
religiosos lleguen.

En tu paz descanse  
el que de amor muere;  
luz en que no hay noche  
le amanezcas siempre.

### **Redondilhas**<sup>180</sup>

No a menos templo os destina  
mal que apura y no profana,  
pues entre indicios de humana  
os quedáis aun más divina.

De la salud envidiada  
por temeraria deidad,

---

<sup>180</sup> Escreve o poeta em carta escrita de Madrid em 21 de Junho de 1623: «mando esas poucas Redondilhas feitas a huma febre da Srã Dona M.<sup>a</sup> de Gusmão» (*Cartas*, p. 109).

dáis culto a la enfermedad,  
que en vos se mira adorada.

Que esta acción que de perdido  
me halla tan dichoso allí,  
solo fue matarme a mí,  
que atreverse a vos no ha sido.

En tan peligrosa calma  
dejan al vivir las penas,  
que por vuestras mismas venas  
me están desangrando el alma.

Ni en paz pondrá, siendo justo,  
vuestro bien a mi temor,  
que esferas tiene el dolor  
que nunca ha medido el gusto.



## CARTA A UM AMIGO

Primeiro que fale no mar, deixe V. M. dizer a Francisco de Sá: *Oh si tal fuese, y tal fue*<sup>181</sup>. A estar a senhora Dona Isabel de la Cueva<sup>182</sup> *en otro muro asida*<sup>183</sup>, *no hay paciencia que baste*, porque eu de melhor vontade, se pudera ser, a sofrera casada que mudada. Tão inimigo sou de variedades, que ainda que o casar não tivera mais de mal que o ser mudança de estado, só por isso lho quisera. Por quem se casa devia de se dizer: *Entreguese la vida al sufrimiento*<sup>184</sup>. Enfim, na minha opinião, mar, casamento e quaresma são ũa mesma cousa. Folgue V. M. de se ver longe delas, que brincos que obrigam a confissão, muito devem ter de morte. Aquele império de ũa dama, aquele ser, aqueles não-sei-quês, tão divinos como respeitados, *perdeíslo todo como sois casadas, / pasáisvos de señoras a cautivas*», disse o outro<sup>185</sup>. Eu, deixando esta matéria perigosa, digo tudo nestas palavras:

---

<sup>181</sup> Sá de Miranda, Écloga «Alejo», *Poesias*, ed. cit., p. 124.

<sup>182</sup> Do casamento de D. Isabel de la Cueva, dama da rainha Isabel de Bourbon, dá notícia D. Francisco em carta escrita de Madrid em 2 de Setembro de 1622 (*Cartas*, p. 102). Também na *Arte de galanteria* se refere a esta dama.

<sup>183</sup> Garcilaso de la Vega, «Écloga I», in *Obras*, Madrid, Espasa-Calpe, 1973, p. 9.

<sup>184</sup> Primeiro verso de um soneto que aparece como anónimo no *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, ed. cit., p. 518.

<sup>185</sup> «O outro» a quem D. Francisco aqui se refere é Sá de Miranda, e os versos citados pertencem ao «Epitalâmio pastoril» (*Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 521).

*Oh que noiva que lá fica!*  
*Oh que inveja que cá vem!*<sup>186</sup>

Com esta dor me saí pela barra capitão contra mim, que a sê-lo dos exércitos de Xerxes, o fora de mais desditas que soldados. Os excessos que me detiveram saberá V. M. já lá. Com a minha fortuna falou este verso: *Cuidais que is vento à popa, is vento à proa*<sup>187</sup>.

*Llevaba banderas negras,*  
*aunque en Francia no se usaban;*  
*por el alma y por los aires*  
*sus tristezas tremolaban*<sup>188</sup>.

O espírito daquele luto eram umas letras amarelas que puderam ser de ouro, pois diz nelas Petrarca: *Per desperation fato sicuro*<sup>189</sup>.

Assi perdido fui achar a capitania no Cabo de São Vicente, que se fora ao princípio de ùa esperança, nunca lá chegara. Dali, *a brazos con los vientos, luchando con las olas sin sosiego*<sup>190</sup>, nos pusemos na altura da Roca. Não sei se entro eu nesta conta, porque não sei como possa chegar a nenhũa altura *el que tan baja tiene la fortuna*<sup>191</sup>. Ora, Senhor, venhamos ao que eu sempre vou.

Motes sem a senhora Dona Isabel<sup>192</sup>, nascidos nos rigores do mar, no desabrimento de um convés, nada podem ter de

<sup>186</sup> Mote popular que Rodrigues Lobo glosa numa cantiga de pastores em *O Desenganado* (Lisboa, Vega, 2007, pp. 87-88).

<sup>187</sup> Sá de Miranda, «Carta a D. Fernando de Menezes», *Poesias*, ed. cit., p. 255.

<sup>188</sup> Citação não identificada.

<sup>189</sup> F. Petrarca, «Triumphus mortis», in *Rime, Trionfi e Poesie Latine*, Riccardo Ricciardi, Milano, Napoli, 1951, p. 522. A forma correcta do verso é «per desperazion fatta sicura».

<sup>190</sup> «Luchando con las olas sin sosiego» é, com variantes sinonímicas decorrentes por certo de uma citação de memória – «lidiando con las ondas sin sosiego» –, o segundo verso do soneto de Sá de Miranda «A la muerte de Leandro» (*Poesias*, ed. cit., p. 76).

<sup>191</sup> Citação não identificada.

<sup>192</sup> Provavelmente D. Isabel de la Cueva, dama que na *Arte de galanteria* é referida a propósito das cabeças de mote.

bons senão o amparo que vão buscar na senhora Dona Joana de Mendonça (a quem V. M., por ma fazer, mos ofereça pelo caminho que lhe parecer mais acertado, que eu contento-me com acertar em encaminhá-los bem), de quem quisera dizer as grandezas que o mundo admira, porém *mejor es que hombre se calle, que hablar poco en sus loores*. E se houver quem lhe pareça que os espíritos, em cujos nomes vão estas perguntas, por serem de peixe, não terão lugar senão na quaresma, V. M. lhe responda que Vénus nasceu das escumas do mar, e que o fogo de amor crece mais entre contrários, e o mesmo efeito faz nas águas que nas almas; e deste galante a este propósito disse o nosso Camões:

*Mal haverá na terra quem se guarde,  
se teu fogo imortal nas águas arde.*<sup>193</sup>

Tome V. M. a péla na mão, que estou raivoso. *Salgan las palabras mias sangrientas del corazón*<sup>194</sup>. Não espere V. M. que lhe dê queixas de [me] fazerem segunda vez ter esta dignidade, que também aqui serve *no es burla para dos veces*, nem em nenhuma delas eu vou no meu lugar, pois não vou no primeiro; mas a verdade é que quem tem filhos não tem honra. Obrigado deles, sigo ora ùa bandeira a pedaços verde, ora ùa pequena luz por estas ondas sem ser a com que *Hero el puerto y la torre señalaba, pasando días crueles, noches enemigas*<sup>195</sup>, que ainda faz parecer peores a lembrança de haver

---

<sup>193</sup> *Lusíadas*, IX, 42.

<sup>194</sup> Início de um poema de Garci Sánchez de Badajoz «A la muerte del príncipe Don Juan». Este poema, que não consta das obras editadas do poeta e de que apenas se conheciam, através de «pliegos sueltos», alguns versos glosados, foi publicado por José Manuel Blecua (vd. «El manuscrito 5602 de nuestra Biblioteca Nacional», in *Estudios sobre el siglo de oro. Homenaje al professor Francisco Ynduráin*, Editora Nacional, Madrid, 1984, pp. 117-118). Devo esta informação à erudição e generosidade do Prof. José Adriano de Carvalho.

<sup>195</sup> Não foi possível identificar esta citação, que resistiu até às pesquisas de D. Carolina Michaëlis, de quem, à guisa de consolação, transcrevo esta frase: «D. Francisco de Portugal alude na sua Carta a mais um [poema] que não conhecemos quando diz: «Obrigado deles sigo ora ùa bandeira a pedaços verde, ora ùa pequena luz por estas ondas sem



quem diga (porque o não experimenta) que riscos da honra e da vida, gastos da fazenda, possam deixar de ser o maior serviço diante de um príncipe.

*Que crea en piernas quebradas  
más que en sanos consejeros.*

Mas tudo isto é porque se quer igualar *el que duerme al que no duerme*<sup>196</sup>. Não há comendas com que se pague, não digo eu ũa tormenta, senão ũa bonança. Veja V. M. se lhe representa bem o Camões nestes versos o que já passou nesta má vida:

*Vigiando e vestindo o forjado aço,  
sofrendo tempestades e ondas cruas,  
vencendo os torpes frios no regaço  
do Sul e regiões de abrigo nuas,  
engolindo o corruto mantimento  
temperado c'o árduo sofrimento*<sup>197</sup>.

E ao ser cozinheiro de uns mancebos que chamam criados de el-rei, que lhe diz V. M.? *Onde quer o demo jaz para haver de embicar nele*. De caminho levei este pau. Entro nas minhas queixas.

Mal haja o primeiro que costumou neste mundo apartamentos. Quem virou as costas que lhas guardassem? Triste de quem ama ausente, porque há memórias que não passam dos olhos, e olhos que, em deixando de ver, logo são esquecimentos. Arrenegue V. M. de ũas senhoras de todo o mundo,

---

ser a com que *Hero el puerto y la torre señalaba, pasando días crueles, noches enemigas*» (in *Poesias de Sá de Miranda*, ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, INCM, 1989, p. 757). Da obra de Francisca Moya del Baño *El tema de Hero y Leandro en la literatura española* (Universidad de Murcia, 1966), que procede a um levantamento minucioso dos textos em que o tema é tratado, também não constam estes versos. Talvez possa admitir-se a hipótese de estarmos perante versos do próprio D. Francisco, mas, nesse caso, tratar-se-ia de poema não publicado.

<sup>196</sup> Sá de Miranda, Écloga «Alexo», in *Poesias*, ed. cit., p. 132.

<sup>197</sup> *Lusiadas*, VI, 97.

que são de aqui o tomam, ali o deixam. É enfermidade mui antiga sua ser esta eleição de seus validos, como se acerta por apetites só por liviandades, quando é justo que em tudo seja a razão aqui a principal. Mas a verdade é que não há medo que meta estas lebres a caminho. *Corrido el gusto niega la disculpa*. Que baratos vendem os seus muitos e aqueles nadas que se acham a cada canto! Regateiras cruéis, por quanto os dão! Meus desatinos, onde me levais? Quero morder as palavras, que acode mais vento às velas.

Que fermosa é a virtude! Que respeitada a continência! Que bem parece a honra! Que pouco caso se faz de todas estas cousas! Os maiores gostos de amor que são senão arrependimentos? As riquezas, os impérios do mundo, *buenos a quitar vidas, no pesares*<sup>198</sup>, que são senão nadas? A verdade é que outra vista há mais certa em nós que a dos olhos, que é a com que se vem estas verdades. *Recuerde el alma adormida*<sup>199</sup>. Só as lembranças dos montes da eternidade nos fazem entendidos, porque não é discreto senão quem é bom cristão, que diante de Deus os juízos de que nos prezamos são ignorâncias. Dir-me-á V. M. que prego aos peixes; e, se o entendo assi, porque não o faço assi? Não sou eu o primeiro que viu o bem e escolheu o mal. Aí está esse valhacouto de nossa fraqueza, com que estes versos falam excelentemente:

*Qué haremos a estes nuestros corazones,  
que hurtandose de nos cuando ellos quieren,  
acogiendose van a sus prisiones?*<sup>200</sup>

Isto vai tocando de cartilha de Mestre Ignácio<sup>201</sup>; e para quem anda entre as fontes do Prado, *por onde tantas rebuça-*

---

<sup>198</sup> Sá de Miranda, «Epitalâmio pastoril», in *Poesias*, ed. cit., p. 509.

<sup>199</sup> Verso inicial das célebres «Coplas por la muerte de su padre», de Jorge Manrique (vd. *Cancionero general*, ed. cit., vol. IV, p. 585).

<sup>200</sup> «Reposta de Francisco de Sá de Miranda a outra carta de Montemayor», in *Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 458 (variante registada em nota).

<sup>201</sup> Referência ao catecismo da doutrina cristã utilizado pelo padre Inácio Martins, da Companhia de Jesus, no seu intenso e longo trabalho catequético junto das crianças. A obra, da autoria do jesuíta padre

*das vãos*<sup>202</sup>, igual fora contar-lhe o dinheiro de Heitor Mendes, que é para elas o melhor Ovídio *de arte amandi*. Mas eu sou de uns que botam ao mar *rebueñas veras y burlas entre quejas y donaires*<sup>203</sup>, ainda que me aventure a V. M. com muita razão dizer: *Quien te hizo filósofo eloquente, siendo pastor de ovejas y de cabras?*<sup>204</sup>

Vou-me ao que já lá não será novo. As naus são entradas sem que os da armada as vissemos. Com o nosso capitão-mor rico de drogas e de saúde, achámos a nau da arribada que não esperávamos, que só o que se espera é sempre o que se não acha. *Tomando ora la espada, ora la pluma*<sup>205</sup>, escrevo a V. M. vinte léguas ao mar, sobejando a esta armada doenças e ventos rijos, porque os turcos devem de estar em Sansueña. Desejos de pisar primeiro as praias de Argel e logo as de Belém não faltam. Mas que muito se todos somos de terra, e quando isto não fora, ainda que o corpo anda embarcado, *o coração jaz na aldeia*<sup>206</sup>?

Versos do Sá, nem dilidos, como aqui os ofereço a V. M., enfastiam. Para o que não é seu lhe quero fazer a boca boa com estas azeitonas, que isso vem a ser um romance que acaba em seguidilhas. Chorando as cantava no quarto da

---

Marcos Jorge e acrescentada pelo padre Inácio Martins, teve numerosas edições ao longo do tempo e foi utilizada como instrumento de didáctica da doutrina cristã até ao século XX. Camilo alguma vez se referiu ao autor como «o padre Inácio da cartilha velha» (*Anos de prosa*, Discurso proemial), num tom de familiaridade de quem sabe poder contar com o conhecimento dos leitores.

Sobre o padre Inácio Martins, o seu trabalho apostólico e reacções populares à sua morte, veja-se José Adriano de Freitas Carvalho, *Poesia e Hagiografia*, CIUHE, Porto, 2007.

<sup>202</sup> Sá de Miranda, «Carta a D. Fernando de Menezes», *Poesias*, ed. cit., p. 251.

<sup>203</sup> D. Juan de Salinas, *Poesías humanas*, Clásicos Castalia, Madrid, 1987, p. 84.

<sup>204</sup> Garcilaso de la Vega, «Égloga segunda», in *Obras*, ed. cit., p. 46.

<sup>205</sup> Verso de Garcilaso de la Vega, «Égloga tercera», in *Obras*, ed. cit., p. 123.

<sup>206</sup> Variante do verso de Sá de Miranda «O coração é na aldeia», da égloga «Basto» (*Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., p. 182).

madorra um negro marinheiro, que amor é tão ocioso que até a estes alvos atira frechas.

Los que priváis con amor  
mirad bien la historia mía;  
catad que a la fin se engana  
el hombre que en mujer fía.

Foi tão galante o cansana<sup>207</sup>, que deste romance velho, tanto para trazer escrito na alma, saltou nestas seguidilhas em que deve de haver algũa cousa que lastime, pois ele a quem o ouve as faz sentir como endechas.

Cuando todos se alegran  
yo me entristesco,  
que tiene negras pascuas  
quien tiene celos.

No hay con celos tristes  
alegre cosa;  
quien los tiene, aunque cante,  
exequias llora.

De amores, como noble,  
amor me mate,  
que una muerte de celos  
es muerte infame.

Si envidiar es bajeza  
ajenos bienes,  
antes que unos celos  
quiero mil muertes.

No sois hijos de amor,  
celos tiranos,  
pues sobre ser muy necios,  
sois muy villanos.

---

<sup>207</sup> Não consegui decifrar o sentido desta palavra.

Que me alegro con celos  
nadie me diga,  
que se han vuelto en endechas  
las seguidillas.

Antes que V. M. o faça, me quero eu enfadar, dando fim a esta que já tem contra si ser segunda parte da outra.

Acabo com a Berlenga aonde, entre os muros derribados velhos que V. M. já pisou, em um tampo de caixa de marmelada se achou este soneto de quem o poeta não pudera adoçar os versos, por mais açúcar que lhe deitara, o qual, ainda que ali pescasse às cavalas, bem merece o venerando título de poeta bordalengo e que se lhe possa dizer *que no hay dulce que no amargue*.

#### Soneto

Lloráis difuntos, descansáis vencidos,  
que en vuestra ruina vuestro centro hallastes;  
verdes lisonjas a oprimir bajastes  
del tiempo y sus lisonjas oprimidos.

Muros, no de ambición, de hiedras vestidos,  
si infelices, eternos descansastes,  
que en este espejo trémulo os mirastes  
cuando más levantados, más caídos.

De mis bienes caído en mi tormento,  
misera emulación levanto en ellos,  
de inmortal pena máquinas mortales.

De ruina en ruina el pensamiento  
centro es de males, y oprimido dellos,  
pues en su centro pesan más mis males.

Y con fuerzas iguales  
Celia, en mudable guerra,  
edificios del alma echó por tierra.

Estou ouvindo a V. M. que sou já velho para gaiteiro, que estes amores houveram de ser com os ministros. E então

que ficava para os outros? Não me chame V. M. nomes, que assi como há soldados que são requerentes de amor, há requerentes que militam debaixo da bandeira de um pensamento: *que todo es guerra, amar y ser soldado*<sup>208</sup>; e ainda que cá se suspira melhor, lá folga-se mais. Em toda a parte há aquelas más fadas de quem costuma a fazer *de un solo corazón muchos guisados*<sup>209</sup>.

Mande-me V. M. mui largas novas daquelas damas em quem só se acha outro fogo mais nobre, outras cadeias, e não me culpe de lhe não mandar a relação dos sucessos de nossa navegação, que enfada muito a verdade.

Deus guarde a V. M., etc.

Deste Galeão S. Luís, em 20 de Setembro de 620.

---

<sup>208</sup> Verso citado por Lope de Vega em *La Dragontea*, canto VI (vd. *Obras completas de Lope de Vega*. Edición de Joaquín de Entrambasaguas, tomo I, Madrid, CSIC, 1965, p. 227).

<sup>209</sup> Sá de Miranda, Écloga «Andrés» (*Poesias*, ed cit., p. 327).



## CARTA<sup>210</sup>

Afuera, que la arrojo,  
señor D. Diego, aparta,  
que a vos sin voz os busca  
esta carta de cartas.

De lo ocioso estafetas,  
veras y burlas salgan,  
nadas para temidas,  
y para escritas nadas.

Quien dijo que la ausencia causa olvido habló muy gran verdad, que no hay espaldas vueltas sin su usado centenar de mudanzas. Es un monstruo que se alimenta de faltas de fe, un mal en que están todos los males, un tirano que mata con la vida, y que como la muerte iguala estados, y también para los reyes levanta el brazo soberbio. Qué dulcemente aclaró Don Diego de Mendoza lo que cuesta el apretar cordeles de no ver, en lo que condenan algunos y alaban muchos!

---

<sup>210</sup> A datação desta carta é-nos facultada pelo seguinte passo de uma carta do autor a D. Rodrigo da Cunha, datada de Lisboa em 27 de Março de 1624: «mandarey no correyo que vem húa carta que escreuy ha hū Castelhana que sobre as empertinencias de Palasio se as não acrescenta tem algũa nouidade tambem leua hū soneto que he so, o que fiz depois que dexey Mansanares» (*Cartas*, p. 113).



*Ausente y desesperado,  
desesperado y ausente*<sup>211</sup>.

Repetición no ociosa sino misteriosa, pues pasar de allí era no llegar allí, que en tanto penar no morir fuera ofender, y hablar era no morir. Aquí se pudiera discurrir si en un ausente con esperanzas tenía más imperios el dolor. Díganlo las experiencias, que acciones hay que se saben sentir y no se saben hablar. Esta de dejarse un hombre cuando se va a Andaluzia es muy del tiempo de Maricastaña, que lo cierto es solo

*Quien se queda no se parte,  
quien se parte no se queda;  
ir y quedar es mentira,  
señoras, juzguenlo ellas.*<sup>212</sup>

Y juzguelo V. M. también, que cuando habita en su casa no le ven en el terrero, que por lo de vivir adonde se ama se dijo: *Eso, Marica, a los bobos*, que más gente hemos visto muerta de tercianas que de ausencias. *Penará el caballero; penará mas no morirá*, se canta en las guitarras, como si adonde hay penas no sobran muertes. V. M. trate de no dejar su entretenimiento cerca de la persona, porque siendo una ausencia toda memorias, no hay ninguna memoria para ausentes. A quien presente llora apartamientos se puede tener lástima, que estar de cerca mirando las distancias aun es mayor mal que padecellas.

---

<sup>211</sup> Embora o tema da ausência, e conseqüente desespero, seja muito frequente na poesia de D. Diego de Mendoza, estes versos não se encontram na sua obra publicada, nem na única edição a que D. Francisco podia ter tido acesso – *Obras del insigne caballero Don Diego de Mendoza*, Madrid, por Juan de la Cuesta, 1610 –, nem em edição moderna da sua poesia completa – Diego Hurtado de Mendoza, *Poesía completa*. Edición, introducción y notas de José Ignacio Díez Fernández. Barcelona, Planeta, 1989. Será admissível a hipótese de se tratar de versão que na época circulasse manuscrita e que não tivesse sido incluída na obra impressa.

<sup>212</sup> D. Francisco cita esta quadra também na *Arte de galantería*, a propósito do uso dos motes na linguagem da galantería.

En los ojos que adoro  
olvidos veo,  
que es mil veces ausente  
quien los ve en ellos.

Soledad y desvíos  
lloro en presencias;  
ay de quien, viendo glorias,  
contempla en penas!

No se escandalize V. M. con lo alegre, que en quien se anima de tristezas hacen las seguidillas efetos de endechas, que un ánimo descontento hasta la misma rastreada<sup>213</sup> con su *valgate Barrabás el pollo* convertirá en funerales.

Digo esto, Señor, porque cuando todo son soledades, a V. M. le imagino en esos corredores de palacio, tan poste suyo como sus postes. Allí brujuleando ventanas, aun más por el respeto que por los antojos, le venero en las finezas portugués y en las dichas castellano, mas con su punta de mudable cuando es menester, porque es plaza de discretos (Ay del que en lo firme siempre ha sido necio!). Féniz por fino y féniz por solo, le tengo lástima a V. M. en la antecámara de la Reina, que es adonde le pudiera tener envidias. Allí, platicando cuidados a las figuras de los paños, que son amigos que callan, de que hay tanta falta, tan eremita es V. M. como el más reformado padre del yerno. Qué desamparo es este, Señor? Qué fue de tanto galán? Mal haya el poco dinero, que pudo desalentar hasta los desinteresables pensamientos de palacio, de quien V. M. es el protomancias, pues a puros suspiros (moneda que no corre) ostenta el servicio de las damas, en cuyo empleo se ilustran y engrandecen los varones. Cuando se vieron más soles en esa esfera? Lo discreto, lo bizarro, lo admirable cuando animó mayores perfecciones? *Deidad, aunque sin templo, es Galatea*<sup>214</sup>, se puede decir a lo menos. Mal dije, que allí todo es más. Esto de no

---

<sup>213</sup> *Rastreada* – dança espanhola do século XVII.

<sup>214</sup> Góngora, «Fabula de Polifemo y Galatea», in *Obras completas*, ed. cit., p. 623.

ser servidas no les quita aras, que solo es faltarse a sí los caballeros, a quien se puede pedir por mal llevado aquel nombre ganado *en esta servidumbre que da imperio*. Y tras este pensamiento dijo el nuestro gran poeta:

*Quien hizo diferencia de villanos  
a caballeros nobles y enseñados  
sino damas, amor, buena crianza,  
el saber abajar y erguer la lanza?*<sup>215</sup>

En aquel día memorable que se dismantelaron los cuellos, oí referir de una dama que dos cosas era necesario que se añadiesen a la armería del rey: un paje suyo con calzas largas, capa y gorra, para que en los tiempos venideros se viese cuán a costa de la comodidad se gastaba la hacienda, y a V. M. también, para que quedase en perpetua memoria como habían sido los galanes. Por más tengo yo este triunfo que los de los Romanos, que aquellos diólos la fortuna, que es ciega, y este una dama con ojos negros, que está aun superior a las mismas estrellas. Grado tan doctoral en los pensamientos sin poderse merecer, parece que se debía a aquella grandiosa acción que sus atinadas vigiliass de V. M. ilustraron en una noche fría en que, dando vueltas a los sentidos y a las sábanas, debía de parecerle el blando lecho campo de batallas, y pienso que diría a sí mismo:

Dormir yo, qué desconciertos,  
cuando velan los cuidados!  
Qué importan ojos cerrados  
si el alma los tiene abiertos?  
Mas que estoy dormido entiendo,  
y este velar me lo enseña,  
que amando tanto se sueña  
despierto como dormiendo.

Pagólo el capellán, a quien V. M., abriendo la ventana, descompuso el sosiego con aquellas severas palabras:

---

<sup>215</sup> Sá de Miranda, «Epitalâmio pastoril», in *Poesias*, ed. cit, p. 501.

No ha de haber ningún reposo  
adonde están mis desvelos.

A cuya indignación el pobre clerigo, desairado y con mucho aire, *salto diera de la cama que pareció un gavilán*<sup>216</sup>, y quizá que fuese la primera vez que probase descomodidades. Bien haya lo acomodado de Don Tomás de Carrillo,

Que a la Peña Pobre vuelto  
de su llave negra ya,  
si en sí mismo Beltenebros,  
también la supo dorar.  
O fuerza de un pensamiento,  
qué imposibles no podrás,  
si escureciendo noticias  
aclaras la escuridad!

Un inglés<sup>217</sup> con talle de trompeta, botas y espuelas de picar gigote, que para terneras y no para caballos napolitanos las empuñan los cocineros, una tarde destas que yo daba al mar, no mares, como dicen los poetas, sino miraduras tiernas, discursivo en memorias y usurero en penas, tras una no política reverencia me dió esa carta, cuyo sobrescrito es: A las señoras Damas de Palacio, y en su ausencia a D. Diego de Zuñiga, que tanto monta. Ellas y V. M. perdonen haberla leído, que no lleva de nuevo más que ir copiada de peor letra.

Señoras,

Fui poco en Londres, mucho en Madrid, y agora vuelvo a ser nada, que es el paradero de todas las cosas deste mundo, como lo atinado de un pensamiento todo crédito, pues me subió de señoría, merced a la merced de tanta señoría, volviendome agora a apear de la dignidad no merecida

---

<sup>216</sup> Versos do romance carolíngio «Conde Claros» (ver, p. ex., *Cancioneiro de romances impresso en Amberes sin año*. Edición facsimil con una introducción por R. Menéndez Pídat, Madrid, 1945, fol. 25).

<sup>217</sup> Este inglés, que diz chamar-se Tomás, será a mesma personagem a quem, com o nome de Thomas de Late, é atribuído o prólogo de *Tempestades y batallas*, em 1626?

de galán a un oficio tan material como la siempre verdadera murmuración de palacio empezaba a desnublar cosa de ningún peligro, porque quien tiene las calidades todas en el alma, nobleza comunica a la sangre que, apurada en fuegos, cuando fuera el más bajo metal pudiera ser el más lucido, si es verdad que las acciones del ánimo son siempre las que más califican. Caballero a lo mental, por no morir con dudas hede vivir con más deudas, dudando lo que no entiendo, para comunicar como envidias a la hermosura inglesa aciertos de la española. Al pie de un álamo negro, dejado en blanco estaba yo en Miraflores, dando la memoria a un Martes no aciago, por ir la Reina a las Descalzas, sino todo estrellas dichosas que, siendo soles, guian admirando, en que ponderaba en fabricas de desalumbramientos míos cuanto honra una buena elección, pues el perder, que quita opinión, fue quien a mí me la ha dado; discursos que hacía el entendimiento, ya de pena, ya de gloria, que ambas estas cosas halla en conocimiento propio y obligaciones ajenas quien no vale por lo que nació, sino por lo que pensó. Despertóme deste sueño una imagen de D. Guilán el cuidador, tan natural por descuidada, que solo en el movimiento de vivo con que me arrojó un papel entendí que era muerto. Turbéme, abríle, y paró todo en esa cabeza de motes, que haga muy buen provecho a Vuseñorías. Y porque me llaman para una no muy misteriosa facción de mi amo, dejo para otra ida y venida lo enigmatico<sup>218</sup> de mis irresoluciones. Y por en tanto guardelas Dios, o sus guardadamas.

Señoras,

Una muerte que no mata, un cuidado que descuida, y una alma que lo padece, a quien dará más deseos: a un no ver que es todo fe, o a un mirar que es todo glorias?

*A las señoras Damas*

Glorias debo a lo que miro,  
y al mirar debo más fe.

---

<sup>218</sup> O texto tem *animatico*, forma que corrigimos para *enimático*, isto é, *enigmático*.

*A las señoras Meninas*

Quien ve por la fe las glorias  
ve más gloria y ve más fe.

De lo malo por largo se escapó esto, pues en dos interrogaciones hace la razón a tantas divinidades. Mas qué diremos al siguiente mote – *Brindescote male guise?* De que, según expositores trelingues, este es el castellano:

De deidades con tocas  
la fe no juzga,  
porque en lo acomodado  
pican sus truchas.

Qué buen caudal para tratar de cosas de fe, inglés y Tomas. Como sabrá<sup>219</sup> querer bien quien sabe creer tan mal? Mas van los tiempos tales y quales, que lo menos necesario para grangear albedríos son los aciertos de una alma, que todo se va *tras gustos que no son gustos*. Aquí entra lo de hermosa al sol, cosa ya dicha por los merecimientos blancos y rubios; y a mí pareceme que en extremos de nieve que no hay hermosa, sino hermosísima, por aquello de o mucho o nada. Bien sabe V. M. que son en mi alma tan morenos los desvanecimientos como las adoraciones, y a esa cuenta sufra esos versos:

La morena que es blanco  
de mis cuidados,  
a lo blanco y a lo rubio  
los deja en blanco.

Si hede decir verdad, esta va siendo tan relación del cronista de los toros que me deja con sospechas de que nos cansamos ambos, V. M. de leer, yo de escribir; que para secretos soy mejor que para secretario de abundancias, que me empalagaron de manera que estuve para no pasar. Qué de menti-

---

<sup>219</sup> Embora possa tratar-se de um erro de impressão, resolvemos manter esta forma em vez da correcta *sabrá*. Adoptou-se o mesmo procedimento em relação à forma *saberé* que ocorre no final desta carta.

deros de Madrid hay en cada cara, sin que sepa a cara adonde lo que luce no es oro! Qué mano hay, por más blanca que sea, en que no brille el cosario Barbarroja? Qué entendimiento tan dulce que no pare en los dulces de una tienda? Que en esta gente nada se halla de balde, ni está baldío sino el guardar palabra. Oh, salve mil veces lo cándido de una fe envuelto en unas tocas portuguesas, adonde se encuentra, con menos galas mas con más verdad, *Amor con botas, Venus con bayeta!* Pero también por acá hay quejosos de mudanzas, maltratados de celos; pasión, en cuanto envidia, vil, en cuanto emulación, noble, que va mucho de un dolor de bienes ajenos a un esforzar a vencer en demostraciones honradas. V. M. no tema cabezas cubiertas, que las grandezas de los pensamientos están en los bríos y no en los sombreros. No desear es lo más seguro a quien nunca ve lo que desea; remedio que, por tener tanto de olvido, tiene tanto de olvidado.

Dichoso será V. M. si envuelto en tanta carne se libra todo espíritu, haciendo de desprecios destos nadas, honra; salvando lo entendido y lo noble en lo acertado de los cuidados con que le destinó en esta vida a guesos sanos, y en la otra a comodidad para lo en que va más; porque para eternidades de malos ratos aplicar prudencias al alma es lo no errado, que sin Dios ni hay ningún acierto. Esto baste a lo divino, que me ha llevado a la Señora D. Maria de Guzmán, a quien se deben todas las alabanzas, y en quien los sacrificios se libran de lisonjas, pues está tan adelante en ella lo debido por naturaleza a lo adquirido por fortuna. Quise decir por razón, que así lo aclama el mundo.

Sea fin generoso a lo discurrido lo sacrificado en este soneto, mejor sentido que hecho, que como aquel que pidiendo que le oigan una palabra habla cien mil, me ha acaecido a mí en este papel, más largo que una noche de Diciembre para un hombre mal casado. No lo sé encarecer mejor, y saberé servir a V. M. con más encarecimiento en esta tierra adonde no se vive, sino durase, que no necesitan menos los lejos de los reyes. Guarde Dios a V. M., etc.

## Soneto

Triunfar en deudas fue obligar cuidados,  
que al paso del pagar la deuda crece;  
dichoso venir menos que enriquece,  
que no son pagas feudos renovados.

Pomposa servidumbre, en quien los hados  
llueven imperios, la razón ofrece  
a una fe que en lo puro no merece,  
y a unos males que premian apurados.

Quien debe a vuestros ojos lo que siente,  
pues sin satisfacción no hay rayo en ellos,  
no le llame castigo, sino glorias.

Si os dejé el alma, qué es lo que está ausente?  
que si mis penas son memorias dellos,  
no hubo dejar de ver donde hay memorias.





## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	7
<b>DIVINOS E HUMANOS VERSOS</b>	
<b>Licenças</b> .....	33
<b>Ao Príncipe Nosso Senhor</b> .....	37
<b>Ao Leitor</b> .....	39
<b>Memória da vida e obras de D. Francisco de Portugal</b> .....	41
<b>Sonetos</b> .....	49
SONETOS AMOROSOS	
Vítimas da alma, funerais da vida .....	49
Salve, se não retratos da fé pura .....	50
Instrumentos de amor, graves cuidados .....	51
Seguí sin luz el galardón que ofrece .....	52
No fue defeto, gracias son mayores .....	53
Verdadera animáis quando fingida .....	57
Muda y tierna eloquencia derramada .....	55
A muerta y no vencida confianza .....	56
Vestigios tristes de mudables glorias .....	57
Iras en hermosuras fulminaban .....	58
Infamando remedios, fama he dado .....	59
Suspensión del vivir fue el pensamiento .....	60
Papel, para meu mal acaso achado .....	61
Lloráis difuntos, descansáis vencidos .....	62
Iras pido, y mirad que es más amigo .....	63
Que vida es esta, triste pensamiento .....	67

Prendas del odio, letras criminales .....	65
Pomposos nadas, pobres majestades .....	66
À triste noite de ùa ausência dura .....	67
Temida por remedio y no temida .....	68
SONETOS LÍRICOS	
Máquinas de hermosuras descuidada .....	69
De más a más, en uno y otro estado .....	70
Oh más de templos que palacios dina .....	71
No a lo piedoso, a lo sentido llega .....	72
A breve edad divinos desengaños .....	73
El cielo de un teatro enriquecía .....	74
Argos viendo y no viendo, lince ciego .....	75
Enroscado em si mesmo simboliza .....	76
SONETOS FÚNEBRES	
Este que al cielo ascende despeñado .....	77
No cupo en el vivir, llevó consigo .....	78
Pirámide mayor, muerte animada .....	79
SONETOS SACROS	
A cada paso un nuevo pensamiento .....	80
Altíssimo Senhor, logra esperanças .....	81
Salve, blanco de sol aunque de yelo .....	82
Virgem, mãe de outro sol, que sol e guia .....	83
Que humildemente ativo e que abrasado .....	84
Cada flor um perigo, e tudo flores .....	85
Rayos en perlas, muertes en piedades .....	86
<b>Canções líricas</b> .....	87
Entre dous pensamentos .....	87
Suspiros renovados .....	90
Envidiosos de mi, los envidiados .....	91
Ao sol Alcinda estava .....	92
Quando sem cor vos vejo .....	93
Nueva Palas bordava Celia ingrata .....	94
Rigorosa esperança .....	95
Lisonjas de un espejo .....	95
Amor siempre tirano .....	97
Con alientos fulmina .....	99
Este pensar ardiente .....	100
Janelas já alguma hora .....	103
Dan a cada cuidado .....	105

<b>Oitavas</b> .....	109
Dando perlas al mar, pisando arenas .....	109
<b>Sextilhas</b> .....	113
Noble efeto, virtud mal entendida .....	113
Oh más cielo que tierra siendo tierra .....	116
<b>Madrigais</b> .....	119
Tan divina os respeto .....	119
Bien presa está la mano .....	119
<b>Décimas</b> .....	121
Alma, cuando de amor ciego .....	121
A que tormentos tão certos .....	122
Ver em vós sem fundamento .....	124
Oh derramadas prisiones .....	125
<b>Endechas</b> .....	129
Vaya de desdichas .....	129
<b>Redondilhas</b> .....	133
No tengo por interesse .....	133
No fue peligrar, Señora .....	135
Acción que el deseo aprueba .....	136
<b>Motes e Glosas</b> .....	136
<i>Ah gustos de amor traidores</i> .....	136
<i>A vossa promessa, mana</i> .....	138
<i>Se me falaram verdade</i> .....	139
<i>Mi cayado, mi ganado y mi zurrón</i> .....	140
<i>Saudade minha</i> .....	141
<i>Se de vós já se me deu</i> .....	142
<i>Secaronme los pesares</i> .....	143
<i>No quiero más de vos que lo que os quiero</i> .....	144
<i>Arded, corazón, arded</i> .....	145
<b>Romances</b> .....	147
No flechéis, tintas, ojos .....	147
Falta de salud y gusto .....	148
De infelice en la alegría .....	150
Ya dora otros horizontes .....	152
No puede ser sino amor .....	153
Para unas melancolías .....	154
Cintas azules y negras .....	154

Cautiva, triste y ausente .....	156
Sienten, divina Amarilis .....	157
Cuando mayores mudanzas .....	159
Si os oigo y veo, Señora .....	160
Cuando el retrato me niegas .....	161
Qué me queréis, pensamientos .....	163
Tan fuertes sois, mis cuidados .....	164
Qué triste que os contemplo .....	165
Pues que a Portugal partís .....	167
Qué hermosa que estáis, Señora .....	169
Diligencias de la fe .....	170
Quien vive de ajenas glorias .....	171
Qué bien me parecéis firme .....	172
Deixou de ir Lianor à fonte .....	175
De uno en otro desvarío .....	177
Aquí donde humilde anima .....	179
Maestro de disonancias .....	181
Noche alta en baja fortuna .....	183
Yo lloraré por los dos .....	184
Soles llevo y deixo noches .....	186
Belilla de mi alma .....	188
Ya no más, versos llorados .....	190
No me culpéis sin oírme .....	192
Es mi enfermedad mi amor .....	194
Solicitados aplausos .....	197
Porque atormentas, Amor .....	199
Más amor y más amor .....	201
Si tan bien, glorias, matáis .....	202
Hiedras que olmos abrazan .....	204
Desvanecimiento hermoso .....	207
Lo airoso de unos ojos .....	209
Ay, peligros de mi suerte .....	210
Qué bien muere de triste .....	212
Los males y los remedios .....	213
Memorial de los servicios .....	215
De lo más verde de Abril .....	216
Hermosos ojos negros .....	217
No más, estrellas azules .....	219
La niña que, a tener ojos .....	221
Todo turbaciones era .....	222
Una mortaja azul .....	225

Tanto sentir do no hay queja .....	227
Sombra de un sol todo soles .....	229
Este que tantos bríos .....	231
Es traslado o original .....	232
<b>Redondilhas</b> .....	237
No sin causa me habéis dado .....	237
Ay, finezas engañadas .....	238
Si fue memoria, no ha sido .....	238
<b>Saudades</b> .....	243
<b>Hermosura fúnebre meditada</b> .....	261
<b>La tórtola</b> .....	275
<b>Solitário</b> .....	283
<b>Los tres suspiros a Cristo en la cruz</b> .....	293
Suspiro primero .....	298
Suspiro segundo .....	302
Suspiro tercero .....	306
<b>Salmo</b> .....	311
***	
<b>Prisões e solturas de uma alma</b> .....	315
<b>Carta a um amigo</b> .....	357
<b>Carta</b> .....	367







